



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Doutorado em Psicologia

**EXPECTATIVAS SOBRE A CONJUGALIDADE E O PARCEIRO AMOROSO DE
MULHERES DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS, NA PERSPECTIVA DO
RELACIONAMENTO INTERPESSOAL**

Jussara Abilio Galvão

Vitória

2022

Jussara Abilio Galvão

**EXPECTATIVAS SOBRE A CONJUGALIDADE E O PARCEIRO AMOROSO DE
MULHERES DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS, NA PERSPECTIVA DO
RELACIONAMENTO INTERPESSOAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Vitória

2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

G182e Galvão, Jussara Abilio, 1979-
Expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso de mulheres de diferentes faixas etárias, na perspectiva do relacionamento interpessoal / Jussara Abilio Galvão. - 2022.
360 f. : il.

Orientador: Agnaldo Garcia.
Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Mulheres casadas. 2. Casamento. 3. Maridos. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

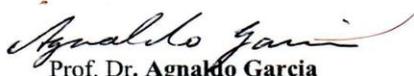
CDU: 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - PPGP

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TESE DO CURSO DE DOUTORADO
EM PSICOLOGIA DA ALUNA JUSSARA ABILIO GALVÃO

Aos trinta dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, com participação remota da doutoranda e de todos os membros da Banca por meio de webconferência, nos termos da Portaria Normativa PRPPG/UFES nº 08, de 1º de julho de 2021, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos professores Dr. Agnaldo Garcia (orientador, PPGP/UFES), Dra. Mariane Lima de Souza (PPGP/UFES), Dra. Edinete Maria Rosa (PPGP/UFES), Dra. Julia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke (UnB) e Dr. Vicente Cassepp-Borges (UFF), sob a presidência do Professor Orientador, para a sessão pública de defesa da Tese de Doutorado em Psicologia de **Jussara Abilio Galvão**, intitulada **“Expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso de mulheres de diferentes faixas etárias, na perspectiva do relacionamento interpessoal”**. O presidente da sessão declarou abertos os trabalhos, anunciando que a candidata dispunha de trinta minutos para a exposição das ideias centrais da tese, cabendo a cada examinador igual tempo para arguição e, da mesma forma, para a resposta da doutoranda. Seguiram-se as arguições de cada examinador, com as respostas de todas as questões por parte da aluna. Encerrados os debates, a Banca Examinadora recolheu-se por dez minutos, a fim de deliberar sobre o resultado. Os membros da Banca, reunidos, decidiram pela APROVAÇÃO da referida Tese e o presidente da sessão alertou que a aluna somente terá direito ao título de Doutora após entrega da versão final de sua tese, em papel e meio digital, à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Prof. Dr. Agnaldo Garcia, presidente da Comissão Examinadora, lavrei a presente ata que vai assinada digitalmente por mim e pelos demais componentes da Comissão, nos termos da Portaria supramencionada. Vitória, ES, 30 de março de 2022.


Prof. Dr. **Agnaldo Garcia**

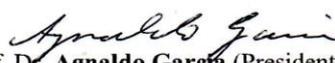
Orientador e Presidente da Sessão - PPGP/UFES

Profa. Dra. **Mariane Lima de Souza** (Membro Interno - PPGP/UFES)

Profa. Dra. **Edinete Maria Rosa** (Membro Interno - PPGP/UFES)


Prof. Dr. **Agnaldo Garcia** (Presidente da Sessão)

Por Profa. Dra. **Julia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke** (Membro Externo - UnB)


Prof. Dr. **Agnaldo Garcia** (Presidente da Sessão)
Por Prof. Dr. **Vicente Cassepp-Borges** (Membro Externo - UFF)

Av. Fernando Ferrari, 514. Vitória/ES –Ed. Prof. Lídio de Souza
Campus de Goiaberas - CEP: 29075-910 - tel.:4009-2501 - E-mail: ppgp.ufes@gmail.com.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
MARIANE LIMA DE SOUZA - SIAPE 1513143
Departamento de Psicologia Social e Desenvolvimento - DPSD/CCHN
Em 31/03/2022 às 17:40

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/392938?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
EDINETE MARIA ROSA - SIAPE 2279448
Diretor do Centro de Ciências Humanas e Naturais
Centro de Ciências Humanas e Naturais - CCHN
Em 31/03/2022 às 09:45

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/392070?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Maria santíssima por terem me dado forças, sabedoria, ânimo e inteligência, durante o processo do doutorado.

Aos meus pais, Natalino Galvão e Maria da Penha Abilio Galvão, pelo apoio, amor e carinho, que sempre me deram.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Agnaldo Garcia, por ter confiando em mim, por sua solicitude, compromisso e excelentes direcionamentos, em todas as etapas do doutorado.

À Prof.^a Dr.^a Heloisa Moulin de Alencar, que foi minha orientadora de iniciação científica e de mestrado, por ter me oferecido a oportunidade de iniciar os estudos sobre os relacionamentos amorosos.

A Juliana Berzin, pela agradável companhia nos estágios em docência da graduação, que realizamos em conjunto, sob a orientação do professor Agnaldo Garcia.

A Lorena Queiroz Merizio (In Memoriam) e à Prof.^a Dr.^a Mariane Lima de Souza, por suas contribuições na minha qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES (PPGP/UFES), pelo compromisso, respeito e responsabilidade com os discentes e o desenvolvimento científico.

Aos colaboradores da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES (PPGP/UFES), pela educação e disponibilidade que sempre tiveram em me atender.

Aos meus colegas da turma de doutorado 2018/2022, pelo prazer de ter estudado com vocês, compartilhado e aprendido diversos conhecimentos.

A todos os meus amigos, pela força durante essa caminhada, que foi o doutorado.

Às mulheres entrevistadas, pela boa vontade e confiança em cooperar para a concretização desta pesquisa.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo apoio financeiro.

Um muito-obrigada!

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	15
2 INTRODUÇÃO.....	24
2. 1 OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS NA ÓPTICA DE ROBERT HINDE.....	24
2. 2 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS AO LONGO DO TEMPO.....	31
2. 3 ASPECTOS IMPORTANTES E EXPECTATIVAS PARA OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS.....	37
2. 4 CARACTERÍSTICAS RELEVANTES E ALMEJADAS NO PARCEIRO AMOROSO.....	66
3 OBJETIVOS.....	71
3. 1 OBJETIVO GERAL.....	71
3. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	72
4 MÉTODO.....	72
4. 1 TIPO DE ESTUDO.....	72
4. 2 PARTICIPANTES.....	73
4. 3 INSTRUMENTO.....	74
4. 4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	75
4. 5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	76
4. 6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	77
5 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	78
5. 1 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	78
5. 2 CAPÍTULO 1: ACONTECIMENTOS MARCANTES DA CONJUGALIDADE E CARACTERÍSTICAS SALIENTES DO PARCEIRO AMOROSO.....	82

5. 3 CAPÍTULO 2: EXPECTATIVAS ATUAIS PARA A CONJUGALIDADE E O PARCEIRO AMOROSO.....	119
5. 4 CAPÍTULO 3: EXPECTATIVAS FUTURAS PARA A VIDA CONJUGAL E O MARIDO.....	193
5. 5 ACONTECIMENTOS E ASPECTOS MARCANTES, EXPECTATIVAS ATUAIS E FUTURAS PARA A CONJUGALIDADE E O ESPOSO: SÍNTESE.....	294
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	315
7 REFERÊNCIAS.....	332
APÊNDICE A. Roteiro de Entrevista Episódica Elaborado com Base em Flick (2009, 2013).....	354
APÊNDICE B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	356
ANEXO A. Parecer Consubstanciado do CEP.....	358

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Caracterização das Entrevistadas.....	79
Tabela 2 Acontecimentos e Aspectos Marcantes, Expectativas Atuais e Futuras Para a Conjugalidade e o Esposo.....	295

Galvão, J. A. (2022). *Expectativas Sobre a Conjugalidade e o Parceiro Amoroso de Mulheres de Diferentes Faixas Etárias, na Perspectiva do Relacionamento Interpessoal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil. 360 p.

RESUMO

Os relacionamentos amorosos vêm passando por diversas mudanças nas últimas décadas, o que pode influenciar as expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, e interferir na dinâmica do casal. A vida conjugal é um fenômeno complexo, que está em contínua relação dialética com o contexto cultural, o ambiente físico, as instituições, os grupos e a individualidade dos cônjuges. Sendo assim, esta tese de doutorado teve por objetivo geral descrever as expectativas atuais e futuras a respeito da conjugalidade e do marido, as narrativas de situações referentes a tais aspirações de mulheres casadas, de três faixas etárias, com filhos, na classe média, e identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrações dos grupos de participantes, na perspectiva do relacionamento interpessoal de Robert Hinde. Realizou-se um estudo de casos múltiplos, qualitativo e descritivo. Foram entrevistadas 35 mulheres, sendo 11 de 20 a 30 anos (grupo A), 12 de 35 a 54 anos (grupo B) e 12 de 60 a 78 (grupo C), que estavam na primeira união conjugal, havia pelo menos um ano, residentes na Grande Vitória, ES. Na coleta dos dados, empregou-se um roteiro de entrevista episódica. Utilizou-se a análise temática dos dados, o que permitiu observar padrões de respostas acerca do tema investigado. De modo geral, constataram-se mais diferenças que semelhanças entre as respostas e as narrativas das mulheres dos três grupos. Considerando as diferenças e os aspectos mais recorrentes, como características marcantes da conjugalidade, as entrevistadas mencionaram o companheirismo, o nascimento dos filhos, os sentimentos (grupos A, B e C), as conquistas materiais e acadêmicas (grupos A e B), a paciência, o

diálogo e a maturidade (grupos B e C). Sobre as expectativas atuais para a vida conjugal, as participantes declararam o desejo de conviver e envelhecer junto, o companheirismo, o diálogo (grupos A, B e C), o trabalho, a honestidade, o cuidado dos filhos (grupos A e B), o apoio mútuo, a felicidade/diversão e a saúde do casal (grupos B e C). No que toca às aspirações futuras para a díade, as mulheres mencionaram o trabalho, o anseio por conviver e envelhecer junto, os sentimentos (grupos A, B e C), a compreensão mútua, a aspiração por ter mais filhos e vê-los crescer (grupos A e B), a saúde do casal, o bem-estar dos filhos e o companheirismo (grupos B e C). Em se tratando do esposo, como aspectos mais evidentes, as entrevistadas citaram o trabalho, a honestidade, a preocupação com a família nuclear (grupos A, B e C), a valorização da família, o carinho, a educação (grupos A e B), o carinho com os filhos, a ausência de vícios e o gosto pela vida social (grupos B e C). Como expectativas atuais para o marido, elas enunciaram o desejo de permanecer e envelhecer junto, o companheirismo, o lazer (grupos A, B e C), o trabalho, o carinho e a conservação dos momentos a dois (grupos A e B), a religião, o distanciamentos dos familiares e a compreensão mútua (grupos B e C). Acerca das pretensões vindouras para o cônjuge, as entrevistadas expuseram a vontade de permanecer e envelhecer junto, o trabalho, a paciência (grupos A, B e C), a simpatia, a determinação, a honestidade (grupos A e B), a saúde do casal e do esposo, a empatia e a ajuda mútua (grupos B e C). Este trabalho contribuiu para que as participantes pudessem refletir sobre o passado, o presente e o futuro de sua conjugalidade. Ademais, coopera com os estudos no campo dos relacionamentos interpessoais, com profissionais que trabalham como essa temática, e com as pessoas leigas, em virtude da relevância das relações interpessoais para a vida dos indivíduos, os grupos e a sociedade. Finalmente, a perspectiva de Hinde permite considerar o relacionamento conjugal de forma mais ampla, levando em conta não apenas os aspectos internos à díade, mas também suas relações dialéticas com outros relacionamentos, grupos, estruturas socioculturais e o ambiente físico.

Palavras-chave: relacionamento interpessoal, mulheres, conjugalidade, casamento, parceiro amoroso.

Galvão, J. A. (2022). *Expectations About Conjugalities and the Love Partner of Women of Different Age Groups, From the Perspective of Interpersonal Relationships*. Doctoral Thesis, Postgraduate Program in Psychology, Federal University of Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brazil. 360 p.

ABSTRACT

Love relationships have undergone several changes in recent decades, which can influence expectations about conjugalities and the love partner, and interfere in the couple's dynamics. Married life is a complex phenomenon, which is in a continuous dialectical relationship with the cultural context, the physical environment, institutions, groups and the individuality of the spouses. Therefore, this doctoral thesis aimed to describe current and future expectations regarding conjugalities and the husband, the narratives of situations referring to such aspirations of middle-class married women of three age groups, with children; and to identify the differences and the similarities between the answers and the narratives of the groups of participants from the perspective of the interpersonal relationship by Robert Hinde. A qualitative and descriptive multiple case study was carried out. Thirty-five women were interviewed, 11 from 20 to 30 years old (group A), 12 from 35 to 54 years old (group B) and 12 from 60 to 78 years old (group C), who were in their first marital union, for at least one year, living in the Greater Vitória Area, ES. During data collection, an episodic interview script was used. Theme analysis of the data was used, which allowed the observation of response patterns on the topic investigated. In general, there were more differences than similarities between the answers and the narratives of the women in the three groups. Considering the differences and the most recurrent aspects, as remarkable characteristics of conjugalities, the interviewees mentioned companionship, the birth of children, feelings (groups A, B and C), material and academic achievements (groups A and B), patience,

dialogue and maturity (groups B and C). Regarding current expectations for marital life, the participants mentioned the desire to live and grow old together, companionship, dialogue (groups A, B and C), work, honesty, child care (groups A and B), mutual support, happiness/fun and the health of the couple (groups B and C). As far as future aspirations for the dyad are concerned, women mentioned work, the desire to live and grow old together, feelings (groups A, B and C), mutual understanding, the aspiration to have more children and see them grow (groups A and B), the health of the couple, the well-being of the children and companionship (groups B and C). In the case of the husband, as the most evident aspects, the respondents mentioned work, honesty, concern for the nuclear family (groups A, B and C), valuing the family, affection, education (groups A and B), affection for children, absence of addictions and a taste for social life (groups B and C). As current expectations from their husbands, women expressed the desire to stay and grow old together, companionship, leisure (groups A, B and C), work, affection and conservation of moments together (groups A and B), religion, distancing from family members and mutual understanding (groups B and C). Regarding future intentions for the spouse, the respondents expressed the desire to stay and grow old together, work, patience (groups A, B and C), friendliness, determination, honesty (groups A and B), health of the couple and the husband, empathy and mutual help (groups B and C). This work contributed so that the participants could reflect on the past, present and future of their conjugality. Furthermore, it cooperates with studies in the field of interpersonal relationships, with professionals who work on this topic, and with lay people, due to the relevance of interpersonal relationships to the lives of individuals, groups and society. Finally, Hinde's perspective allows us to consider the marital relationship more broadly, taking into account not only the internal aspects of the dyad, but also its dialectical relationships with other relationships, groups, sociocultural structures and the physical environment.

Keywords: interpersonal relationship, women, conjugality, marriage, love partner.

APRESENTAÇÃO

A conjugalidade é um fenômeno complexo que está em contínua relação dialética com os diferentes níveis da sociedade, isto é, o contexto cultural e econômico, o ambiente físico, os grupos, as instituições e a individualidade dos parceiros amorosos (Hinde, 1987, 1997). Nessa conjuntura, as transformações que ocorrem ao longo do tempo nesses níveis provavelmente vão interferir na dinâmica conjugal e nas expectativas das pessoas acerca da vida a dois e do cônjuge. Além disso, as famílias se desenvolvem com o passar dos anos e cada etapa da vida familiar/conjugal requer uma reorganização, devido às mudanças nas necessidades e nos desafios conjugais, desde o cuidado dos filhos até a assistência a familiares idosos, enfermos ou incapacitados. E, em virtude da constante interação entre a família e o contexto social, acontecimentos estressantes, condições ambientais e problemas pessoais podem afetar todos os membros de uma família, as relações entre eles e com os outros (Walsh, 2016a).

Sendo assim, esta tese de doutorado teve por objetivo geral descrever as expectativas atuais e futuras sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, as narrativas de situações alusivas a tais aspirações de mulheres casadas, em três faixas etárias, com filhos, na classe média, e identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrações dos grupos de participantes, na perspectiva do relacionamento interpessoal proposta por Robert Hinde (1987, 1997).

Explica-se que, neste estudo, a concepção de expectativa foi entendida como uma circunstância em que um sujeito, com base em suas experiências e valores, anseia que algo ocorra e age, visando à concretização do que se almeja. Ademais, a opção pelo aludido referencial teórico pautou-se no fato de Hinde (1987, 1997) considerar, no estudo dos relacionamentos, as relações dialéticas entre o eu, os grupos e o contexto cultural com suas normas, valores, crenças e instituições, o que permitirá uma análise dos resultados mais abrangente.

Esclarece-se que o interesse por pesquisar o referido tema iniciou-se com os resultados encontrados por Galvão (2017) em sua dissertação de mestrado na qual a autora comparou os discursos de jovens casadas, que foram entrevistadas em 1993 (Alencar, 1993), com o de mulheres, com as mesmas características, entrevistadas em 2013, no que tange a aspectos dos relacionamentos amorosos. Esse estudo resultou em três artigos que serão descritos em seguida, com vistas a fundamentar a realização desta tese.

Destarte, Galvão et al. (2017a) investigaram a óptica das mulheres sobre a possibilidade ou não de os casais em geral conservarem o amor no cotidiano. A maioria das participantes declarou que é possível manter o amor na vida diária, em virtude dos sentimentos, já que o amor é o alicerce do casamento; da experiência, que envolveu a maturidade, a vivência própria e a constatação da experiência vivida por parentes; da reciprocidade entre o casal; da abdicção; da disposição para amar e conviver com o cônjuge; e do companheirismo. As entrevistadas em 2013 mencionaram ainda, como argumentos, a religiosidade, alegando Deus é a base da união conjugal; e a tolerância. Acerca das justificativas para a impossibilidade de o amor permanecer na vida a dois, as mulheres citaram os problemas conjugais, visto que existem sujeitos que não sabem ou não desejam solucionar os conflitos e preferem o divórcio; e a incompreensão, especialmente devido às diferenças entre o casal.

No outro estudo, Galvão et al. (2019) compararam a concepção das jovens casadas a respeito das prováveis mudanças nos relacionamentos amorosos em geral, nas últimas décadas. Como modificações nas relações amorosas, as entrevistadas mencionaram a inserção da mulher no mercado de trabalho; a divisão das tarefas domésticas, pois o homem também passou a se responsabilizar pelo lar; a valorização dos sentimentos no casamento; o fim da submissão feminina; a diminuição do machismo; e a maior igualdade entre os sexos no enlace amoroso.

No que toca às diferenças entre os grupos, as mulheres entrevistadas em 1993 sublinharam o aumento do diálogo entre os parceiros, o fim do tabu acerca do divórcio, a maior a sinceridade e a honestidade nas relações amorosas, e o acréscimo da instabilidade e da ansiedade nas pessoas. Por sua vez, as participantes de 2013 destacaram a ampliação da liberdade e do direito de falar e de agir da mulher, que eram cerceados nas décadas passadas; a mudança nos cuidados com a família, já que o homem se tornou mais presente na educação dos filhos; a independência financeira feminina; e a fragilidade dos vínculos, isto é, a falta de compromisso, de preocupação e de paciência com outrem na relação amorosa, a banalização do casamento e a separação por motivos fúteis, como o término da atração física (Galvão et al., 2019).

Por fim, Galvão et al. (2017b) pesquisaram as expectativas futuras das jovens mulheres atinentes aos relacionamentos amorosos em geral. As participantes declararam que, no futuro, as relações amorosas serão definidas pela fragilidade dos vínculos, ou seja, serão escorregadias, fúteis, industrializadas, banalizadas e piores, devido à ausência de amor; os casamentos acontecerão tardiamente, visto que as pessoas tenderão a priorizar os estudos e a carreira profissional; e haverá indivíduos que continuarão a buscar viver o amor. Em especial, as mulheres entrevistadas em 1993 disseram que existiria mais liberdade para as pessoas e a propensão à igualdade entre os sexos na relação afetiva. Notadamente, as participantes de 2013 expressaram a persistência no casamento e a inexistência do casamento formal.

Além do mais, outros estudos foram desenvolvidos com as respondentes da dissertação de Galvão (2017). De tal modo, Galvão e Alencar (2020) investigaram as prováveis transformações nas expressões do amor, do período do namoro para o do casamento. As participantes expuseram que na conjugalidade o sentimento/amor aumentou, ficou mais forte, profundo, tranquilo e consolidado; a intimidade intensificou-se a ponto de os cônjuges se conceberem como parte um do outro, bem como de a esposa não conseguir imaginar a vida

dela sem o marido; os conflitos aumentaram, devido às diferenças entre os parceiros; e a confiança foi fortalecida.

Sobre as diferenças entre os grupos, de modo especial, as mulheres entrevistadas em 2013 alegaram que no namoro o marido era mais gentil, e que havia mais demonstrações verbais e/ou escritas de amor entre o casal. Na coabitação, elas proferiram que aumentou a compreensão; o cuidado; a preocupação mútua com o bem-estar do outro; o apoio/ajuda, sobretudo do consorte na realização das tarefas domésticas; e a importância do perdão. No que toca às jovens entrevistadas em 1993, maiormente elas disseram que no namoro tinha mais romantismo, sedução, beijos e carícias entre os cônjuges. No casamento, elas expuseram que o companheirismo cresceu, dado que os parceiros compartilham a vida e fazem planos juntos (Galvão & Alencar, 2020).

Por sua vez, Moraes et al. (2020) inquiriram as jovens casadas acerca dos motivos para iniciarem o relacionamento amoroso com os correspondentes parceiros. De modo geral, as entrevistadas mencionaram as características masculinas que favorecem a capacidade de prover, isto é, ser inteligente, ter disposição para trabalhar e estudar, e oferecer segurança e proteção para a esposa. Elas ainda proferiram as afinidades e as diferenças entre os consortes, sendo que as similaridades se referiram aos projetos de vida, hábitos, objetivos profissionais e financeiros, gostos e valores em comum. Já as dessemelhanças versaram sobre os distintos aspectos dos cônjuges que colaboram para o equilíbrio e a complementaridade entre o casal.

No que tange às diferenças entre os grupos, as mulheres entrevistadas em 1993 enfatizaram os próprios sentimentos, como o amor, a paixão, a felicidade, a atração física e a admiração em relação ao parceiro. Já as participantes de 2013 frisaram as características do homem que cooperam para um bom convívio, como ser gentil, educado, carinhoso, comprometido, responsável, sincero, compreensivo, atencioso, tranquilo, solícito, simpático, divertido e maduro. Elas também citaram os predicados do parceiro próximos a valores

morais, a saber, o respeito, a paciência, o amor como virtude e a fidelidade; e outros atributos do cônjuge, como ser religioso, bonito e elegante. Dessa maneira, os autores alegaram que a geração mais jovem mostrou-se mais exigente quanto às qualidades masculinas para iniciar uma relação amorosa (Moraes et al., 2020).

Moraes et al. (2019) ainda estudaram as razões das participantes para a decisão pela união conjugal com os seus respectivos maridos. De certa forma, as mulheres aludiram aos sentimentos mútuos, como o amor, a paixão e a saudade; à aspiração de constituir família; e à idade ou à maturidade dela, do homem ou do casal. As participantes de 1993 enfatizaram o anseio por estar junto, e o desejo do parceiro ou dos familiares. De sua parte, as mulheres entrevistadas em 2013 sublinharam a estabilidade financeira, ou seja, o momento em que o parceiro ou o casal adquiriu a estabilidade econômica; e o conhecimento mútuo, que permitiu aos consortes se considerarem aptos para o convívio conjugal.

Para mais, Galvão et al. (2016) realizaram uma pesquisa com duas mulheres casadas, de 48 e 52 anos, com filhos, sobre aspectos da própria relação amorosa e a concepção delas acerca dos relacionamentos amorosos em geral. As entrevistadas alegaram que, na época do namoro, decidiram iniciar o enlace amoroso com os correspondentes esposos devido às características deles, como a beleza física, o compartilhar, a calma e a paciência; às afinidades entre o casal; aos sentimentos, como a empatia e a simpatia entre os namorados, e a paz que o homem transmitia à mulher; e ao respeito por parte dele. Uma das participantes relatou que a decisão pela coabitação foi motivada pelo fato de ela ter engravidado. Após o casamento, elas expuseram que o amor ficou mais sólido, tranquilo e menos declarativo.

Em se tratando das uniões amorosas em geral, as mulheres consideraram que é possível manter o amor no cotidiano desde que haja paciência, investimento na relação, companheirismo, compreensão, respeito e carinho. Sobre as mudanças nas relações afetivas, elas expuseram que o ganho de autonomia financeira, sexual e emocional da mulher está

deixando o homem, chefe de família, vulnerável no relacionamento; o casamento se tornou instável; o sentimento está equivalente aos valores econômicos; e que falta compromisso com outrem na relação. Por fim, as mulheres declararam que, no futuro, os relacionamentos amorosos terão como característica a fragilidade dos vínculos, ou melhor, serão baseados no individualismo, na procura por sexo, prazer e interesses materiais (Galvão et al., 2016).

Em suma, nos estudos apresentados, verificaram-se diferenças entre os relatos de jovens casadas, de duas gerações, no que se referem a diversos aspectos dos relacionamentos amorosos (Galvão et al., 2017a, 2017b, 2019; Galvão & Alencar, 2020; Moraes et al., 2019, 2020). As entrevistadas proferiram várias mudanças ocorridas nas relações amorosas, nas últimas décadas (Galvão et al., 2016, 2019) e expectativas de que enlances amorosos continuarão se modificando (Galvão et al., 2016, 2017b). Elas também enunciaram a tendência à fragilidade dos vínculos na atualidade (Galvão et al., 2019) e no futuro (Galvão et al., 2016, 2017b). Além disso, importa salientar que Emídio e Souza (2019) sublinharam que as relações amorosas tornaram-se líquidas, efêmeras e frágeis. E jovens solteiros, de ambos os sexos, expuseram a crença na fluidez dos laços humanos (Borges & Magalhães, 2013; Borges et al., 2014).

Ademais, na revisão de literatura, identificaram-se apenas três trabalhos realizados no Brasil e três no exterior, que tiveram por objeto pesquisar as expectativas para os relacionamentos amorosos e/ou para o parceiro, sendo que tais estudos foram realizados com pessoas jovens. Nesse sentido, no contexto brasileiro, Smeha e Oliveira (2013) perquiriram as pretensões para as relações amorosas de oito jovens solteiros, de 18 a 23 anos, de ambos os sexos. Zordan et al. (2009) estudaram as aspirações sobre o casamento de 197 pessoas solteiras, de 20 a 31 anos, de ambos os sexos. E Padilha et al. (2018) pesquisaram as expectativas atinentes à vida conjugal de 10 pessoas (três solteiras, quatro casadas e três divorciadas), de 20 a 40 anos, de ambos os sexos.

Em Portugal, Fonseca e Duarte (2014) investigaram as perspectivas para o casamento e o cônjuge de cinco casais, de 26 a 37 anos, sem filhos. Também em Portugal, Ferreira (2017) pesquisou os anseios acerca da conjugalidade de 18 sujeitos solteiros, de 18 a 25 anos, de ambos os sexos. Por fim, na Espanha, Marimón e Vilarrasa (2014) estudaram as expectativas concernentes ao parceiro amoroso de 160 universitários, de 18 a 24 anos, de ambos os sexos.

Destarte, salienta-se que as pesquisas mencionadas nesta apresentação contribuíram para fundamentar a realização desta tese, pois este estudo foi desenvolvido com vistas a identificar diferenças e semelhanças nos relatos de mulheres de três faixas etárias a respeito das expectativas delas para a conjugalidade e o parceiro amoroso. Considerou-se ainda a provável influência das mudanças sociais e econômicas, dos grupos e instituições nas aspirações femininas e na dinâmica conjugal. Ademais, verificou-se na literatura que as perspectivas sobre os relacionamentos amorosos podem variar entre épocas e culturas (Goulart et al., 2019; Lins, 2017; Poeschl et al., 2015), sendo que a experiência amorosa transcende os indivíduos e se insere em um âmbito social, político e ideológico de certo momento histórico, e é por meio dessa complexidade que as relações amorosas ganham sentido e função (Cerqueira & Da Rocha, 2018).

Esses pressupostos vão ao encontro de Hinde (1987, 1997) que afirmou que os relacionamentos amorosos estão em permanente relação dialética com os vários níveis de complexidade social. Nesse sentido, vale citar alguns estudos em que foi possível identificar a interferência de aspectos sociais, econômicos, grupais e/ou familiares nas relações amorosas. Tais trabalhos serão descritos na introdução e/ou inseridos na discussão dos resultados desta tese. No âmbito nacional, houve pesquisas em que se verificou a influência da família de origem no relacionamento amoroso dos filhos (Cenci & Habigzang, 2018; Dal Bello & Marra, 2020; Moraes et al., 2019; Oliveira & Sei, 2018; Porreca, 2019; Schulz & Colossi, 2020; Silva

et al., 2010; Silva, 2018), bem como a intercessão da prole na conjugalidade (Fidelis et al., 2017; Machado et al., 2020; Porreca, 2019; Volz et al., 2020).

Em alguns trabalhos constatou-se a interferência da religiosidade/espiritualidade na vida conjugal (Albertoni & Lages, 2018; Alves-Silva et al., 2016, 2017; Amorim & Silva, 2019; Hoffmann & Costa, 2019; Limeira & Féres-carneiro, 2019a, 2019b; Porreca, 2019) e na escolha do parceiro amoroso (Garcia & Maciel, 2008; Macedo, 2017). Identificou-se ainda a ingerência do modelo tradicional de casamento (Alves-Silva et al., 2017; Benevides & Boris, 2020; Berlato et al., 2019; Bustamante, 2019; Oliveira et al., 2020; Rocha & Fensterseifer, 2019; Silva, 2018) e da independência financeira feminina nas relações amorosas (Galvão et al., 2016; Secco & Lucas, 2015).

A influência do trabalho formal na vida conjugal/familiar também foi observada na literatura (Almeida, 2010; Feijão & Morais, 2019; Feijó et al., 2017; Scorsolini-Comin et al., 2018; Sinnott & Tagliamento, 2020; Vilela & Lourenço, 2018; Vivian et al., 2019; Zardo & Carolotto, 2020). Ribeiro et al. (2015) citaram a interferência da estabilidade econômica na vida a dois e Macedo (2017) na seleção do parceiro. Roberto et al. (2020) mencionaram a contribuição do lazer para a vida familiar e Coelho et al. (2018) para os relacionamentos amorosos. Por fim, observou-se os efeitos negativos do alcoolismo (Carpanez et al., 2019; Melo & Cavalcante, 2019; Pires et al., 2019; Silva et al., 2019; Silva & Silva, 2020) e da mídia (Costa & Mosmann, 2015; Coutinho & Menandro, 2010) na dinâmica conjugal.

No que se referem a pesquisas realizadas no exterior, nos Estados Unidos, averiguou-se a influência dos papéis tradicionais de homens e mulheres nos relacionamentos amorosos (Fraenkel & Capstick, 2016; Knudson-Martin, 2016; Walsh, 2016b), do trabalho formal (Fraenkel & Capstick, 2016; Walsh, 2016b), do desemprego, da segurança financeira (Walsh, 2016c), das incertezas sobre a aposentadoria (Walsh, 2016b), da família de origem (Walsh, 2016a), dos filhos (Cowan & Cowan, 2016; Driver et al., 2016), do alcoolismo (Greene et al.,

2016), da religiosidade/espiritualidade (Boyd-Franklin & Karger, 2016; McGoldrick & Ashton, 2016; Walsh, 2016c, 2016d), do lazer (Fraenkel & Capstick, 2016) e da celebração das datas comemorativas (Imber-Black, 2016) na convivência conjugal/familiar.

Na Argentina (Musarella & Discacciat, 2020) e na Colômbia (Martínez, 2017), constatou-se a intercessão do modelo tradicional de família na relação amorosa. No Marrocos, Carvalheira (2017) mencionou a influência de aspectos econômicos na escolha do parceiro amoroso. Em Portugal, Fonseca e Duarte (2014) citaram a interferência da família de origem e da profissão na conjugalidade. E Ferreira (2017) observou a ingerência das amizades e de fatores pessoais, familiares, religiosos, acadêmicos, financeiros e profissionais nas expectativas de jovens solteiros para a vida a dois.

A influência do desemprego na conjugalidade foi constatada em uma pesquisa desenvolvida com brasileiros e portugueses (Aguiar et al., 2017) e em uma revisão de literatura que contemplou trabalhos concretizados na Europa e na América anglo-saxônica (Aguiar et al., 2018). Em revisão de literatura ainda, Arias et al. (2020) verificaram o intermédio da interação de aspectos econômicos, familiares e pessoais na escolha do parceiro amoroso. E Deus et al. (2021) identificaram a influência do modelo tradicional de casamento e do trabalho na vida familiar. Em síntese, por meio dos aludidos estudos, foi possível constatar a intercessão de diversos fatores influenciando a relação conjugal. Esses resultados também cooperaram para a fundamentação desta tese, visto que estão de acordo com as teorizações de Hinde (1987, 1997).

Diante do exposto, além do objetivo geral, este estudo buscou responder a um problema de pesquisa, que inseriu três indagações: (a) de que maneira os níveis de complexidade social e as mudanças na conjugalidade ao longo dos anos podem afetar a dinâmica conjugal e as expectativas para a vida a dois e o cônjuge de mulheres, de três faixas etárias? (b) como o casal e/ou um dos cônjuges lida com as prováveis interferências na vida

marital? (c) e se a tendência à fragilidade das relações amorosas constatada nos estudos de Galvão et al. (2016, 2017a, 2019) vai ser verificada nos relatos das entrevistadas?

Dito isso, passa-se à introdução desta tese que contemplou quatro capítulos: (a) os relacionamentos interpessoais na óptica de Hinde; (b) mudanças e permanências nas relações amorosas ao longo do tempo; (c) aspectos importantes e expectativas para as relações amorosas; e (d) características relevantes e almejadas no parceiro amoroso.

INTRODUÇÃO

2. 1 OS RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS NA ÓPTICA DE ROBERT HINDE

Este capítulo abordará as teorizações de Hinde (1987, 1997) acerca da importância de se desenvolver um corpo integrado de conhecimento sobre a maneira de estudar e analisar os relacionamentos interpessoais, considerando as permanentes relações dialéticas entre os níveis de complexidade social e as dimensões relevantes da relação. Destarte, no final do século passado, Hinde (1997) destacou a crescente pesquisa atinente aos relacionamentos interpessoais, especialmente em virtude do impacto dessas relações na felicidade dos indivíduos. Porém, o estudo dos relacionamentos se inseria em diversas disciplinas, como a antropologia, o desenvolvimento infantil, a ciência cognitiva, a comunicação, a psiquiatria, a psicologia social e a sociologia, para citar apenas algumas.

Dessa maneira, o campo dos relacionamentos interpessoais dificilmente poderia se qualificar como uma ciência, isto é, como um corpo ordenado de conhecimento. Nesse sentido, destaca-se que no intuito de compreender a complexidade dos processos em que a personalidade se desenvolve, gerir o próprio relacionamento satisfatoriamente, ajudar e aconselhar outrem com sabedoria, criar uma sociedade na qual as relações positivas floresçam, deve-se buscar construir um corpo sistemático de saberes sobre os relacionamentos interpessoais (Hinde, 1997).

Essa construção ainda não tinha ocorrido, devido à extraordinária complexidade do fenômeno, pois uma teoria simplista não seria capaz de compreender os relacionamentos interpessoais (Hinde, 1997). Assim, Hinde (1997) buscou um possível caminho para a integração do conhecimento que estava sendo adquirido e propôs que o estudo do comportamento social requer a distinção entre sucessíveis níveis de complexidade, isto é, a conduta e os processos psicológicos do indivíduo, as interações, os relacionamentos, os grupos, a sociedade, o ambiente físico e a estrutura sociocultural. Esses níveis não são entidades estanques, mas processos em contínua criação que se relacionam de forma dinâmica e dialética.

De tal modo, a interação envolve uma série de intercâmbios ao longo do tempo entre dois sujeitos. O comportamento envolvido nas interações pode ser descrito em termos do conteúdo (o que os indivíduos fazem juntos) e da qualidade (como os indivíduos realizam as coisas juntos) das permutas. O curso da interação vai ser influenciado pelas primeiras impressões e preconceções que cada indivíduo traz sobre o comportamento do outro e acerca da forma adequada para se comportar em uma situação específica. Então, o que os indivíduos fazem na interação vai depender, em parte, do contexto, ou seja, do passado e do presente dos comportamentos e das expectativas atuais e futuras dos sujeitos, sendo que negligenciar tal fato pode conduzir a um erro de interpretação (Hinde, 1987, 1997).

Por sua vez, o relacionamento contempla uma série de interações ao longo do tempo entre duas pessoas que se conhecem, sendo que cada interação pode ser influenciada pelas precedentes e pelas expectativas de eventos futuros. E, na medida em que o comportamento dos indivíduos segue, é possível descrever o relacionamento em termos do conteúdo e da qualidade das interações e a forma como são padronizados. Além do mais, em se tratando das interações e dos relacionamentos, o comportamento não é a única questão, já que as expectativas, os processos cognitivos e as emoções dos envolvidos são de fundamental

importância. Nessa circunstância, cada pessoa inserida em uma interação vai possuir certa compreensão das atitudes, esperanças e intenções da outra e, em virtude dos concomitantes subjetivos, um relacionamento pode permanecer por um longo período na ausência de interações (Hinde, 1987, 1997).

Convém salientar que a distinção entre uma interação e um relacionamento não é suficientemente clara. Mas, ressalta-se que a interação envolve um limitado espaço de tempo e possui apenas um significado ou foco. Por sua vez, o relacionamento contempla o passado, o presente e o futuro; nele cada interação é influenciada por outras interações; provavelmente possui vários focos e significados que se coordenam com as numerosas formas de interação; e existe somente quando um possível curso de futuras interações entre os sujeitos difere daquele entre as pessoas estranhas (Hinde, 1997).

Em se tratando de um relacionamento diático, a dinâmica dessa relação pode ser afetada por terceiros, fazendo com que os parceiros se comportem de forma diferente ou em oposição a outrem, bem como por concepções e padrões de comportamento, derivados da sociedade, que eles trazem para a relação. Um relacionamento também pode ser mantido por causa de recompensas externas; fortalecido, devido ao reconhecimento de terceiros; e mais viável, em virtude da rede de relações em que se insere (Hinde, 1997).

Nesse caso, vale explicar que os relacionamentos estão quase sempre inseridos em redes de relações, como a família nuclear, os familiares, os locais de entretenimento, o ambiente escolar e universitário, etc. Essas redes podem se sobrepor, serem bem separadas ou se comportarem como grupos distintos em relação uns com os outros. Cada grupo influencia e é influenciado pelos demais grupos que se sobrepõem ou se justapõem, e cada grupo afeta e é afetado pelo ambiente físico e biológico em que vive (Hinde, 1987, 1997).

Dito isso, destaca-se que um corpo integrado de conhecimentos sobre os relacionamentos interpessoais deve pautar-se em bases sólidas de descrição e classificação.

Somente a descrição e classificação dos relacionamentos, em termos de propriedades descritivas, podem transformar o limitado conhecimento e os resultados de pesquisas em generalizações com faixas específicas de aplicabilidade (Hinde, 1997). Porém, a descrição completa não é possível nem desejável, principalmente devido à complexidade dos relacionamentos humanos (Hinde, 1987, 1997).

Nesse sentido, explica-se que cada interação insere uma variedade de ações acompanhadas de emoções e cognições de diversos tipos, nem sempre identificáveis pelo pesquisador ou pelas pessoas; os sujeitos podem distorcer os eventos ao os relatarem; mudarem a qualidade de suas lembranças; e o ponto de vista dos indivíduos envolvidos em uma interação pode ser diferente da concepção do observador. Além disso, um relacionamento se estende no tempo e a descrição se refere a um limite no espaço e o aspecto da interação pode mudar conforme o contexto. Por exemplo, um casal provavelmente irá se comportar de modo diferenciado de quando está sozinho para os momentos em que está em um grupo de amigos (Hinde, 1997).

Dito isso, enfatiza-se a importância de se iniciar os estudos dos relacionamentos interpessoais com uma fase descritiva, não como uma finalidade em si mesma, mas que forneça uma base para que a análise possa ser procedida. Dessa maneira, é preciso selecionar pontos ou características dos relacionamentos considerados relevantes na situação estudada e avaliar o nível de análise em que o comportamento precisa ser descrito, sendo que tal fato e o grau de precisão a ser empregado na descrição podem ser influenciados pelas teorias implícitas do pesquisador (Hinde, 1987, 1997). Ademais, a descrição adequada deve considerar a inter-relação entre as variáveis biológicas, psicológicas, fisiológicas, ambientais e culturais que influenciam o comportamento social (Hinde, 1987).

De certo modo, sugere-se que o estudo dos relacionamentos envolva quatro estágios: (1) a descrição do fenômeno e a identificação de características em termos das quais as

relações podem ser descritas e diferenciadas; (2) a discussão dos processos subjacentes ao comportamento; (3) o reconhecimento das limitações e de sua relevância nos diferentes tipos de relacionamento; (4) a ressíntese, com vistas a verificar como os constituintes do relacionamento contribuem para sua totalidade. Contudo, essa concepção de estágios é apenas um dispositivo heurístico, pois os relacionamentos são processos dinâmicos e precisam ser descritos em referência a tais processos. Além do que, os aspectos pelos quais um relacionamento pode ser descrito são, elas mesmas, parte do processo (Hinde, 1987, 1997).

Recomenda-se iniciar a análise dos relacionamentos com a descrição das interações, já que é mais propenso alegar que dois indivíduos possuem um relacionamento afetivo se fazem coisas juntos, buscam alegrar-se mutuamente, possuem certo grau de intimidade e organizam o seu comportamento um em relação ao outro (Hinde, 1987). No nível das interações ainda é possível identificar importantes dimensões que podem ser organizadas nas categorias conteúdo, diversidade, qualidade, frequência relativa e padronização, reciprocidade *versus* complementaridade, intimidade, percepção interpessoal e compromisso, visando a melhor compreensão dos relacionamentos. Essas categorias se movimentam do que os indivíduos realizam juntos nas interações para as propriedades mais globais que envolvem aspectos subjetivos do relacionamento como um todo (Hinde, 1987, 1997).

De tal forma, o conteúdo do relacionamento se refere ao que os indivíduos fazem juntos, sendo que a descrição dessa dimensão pode fornecer uma base inicial para o estudo das diferenças entre os relacionamentos, por exemplo, as diferenciações entre a relação mãe-filha e a relação esposa-marido. A diversidade diz a respeito do número de distintas coisas que as pessoas desempenham juntas no relacionamento. Essa categoria vai depender, em parte, do nível de análise envolvido, isto é, uma relação mãe-filho poderá ser descrita como única, caso envolva somente as respostas materno-filiais, ou como múltipla, se englobar o cuidar, o brincar, o proteger e assim por diante (Hinde, 1987, 1997).

Ante isso, sublinha-se que, quanto maior a diversidade das interações em um relacionamento, maior será a oportunidade das interações se influenciarem mutuamente. Nessa circunstância, provavelmente mais aspectos da personalidade dos indivíduos serão revelados e mais diversificadas poderão ser as experiências compartilhadas por ambos no relacionamento (Hinde, 1987, 1997).

A qualidade das interações no relacionamento é a mais importante das dimensões, a mais difícil de avaliar, bem como é relevante para os relacionamentos cotidianos formais e as relações mais íntimas. Assim, em uma relação conjugal não somente importa o que casal faz junto, mas também como realiza as coisas (Hinde, 1987). Nesse contexto, a comunicação e a empatia são fundamentais para a qualidade do relacionamento. Ademais, a qualidade de uma relação pode depender do padrão e da frequência relativa das interações (Hinde, 1987, 1997).

No que tange ao padrão das interações, se um número de diferentes interações possui qualidades similares, os indivíduos provavelmente serão mais propensos a aplicar padrões de comportamento em outros contextos sociais. O padrão das interações também pode contribuir para que os indivíduos avaliem os seus relacionamentos, sendo que tais avaliações podem influenciar o futuro das relações. Por sua vez, a frequência relativa das interações versa sobre a quantidade de vezes que um indivíduo conforta o outro no que concerne à quantidade de vezes que esse outrem precisa ser amparado (Hinde, 1987).

A reciprocidade nas interações se refere aos comportamentos mútuos e semelhantes dos parceiros. A complementaridade diz a respeito das diferentes coisas que cada cônjuge faz nas interações, que podem ser complementares para o casal, por exemplo, o marido se dedica mais aos afazeres domésticos e a esposa ao sustento financeiro do lar. No entanto, salienta-se que a maioria dos relacionamentos próximos envolve um entrelaçamento idiossincrático de interações recíprocas e complementares (Hinde, 1987, 1997).

Nesse sentido, pode-se alegar que as relações conjugais são constituídas sobre complexos padrões de necessidades dos parceiros, sendo que essas carências provavelmente são satisfeitas por meio da reciprocidade e da complementaridade nas interações. Ademais, a similaridade nas atitudes e/ou na personalidade geralmente é relacionada com a atratividade e a estabilidade do relacionamento, e é possível que as pessoas se sintam atraídas por outrem que possua demandas complementares às suas (Hinde, 1997).

A intimidade corresponde até que ponto os indivíduos em um relacionamento revelam seus aspectos físicos, emoções, esperanças, crenças, medos, fracassos, sucessos e experiências um ao outro (Hinde, 1987, 1997). A extensão e a localização de áreas de intimidade e de privacidade são características cruciais para a relação. Dessa forma, quanto mais próximo for o relacionamento maior será a tendência de os indivíduos se exporem mutuamente, assim como a manutenção de âmbitos da privacidade será relevante para a relação e o indivíduo em particular (Hinde, 1987). Além disso, por meio das revelações, cada parceiro constrói um conhecimento referente ao outro, que poderá afetar de modo fundamental as interações futuras. A revelação ainda pode ser um instrumento de mudanças, pois presumivelmente auxilia o casal a construir uma narrativa mais adequada da circunstância vivida (Hinde, 1997).

A percepção interpessoal vai além de compartilhar estados emocionais com outrem, já que implica compreender o que o parceiro pensa e sente, mesmo quando os pensamentos e sentimentos do outro são diferentes dos próprios, abrangendo, assim, a empatia. Porém, essa capacidade de se colocar no ponto de vista alheio nem sempre é condição para que os envolvidos em um relacionamento ajam dessa maneira (Hinde, 1987). A percepção interpessoal pode ainda ter vários efeitos nos comportamentos dos parceiros e influenciar o futuro do relacionamento, sendo que pessoas em relacionamentos longevos tendem a mostrar um aumento na percepção interpessoal e na compreensão (Hinde, 1997).

O compromisso consiste na medida em que os parceiros entendem o seu relacionamento como um contínuo indefinido, ou direcionam os seus comportamentos para assegurar a continuidade da relação ou para aperfeiçoar as suas propriedades. O compromisso pode ser imposto pelo contexto, por exemplo, os casamentos arranjados, ou se desenvolver ao longo do relacionamento. E, em muitos casos, a crença de que o parceiro é comprometido com a relação pode ser a base para a confiança, fundamental para a manutenção do relacionamento e para o crescimento pessoal (Hinde, 1987, 1997). O compromisso também tende a ser maior no relacionamento quanto mais a pessoa se sente satisfeita, dependente da relação, investe no relacionamento e mais central a relação é na vida dela (Hinde, 1997).

Para finalizar, ressalta-se que o que as pessoas consideram por amor e por relacionamento amoroso depende, em parte, da cultura, isto é, dos modelos e concepções difundidos por certa sociedade. Os indivíduos reconhecem o seu relacionamento como amoroso porque isso se assemelha ao que creem ser uma relação amorosa, conforme o ambiente cultural em que vivem. De tal modo, esse reconhecimento e o desejo por essa semelhança podem conduzir as pessoas a se comportarem segundo o que se espera delas em uma relação amorosa, em um dado momento sócio histórico (Hinde, 1997). Sendo assim, o próximo capítulo tratará das mudanças e permanências nos relacionamentos amorosos ao longo do tempo.

2. 2 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES AMOROSAS AO LONGO DO TEMPO

Este capítulo trata das transformações e das continuidades nos relacionamentos amorosos durante os séculos. Sendo assim, na idade média, boa parte dos casamentos era arranjada pelos familiares dos noivos ou pelo vilarejo, pautados no parentesco e/ou em interesses materiais. Nessa conjuntura, na maioria dos casos, o amor entre os nubentes não era visto

como essencial para o matrimônio (Ferry, 2013). Com o declínio do feudalismo, houve diversas mudanças econômicas, políticas, sociais e pessoais que contribuíram para que o amor fosse reconhecido socialmente como o principal motivo para os casamentos (Marimón & Vilarrasa, 2014). Então, por volta do século XVII, a hegemonia do modelo de união conjugal por conveniência começa a ser substituída pelo ideal de casamento baseado no amor (Ferry, 2013), que se consolidou em meados do século XX (Del Priore, 2014; Ferry, 2013).

No Brasil, ao redor dos anos de 1950, havia pessoas que consideravam o enlace marital como uma emancipação da família de origem (Campos et al., 2017; Coutinho & Menandro, 2010; Oliveira et al., 2020), indissolúvel e definido pelo padrão tradicional de papéis entre homens e mulheres, que atribuía à esposa, fundamentado no ideal de natureza feminina, as funções de mãe, dona de casa e consorte recatada, dedicada e submissa ao marido. A vida conjugal era a principal meta da maioria das jovens que, ao casarem, não deveria medir esforços com vistas à conservação do lar e à satisfação do cônjuge (Del Priore, 2014). Nessa conjuntura, boa parte das meninas era educada desde cedo para o exercício da vida conjugal (Del Priore, 2014; Oliveira et al., 2020).

A felicidade nupcial era associada à satisfação do marido, que envolvia elementos relevantes para a manutenção do casamento, como as qualidades domésticas e a boa reputação da esposa. Esperava-se ainda que a mulher fosse discreta, econômica, soubesse gerir bem o orçamento doméstico e nunca questionasse a autoridade do cônjuge nem discutisse com ele. Nesse sentido, nota-se que provavelmente o diálogo entre os parceiros e o desempenho sexual da consorte não eram incluídos no modelo proposto de felicidade conjugal. Por sua vez, ao homem era reservado o papel de chefe de família, isto é, o de mantenedor financeiro do lar e de detentor do poder sobre a mulher e os filhos (Del Priore, 2014).

A maioria das esposas possivelmente temia a separação conjugal, em virtude de razões afetivas e econômicas, assim como do estigma social referente às mulheres separadas e aos

seus filhos. Devido à divisão tradicional de papéis, boa parte da sociedade considerava a inserção das consortes no mercado de trabalho de maneira negativa, pois isso provavelmente envergonharia o marido, chefe de família (Del Priore, 2014; Oliveira et al., 2020). Além disso, acreditava-se que a vida profissional da mulher poderia prejudicar os cuidados com a casa e a família e, desse modo, colocar em risco o equilíbrio do casamento (Del Priore, 2014). E, nos casos em que as esposas trabalhavam fora, elas desempenhavam uma dupla jornada de labor (Alves-Silva et al., 2017; Oliveira et al., 2020).

Por volta dos anos de 1980, para muitas pessoas, a ocupação profissional da mulher deixou de ser vergonhosa para se tornar uma quase exigência. Ademais, o aumento da inclusão feminina no mundo do trabalho, a liberação dos costumes, o desenvolvimento científico, a contracepção e o divórcio modificaram a imagem da família e do casamento. Assim, findou-se a hegemonia do modelo tradicional de família em que cada um dos membros possuía um papel social pré-definido (Del Priore, 2014). Destarte, importa expor que se identificou na literatura a conservação de aspectos do padrão tradicional e mudanças nos relacionamentos amorosos, sendo que as transformações cooperam para a igualdade dos papéis entre homens e mulheres na relação. Constatou-se ainda a permanência da valorização do amor no enlace amoroso.

Em se tratando de estudos desenvolvidos no Brasil, mudanças e conservações foram observadas em um trabalho sobre os significados de ser pai, que envolveu seis homens (de 27 a 60 anos) e seis mulheres (de 25 a 41 anos), com filhos menores de 12 anos. Pois, os participantes atribuíram ao pai à função de prover financeiramente o lar e de compartilhar com a esposa os cuidados dos filhos (Benatti & Pereira, 2020). Ademais, Silva (2018) pesquisou a influência da transgeracionalidade na vida do casal com seis mulheres casadas, de três gerações, de duas famílias. As respondentes das gerações mais velhas relataram uma

vivência conjugal caracterizada pelo modelo tradicional de casamento. Já as mulheres mais jovens explicitaram a aspiração pela escolarização e pela realização profissional.

No que se referem às manutenções, inquiriram-se dois casais acerca da participação paterna nos cuidados básicos do bebê (Bustamante, 2019). Efetuou-se também um trabalho documental a respeito da conjugalidade de casais de dupla carreira (Berlato et al., 2019). Nesses estudos, identificou-se a influência dos valores tradicionais na dinâmica familiar dos cônjuges, isto é, que as mulheres continuam sendo as principais encarregadas pelos afazeres do lar e o cuidado dos filhos, e os homens os maiores responsáveis pelo sustento financeiro da família (Berlato et al., 2019; Bustamante, 2019). E, em uma pesquisa realizada com 10 esposas, de 26 a 48 anos, que trabalhavam fora, com filhos, as participantes relataram que a maior parte do trabalho doméstico e do cuidado da prole recai sobre elas (Benevides & Boris, 2020).

Por sua vez, Rocha e Fensterseifer (2019) entrevistaram nove casais, de 25 a 58 anos, e sublinharam que as desigualdades entre os parceiros permanecem na conjugalidade, visto que a consorte ainda é considerada como aquela que deve abdicar de si própria em favor da família e servir sexualmente ao marido. Além disso, a atribuição da função de provedor financeiro do lar ao homem (Silva & Silva, 2020) e a importância dessa qualidade para a conservação da união conjugal (Volz et al., 2020) foram identificadas em estudos realizados com esposas.

Adolescentes (Stengel & Tozo, 2010) e jovens (Padilha et al., 2018) estimaram o ideal de casamento indissolúvel, sendo que os adolescentes alegaram que o amor é a base dessa forma de união conjugal (Stengel & Tozo, 2010). Ademais, amor foi reputado como uma razão para o enlace marital (Emídio & Souza, 2019; Zordan et al., 2009), essencial para a constituição (Manente, 2019) e a conservação da vida a dois (Alves-Silva et al., 2016; Goulart et al., 2019; Manente, 2019).

Sobre as mudanças nas relações amorosas, em um estudo com sete casais longevos, com filhos, os participantes destacaram que houve uma flexibilização dos papéis entre homens e mulheres na conjugalidade, devido ao aumento da inclusão feminina no mercado de trabalho e da negociação das tarefas domésticas (Scorsolini-Comin et al., 2018). Na pesquisa de Nascimento et al. (2019) efetuada com 39 homens, que possuíam filhos, a maioria dos homens proferiu que participa dos cuidados da prole. De sua parte, Campana et al. (2019) investigaram o cuidado parental desempenhado por dois casais, de 30 a 35 anos, de dupla carreira. As esposas explicaram que o casal divide os cuidados dos filhos e que confiam nos cuidados oferecidos pelos maridos às crianças, no momento em que elas estão fora de casa trabalhando.

Fidelis et al. (2017) estudaram a transição da conjugalidade para a coparentalidade tardia com cinco casais de dupla carreira, de 33 a 56 anos, com um filho de até um ano. Quatro casais afirmaram que compartilham os cuidados do bebê e os afazeres domésticos. Diante disso, as autoras presumiram que a maior inserção masculina nos cuidados com o bebê e com o lar provavelmente está colaborando para os bons índices de qualidade conjugal e de coparentalidade, identificados nas declarações dos entrevistados. Além do mais, em uma revisão de literatura, notou-se que o homem vem se distanciando do modelo tradicional de paternidade e buscando uma maior inserção na vida da esposa e dos filhos, compartilhando vivências, sentimentos e os afazeres domésticos (Menezes et al., 2019).

Por fim, cabe destacar que a inclusão e a valorização do diálogo na conjugalidade foram constatadas em vários estudos (Alves-Silva et al., 2016, 2017; Campos et al., 2017; Carvalho et al., 2018; Cenci & Habigzang, 2018; Fidelis et al., 2018; Gonçalves et al., 2018; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a, 2019b; Mussumeci & Ponciano, 2018; Ozório et al., 2017; Porreca, 2019; Ribeiro et al., 2015; Silva et al., 2010).

A partir de agora, apresentam-se as permanências e mudanças nas relações amorosas identificadas na literatura internacional. Acerca das transformações, em Portugal, Aboim (2009) citou a presença do diálogo na vida a dois e a cooperação entre os cônjuges nos afazeres do lar. Sobre as continuidades, nos Estados Unidos, reflexões teóricas indicaram que as esposas tendem a ouvir e se acomodar aos seus parceiros mais que eles a elas (Knudson-Martin, 2016) e que a maior parte das primeiras uniões conjugais dura para sempre (Walsh, 2016b). Além do que, notou-se que as mulheres ainda são as principais responsáveis pelos cuidados do lar (Fraenkel & Capstick, 2016; Knudson-Martin, 2016; Walsh, 2016b) e dos filhos (Driver et al., 2016; Fraenkel & Capstick, 2016; Knudson-Martin, 2016; Walsh, 2016b).

Na Argentina, Musarella e Discacciat (2020) realizaram um estudo com 47 mulheres (20 solteiras, 13 casadas, uma viúva e 13 separadas), de 30 a 60 anos, com uma dúplici jornada de trabalho. 47% das entrevistadas relatou ser a única responsável pelas tarefas da casa. As mulheres casadas, cujos cônjuges sustentavam financeiramente o lar, explicaram que os homens não realizavam nenhum afazer doméstico e esperavam ser servidos por elas. Nesse contexto, a maioria das participantes mencionou a necessidade de possuir uma boa organização, com vistas a conciliar a dupla jornada de labor. No entanto, a falta de cooperação dos maridos nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos, e de planejamento da rotina por parte delas pode dificultar esse arranjo.

Na Colômbia, Martínez (2017) entrevistou 12 terapeutas que atendiam casais. Os participantes explicaram que, conforme relatavam os cônjuges atendidos por eles, mesmo quando a esposa era a principal ou a única provedora financeira do lar, o marido resistia em participar das tarefas domésticas. Por fim, Deus et al. (2021) realizaram uma revisão internacional de literatura sobre a vida conjugal de casais de dupla carreira. Os autores

constataram que as mulheres permanecem sendo as principais responsáveis pelos cuidados do lar e dos filhos (Deus et al., 2021).

Em síntese, identificou-se a conservação de características do padrão tradicional e de mudanças na relação conjugal em estudos realizados no Brasil e no exterior. Diante disso, pode-se considerar coexistência de diversas maneiras de vivenciar a conjugalidade, que inserem aspectos tradicionais e igualitários de relacionamento amoroso (Alves-Silva et al., 2016; Amorim & Stengel, 2014). Nesse caso, os casais podem combinar os referidos fatores e elaborar uma forma singular de vida conjugal (Amorim & Stengel, 2014). Assim sendo, encerra-se este capítulo sobre as mudanças e as permanências nas relações amorosas ao longo do tempo. Em seguida, será exposto o capítulo atinente aos aspectos importantes e às expectativas para os relacionamentos amorosos.

2. 3 ASPECTOS IMPORTANTES E EXPECTATIVAS PARA OS RELACIONAMENTOS AMOROSOS

Neste capítulo apresentam-se os aspectos importantes e as expectativas para as relações amorosas constatadas em estudos teóricos e/ou em resultados de pesquisas nacionais e internacionais que se aproximaram dos dados desta tese. Explica-se que os aspectos significativos envolveram o início do relacionamento amoroso, as razões para o casamento, elementos que estão na base do casal, associações positivas à relação amorosa, a vivência do amor, características valorizadas no relacionamento amoroso, a maternidade, o climatério, estratégias para a solução dos conflitos conjugais e condições que favorecem a conservação da união do casal. Este capítulo também inseriu fatores que podem se inter-relacionar com a conjugalidade, como a saúde, a família de origem, a religião/espiritualidade, o trabalho, o lazer e a mídia.

Destarte, sobre as expectativas para os relacionamentos amorosos, jovens portugueses proferiram o compromisso e o casamento religioso, em seus anseios para a vida conjugal. Eles aclararam que os familiares, a religião, as amizades e o ambiente acadêmico interferem nas aludidas aspirações (Ferreira, 2017). Jovens disseram que o companheirismo, o amor e a segurança são as suas principais pretensões para o casamento (Zordan et al., 2009). Em uma pesquisa realizada com sete adolescentes, de ambos os sexos, os entrevistados explicaram que almejam em uma relação amorosa a tranquilidade e a fidelidade (Stengel & Tozo, 2010). No trabalho de Smeha e Oliveira (2013), os participantes alegaram buscar em um enlace amoroso o respeito, a fidelidade e a confiança. Eles ainda esclareceram que as uniões amorosas estão se definindo pela procura do romantismo e do prazer.

Costa e Mosmann (2015) entrevistaram nove pessoas, de 40 a 57 anos, de ambos os sexos, que estavam em um casamento longo, com filhos. Os respondentes enunciaram que ser feliz é a principal expectativa para a união conjugal. Em Padilha et al. (2018), os participantes mencionaram, em suas aspirações para a vida a dois, a felicidade conjugal, a aquisição de bens materiais (residência e automóvel), a divisão das responsabilidades e a constituição de uma conjugalidade que dure a vida inteira. Ademais, idosos declararam o desejo pelo casamento até o fim da vida (Borges & Magalhães, 2013) e por um relacionamento sólido e duradouro (Kinas & Vendrusco, 2010). E, em um trabalho realizado com seis jovens colombianos, de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, os entrevistados deram por entender que buscam por laços fortes e estáveis, com vistas a construir um futuro (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016).

No que toca ao princípio de uma relação amorosa, em Porto Rico, Estrella (2007) inquiriu 16 pessoas, de 21 a 71 anos, de ambos os sexos, sobre o relacionamento delas. Os participantes aclararam que os seus enlaces amorosos tiveram início principalmente nos ambientes de igreja e escola. Eles também afirmaram que o afeto é essencial para o começo

de uma relação estável. Além disso, no estudo de Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), alguns dos entrevistados relataram que o relacionamento deles se iniciou por meio da amizade. Eles ainda alegaram que a confiança, a intimidade e a comunicação são cruciais para a construção do vínculo amoroso.

Por sua vez, Schlösser e Camargo (2019) desenvolveram uma pesquisa com 120 universitários, de ambos os sexos, de 18 a 28 anos. Os discentes proferiram que o amor, a paixão e a fidelidade são imprescindíveis para o estabelecimento das relações afetivas. E, em Ferreira (2017), os jovens portugueses mencionaram a maturidade como pré-requisito para a vida conjugal. Acerca dos motivos para o casamento, Emídio e Souza (2019) realizaram um estudo sobre a conjugalidade de cinco pessoas casadas, de 24 a 56 anos, de ambos os sexos. Os entrevistados enunciaram o amor e a busca por uma relação sólida como as principais razões para a vida a dois, sendo que uma participante também mencionou a gravidez.

Para mais, características basilares dos relacionamentos amorosos foram identificadas na literatura. De tal modo, Albertoni e Lages (2018) investigaram os aspectos estruturais da vida conjugal de três pessoas em casamentos longevos (uma mulher e um homem heterossexual e uma mulher homossexual). Como elementos centrais da conjugalidade, os entrevistados enunciaram a admiração, o respeito pela liberdade do outro, a tolerância, a cumplicidade, o companheirismo, o cuidado, a preocupação com o bem-estar do cônjuge, a renúncia, o sacrifício, a doação, a confiança, a compreensão, o aprendizado adquirido com a convivência, e a decisão de investir e trabalhar para a manutenção do casamento. Eles proferiram ainda o desejo de estar junto e de viver coisas novas com o parceiro (como acampar e conhecer lugares), e a superação das dificuldades, principalmente as financeiras, sendo que Deus foi considerado o principal responsável nesse processo.

De sua parte, Porreca (2019) estudou o convívio conjugal e familiar de quatro casais, de 30 a 59 anos, com 15 anos ou mais de casados, com filhos. Os entrevistados disseram que

a vida marital deles teve por base a convivência, os momentos de superação de dificuldades, a preocupação com a educação dos filhos, os problemas financeiros, o tempo dedicado ao trabalho formal e a qualidade da relação. Nascimento e Scorsolini-Comin (2019) inquiriram dezessete homens homossexuais, de 20 a 40 anos, a respeito da relação amorosa deles. Os participantes explicaram que o respeito e a confiança estão no cerne de seus relacionamentos.

Finalizando a apresentação dos trabalhos que referiram a aspectos basilares do relacionamento amoroso, Gildersleeve et al. (2017) desenvolveram um estudo com 53 casais estadunidenses, 52 heterossexuais e um homossexual, de 25 a 91 anos, que se declararam felizes em seus enlaces amorosos. Como características de suas relações afetivas, os participantes mencionaram a segurança (que foi o aspecto mais representativo), o apoio mútuo, a lealdade, a proteção e a confiança. Eles aclararam que tais elementos diversas vezes serviram de alicerce para o relacionamento.

Acerca da associação de aspectos positivos às relações amorosas, Limeira e Féres-Carneiro (2019a) entrevistaram 12 pessoas casadas com o ex-cônjuge, de ambos os sexos, de 36 a 76 anos, com filhos em comum. A maioria dos entrevistados relacionou o casamento à união de duas pessoas que se completam e possuem um forte compromisso em compartilhar a vida a dois, com seus instantes de dificuldades e alegrias, sendo que esse compromisso envolve a cumplicidade, o companheirismo e a segurança emocional. Ademais, na pesquisa de Porreca (2019), os casais associaram a conjugalidade ao cuidado e ao companheirismo. Eles também explicaram que a vida conjugal é boa e desejosa, em virtude do amor entre os cônjuges, e se caracteriza pela construção de um projeto de vida em comum, favorecido pela cumplicidade, fidelidade e zelo.

Amorim e Stengel (2014) desenvolveram um estudo com dois casais (um homossexual e um heterossexual), de 28 a 30 anos, sobre a vida marital deles. De modo geral, os participantes declararam que a vida a dois coopera para o aumento da maturidade e

proporciona uma sensação de segurança e de desenvolvimento enquanto pessoa. De sua parte, a díade homossexual alegou que a conjugalidade é uma relação de companheirismo, capaz de favorecer o crescimento pessoal dos consortes. Já o casal heterossexual proferiu que a união conjugal deve ser duradoura, assim como pode transformar os parceiros em uma só pessoa.

Além disso, em uma pesquisa realizada com 64 jovens chilenos, de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, os entrevistados mencionaram que percebem o relacionamento amoroso como um local de segurança (Besoain et al., 2017). Mulheres solteiras, de 30 a 45 anos, independentes financeiramente, associaram o companheirismo ao casamento (Secco & Lucas, 2015). Hatakeyama et al. (2017) investigaram a concepção de sete jovens (de 22 a 42 anos) e de cinco idosos (de 62 a 68 anos) universitários, de ambos os sexos, acerca dos enlaces afetivos. Os idosos vincularam o relacionamento amoroso ao respeito, e os jovens ao envolvimento mútuo e à confiança.

Por sua vez, jovens colombianos alegaram que a relação amorosa é fonte de felicidade recíproca, companhia e cuidado (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). Pessoas casadas afirmaram que estar casado significa tranquilidade e apoio (Emídio & Souza, 2019). E, em Portugal, Poeschl et al. (2015) estudaram as representações sociais do casamento de 240 pessoas, de ambos os sexos, de 15 a 65 anos. Os participantes declararam que a principal função do casamento é consolidar o amor e associaram esse sentimento à conjugalidade homossexual e heterossexual.

Hoffmeister et al. (2019) pesquisaram a vivência do amor na relação amorosa na ótica de pessoas de três faixas etárias (nove adolescentes, nove adultos e oito idosos), de ambos os sexos. Os participantes dos três grupos citaram o apoio, o cuidado e o carinho, como maneiras de viver o amor no relacionamento. Os adolescentes declararam o conhecimento mútuo. Os adultos destacaram o conhecimento do outro, o compartilhar projetos de vida e sonhos, a compreensão, o respeito e a empatia. De sua parte, os idosos mencionaram o compartilhar

emoções e sentimentos, como o receio de perder o parceiro, o medo da morte e as angústias. Por fim, os entrevistados dos três grupos explicaram que o amor é o mesmo em todas as etapas da vida, pois o que se modifica é o modo como ele é demonstrado.

Cabe destacar que na literatura se identificou a valorização de diversos aspectos nas relações amorosas. Dessa maneira, Driver et al. (2016) inquiriram 834 casais estadunidenses sobre a vida conjugal deles. Os participantes alegaram que o amor, o respeito e a admiração são fundamentais para um relacionamento gratificante e duradouro. Eles ainda aclararam que a admiração pode cooperar para que a esposa se lembre de suas primeiras impressões agradáveis atinentes ao marido. No Paraguai, Martínez e Rodas, (2011) entrevistaram 110 homens, de 22 a 47 anos, a respeito de seus enlaces amorosos. As autoras constataram que o carinho era o estilo de amor predominante, e que a relação amorosa da maioria dos respondentes caracterizava-se pela amizade e pelo sentimento de união.

Oliveira e Sei (2018) estudaram as características da conjugalidade homoafetiva com quatro casais, dois formados por mulheres e dois por homens, de 25 a 44 anos. Como aspectos significativos da relação, os participantes expuseram a amizade, a cumplicidade, o amor, a alegria, a maturidade, o respeito à individualidade do outro, a empatia e o consenso. De sua parte, casais estadunidenses citaram a paixão, as lembranças de situações felizes vividas juntos, o fato de os parceiros apreciarem a companhia um do outro, o humor, o respeito mútuo, a empatia e compartilhar atividades prazerosas, significados e pontos de vista, como elementos importantes da vida a dois (Gildersleeve et al., 2017).

Nos Estados Unidos, Knudson-Martin (2016) salientou a relevância da empatia mútua para compreender os sentimentos do outro e buscar uma mudança comportamental, visando ao bem-estar do cônjuge; do apoio mútuo para a igualdade entre o casal; e do compartilhar as responsabilidades para o bem-estar recíproco. Ozório et al. (2017) pesquisaram a vida conjugal de 50 pessoas casadas, de 23 a 65 anos, de ambos os sexos. Os entrevistados alegaram que o

casamento deles caracterizava-se pelo compartilhamento de obrigações e responsabilidades. Por seu lado, jovens colombianos mencionaram a fusão com o parceiro e o apoio recíproco, como particularidades de seus enlaces afetivos (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). E jovens explicaram que o conhecimento mútuo favorece a edificação dos relacionamentos amorosos (Chaves, 2016).

No estudo de Costa e Mosmann (2015), os entrevistados expuseram que o respeito, a compreensão, as demonstrações de afeto, de cuidado e de preocupação com o parceiro, o reconhecimento das ações positivas do outro, ter instantes exclusivos para o casal e preservar a individualidade de cada cônjuge são ingredientes importantes para a conjugalidade. Os participantes alegaram que a maturidade, a atenção mútua, o esforço, a dedicação e a clareza acerca das dificuldades podem tornar a vida do casal mais estável e feliz. Eles ainda ressaltaram que convivência e o conhecimento mútuo cooperam para a qualidade da relação, já que os cônjuges aprendem a resolver os conflitos de maneira mais construtiva. Ante isso, os entrevistados aclararam que, com o passar do tempo, os desentendimentos diminuem e o casamento torna-se mais harmonioso, visto que a superação das crises e dos problemas concorre para o aprendizado na relação.

De sua parte, Walsh (2016a) elencou alguns aspectos consideráveis para o convívio conjugal e familiar. Destarte, a autora estadunidense citou a relevância de ambos os cônjuges exercerem a função de autoridade na educação dos filhos; a consideração das ações positivas dos membros da família, por meio da atenção e da aprovação; a confiança entre o casal; a aceitação das diferenças; e a influência das boas experiências com a família de origem.

Pereira et al. (2019) indagaram 18 jovens, de ambos os sexos, acerca da concepção de qualidade de vida (QV). Eles explicaram que a família é relevante para a QV, pois fornece uma boa educação e motivação, especialmente no que tange aos estudos, o que é essencial para se atingir as metas na vida. Fernandes et al. (2018) investigaram o conceito de família de

33 universitários portugueses, de 19 a 23 anos, de ambos os sexos. Os jovens associaram a definição de família ao amor e aclararam que a família tem por função ser fonte de educação, apoio, estabilidade emocional, presença, socialização e auxiliar na realização de projetos pessoais.

Em uma pesquisa com 50 famílias, que possuíam filhos pequenos, os entrevistados enalteceram o respeito, a conservação dos valores religiosos e o amor entre os familiares, bem como alegaram priorizar a boa convivência entre os cônjuges. Os participantes deram por entender que a formação do patrimônio familiar, o companheirismo e o cuidado mútuo estão entre os principais objetivos da união conjugal. Eles afirmaram ainda que o companheirismo, o carinho e as metas em comum estão entre as melhores coisas do casamento (Ronchi & Avellar, 2011).

Para mais, Ribeiro et al. (2015) estudaram os elementos necessários a um bom convívio conjugal na óptica de 128 pessoas casadas ou que estavam em um enlace amoroso estável, de ambos os sexos, de três gerações. Dessa maneira, os jovens preferiram as atitudes favoráveis em favor do parceiro; as pessoas de meia-idade citaram o amor, o diálogo e a estabilidade econômica; os respondentes jovens e os de meia-idade aludiram aos sentimentos positivos para com o outro; os indivíduos de meia-idade e os idosos declararam a compreensão; e os idosos expuseram o companheirismo e a afeição para com o parceiro.

Por seu lado, Aboim (2009) entrevistou 22 mulheres portuguesas casadas, de 30 a 40 anos, com filhos. As participantes privilegiaram a ética do companheirismo, que inseria a colaboração entre o casal na tomada de decisões e no apoio emocional. Homens homossexuais citaram o companheirismo e a cumplicidade como pontos positivos de seus relacionamentos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). Em uma revisão de literatura sobre casamentos de longa duração, Manente (2019) observou a valorização do companheirismo, da fidelidade e do respeito pelo outro na conjugalidade. E, nos Estados Unidos, Walsh (2016b)

expôs que na velhice o companheirismo e o cuidado mútuo tornam-se os aspectos mais importantes da relação amorosa.

Na Argentina, Arias e Polizzi (2013) desenvolveram um estudo com 113 idosos casados, de ambos os sexos, sobre a vida marital deles. Os entrevistados expressaram uma harmonia ocasionada pela reciprocidade no relacionamento, sendo que os homens ainda associaram a alegria e a felicidade proporcionadas pelas consortes à satisfação conjugal. Os participantes mencionaram, como principais funções de suas relações amorosas, o apoio emocional e o companheirismo. Além disso, as idosas enfatizaram a assistência financeira por parte dos maridos. Os respondentes afirmaram que, com os anos, houve uma diminuição da atividade sexual e que entre eles e os seus respectivos cônjuges há o apoio, o cuidado e o compartilhamento de todas ou da maioria das atividades cotidianas. De tal modo, as autoras observaram que o compartilhar experiências e dificuldades provavelmente favoreceu o aumento da compreensão e da aceitação mútua dos idosos na vida a dois.

Campos et al. (2017) estudaram as mudanças na dinâmica conjugal ao longo do casamento com 25 casais, com pelo menos 30 anos de união e um filho. A maioria dos participantes relatou certa limitação da prática sexual, mas explicou que a sexualidade adquiriu outros elementos positivos para a relação, como o companheirismo e o cuidado recíproco. Feijão e Moraes (2018) entrevistaram seis professores universitários casados, de ambos os sexos, de 34 a 50 anos, a respeito da conjugalidade. Como características relevantes de seus enlances conjugais, os participantes enunciaram o companheirismo, a cumplicidade, a maturidade, a paciência, a intimidade e o desejo sexual. Eles também associaram o companheirismo, o respeito, a confiança, e a satisfação sexual à satisfação conjugal.

Schlösser e Camargo (2019) realizaram um estudo com 120 universitários, de ambos os sexos, de 18 a 28 anos. Especialmente as mulheres proferiram o companheirismo, a confiança, o compromisso, a inteligência, o bom humor, a intimidade e a sedução como

aspectos essenciais para um relacionamento amoroso. Por sua vez, os rapazes declararam o sexo e a atração física como fundamentais para a relação. Aliando-se a isso, Vieira et al. (2016) inquiriram 60 mulheres, de quatro faixas etárias, a respeito das representações sociais do sexo. As pesquisadoras constataram que, para as jovens adultas e as mulheres de meia-idade, o ato sexual é capital para a conjugalidade.

Para mais, Rocha e Fensterseifer (2019) pesquisaram a função do sexo ao longo da vida a dois com nove casais (três recém-casados, três com filhos pequenos e três com filhos adultos). Em geral, os entrevistados alegaram que o ato sexual é importante para a vida marital. No entanto, os casais mais velhos explicaram que, com os anos, a qualidade das relações sexuais passa a ter mais valor que a quantidade para ambos os cônjuges, devido, entre outros fatores, ao processo de envelhecimento. Por sua vez, as esposas associaram o sexo a aspectos mais globais da relação como a intimidade, o afeto, o carinho e a atenção. Elas também disseram que a prática sexual tem o papel de consolidar a união conjugal e de distinguir o casamento da amizade.

Carvalho et al. (2018) estudaram a influência do climatério na conjugalidade de 20 mulheres, de 40 a 65 anos. A maioria das participantes mencionou a redução ou a ausência do desejo sexual, o que prejudica a vida do casal. Nessa conjuntura, a maior parte das esposas expôs que os maridos se tornaram mais carinhosos. Ademais, em uma revisão de literatura sobre os casamentos de longa duração, Goulart et al. (2019) constataram que, com passar os anos, as relações sexuais diminuem de frequência e a presença e a companhia do cônjuge adquirem maior valor que a atividade sexual. Os autores ainda identificaram a importância das redes de apoio para os casais longevos, devido a fatores como a aposentadoria, a saída dos filhos do lar e a morte de um dos consortes.

A redução da atividade e/ou do desejo sexual também foi notada em trabalhos que envolveram a maternidade. Destarte, no estudo de Fidelis et al. (2017), casais relataram que,

após o nascimento do filho, houve uma diminuição da vida sexual e social, mas isso não motivou conflitos nem desentendimento entre os cônjuges. Machado et al. (2020) realizaram uma pesquisa com 479 mulheres, de 16 a 77 anos, sobre os sentimentos no período pós-parto. A maioria das participantes mencionou uma considerável redução do desejo sexual para com os seus parceiros, após a natividade do bebê. Elas deram por entender que esse momento se caracterizava por uma ambivalência de sentimentos, como a tristeza e a felicidade. Além disso, uma pequena parte da amostra relatou que não conseguiu retornar ao trabalho formal tranquilamente, sendo que, em alguns casos, as mulheres pediram demissão.

No Chile, Cornejo et al. (2020) investigaram os efeitos do término da licença-maternidade com nove mães, de 24 a 42 anos, que trabalhavam fora, seis eram casadas e duas solteiras. As entrevistadas esclareceram que o regresso ao trabalho formal pode ocasionar angústia e sentimento de culpa, definidos pela sensação de estar abandonando um ser frágil e dependente aos cuidados de terceiros. Ademais, as participantes que eram casadas alegaram que o apoio do esposo nos cuidados da casa e do filho coopera para que a mulher consiga conciliar a função materna e a profissional.

Além do exposto, nos Estados Unidos, Driver et al. (2016) explicaram que o nascimento de um filho pode prejudicar a satisfação conjugal, especialmente no que tange às esposas que trabalham fora, pois a elas ainda é atribuída a maior parte dos cuidados da prole, o que pode ocasionar uma sobrecarga. Por sua vez, Cowan e Cowan (2016) esclareceram que a natividade de um filho é uma das maiores alegrias e, ao mesmo tempo, uma das transformações mais significativas e estressantes da vida de um casal, visto que se tornar pai/mãe pode gerar diversas mudanças no relacionamento dos cônjuges. Nesse sentido, supõem-se o provável aumento da maturidade, do compromisso, da insatisfação conjugal, dos conflitos e desapontamentos na relação; a reestruturação da identidade; e a possibilidade de os genitores priorizarem os cuidados com o recém-nascido em detrimento da vida a dois.

Na pesquisa de Benevides e Boris (2020), as entrevistadas explicaram que o nascimento dos filhos representou a maior mudança de suas vidas, pois a maternidade, apesar de ter trazido satisfação pessoal, aumentou as responsabilidades e limitou as atividades de lazer e de cuidados pessoais realizadas antes. Ademais, Volz et al. (2020) estudaram a história de vida de quatro mulheres casadas que participavam de oficinas de geração de trabalho e renda. As entrevistadas aclararam que a maternidade foi essencial para a construção da identidade e para dar sentido ao casamento. E, no estudo de Oliveira et al. (2020), as mulheres descreveram a maternidade como sendo algo divino, que confere um novo sentido à vida, e os filhos como uma benção.

Por outro lado, houve pesquisas que versaram sobre a experiência materna da perda de um filho. Sendo assim, Costa et al. (2019) entrevistaram quatro mães que perderam um filho, de 2 a 18 anos, por neoplasia. As participantes expuseram que a morte do filho correspondeu a uma perda irreparável, que levou embora uma parte relevante de si. Nesse contexto, os autores compreenderam que a ressignificação positiva das lembranças de situações vividas com os filhos cooperou para a aceitação do fato ocorrido, o que provavelmente trouxe conforto e suavizou a dor delas.

Além disso, Araújo e Carvalho-Barreto (2019) investigaram a elaboração de sentidos de três mães que perderam um filho ou filha em acidentes de trânsito. As mulheres aclararam que a ressignificação da perda do(a) filho(a) foi, na maioria das vezes, difícil e que esse acontecimento pode ser comparado a uma dor infinita. Nessa situação, o apoio social e familiar foi crucial para que elas pudessem se reorganizar na vida, visto que cooperou para que essas mães se sentissem apoiadas e acolhidas, amenizando o sofrimento delas.

No que toca ao estudo realizado com mulheres no climatério, elas alegaram que o respeito e a compreensão mútuos e o carinho favorecem a conservação da afetividade entre os cônjuges. As participantes também explicaram que o diálogo auxilia na compreensão, na

partilha, na concórdia entre o casal, na identificação das dificuldades e dos sentimentos, que podem interferir na vida a dois (Carvalho et al., 2018). Aliando-se a isso, constatou-se que o diálogo favorece o aumento da intimidade entre os consortes (Alves-Silva et al., 2016) e da satisfação conjugal (Alves-Silva et al., 2016; Campos et al., 2017).

Por sua vez, nos Estados Unidos, Fishbane (2016) ponderou que falar sem ser agressivo e ouvir sem ficar na defensiva são comportamentos essenciais para o sucesso da relação amorosa. Ademais, Luz e Mosmann (2018) entrevistaram 266 pessoas casadas, de ambos os sexos, de 21 a 63 anos, sobre a comunicação na vida do casal. As autoras identificaram a influência positiva da comunicação na conjugalidade dos participantes, visto que ela contribui para o amadurecimento da relação. E, em uma revisão de literatura, Campuzano et al. (2020) notaram que a comunicação é fundamental para a convivência familiar, pois beneficia a criação e o fortalecimento de laços significativos entre os membros da família. Nesse contexto, uma comunicação funcional facilita o intercâmbio de emoções, desejos, sentimentos, ideias, pensamentos e crenças entre os familiares.

Importa salientar que também se identificou na literatura características desfavoráveis para as relações amorosas. Sendo assim, como um aspecto contraproducente em seus relacionamentos, docentes mencionaram a condição de o casal possuir diferentes valores, comportamentos e costumes (Feijão & Moraes, 2018). Jovens explicaram que o ciúme excessivo e a desconfiança dificultam o estabelecimento das relações afetivas (Smeha & Oliveira, 2013). E homens homossexuais citaram o ciúme como um fator negativo de seus enlances amorosos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019).

Além do mais, nos Estados Unidos, Imber-Black (2016) alegou que o esquecimento de ocasiões relevantes, como aniversários, pode fazer com que os cônjuges experimentem sentimentos de vazio, desapontamento e desconexão. Wagner et al. (2019) realizaram um estudo com 1500 pessoas casadas, de 18 a 80 anos, de ambos os sexos. As autoras

constataram que a escassez de tempo para os momentos a dois é uma das principais razões dos desentendimentos conjugais. De sua parte, casais portugueses relataram que os conflitos na conjugalidade eram motivados pelas famílias de origem e pela vida profissional. E, como estratégias para resolver tais situações, eles citaram a tentativa de comunicação, o humor, a abdicção e a oração (Fonseca & Duarte, 2014).

Ante isso, convém expor demais aspectos que favorecem a solução das adversidades entre os parceiros amorosos. De tal modo, nos Estados Unidos, Walsh (2016a) salientou a relevância do bom humor e da alegria para reduzir as tensões e sanar os desacordos conjugais. Casais estadunidenses alegaram empregar o bom humor, ceder diante certas situações, a busca por compreender o ponto de vista do cônjuge, a afetividade e mencionar as atitudes positivas do outro no instante da discussão, como subterfúgios para solver os entraves na vida a dois (Driver et al., 2016). Por sua vez, pessoas casadas mencionaram a disposição para abdicar das vontades pessoais em prol da vida marital (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a), e mulheres em casamentos longevos enunciaram o calar e deixar o marido falando sozinho, como meios para dirimir as controvérsias entre os consortes (Oliveira et al., 2020).

Delatorre e Wagner (2018) efetuaram um estudo com 750 casais, de várias idades. Como principal artifício empregado na resolução dos desentendimentos nupciais, os cônjuges citaram o compromisso, que envolve a negociação e a discussão conjunta dos problemas. Em seguida, eles associaram a religiosidade, o pensar nos filhos, o conhecimento mútuo e aspetos relacionados à maturidade (como a maior idade cronológica e o tempo de união conjugal) à elaboração de estratégias mais construtivas de solução das adversidades entre os parceiros. Ademais, no trabalho de Porreca (2019), casais elencaram a paciência, o diálogo, a retomada do desejo, as amizades, o perdão e a necessidade de considerar a prole como subterfúgios para sanar os conflitos ou evitar o término da relação.

Em uma revisão de literatura sobre os casamentos de longa duração, Goulart et al. (2019) constataram que a paciência, a tolerância, a compreensão recíproca e a empatia são vistas como recursos para resolver as dificuldades entre o casal. Aliando-se a isso, em uma revisão internacional, Costa et al. (2017) verificaram um consenso acerca da importância da comunicação, da empatia, do perdão, do apoio mútuo e da confiança para a solução dos desacordos conjugais. E casais longevos explicaram que utilizam o diálogo, a dedicação, o cuidado recíproco, a confiança e a religiosidade como ferramentas para sanarem os problemas da vida a dois (Alves-Silva et al., 2017).

Jovens chilenos aclararam que empregam o respeito mútuo e a comunicação honesta e transparente como artifícios para a solução/evitação dos conflitos entre o casal (Besoain et al., 2017). Campuzano et al. (2020) ressaltaram que a comunicação funcional entre a díade beneficia a busca pela resolução pacífica das adversidades no casamento. Ademais, pessoas casadas (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Ozório et al., 2017), casais homossexuais (Oliveira, G. C. & Sei, 2018) e casais de dupla carreira (Fidelis et al., 2017) consideraram o diálogo como um instrumento favorável para superação dos problemas conjugais.

Por sua vez, Mussumeci e Ponciano (2018) estudaram as estratégias de *coping* para lidar com estresse de 10 casais, de 27 a 74 anos. Como recursos para enfrentar o estresse, os entrevistados ressaltaram ir à praia, o perdão, recorrer a Deus e à religião, o diálogo, a empatia, a ajuda ao cônjuge em ressignificar os acontecimentos, o apoio nas dificuldades e relevar certas situações em favor do compromisso na relação. Eles ainda citaram o compromisso recíproco e a resolução conjunta dos problemas, buscando saber a opinião do parceiro. Os participantes frisaram que esses dois últimos fatores mencionados, além de cooperar para o enfrentamento do estresse, são os mais relevantes da relação e aproximam o casal.

Nos Estados Unidos, Walsh (2016c) estudou a resiliência familiar e destacou diversos fatores que favorecem esse processo. Desse modo, a autora elencou o compartilhar sentimentos, tomadas de decisões e experiências agradáveis, a celebração das datas comemorativas, a diversão, a alegria, o bom humor, a tolerância, o apoio mútuo, as redes familiares de apoio, a colaboração nas dificuldades, o compromisso no enfrentamento das adversidades, a aceitação do que não é possível modificar, o respeito mútuo, o respeito à singularidade do outro, a flexibilidade, a empatia, a proatividade, a coragem, o otimismo, o equilíbrio entre o trabalho formal e a vida familiar, a fé, a oração, o envolvimento em congregações religiosas e a ação social. Por fim, Walsh (2016c) expôs a segurança financeira, visto que a carência material e o desemprego podem concorrer para o desenvolvimento de quadros depressivos e de conflitos conjugais/familiares.

Destaca-se também que pessoas casadas citaram elementos que podem promover a reconciliação conjugal. Sendo assim, elas proferiram o compartilhar a vida, a amizade sincera, a intimidade, os sentimentos de harmonia e paz, a religião (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a), a empatia, o diálogo sincero e não tecer acusações ao parceiro (Limeira & Féres-Carneiro, 2019b). Dito isso, finaliza-se a apresentação dos aspectos que favorecem a superação das adversidades entre os casais e/ou as famílias. A seguir, exibem-se características que contribuem para a conservação das relações amorosas.

De tal modo, Silva et al. (2019) pesquisaram a concepção 15 casais idosos sobre o cuidado mútuo. Os participantes explicaram que o cuidado recíproco favorece o bem-estar e a saúde do casal e visa atender as necessidades do outro. Eles expuseram que se sentem cuidados quando são auxiliados nos momentos de enfermidade pelo parceiro, sendo que a fé e apoio espiritual podem cooperar para isso. Os idosos associaram o cuidado à realização das tarefas domésticas, às demonstrações de afeto e segurança, ao carinho, à preocupação, ao

companheirismo, à amizade, ao amor e a um sentimento de reciprocidade, conforme o qual cada cônjuge busca retribuir ao outro o cuidado recebido ou que poderá vir a receber.

Os participantes deram por entender que os aludidos fatores concorrem para a manutenção da conjugalidade e para a funcionalidade integral do idoso, especialmente no que tange à autonomia, e têm por origem as interações de ajuda, confiança, comunicação, empatia, harmonia, afetividade e honestidade (Silva et al., 2019).

Alves-Silva et al. (2017) realizaram um estudo com sete casais, com o tempo de casado variando entre 32 e 66 anos, com filhos. Como fatores que promovem a continuidade do casamento, os entrevistados citaram a humildade, a tolerância, o diálogo, a honestidade/sinceridade, a completude, o companheirismo, a segurança emocional, a confiança, o amor, as demonstrações de afeto e carinho, o carisma, a convivência, o respeito mútuo, a educação, a compreensão, o cuidado, a fé em Deus, a firmeza diante dos problemas, o gosto pelo trabalho, o compromisso assumido diante da religião, a dedicação, ajudar o parceiro e participar da vida dele, e o fato de o casal se divertir junto.

Silva et al. (2017) inquiriram 25 casais, com pelo menos 30 anos de união conjugal e um filho, acerca das estratégias empregadas, com vistas à conservação da união marital. Como elementos que cooperam para a manutenção da vida a dois, os participantes mencionaram a compreensão, a empatia, a afetividade e a humildade. Por seu lado, Chaves (2010) pesquisou a concepção de 12 jovens, de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, sobre as relações amorosas. Os entrevistados enunciaram a atenção, a honestidade, a confiança, o cuidado e a preocupação com o parceiro como elementos essenciais para a sustentação dos relacionamentos amorosos. Ademais, jovens colombianos alegaram que a confiança, a intimidade e a comunicação são cruciais para a conservação do vínculo amoroso (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016).

Pessoas casadas afirmaram que a comunicação, o amor entre o casal e pelos filhos, a tolerância, a paciência e a vontade divina promovem a permanência da união conjugal (Emídio & Souza, 2019). Discentes alegaram que o amor, a paixão e a fidelidade são imprescindíveis para a continuidade das relações afetivas (Schlösser & Camargo, 2019). De sua parte, casais declararam que o ideal de casamento indissolúvel, a paciência, o diálogo, a renúncia e o investimento contínuo no relacionamento favorecem o caráter vitalício da conjugalidade (Porreca, 2019).

Em uma revisão de literatura, Alves-Silva et al. (2016) constataram que a parceria, a religiosidade e o diálogo cooperam para a conservação dos casamentos de longa duração. Casais longevos expuseram a colaboração do diálogo na manutenção da vida a dois (Campos et al., 2017). Por fim, homens homossexuais salientaram que a boa convivência entre eles os seus parceiros é uma das razões para prosseguir com a união amorosa (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019).

Além do exposto, outros fatores podem influir na vida conjugal e familiar. No que tange a questões de saúde, Neris et al. (2018) entrevistaram um homem casado, de 41 anos, chefe de família, cuja esposa estava com câncer de mama e em quimioterapia. O participante descreveu que assumiu várias vezes os cuidados com a mulher, o lar e os filhos, durante o tratamento da consorte. Aliando-se a isso, nos Estados Unidos, Rolland (2016) aclarou que os cuidados com um familiar enfermo podem cooperar para flexibilização das funções entre homens e mulheres na família. Sobre a influência do etilismo, Silva et al. (2019) efetuaram um estudo com usuários de bebidas alcoólicas, oito homens e duas mulheres. Os autores observaram um imenso sofrimento por parte dos participantes e de suas famílias, em virtude dos conflitos familiares e conjugais e da falta de atenção para com o cônjuge e com os filhos, provocados pelo consumo e/ou abuso de álcool.

Ademais, Melo e Cavalcante (2019) pesquisaram os efeitos ocasionados pelo alcoolismo na vida familiar de 11 mulheres (duas esposas, três irmãs, cinco mães e uma filha), que possuíam familiares com alcoolismo. As participantes descreveram que a referida condição favorece o surgimento de outras enfermidades no familiar alcoolista, danos materiais, conflitos familiares e sociais, devido ao aumento da rebeldia e da agressividade do indivíduo ébrio. Elas também disseram que esse contexto concorre para o adoecimento de toda a família e que a psicoterapia é uma ferramenta capaz de auxiliar no enfrentamento dessa situação.

Silva e Silva (2020) investigaram a dinâmica conjugal de um jovem casal, que estava em atendimento psicoterápico, com três filhos. A esposa declarou que um dos motivos dos conflitos conjugais era o fato de o marido ingerir bebidas alcoólicas. Durante a terapia, o homem reconheceu que o consumo de álcool aliado a sua falta de paciência contribuía para as tensões entre o casal. Por seu lado, a mulher compreendeu a necessidade de melhorar o modo de se comunicar com o marido, isto é, que era relevante ouvir antes de falar e não empregar um tom de voz alto e ríspido.

Além disso, Carpane et al. (2019) entrevistaram 15 mulheres casadas, de 30 a 60 anos, a respeito da possível relação entre os episódios de violência contra a mulher e o consumo de álcool por parte do parceiro. Apenas seis entrevistadas alegaram buscar ajuda profissional (psicólogo e/ou psiquiatra) para lidarem com as ocasiões de violência. Por sua vez, Pires et al. (2019) analisaram de 10 registros de ocorrência registrados por mulheres, de 35 a 65 anos, em uma delegacia especializada no atendimento à mulher (DEAM). As pesquisadoras constataram que algumas das mulheres afirmaram estar dispostas a se separarem, em virtude de não suportarem mais conviver com o cônjuge alcoolista.

Finalizando, nos Estados Unidos, Greene et al. (2016) salientaram que pessoas que abusam do consumo de bebidas alcoólicas ficam mais suscetíveis a possuir dificuldades no

desempenho parental e viver situações de desgastes na conjugalidade, o que pode contribuir para o divórcio. Os autores destacaram que o término do casamento é umas das circunstâncias mais embaraçosas que um sujeito pode enfrentar e concorre para o aumento de tentativas de suicídio, quando se comparam pessoas em processo de divórcio a indivíduos casados.

Na que tange a influência das famílias de origem na vida do casal, em uma revisão internacional de literatura, Arias et al. (2020) identificaram que família exerce uma enorme interferência na maneira como o sujeito irá se relacionar afetivamente com o outro. Pois, é especialmente nela que se aprendem os valores, as crenças, as regras e os modelos de conduta de certo contexto social. As autoras ainda notaram que a família pode ser vista como sinônimo de apoio e amor, o que beneficia o desenvolvimento pessoal dos seus membros. E, no estudo de Porreca (2019), casais alegaram que a família é um lugar de harmonia para amar e respeitar o outro por toda a vida e explicaram que essa concepção foi influenciada por suas famílias de origem.

Para mais, Schulz e Colossi (2020) pesquisaram a interferência da transgeracionalidade na vida conjugal de um jovem casal, sem filhos. A esposa relatou o desejo dela e de seus pais pelo casamento no religioso, descrito por ela como um sonho. Os cônjuges explicaram que almejam manter na conjugalidade deles o amor e o respeito à individualidade do outro, presenciados nos casamentos dos pais. Por outro lado, eles entendem que não devem reproduzir do modelo familiar as brigas, as discussões em público e a submissão feminina.

Casais homossexuais relataram que os conflitos vivenciados por suas famílias de origem marcaram a relação deles. Porém, eles não enfrentaram e/ou não estavam encarando situações adversas, semelhantes as que seus genitores viveram. Dessa forma, os cônjuges deram por entender que traziam para o relacionamento deles aspectos de suas famílias de origem, mas que elaboravam parte dessa herança, visando construir uma maneira própria de

se relacionar como casal (Oliveira & Sei, 2018). Além disso, como características de seus casamentos, mães e filhas citaram a união conjugal e a dedicação aos filhos (Coutinho & Menandro, 2010). Por fim, casais expuseram que utilizam recursos aprendidos em suas famílias de origem na solução dos problemas financeiros (Cenci & Habigzang, 2018).

No que concerne à importância da religião/espiritualidade, Walsh (2016d) explicou que, por toda a história dos Estados Unidos, a religião sempre foi basilar para a vida das famílias. As religiões influenciam as crenças e as práticas pessoais e familiares, modelam e reforçam padrões culturais, como o patriarcalismo (McGoldrick & Ashton, 2016). Ademais, a maioria das pessoas alega que a fé religiosa as auxilia a solucionar os problemas, respeitar a si e aos outros, ajudar os menos favorecidos e se distanciar do que não convém. A maior parte dos latino-americanos compreende que Deus é uma força ativa no cotidiano, e há várias narrativas de vivências de revelações, curas e milagres. Nessa conjuntura, indivíduos que consideram a religião como o fator mais importante das suas vidas podem se sentir mais próximos de seus familiares, ter mais satisfação com o trabalho e expectativas acerca do futuro (Walsh, 2016d).

Desde a infância a crença religiosa/espiritual é construída no ambiente familiar (Walsh, 2016d), tanto que muitas famílias afro-americanas pautam-se em princípios religiosos para educarem e criarem os seus filhos (Boyd-Franklin & Karger, 2016). Na educação da prole, a coerência entre o discurso e as ações dos pais e o envolvimento da família em práticas religiosas/espirituais significativas cooperam para que os filhos internalizem os referidos princípios e condutas e os considerem como recursos para o enfrentamento das adversidades da vida (Walsh, 2016d). Nesse sentido, vale frisar que a religiosidade/espiritualidade fornece um imenso suporte para as famílias em situações de morte, enfermidade e luto (Boyd-Franklin & Karger, 2016).

Em se tratando da interferência da religiosidade/espiritualidade mais restrita à díade, em uma revisão de literatura, Hoffmann e Costa (2019) constataram que a religiosidade/espiritualidade pode influenciar a dinâmica conjugal de forma positiva, colaborando para a solução dos conflitos, a satisfação conjugal, a manutenção da união, o aumento do compromisso e a vivência de uma sexualidade plena, caso a prática sexual for considerada sagrada e abençoada por Deus. Por outro lado, também é possível que haja influências negativas se os parceiros pertencerem a religiões diferentes, apresentarem comportamentos divergentes sobre a doutrina que seguem e se os trabalhos realizados na igreja reduzem o tempo de dedicação ao casamento.

Nos Estados Unidos, Walsh (2016d) destacou que casais que possuem um credo em comum tendem a apresentar maior bem-estar pessoal e satisfação com a vida nupcial e menos conflitos e possibilidades de divórcio. Todavia, concepções e posturas espirituais rígidas e coercitivas podem ferir os membros da família e danificar as relações entre eles, o que contribui para que a pessoa magoada se distancie do âmbito e da fé familiar.

Pessoas casadas mencionaram a importância de o casal possuir a mesma religião, da prática da leitura da palavra, da oração, da participação em pastorais, em seminários para casais e encontros com líderes religiosos para a reconciliação conjugal. Pois, tais fatores propiciam a internalização de crenças e valores cristãos e, conseqüentemente, a busca pela conservação da união conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

Em outro estudo, esses entrevistados citaram a contribuição do suporte religioso, por meio do acolhimento, aconselhamento ou encontros de casais oferecidos por comunidades religiosas, para o arrependimento e o perdão, o que resulta na restauração do casamento. Sendo assim, constatou-se que o perdão está na base do processo de reconciliação entre os cônjuges, colaborando para a qualidade e solidez dos relacionamentos afetivos (Limeira & Féres-Carneiro, 2019b).

Ademais, casais longevos alegaram que a inserção em grupos religiosos e em encontros de casais fornecidos pelas igrejas pode representar uma rede de apoio para os cônjuges nas situações de dificuldades (Alves-Silva et al., 2017). Por último, Ciscon-Evangelista e Menandro (2011) pesquisaram os projetos de vida familiar de 10 casais evangélicos. Em seus planos, os entrevistados enunciaram almejar a permanência da ligação entre a família, Deus e o grupo religioso, do qual fazem parte.

No que concernem aos estudos pertinentes ao âmbito do trabalho, Aguiar et al., (2017) estudaram o desemprego com 159 casais brasileiros e 186 casais portugueses, de 18 a 70 anos. De modo geral, as pesquisadoras observaram que as privações econômicas e sociais acarretadas pelo desemprego podem prejudicar a autoavaliação, o bem-estar e a satisfação com a vida. Essa condição provavelmente desfavorece a vida a dois, interferindo na qualidade da relação e na satisfação conjugal.

Além disso, Aguiar et al. (2018) desenvolveram uma revisão internacional de literatura sobre os efeitos da desocupação profissional na conjugalidade. As autoras identificaram que a aludida situação pode afetar negativamente o bem-estar e a satisfação nupcial, e comprometer a saúde mental do casal, elevando os níveis de estresse e de ansiedade e os sintomas depressivos. Cabe ressaltar que tais consequências podem ser maiores quando é o homem que está desempregado, devido à influência do patriarcalismo.

Vilela e Lourenço (2018) pesquisaram o conflito trabalho/família na óptica de 15 mulheres, de 22 a 49 anos, funcionárias de organizações industriais, sendo que 11 possuíam filhos, 10 eram casadas, quatro divorciadas e uma solteira. As trabalhadoras explicaram que o estresse e a sobrecarga ocupacional cooperam para o surgimento da problemática trabalho/família, assim como prejudicam a saúde delas. Nesse contexto, as entrevistadas que eram casadas esclareceram que o apoio do marido nos cuidados do lar e dos filhos pode suavizar o cotidiano delas e, assim, reduzir a possibilidade de ocorrer os aludidos conflitos.

No estudo de Feijão e Moraes (2018), as mulheres relataram situações em que os esposos não reconheciam os cuidados dos filhos como uma forma de trabalho. De modo geral, como condições que favorecem a eclosão dos desentendimentos trabalho/família, os docentes citaram o excesso de serviço (que restringe a disponibilidade de tempo para a família e/ou o cônjuge), a rotina cansativa, a irritação e o estresse.

Deus et al. (2021) desenvolveram uma revisão internacional de literatura sobre a relação entre família, gênero e trabalho. Os autores constataram que em casais de dupla carreira as esposas desempenham uma dúplice jornada de labor, o que pode ocasionar maiores níveis de estresse na mulher e conflitos trabalho/família. O referido conflito também se associou à precarização do ambiente ocupacional e à sobrecarga de serviço. Ante isso, os pesquisadores ressaltaram que um extenso expediente de labuta pode desfavorecer a saúde física e mental dos consortes, diminuir o tempo livre para o lazer e a qualidade do tempo destinado aos cuidados das crianças.

Nos Estados Unidos, Fraenkel e Capstick (2016) discutiram a respeito da dinâmica conjugal e familiar de casais de dupla carreira. Os autores sublinharam que o estresse gerado pelo ambiente profissional pode prejudicar o diálogo entre os parceiros e cooperar para o desenvolvimento de quadros de depressão e de ansiedade. Nessa situação, tais cônjuges adotam diversos recursos, como o respeito mútuo, a organização da rotina familiar, a proatividade, o compartilhar os cuidados dos filhos e a priorização dos momentos de lazer com a família, para enfrentarem os desafios diários. Sobre o lazer em família, essa atividade ainda beneficia o fortalecimento das relações familiares, bem como colabora para que o grupo familiar constitua um fator de proteção contra o estresse ocasionado pelo ambiente ocupacional.

Além disso, Fraenkel e Capstick (2016) expuseram que a condição de o casal trabalhar fora pode promover vários ganhos para a família e/ou para os consortes, como o aumento da

segurança financeira, a maior igualdade dos papéis na relação, a melhoria da saúde física e mental do casal e resultados positivos para os filhos, devido ao aumento da participação paterna na vida deles.

Para mais, Sinnott e Tagliamento (2020) estudaram a interferência do trabalho na vida familiar e as colaborações do *coaching* executivo para essa interação. Participaram do estudo três executivos (dois homens e uma mulher), de 34 a 52 anos, casados. Os entrevistados relataram a falta de tempo para se dedicar a família, em virtude das exigências do cargo, como a realização de longas viagens e a necessidade de levar trabalho para a casa. Eles explicaram que essa situação não é vista pela família de forma negativa, devido aos benefícios materiais proporcionados ao grupo familiar. Nessa conjuntura, o processo do *coaching* viabilizou aos executivos uma reflexão sobre a carreira e, assim, eles passaram a administrar melhor o tempo entre o trabalho, os amigos, a família e o lazer, o que cooperou para uma maior satisfação pessoal e profissional.

Por sua vez, Vivian et al. (2019) pesquisaram as estratégias de defesa contra o sofrimento ocupacional desenvolvidas por 47 docentes de pós-graduação, de 31 a 58 anos, de ambos os sexos. Os entrevistados explicaram que a longa jornada de trabalho e a pressão para a produção científica prejudicam as suas relações familiares e diminuem o tempo para o lazer e a socialização. Como recursos para enfrentar o sofrimento laboral, eles mencionaram a religiosidade/espiritualidade, as práticas de lazer (leituras, passeios, viagens, sair ou estar com os amigos), a psicoterapia, os exercícios e atividades físicas e o apoio familiar. Aliando-se a isso, em uma revisão de literatura, observou-se a importância do suporte da família para a solução dos desacordos trabalho/família (Feijó et al., 2017).

Além do que, Zardo e Carlotto (2020) realizaram um estudo com 490 profissionais autônomos, de ambos os sexos, de 19 a 76 anos, a respeito da problemática trabalho/família. Os pesquisadores notaram a relevância do equilíbrio entre o tempo destinado à ocupação

profissional, ao lazer e à convivência familiar, assim como do esporte e das demais atividades sociais dissociadas do trabalho para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida do trabalhador.

Em um trabalho que envolveu seis casais, de 24 a 50 anos, Cenci e Habigzang (2018) investigaram as estratégias para a resolução dos conflitos financeiros na vida conjugal. Como principal artifício empregado para a aludida finalidade, os entrevistados mencionaram o diálogo. Desse modo, as autoras constataram que o diálogo sobre as finanças provavelmente favorece a proximidade afetiva e o aumento da empatia entre o casal, beneficiando a compreensão das dificuldades econômicas, que podem ocorrer ao longo do casamento.

Por sua vez, Gonçalves et al. (2018) pesquisaram a gestão do orçamento familiar com seis casais, de 25 a 41 anos. Os participantes proferiram que a maturidade e o diálogo entre o casal proporcionam o desenvolvimento de melhores formas de gerir o orçamento doméstico, com vistas à estabilidade financeira e à qualidade do relacionamento. Aliando-se a isso, Almeida (2010) expôs que, na concepção de alguns consortes, a base de uma relação amorosa é viabilizar reciprocamente uma condição econômica estável. E jovens portugueses mencionaram a estabilidade profissional e financeira como condição para o estabelecimento da vida conjugal (Ferreira, 2017).

Para mais, houve estudos em que se identificaram projetos de vida atinentes ao âmbito do trabalho. Dessa forma, em seus planejamentos, jovens expuseram alcançar a segurança financeira, a continuidade dos estudos (Zordan et al., 2009), a formação acadêmica (Smeha & Oliveira, 2013), a realização e a valorização na profissão (Zordan et al., 2009) e a edificação de uma carreira profissional estável (Smeha & Oliveira, 2013). Por sua vez, adolescentes citaram, primeiramente, a graduação e a solidez econômica e profissional. Em seguida, eles proferiram o casamento civil e religioso, a constituição familiar com filhos e a divisão das despesas domésticas (Stengel & Tozo, 2010).

Além do exposto, Riter (2015) pesquisou os projetos de vida de seis adolescentes, de ambos os sexos. Em suas metas, os participantes priorizaram os estudos e o trabalho formal. Posterior a isso, eles declararam almejar o casamento tradicional e a construção familiar com filhos. Nesse sentido, pode-se inferir que, no entender dos participantes, a formação da família ou dos demais relacionamentos amorosos depende da estabilidade financeira, proveniente do trabalho remunerado e da escolarização.

Heckler e Mosmann (2014) entrevistaram seis casais de dupla carreira, de 24 a 34 anos, sem filhos, acerca dos planos deles para vida conjugal. Os entrevistados alegaram aspirar pelo desenvolvimento profissional e pela obtenção de bens materiais, como automóvel e casa própria. Ciscon-Evangelista e Menandro (2011) estudaram os projetos de vida familiar de 10 casais evangélicos. Em seus objetivos, os cônjuges mencionaram ansiar pela qualidade de vida familiar, que pode ser alcançada por meio da aquisição de bens materiais e da inserção no ensino formal de membros da família.

Por seu lado, Krzemien et al. (2018) pesquisaram os projetos de vida de 158 idosos argentinos, aposentados, de ambos os sexos. Em seus planejamentos, os participantes declararam a melhoria econômica e a aquisição de bens materiais; o cuidar da saúde, ou seja, realizar acompanhamento médico, alimentação adequada, atividades físicas e intelectuais; apoiar o cônjuge na enfermidade; compartilhar o tempo livre com os familiares; desfrutar da relação com os descendentes; colaborar com o cuidado dos netos; as viagens e o turismo, isto é, passear, conhecer lugares, culturas e pessoas diferentes; a recreação e o descanso, que inseriu realizar programas satisfatórios e gratificantes, desfrutar do tempo livre e não precisar cumprir horário; estabelecer novas amizades; ser solidário com o próximo; continuar trabalhando e se aperfeiçoando; e formar outros profissionais, transmitindo sabedoria e experiência.

No que tange à aposentadoria, nos Estados Unidos, Walsh (2016b) salientou que as incertezas acerca da aposentação e as demandas do ambiente ocupacional podem gerar situações contínuas de estresses e, conseqüentemente, prejudicar o convívio familiar/conjugal. Ademais, Antunes et al. (2018) investigaram o processo do desligamento laboral com seis casais aposentados, de 56 a 68 anos. Os entrevistados explicaram que a independência econômica dos filhos e o desejo de possuir mais tempo para se dedicar à família e apreciar a vida estimularam a decisão pela aposentadoria.

A importância do lazer para a vida conjugal e/ou familiar também foi identificada na literatura. Destarte, Roberto et al (2020) estudaram a experiência do lazer de três famílias. Como conceito de lazer, os participantes citaram ir à praia, ficar com o cônjuge, viajar, pescar e jogar futebol. Sobre as atividades de lazer realizadas em família, eles declararam viajar, ir à praia, jogar futebol e pescar. Os entrevistados avaliaram essas práticas de forma positiva e argumentaram que elas promovem alegria, felicidade, bem-estar e satisfação para os membros da família, bem como favorecem o diálogo, a amizade, a convivência, a aproximação e compreensão entre eles. Por fim, eles expuseram que a limitação de tempo e de recursos financeiros são os maiores entraves para a vivência do lazer em família.

Coelho et al. (2018) entrevistaram 39 pessoas, que estavam em diferentes formas de relação amorosa, sobre o significado das viagens de casal a lazer. Os respondentes aclararam que a viagem beneficiou a relação deles, pois contribuiu para a oficialização do relacionamento, o aumento da proximidade/intimidade e da confiança entre os parceiros, e para o compartilhamento de memórias entre o casal. Eles sublinharam que o festejo de datas comemorativas e o fato de viagem representar a realização de um sonho, que a díade planejava há tempo, cooperaram para que a viagem se tornasse um evento memorável. Como razões para viajar, os participantes enunciaram a facilidade com o idioma, a possibilidade de

conhecer culturas e lugares novos, viver experiências inéditas, compartilhar vivências, sair do cotidiano, descansar, ter um tempo livre a dois e de desfrutar da presença do parceiro.

Aliando-se a isso, na Espanha, Beltrán-Bueno e Parra-Meroño (2017) pesquisaram os motivos para viajar de 796 pessoas, de 18 a 65 anos, de ambos os sexos. Como estímulos para viajar, os entrevistados enunciaram a oportunidade de sair da rotina, conhecer coisas novas, ter acesso à outra cultura/educação, fazer amizades, encontrar pessoas diferentes, relaxar e descansar.

Acerca da influência da mídia na conjugalidade e/ou na família, no estudo de Coutinho e Menandro (2010), as mulheres mais velhas alegaram que a interferência da televisão prejudicou os enlaces conjugais. Pessoas em casamentos longevos afirmaram crer que a mídia contribui para o egoísmo, a intolerância às diferenças e às frustrações, a mudança do que se espera das relações amorosas e a fragilidade dos vínculos (Costa & Mosmann, 2015).

Para mais, Neumann e Missel (2019) investigaram a influência da tecnologia nas interações entre pais e filhos em quatro famílias, com filhos de 11 a 14 anos. Os entrevistados expuseram que o uso dos recursos tecnológicos pode promover o distanciamento físico, afetivo, da partilha e do diálogo entre a família. Eles explicaram que quanto maior o tempo gasto na utilização das tecnologias menor o tempo dedicado às relações familiares. Tal fato pode diminuir a coesão entre pais e filhos e colaborar para a emergência de conflitos entre eles. Nessa conjuntura, os participantes aclararam que buscam administrar o uso tecnológico no ambiente familiar especialmente por meio do diálogo.

Na Colômbia, Puerta-Cortés e Carbonell (2013) estudaram a consumo de internet com 595 universitários, de 16 a 34 anos, de ambos os sexos. Os pesquisadores verificaram que 71 discentes utilizavam a internet de maneira problemática e que isso estava relacionado com a quantidade de horas que eles permaneciam conectados, especialmente em redes sociais, chats, e-mails, filmes e páginas com conteúdo impróprio para menores de idade. Eles notaram

também que o uso inadequado da internet se associou à negligência com as atividades domésticas, à priorização das relações sociais online em detrimento dos relacionamentos presenciais com o parceiro amoroso, e à diminuição do sono noturno.

Destarte, encerra-se este capítulo atinente aos aspectos importantes e às expectativas para as relações amorosas. O seguinte capítulo versará sobre as características relevantes e almejadas no parceiro amoroso.

2. 4 CARACTERÍSTICAS RELEVANTES E ALMEJADAS NO PARCEIRO AMOROSO

Neste capítulo, apresentam-se resultados de pesquisas que envolveram as expectativas para o parceiro amoroso, os aspectos valorizados na seleção do parceiro, a influência da família de origem na eleição e nos atributos do parceiro, os ambientes propícios para o encontro do par amoroso, as características positivas e negativas do parceiro, a paternidade, as qualidades de um bom pai, e a influência do convívio com o pai e do apoio familiar no desempenho paterno.

Sobre as aspirações para o parceiro, em um estudo com sete casais longevos, com filhos, os entrevistados expuseram que, entre 1950 e 1980, como condição para a união marital, esperava-se que o noivo fosse trabalhador, honesto, capaz de proteger a família e manter financeiramente o lar (Scorsolini-Comin et al., 2018). Ademais, jovens mencionaram que desejam encontrar um parceiro que possua um futuro profissional esperançoso (Smeha & Oliveira, 2013). No Marrocos, Carvalheira (2017) realizou uma pesquisa com três homens solteiros, nas idades de 24, 30 e 42 anos. A autora constatou que, na óptica dos entrevistados, a estabilidade financeira é uma das principais condições aspiradas em um futuro marido.

Beleli (2017) inquiriu mulheres, de 30 a 50 anos, que se declararam ser bem-sucedidas profissionalmente, acerca das relações amorosas. As participantes alegaram apetecer por um parceiro amoroso com o qual seja possível compartilhar a vida, a intimidade e constituir um

relacionamento duradouro. Casais portugueses explicaram que, na época do namoro, ansiavam encontrar em seus cônjuges um companheiro para toda a vida, com vistas a compartilhar valores, construir uma família e ter filhos. Eles ainda disseram que almejavam do outro a segurança, o apoio emocional e instrumental. Por fim, os consortes afirmaram que as referidas expectativas foram satisfeitas ou superadas na conjugalidade (Fonseca & Duarte, 2014).

Para mais, adolescentes explicitaram que esperam de um parceiro amoroso o amor e o companheirismo (Stegel & Tozo, 2010). Jovens espanhóis preferiram buscar em um parceiro a reciprocidade no amor, assim como desejam achar alguém muito especial e que não tenha defeitos. Eles também esclareceram que anelam obter no parceiro e/ou entre o casal o carinho, a comunicação, a compreensão, a ajuda, o suporte moral, o respeito, a confiança, a fidelidade e a conservação do amor (Marimón & Vilarrasa, 2014). Homens homossexuais pronunciaram apetercer do par amoroso a fidelidade (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). E adolescentes citaram que a compreensão é uma qualidade desejável em um parceiro (Riter, 2015).

Além do que, aspectos valorizados na escolha do parceiro amoroso foram identificados na literatura. Ante isso, Hattori et al. (2013) estudaram as qualidades apreciadas na seleção do parceiro com 467 adolescentes, de ambos os sexos. Os participantes enunciaram as seguintes características: O companheirismo, a cooperação, a ajuda, a compreensão, a maturidade, a amabilidade, a afetividade, a honestidade, a sinceridade, a fidelidade, a bondade, a paciência, a cortesia, o bom humor, a simpatia, a extroversão, a sociabilidade, o gostar de festas, ser divertido, a inteligência, a determinação, a objetividade, a ausência de vícios (tabagismo e alcoolismo) e seguir a mesma religião.

Por sua vez, Macedo (2017) indagou sete mulheres evangélicas, de 22 a 35 anos, recém-casadas, sobre as razões para a escolha do marido. Como motivos para a aludida opção, elas citaram a amizade mútua, a condição de homem pertencer à mesma religião, ser

trabalhador e financeiramente estável. Ademais, Pardal et al. (2008) pesquisaram as motivações para a eleição do cônjuge com três pessoas casadas (dois homens, de 30 e 40 anos, e uma mulher de 30 anos). Entre as razões, os entrevistados alegaram a admiração por algum aspecto físico ou moral do parceiro. Brasil et al. (2007) investigaram os critérios para a seleção do parceiro amoroso de 74 pessoas, de 14 a 21 anos, de ambos os sexos. Os participantes proferiram que a honestidade é um dos aspectos que eles mais estimam em um possível par amoroso.

Goldenberg (2014) analisou os relatos de 10 homens casados, de 25 a 41 anos, com mulheres que eram no mínimo 10 anos mais velhas que eles. Os respondentes disseram que escolheram casar com as respectivas esposas pelo fato de elas serem extremamente disponíveis e atenciosas com todos; jovens de espírito, ou seja, extrovertidas, animadas, enérgicas e divertidas; e maduras. De sua parte, mulheres solteiras mencionaram a capacidade de dialogar como uma qualidade relevante na seleção do parceiro amoroso (Secco & Lucas, 2015).

A influência da família de origem na escolha do parceiro também foi notada em resultados de pesquisas. De tal modo, Silva et al. (2010) estudaram as razões para a eleição do futuro cônjuge de cinco casais de noivos, de 21 a 32 anos. Em suas motivações, os nubentes citaram aspectos da conjugalidade dos pais que eles gostariam manter em seus casamentos, isto é, o diálogo, a ausência de brigas e ciúmes. Os noivos ainda expuseram como motivos condições que estão presentes na relação deles, como a sabedoria em separar os problemas do trabalho da vida amorosa e o carinho entre o casal. Em uma revisão internacional de literatura, Arias et al. (2020) constataram que a situação socioeconômica, as habilidades cognitivas e as características atinentes à personalidade do indivíduo (como os valores, as crenças e as atitudes) são propriedades avaliadas na seleção do parceiro, sendo que a família exerce uma enorme intromissão no aludido processo.

Cabe destacar que as qualidades apreciadas na eleição de um par amoroso podem conduzir as pessoas a locais específicos, com o objeto de encontrar alguém com quem seja possível estabelecer uma relação amorosa. Destarte, Altafim et al. (2009) investigaram as características desejáveis na escolha do parceiro amoroso nos contextos de festa e de faculdade com 100 universitários, de ambos os sexos. Os respondentes enunciaram que tendem a buscar um parceiro, visando a um relacionamento duradouro, no ambiente de faculdade. Como aspectos valorizados em um provável par amoroso, os discentes mencionaram o saber ouvir, o bom humor, a maturidade, a inteligência, o bom nível de estudo, a calma, a compreensão, a gentileza e a sociabilidade.

Além do mais, Garcia e Maciel (2008) entrevistaram 20 pessoas evangélicas, de 18 a 25 anos, de ambos os sexos, que estavam à procura de um futuro cônjuge ou de um parceiro amoroso estável, a respeito das estratégias empregadas para essa finalidade. Os jovens aclararam que desejam encontrar o parceiro em sua igreja, o que permitirá compartilhar ensinamentos, amizades e atividades.

No que concernem às particularidades positivas e/ou negativas do par amoroso, em um estudo realizado com casais longevos, as entrevistadas citaram a condição de o homem ser honesto, trabalhador e difícil de lidar. Por sua vez, os consortes alegaram que as esposas são o alicerce da família (Oliveira et al., 2020). Na pesquisa de Amorim e Stengel (2014), uma mulher homossexual explicou que a parceira é companheira em todos os âmbitos de sua vida. Já o homem heterossexual ressaltou que a esposa é alguém em que se pode confiar e relatar os problemas.

A influência da família de origem nas peculiaridades do parceiro também foi observada. Dessa maneira, Dal Bello e Marra (2020) investigaram a influência da transgeracionalidade em um casal (homem de 38 anos e mulher de 35), com filhos pequenos. A mulher declarou que notava no cônjuge as mesmas características que a sua mãe destacava

em seu pai, a saber, a grosseria e a falta de companheirismo. Ante isso, o marido explicou que aprendeu a ser grosseiro com o seu pai e o seu padrasto. Ademais, a esposa percebeu que reproduzia o comportamento materno de vitimização excessiva, nos momentos de conflitos com o consorte. Nessa conjuntura, os parceiros compreenderam que estavam reproduzindo padrões familiares e decidiram escrever uma história diferente da dos pais. Aliando-se a isso, mães e filhas citaram a arrogância e a grosseria, como atributos dos cônjuges (Coutinho & Menandro, 2010).

Em se tratando dos trabalhos que versaram sobre a influência da relação com o pai no desempenho paterno do filho e/ou a paternidade, Mazzo e Almeida (2020) entrevistaram seis pais, de 33 a 38 anos, com filhos entre dois e 13 anos, acerca do significado da paternidade. Os participantes declararam que ser pai consiste em se responsabilizar por orientar o filho ao longo da vida, sendo que essa função envolve o cuidado, a presença, o sustento financeiro, o estabelecimento de limites, a transmissão de valores e regras de convivência, a participação nas brincadeiras, e a segurança/proteção moral e física dos filhos. No que tange à segurança e à proteção, os homens aclararam que as maiores preocupações deles em relação à prole são os perigos que os veículos de comunicação (televisão e internet) podem oferecer.

Os participantes proferiram que uma maior proximidade entre pai e filhos promove confiança, segurança e ensina os descendentes a serem mais afetuosos. Eles também explicaram que expressam carinho e afeto para a progênie por meio da presença, da proximidade, do brincar e divertir-se junto. Ao compararem a relação entre eles e os seus filhos com a que tiveram com os seus genitores, os participantes deram por entender que buscam uma melhor qualidade no relacionamento com os filhos (Mazzo & Almeida, 2020).

No estudo de Campana et al. (2019), um dos entrevistados aclarou que os seus pais se separaram quando ele tinha sete anos e, partir daí, ele deixou de conviver diretamente com o pai. Em virtude disso, o respondente expôs que busca ressignificar essa experiência, sendo um

pai presente na vida do filho. Para mais, homens casados, de 30 a 45 anos, ao refletirem acerca das relações que tiveram com os seus pais, alegaram que almejam ter um relacionamento mais amigável e próximo com os seus filhos (Jablonski, 2010).

No que toca à interferência do auxílio familiar no exercício da paternidade, Bustamante (2019) pesquisou a participação paterna nos cuidados básicos do bebê com dois casais. A pesquisadora observou que um dos casais não possuía uma rede de apoio familiar e, nesse caso, o envolvimento do homem era bem expressivo. Nas primeiras semanas de vida da criança, o cônjuge levava o filho para vacinar, consultar e fazer exames. Após esse período, ele acompanhava a mulher e o bebê nas consultas pediátricas.

A respeito das características de um bom pai, homens explicaram que ser um bom pai corresponde a ser presente e participativo na vida da prole, cuidar, dar carinho e atenção (Nascimento et al., 2019). Pais e mães aclararam que um bom pai é aquele que se preocupa com o bem-estar dos filhos; cuida, protege e os auxilia no que for necessário; participa da vida deles; é amigo e companheiro; e dá amor, carinho e atenção à prole (Benatti & Pereira, 2020). De sua parte, docentes casados associaram a qualidade de o cônjuge ser um bom pai/boa mãe à satisfação conjugal (Feijão & Moraes, 2018). Dessa maneira, finaliza-se a introdução desta tese. Em seguida, apresentam-se os objetivos que nortearam este estudo.

OBJETIVOS

3. 1 OBJETIVO GERAL

Esta tese de doutorado teve por objetivo geral pesquisar as expectativas atuais e futuras sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, as narrativas de situações referentes a tais expectativas de mulheres casadas, em três faixas etárias, com filhos, na classe média, e identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrativas dos grupos de participantes, na

perspectiva do relacionamento interpessoal (Hinde, 1987, 1997). Para melhor atingir o objetivo geral, estabeleceram-se quatro objetivos específicos.

3. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Estudar a concepção das entrevistadas a respeito dos aspectos mais marcantes da conjugalidade e do parceiro amoroso;

2) Investigar as perspectivas atuais das mulheres no que tange à vida conjugal e ao marido e as narrativas de situações referentes às expectativas mencionadas;

3) Averiguar as pretensões vindouras das participantes sobre a vida a dois e o cônjuge e os episódios relatados acerca dos aludidos anseios;

4) Identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrativas proferidas pelas mulheres, nas diferentes faixas etárias, pertinentes aos aspectos mais salientes e às expectativas atuais e futuras para a vida conjugal e o parceiro amoroso.

Desse modo, finaliza-se a descrição dos objetivos que regeram este trabalho. De agora em diante, descreve-se o método que foi utilizado para alcançar as referidas metas.

MÉTODO

4. 1 TIPO DE ESTUDO

Nesta tese, realizou-se um estudo de casos múltiplos, qualitativo e descritivo. O estudo de caso é um procedimento de pesquisa que pode ser empregado quando o fenômeno estudado é multideterminado e busca-se conhecer mais profundamente a sua singularidade (Capitão & Villemor-Amaral, 2014). Além disso, essa estratégia de pesquisa é utilizada em situações cujos limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos e quando não é possível a manipulação de comportamentos relevantes (Yin, 2015). Dessa maneira, frisa-se que neste estudo a conjugalidade foi entendida como um fenômeno multideterminado por

fatores socioculturais, históricos, econômicos, grupais e pessoais, sendo inviável separá-la do contexto social e controlar as condutas das pessoas nela envolvidas. Ressalta-se que a união conjugal foi pesquisada em três grupos de mulheres de diferentes faixas etárias, configurando um estudo de casos múltiplos.

4. 2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 35 mulheres casadas (11 de 20 a 30 anos, 12 de 35 a 54 anos, e 12 de 60 a 78 anos), com no mínimo um ano de casamento, que estavam na primeira união conjugal, com filhos, na classe média, residentes em regiões urbanas da Grande Vitória, ES. Esclarece-se que, por mulheres casadas, compreenderam-se as mulheres que coabitavam com os seus parceiros amorosos, independente serem ou não casadas no religioso e/ou no civil.

Optou-se por entrevistar mulheres em três faixas etárias devido à ausência de estudos sobre o tema com esse perfil de participantes; das mudanças nos relacionamentos amorosos, nas últimas décadas (Del Priore, 2014; Galvão et al., 2016, 2019), que podem ou não interferir nas expectativas das entrevistadas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, influenciando ou não a dinâmica conjugal; dos resultados encontrados por Galvão et al. (2017a, 2017b, 2019), Galvão e Alencar (2020) e Moraes et al (2019, 2020); e das transformações que podem acontecer na dinâmica conjugal ao longo do casamento (Porreca, 2019; Walsh, 2016a).

Entrevistaram-se mulheres com filhos, pois se considerou a interferência da prole na vida do casal. A escolha por participantes que estavam vivenciando a primeira conjugalidade visou evitar a provável influência de uma experiência conjugal anterior nos resultados. A opção pela classe média pautou-se no pressuposto da possibilidade de se encontrar uma coerência de valores, crenças e práticas em mulheres inseridas nesse segmento social, residentes em regiões urbanas da Grande Vitória, ES (Galvão, 2017). Como critério de definição da classe média, empregou-se a avaliação pessoal das participantes (Batistone & Neri, 2007). O número de mulheres entrevistadas em cada faixa etária pautou-se no critério de

saturação de dados, pois, conforme Ando et al. (2014), é possível alcançar a saturação de dados entrevistando entre 10 e 12 participantes.

4.3 INSTRUMENTO

Utilizou-se um roteiro de entrevista episódica com base em Flick (2009, 2013) (Apêndice A). As experiências que as pessoas adquirem são armazenadas e rememoradas na forma de conhecimento episódico-narrativo e semântico. Nesse sentido, a organização do conhecimento episódico-narrativo está mais próximo do que é vivenciado nas situações concretas e o semântico pauta-se em suposições e conceitos que são abstraídos dessas ocasiões (Flick, 2009, 2013). Ademais, Hinde (1997) alegou que o relacionamento pode adquirir uma forma de narrativa, possível de ser codificada, e que os símbolos nela empregados pelos sujeitos são culturalmente influenciados.

Em vista disso, optou-se pela entrevista episódica devido à conformidade desse instrumento com os objetivos deste estudo. Pois, pesquisaram-se as características mais marcantes da conjugalidade e do consorte, assim como as expectativas atuais e futuras acerca da vida conjugal e do marido, na óptica de mulheres casadas, aproximando-se do conhecimento semântico. Estudaram-se ainda as narrativas pertinentes às referidas pretensões presentes e vindouras, que se avizinham ao conhecimento episódico-narrativo. Destaca-se que o estudo das narrações viabilizou a análise das relações dialéticas entre a díade e os demais níveis de complexidade social, nas quais o casal vivenciou dificuldades, superações e alegrias.

O instrumento utilizado contemplou cinco blocos de perguntas. O primeiro bloco abordou a caracterização das participantes, principalmente, com indagações relacionadas ao grau de escolaridade, à profissão, ao tipo de união conjugal e ao tempo de convívio nupcial. O segundo bloco referiu-se a perguntas pertinentes aos acontecimentos marcantes da vida a dois e às expectativas atuais sobre a conjugalidade. O terceiro bloco inseriu as interrogações acerca das características mais salientes do esposo e dos anseios atuais a respeito dele. O quarto

bloco tratou das pretensões vindouras para a vida conjugal e as ações e condições necessárias para que as aludidas expectativas sejam alcançadas. O último bloco contemplou as aspirações futuras concernentes ao marido e as atitudes e aspectos cruciais para que as mencionadas perspectivas sejam concretizadas.

4. 4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados aconteceu nos semestres de 2019/02 e 2020/01. A seleção das participantes ocorreu por meio de indicação, isto é, a pesquisadora solicitou a pessoas do seu círculo social que indicassem mulheres que se adequassem aos parâmetros desta pesquisa. Este trabalho ainda foi divulgado em redes sociais (Facebook e WhatsApp), com o intuito de convidar as mulheres a participarem e/ou de solicitar as pessoas que indicassem indivíduos que pudessem se interessar em colaborar com o estudo. Realizada a indicação ou expresso o desejo em participar da pesquisa, realizou-se o contato com as mulheres por meio de telefone e esclareceram-se os objetivos do trabalho e os procedimentos de coleta dos dados.

Das 35 entrevistas, 32 foram realizadas presencialmente em dia, horário e local estipulados pelas participantes. As entrevistas aconteceram nos seguintes espaços físicos: Em salas localizadas na UFES, na residência da pesquisadora, nos lares ou nos locais de trabalho das participantes e no estacionamento do shopping Vitória. As outras três entrevistas, devido à pandemia do coronavírus, foram concretizadas por meio de ligação telefônica, no modo viva voz, em dia, horário e lugar definidos pelas mulheres, sendo que isso não interferiu substancialmente nos dados.

A pesquisadora tomou todos os cuidados prévios para que o fato de as entrevistas terem acontecido em diferentes locais e meios (presencial e ligação telefônica) não viesse a prejudicar a coleta dos dados. Dessa maneira, combinou-se com as mulheres a escolha por um

ambiente silencioso e sem a interferência de terceiros para a concretização das entrevistas, que foram gravadas em áudio para a posterior transcrição literal.

Antes do início das entrevistas presenciais, foi apresentado às mulheres um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE-Apêndice B), em que estavam explicadas as justificativas para a realização deste estudo; os objetivos; os procedimentos da coleta de dados; os possíveis riscos; o direito à assistência, caso houvesse algum dano proveniente da participação no trabalho; e as contribuições do estudo. Ademais, no TCLE foi assegurado o anonimato das participantes; garantido o direito de desistirem de participar em qualquer momento, sem sofrer nenhum prejuízo; e explanado que os resultados desta pesquisa serão divulgados em periódicos científicos e/ou em capítulos de livros.

Por sua vez, as três mulheres entrevistadas, por meio de ligação telefônica, deram o seu consentimento verbal, após a pesquisadora relatar para elas o conteúdo do TCLE. Sublinha-se que, antes do início da coleta definitiva dos dados, realizou-se um estudo piloto com uma mulher, com vistas a verificar a adequação do instrumento aos objetivos pretendidos neste estudo, assim como notar se o roteiro de entrevista estava muito longo, cansativo e compreensível para as mulheres.

4. 5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Destaca-se que esta pesquisa obteve a apreciação favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES), com o Parecer n.º 3.703.729 (Anexo A), e seguiu as normas da Resolução n.º 510/16 (2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre as diretrizes de Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Esse documento foi elaborado considerando a diversidade teórico-metodológica no âmbito das Ciências Humanas e Sociais e o respeito à dignidade e à integridade física e psicológica dos participantes. Além disso, sublinha-se que o conteúdo presente no TCLE deste estudo foi construído com base na referida resolução.

4. 6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Devido ao caráter descritivo e qualitativo desta pesquisa e da aproximação com as teorizações de Hinde (1987, 1997), optou-se por realizar a análise temática dos dados (AT) (Braun & Clarke, 2006, 2012, 2014). Hinde (1987) afirmou que um campo integrado de conhecimento acerca dos relacionamentos precisa assentar-se em bases consistentes de descrição e de classificação dos dados. Ele também sugeriu que a descrição seja primeiramente realizada independente de uma base teórica (Hinde, 1997). Nesse sentido, Braun e Clarke (2006, 2012, 2014) aclararam que a AT é um método de análise qualitativa de dados que não parte de um referencial teórico específico, podendo ser empregada em diferentes abordagens, fornecendo um conjunto de dados complexo, detalhado e rico, e que permite ainda ao pesquisador identificar importantes padrões de respostas pertinentes ao que está sendo investigado.

De tal modo, realizou-se uma rica descrição de todo o material coletado e priorizou-se a análise indutiva, ou seja, os códigos, subtemas e temas foram elaborados especialmente pautados nos dados, não havendo o estabelecimento de subtemas e temas *a priori*, em conformidade com pressupostos teóricos (Braun & Clarke, 2006, 2012, 2014; Hinde, 1997). Porém, convém frisar que a indução pura não é possível, visto que o pesquisador traz o seu conhecimento prévio e pressupostos teóricos para a análise dados (Braun & Clarke, 2014).

Perante isso, explicam-se os caminhos seguidos na análise dos dados. Primeiramente, realizou-se a transcrição literal das entrevistas, que foram lidas e relidas, visando à familiarização dados e à obtenção das primeiras impressões gerais. Elaboraram-se os códigos, isto é, palavras, frases ou parágrafos (no caso das narrativas de situações) com informações relevantes sobre o material coletado. Em seguida, com base na semelhança, na diferença e no núcleo dos códigos, organizaram-se os temas e os subtemas, tendo em vista um melhor detalhamento dos dados (Braun & Clarke, 2006, 2012, 2014). Feito isso, consideraram-se os

níveis de complexidade social, ou seja, o indivíduo, as interações, os grupos, o ambiente físico, a cultura e a estrutura socioeconômica, na organização dos subtemas, almejando compreender as possíveis influências desses níveis nas relações diáticas (Hinde, 1987, 1997).

Efetuuou-se a descrição do escopo dos subtemas, que foram nomeados conforme o núcleo dos códigos de cada subtema. Realizaram-se várias releituras principalmente dos subtemas a fim de refiná-los e de constatar a não sobreposição. Foi feita uma leitura geral dos temas e dos subtemas para verificar se eles contavam uma história coerente no que tange ao conjunto dos dados. Por fim, vale destacar que a análise temática não seguiu as etapas descritas de forma linear, mas consistiu em um ir e voltar constante sobre o total dos dados (Braun & Clarke, 2006, 2012, 2014). Sendo assim, termina-se a descrição do método adotado neste estudo e passa-se a descrição e discussão dos resultados.

DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de se iniciar a descrição e a discussão dos temas e subtemas, vale expor a caracterização das participantes. Explica-se que alguns dados pertinentes ao perfil das mulheres serão discutidos em certos subtemas. Empregaram-se nomes fictícios iniciados com a letra A para se referir às entrevistadas do grupo A, com a letra B para as do grupo B e com a letra C para as do grupo C.

5. 1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES

No que tange à caracterização das entrevistadas (Tabela 1), no grupo das mulheres mais jovens, as formas de união conjugal foram: Civil e religiosa ($n=5$), civil ($n=4$) e coabitação sem união civil e religiosa ($n=2$). O tempo de casado variou entre um e nove anos. Sete mulheres exerciam trabalho formal, duas eram do lar, uma estudava para concurso e uma era bolsista de doutorado. Sobre o nível de escolaridade, quatro possuíam o segundo grau, três

graduação, uma pós-graduação, uma mestrado, uma curso técnico em andamento e uma doutorado em andamento.

Das participantes, de 35 a 54 anos, nove eram casadas no civil e no religioso, duas no civil e uma tinha união estável. O tempo de união conjugal foi de 6 a 33 anos. Sete delas desempenhavam trabalho formal, uma era bolsista de pós-doutorado, duas do lar e duas aposentadas. No que se referem à escolaridade, três tinham o segundo grau, três graduação, uma pós-graduação, duas doutorado em andamento, duas doutorado e uma pós-doutorado em andamento. Por sua vez, no grupo das idosas, 11 eram casadas no civil e no religioso e uma no civil. O tempo de vida conjugal variou de 30 a 56 anos. Onze eram aposentadas e uma do lar. Acerca do nível de escolarização, uma possuía a quarta série, uma a quinta série, uma a oitava série, quatro o segundo grau, uma o segundo grau técnico, três graduação e uma pós-graduação.

Tabela 1

Caracterização das Entrevistadas

Nome	Idade	Idade do cônjuge	Tipo de união	Anos de casado	Ocupação profissional	Escolaridade
Adriana	23	25	Coabitação sem união civil ou religiosa	5	Operadora de caixa	Segundo grau
Alana	30	41	Civil e religioso	9	Professora	Graduação em história
Alessandra	21	34	Civil e religioso	2	Do lar	Segundo grau
Alice	28	33	Civil e religioso	8	Estudando para concurso	Graduação e mestrado em psicologia
Aline	26	28	Civil e religioso	1	Psicóloga	Graduação e pós-graduação em psicologia
Amanda	29	31	Civil e	6	Do lar	Graduação em

			religioso			psicologia e em história
Ana	20	22	Civil	2	Atendente	Segundo grau
Analú	29	31	Civil	5	Artesã	Segundo grau e técnico em radiologia em andamento
Andressa	30	26	Civil	4	Doutoranda em psicologia	Graduação e doutoranda em psicologia
Antônia	26	35	Coabitação sem união civil ou religiosa	1	Psicóloga clínica e apresentadora de programa na TV	Graduação em psicologia
Ariel	22	25	Civil	7	Pedicure	Segundo grau
Bárbara	49	55	Civil e religiosa	27	Massoterapeuta	Segundo grau
Beatriz	54	53	Civil e religiosa	31	Aposentada	Segundo grau
Beibiane	35	39	Civil	6	Psicóloga clínica e professora universitária	Graduação e doutorado em psicologia
Bella	44	52	Civil e religiosa	17	Psicóloga clínica	Graduação e doutorado em psicologia
Betina	36	45	Civil e religiosa	13	Pós-doutoranda em psicologia	Graduação e pós-doutorado em psicologia em andamento
Berenice	40	48	Civil	23	Do lar	Segundo grau
Bernadete	54	61	Civil e religiosa	33	Aposentada	Graduação em pedagogia
Bethânia	41	44	União estável	11	Psicóloga e professora universitária	Graduação e doutoranda em psicologia
Bianca	50	51	Civil e religiosa	24	Analista de tributos	Graduação em ciências contábeis e pós-graduação em analista contábil
Brenda	51	58	Civil e religiosa	31	Do lar	Graduação em ciências contábeis
Brígida	49	47	Civil e religiosa	25	Técnica de enfermagem	Graduação em enfermagem e em biologia
Bruna	43	41	Civil e religiosa	16	Fonoaudióloga e professora universitária	Graduação em fonoaudiologia e biologia e doutorado em

Camila	78	78	Civil e religioso	56	Do lar	andamento Oitava série
Carol	66	65	Civil e religiosa	42	Aposentada	Segundo grau técnico em edificações
Carolina	71	74	Civil e religioso	48	Aposentada	Graduação em pedagogia
Catarina	66	68	Civil e religioso	47	Aposentada	Segundo grau
Cecília	66	72	Civil e religiosa	40	Aposentada	Segundo grau
Celeste	60	61	Civil	32	Aposentada	Graduação em pedagogia
Célia	61	56	Civil e religiosa	30	Aposentada	Segundo grau
Cíntia	68	68	Civil e religioso	39	Aposentada	Graduação em técnicas comerciais
Clara	63	65	Civil e religiosa	45	Aposentada	Quinta série
Cláudia	70	74	Civil e religioso	43	Aposentada	Quarta série
Conceição	66	65	Civil e religioso	43	Aposentada	Graduação e pós-graduação em pedagogia
Creuza	72	68	Civil e religiosa	45	Aposentada	Segundo grau

A partir de agora, passa-se a descrição e discussão dos temas e subtemas à luz do referencial teórico adotado nesta tese e em comparação com os resultados de pesquisas que se aproximaram dos dados obtidos neste estudo. Esclarece-se que o critério empregado para estabelecer se houve mais semelhanças que diferenças entre os relatos dos três grupos de mulheres foi a diversidade de subtemas e não a quantidade de respostas em cada subtema. Os resultados alcançados foram organizados em três capítulos, sendo que cada capítulo inseriu dois temas e diversos subtemas. Os referidos capítulos corresponderam: (a) características marcantes da conjugalidade e aspectos mais salientes do esposo; (b) expectativas atuais atinentes à vida conjugal e ao marido; e (c) aspirações futuras para a vida a dois e o cônjuge. A seguir, apresenta-se o capítulo eventos notáveis da vida conjugal e aspectos marcantes do parceiro amoroso.

5. 2 CAPÍTULO 1: ACONTECIMENTOS MARCANTES DA CONJUGALIDADE E CARACTERÍSTICAS SALIENTES DO PARCEIRO AMOROSO

Conforme serão apresentados e discutidos, esse capítulo inseriu os temas: (a) acontecimentos marcantes da conjugalidade; e (b) características mais salientes do cônjuge. Vale lembrar que os temas envolveram diversos subtemas. A seguir, exibe-se o tema episódios marcantes da vida do casal.

ACONTECIMENTOS MARCANTES DA CONJUGALIDADE

Os eventos memoráveis da vida a dois foi um dos temas investigados. Destarte, perguntou-se às entrevistadas quais seriam os aspectos mais marcantes da conjugalidade. Elas responderam aludindo a diversos acontecimentos e características do passado e do presente da vida do casal. A partir das respostas, foram propostos três subtemas, que são descritos em seguida: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; e (c) a sociedade e o ambiente externo.

Relações Interpessoais Conjugais. Entre os acontecimentos marcantes da conjugalidade, foram apontadas relações positivas com o cônjuge que abrangeram o companheirismo, os sentimentos (grupos A, B e C), o diálogo, a maturidade, a paciência (grupos B e C), a união (grupo A), apoio mútuo (grupo B) e o convívio conjugal (grupo C). O companheirismo envolveu a parceria entre o casal em diversos sentidos, a completude, a amizade, o tecer planos juntos e a companhia. Das mulheres dos três grupos, Aline (26 anos), Bruna (43 anos), Brenda (51 anos), Beatriz (54 anos), Bethânia (41 anos) e Conceição (66 anos) citaram o companheirismo. Alice (28 anos) destacou o companheirismo em dividir as tarefas do lar, o cuidado dos filhos e as questões financeiras. Por sua vez, Bella (44 anos)

expôs o enorme companheirismo, especialmente no que tange à educação e ao cuidado dos filhos.

Além do mais, a parceria, a amizade, a companhia, a completude e os planos em comum foram destacados. Assim, Beibiane (35 anos) enfatizou a parceira. Bethânia (41 anos) sublinhou a parceria em dividir as coisas boas e ruins, e Antônia (26 anos) destacou a parceria em cuidar da casa, da filha e nas situações atinentes ao trabalho. No que lhe respeita, Andressa (30 anos) alegou que a parceria entre ela e o marido é muito grande, quase uma simbiose, a ponto de um completar o outro. Por fim, Conceição (66 anos) enunciou a amizade, Betina (36 anos) a companhia e Beatriz (54 anos) o fazer planos juntos. Vejam-se as seguintes declarações:

Eu acho que as coisas que para mim são as mais fundamentais ... o primeiro é o companheirismo de a gente dividir as tarefas, dividir as responsabilidades ... a gente está sempre em conjunto vendo o que precisa ser feito e cada um faz o que pode, pede para o outro, se não puder fazer, então, esse companheirismo de dividir as tarefas de forma igual, tanto de cuidar dos filhos, a parte financeira também, a parte de cuidar da casa, tudo isso é dividido de forma igual. (Alice, 28 anos)

A gente tem um companheirismo muito grande principalmente na educação dos filhos, são coisas que eu vi que já existia, porque a gente ficou muito tempo sozinho em outro país, mas cresceu muito com os filhos. ... É. Com as crianças porque o cuidado, ele acaba sendo o cuidado com os filhos mútuo. (Bella, 44 anos)

“Começou muito com a amizade, não é? Com companheirismo já naquela época um com o outro ... O companheirismo, a amizade” (Conceição, 66 anos).

Convém destacar que o companheirismo foi citado por participantes dos três grupos, sendo que, das mulheres que possuem filhos pequenos, Alice (28 anos) referiu-se ao companheirismo nos cuidados do lar e das filhas, e Bella (44 anos) na educação e nos cuidados das crianças. Tal fato pode indicar que o companheirismo possivelmente agrega diferentes aspectos, conforme cada etapa da conjugalidade. Esse resultado vai ao encontro do

estudo de Aboim (2009) no qual a autora entrevistou jovens mulheres portuguesas e constatou o companheirismo nas tarefas do lar e nas decisões. Além disso, em uma pesquisa com famílias que possuíam filhos pequenos, o companheirismo foi destacado como uma das melhores coisas do casamento (Ronchi & Avellar, 2011). O companheirismo ainda foi valorizado por casais longevos (Manente, 2019) e visto como um dos pontos fortes da relação amorosa por jovens homens homossexuais (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019).

Semelhantemente ao companheirismo, Antônia (26 anos) enunciou a parceria nos cuidados da casa e da bebê. Bethânia (44 anos) mencionou a parceira em dividir todas as coisas. E Andressa (30 anos) associou a parceria à completude. Nesse sentido, vale lembrar que a parceira coopera para a conservação de casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2016). Ademais, a concepção de completude no relacionamento amoroso foi expressa por jovens casados (Amorim & Stengel, 2014), e o ideal de fusão com o parceiro foi constatado no discurso de jovens colombianos (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016).

Sobre a companhia e os planos em comum, Beatriz (54 anos) sublinhou o tecer planos juntos. De tal modo, possuir projetos de vida semelhantes foi um dos motivos elencados por jovens mulheres para iniciar um relacionamento amoroso (Moraes et al., 2020). Os objetivos comuns foram descritos como um dos melhores aspectos do casamento (Ronchi & Avellar, 2011), e a construção de planos em comum foi aludida como característica da conjugalidade por casais (Porreca, 2019). Por sua vez, Betina (36 anos) enunciou a companhia indo ao encontro do estudo de Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) em que os jovens alegaram que o relacionamento é fonte de companhia, e da pesquisa de Gildersleeve et al. (2017) na qual o apreço pela companhia um do outro foi citado por casais estadunidenses.

Por fim, Conceição (66 anos) enfatizou a amizade e disse que a sua relação amorosa se iniciou com uma enorme amizade. Assim, convém frisar que a amizade mútua foi um aspecto

estimado na escolha do cônjuge por jovens mulheres (Macedo, 2017). E a amizade foi valorizada na vida amorosa por casais homossexuais (Oliveira & Sei, 2018).

O subtema sentimentos inseriu o amor, a felicidade, a alegria, a segurança e o querer estar junto. Nesse caso, das mulheres dos três grupos, Bruna (43 anos) e Beatriz (54 anos) citaram o amor, e Berenice (40 anos) sublinhou o amor, a felicidade e o querer estar junto. Ana (20 anos) declarou o amor e a felicidade, que cresceram entre o casal com o nascimento do filho. Sobre a segurança, Betina (36 anos) expôs a segurança em o poder contar com o marido, e Célia (61 anos) mencionou a segurança no esposo, que motivou o casamento. Os positivos relatos ilustram esse subtema:

“Desde quando o Pedro chegou só aumentou, o amor, a alegria” (Ana, 20 anos). *“Ainda tem muito amor. ...eu pensava antes de casar ... eu tenho ... 16 anos de casamento, que isso fosse enfraquecendo com o tempo, mas não, é a mesma coisa”* (Bruna, 43 anos). *“Eu não tinha interesse nenhum em casar, então, ele conseguiu me convencer porque eu me senti segura com ele ... não me abandona por nada”* (Célia, 61 anos).

O fato de as mulheres dos três grupos terem enunciado os sentimentos como aspectos marcantes da conjugalidade vai ao encontro da pesquisa de Galvão et al. (2019) em que as autoras notaram a valorização dos sentimentos no casamento, nas últimas décadas. Em consonância com o que Célia (61 anos) e Betina (36 anos) expuseram, jovens casadas citaram a segurança oferecida pelo homem como motivo para iniciar a relação amorosa (Moraes et al., 2020). A segurança ainda foi aludida por jovens casais portugueses como expectativa acerca do parceiro (Fonseca & Duarte, 2014), compreendida como um aspecto que coopera para a conservação de casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017; Silva et al., 2019) e considerada por casais estadunidenses como o elemento mais representativo da vida conjugal (Gildersleeve et al., 2017). Além disso, jovens solteiros mencionaram a segurança emocional como expectativa para a união marital (Zordan et al., 2009).

Acerca dos demais sentimentos declarados pelas entrevistadas, o amor (Emídio & Souza, 2019; Moraes et al., 2019; Zordan et al., 2009) e o desejo de estar junto (Moraes et al., 2019) foram vistos como razão para o casamento. A vontade de estar junto ainda foi aludida como característica de casamentos de longa duração (Albertoni & Lages, 2018). Jovens casadas pronunciaram o amor e a felicidade como estímulos para o princípio da relação amorosa (Moraes et al., 2020), sendo que a felicidade foi um sentimento vivenciado por mulheres no período pós-parto (Machado et al., 2020). Por fim, casais homossexuais enalteceram o amor e a alegria em seus relacionamentos (Oliveira & Sei, 2018).

No que tange às entrevistadas dos grupos B e C, Beibiane (35 anos) e Camila (78 anos) ressaltaram o diálogo. Nas palavras delas: *“O diálogo ... a gente poder ... conversar aquilo que está realmente pensando ou aquilo que acha”* (Beibiane, 35 anos). *“O diálogo, que todo casal tem suas dificuldades, não é?”* (Camila, 78 anos). O diálogo entre o casal, conforme as mulheres expuseram, pode ser visto como um grande avanço na conjugalidade, dado que, em meados do século passado, as esposas não possuíam a liberdade para dialogar com os maridos (Del Priore, 2014).

Nesse sentido, no estudo de Galvão et al. (2019) as jovens casadas citaram o aumento do diálogo entre os parceiros e da liberdade e do direito de falar da mulher, como mudanças nos relacionamentos amorosos, nas últimas décadas. Além disso, o diálogo foi estimado como um dos melhores aspectos e valores familiares (Ronchi & Avelar, 2011). E a comunicação foi considerada essencial para a qualidade dos relacionamentos (Hinde, 1987, 1997), bem como para a construção e a manutenção do vínculo amoroso (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016).

Para mais, a maturidade referiu-se à sabedoria, à solução dos problemas, à estabilidade e à relevância do passar do tempo na relação. Das participantes dos grupos B e C, Carolina (71 anos) proferiu a maturidade e a sabedoria para entender o outro e contornar os problemas.

E Berenice (40 anos) frisou a maturidade, a estabilidade e o saber resolver as situações que vieram com o tempo. Conforme elas afirmaram: *“Com o tempo, eu acho que o amadurecimento ... eu consegui trazer uma estabilidade ... o saber lidar com as situações”* (Berenice, 40 anos). *“A gente tem que ter sabedoria para contornar os problemas ... maturidade para saber entender, porque você não consegue mudar a pessoa, você tem que procurar se adaptar à convivência, não é?”* (Carolina, 70 anos).

Entre as respostas das mulheres, destaca-se que a maturidade, a sabedoria e o passar do tempo foram associados à capacidade de resolver as adversidades. No estudo de Delatorre e Wagner (2018), os casais relacionaram aspectos atinentes à maturidade, como a idade cronológica e o tempo de casamento, a estratégias mais construtivas de solução de problemas. Por sua vez, jovens casais de noivos valorizaram a sabedoria em separar os contratempos do trabalho da vida conjugal (Silva et al., 2010). Ademais, a maturidade foi considerada uma qualidade favorável para a relação (Feijão & Moraes, 2018; Oliveira & Sei, 2018), um motivo (Moraes et al., 2019) e uma pré-condição para o casamento (Ferreira, 2017), assim como um elemento que contribui para a conservação do amor na conjugalidade (Galvão et al., 2017a). Por fim, os casais longevos ressaltaram o aprendizado adquirido com a convivência com um aspecto do relacionamento amoroso (Albertoni & Lages, 2018).

As participantes dos grupos B e C ainda destacaram a paciência, envolvendo a calma, a tolerância, a ausência de brigas, o esperar e a persistência no casamento. Logo, Cecília (66 anos) mencionou a paciência mútua, no início do casamento, porque os cônjuges não se conheciam bem. Ela também disse que o casal nunca briga. Carolina (71 anos) declarou a paciência e a tolerância. Por seu lado, Berenice (40 anos) enfatizou a calma, o esperar e a insistência na vida a dois, que o tempo trouxe. Notem-se os seguintes relatos: *“Calma ... o esperar ... não desistir, não jogar tudo para cima”* (Berenice, 40 anos). *“O principal, paciência, não é? ... Tolerância”* (Carolina, 71 anos).

Em conformidade com esses resultados, a ausência de brigas na relação amorosa foi um aspecto valorizado por jovens casais de noivos (Silva et al., 2010) e a paciência foi considerada favorável para a relação conjugal por pessoas casadas (Feijão & Moraes, 2018). Por sua vez, no estudo de Albertoni e Lages (2018), os casais longevos destacaram a tolerância como característica de seus relacionamentos. Ademais, a tolerância foi vista como um fator que contribui para a manutenção do amor na conjugalidade (Galvão et al., 2017a), a conservação do casamento (Emídio & Souza, 2019) e a solução de problemas conjugais (Goulart et al., 2019).

Além do exposto, as mulheres dos grupos B e C proferiram outros aspectos marcantes da conjugalidade, como a atenção e a ausência de vício por parte do cônjuge, a mudança vivida ao casar, o respeito, o querer estar junto e a sinceridade. Desse modo, Cíntia (68 anos) declarou a mudança experienciada ao assumir a vida conjugal, pois é preciso abdicar de muitas coisas, entender e respeitar as diferenças. Bianca (50 anos) alegou o respeito à individualidade do outro e o buscar estar junto. Por sua vez, Célia (61 anos) ressaltou que o cônjuge é muito especial e atencioso com ela. Beibiane (35 anos) referiu-se à sinceridade mútua e Clara (63 anos) à maravilha que era o casamento dela, na época em que o marido não ingeria bebida alcoólica. Entre essas respostas, salientam-se a de Bianca e de Cíntia: *“A gente respeita muito a individualidade um do outro, porque como eu disse a gente é muito diferente”* (Bianca).

Eu acho que o que marca um casamento ... é mudança, assim, que você vai sofrer na hora que você assume uma vida a dois, não é? Porque aí você tem que abdicar de muitas coisas, tem que passar a entender ... a respeitar, aliás, as diferenças, não é? Porque aí se não complica, não é? Porque ... são duas pessoas diferentes morando no mesmo teto. (Cíntia, 68 anos)

Assim sendo, Bianca (50 anos) e Cíntia (68 anos) sinalizaram a importância do respeito à singularidade do outro. Indo ao encontro disso, o respeito e a preservação da

individualidade de cada cônjuge foram considerados essenciais para o casamento por casais longevos (Costa & Mosmann, 2015). E Hinde (1987) aclarou que a conservação da privacidade do parceiro é fundamental para o relacionamento e a pessoa em particular.

Houve características da conjugalidade que foram declaradas somente por um grupo de mulheres. No grupo A, a união correspondeu à união do casal (Alana, 30 anos e Ana, 20 anos), especialmente para ver o sorriso do filho (Ana). Conforme Ana disse: *“É a união para sempre ver o sorriso do Pedro”*. Diante disso, salienta-se que a união da família foi uma característica do casamento citada por mulheres casadas (Coutinho & Menandro, 2010). Homens paraguaios enunciaram o sentimento de união como um dos aspectos de suas relações amorosas (Martínez & Rodas, 2011). E pessoas casadas associaram a concepção de casamento à união de duas pessoas que se completam e assumem o compromisso de dividir a vida a dois (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

As participantes do grupo B, Bethânia (41 anos) e Bianca (50 anos), frisaram o apoio mútuo. Veja-se o pospositivo exemplo: *“A característica mais marcante é a gente se apoiar muito em tudo o que vai fazer, sempre um apoia o outro”* (Bianca). Sublinha-se que esse subtema foi referido apenas por mulheres do grupo B. Porém, na literatura constatou-se a relevância do apoio entre o casal em diferentes etapas da vida.

Assim, pessoas de três faixas etárias associaram o apoio à vivência do amor na relação amorosa (Hoffmeister et al., 2019). Jovens colombianos citaram o apoio mútuo como característica do namoro (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). Jovens casadas explicaram que o apoio/ajuda aumentou no casamento, especialmente por parte do esposo no que tange a realização das tarefas domésticas (Galvão & Alencar, 2020). Além do que, casais estadunidenses de diferentes faixas etárias enunciaram o apoio mútuo como aspecto e base da conjugalidade (Gildersleeve et al., 2017).

Por último, Camila (78 anos) e Creuza (72 anos) citaram o convívio conjugal, que aliou o bom relacionamento do casal (Cláudia, 70 anos). Nas palavras das entrevistadas: *“Eu acho que na existência do ser humano o que marca mais é sim a vida conjugal”* (Creuza). *“O relacionamento da gente, graças a Deus, não é? É um bom relacionamento, isso é o que mais ... importa”* (Cláudia). De tal modo, nota-se o grande valor atribuído pelas entrevistadas à conjugalidade e à boa relação entre os consortes, sendo que a relevância da convivência entre o casal foi constatada em algumas pesquisas.

No estudo de Porreca (2019), os casais mencionaram a vida em comum e a qualidade do relacionamento como bases da conjugalidade. Ronchi e Avellar (2011) perceberam a priorização de um bom convívio marital nas famílias entrevistadas. Pessoas em casamentos longevos explicaram que a convivência coopera para a melhoria da relação, pois os cônjuges aprendem a resolver os conflitos de maneira mais construtiva (Costa & Mosmann, 2015). Ademais, um convívio harmonioso foi considerado por homens homossexuais como uma das razões para manter um relacionamento (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). E a convivência foi aludida por casais longevos como motivo para a conservação da união conjugal (Alves-Silva et al., 2017). Dito isso, passa-se a descrição e a discussão do subtema relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares envolveram o relacionamento com os filhos - subtema o nascimento do(s) filho(s)-, e com a família de origem (grupos A, B e C). Os fatos marcantes atinentes à família de origem representaram outros aspectos significativos, que incluíram a enfermidade do sogro, o bom exemplo familiar, o ciúme do avô e a interferência prejudicial dos parentes na vida a dois. Perante isso, Cecília (66 anos) citou o exemplo favorável do casamento dos pais, que ajudou na superação das dificuldades vividas na conjugalidade. Amanda (29 anos) expôs o adoecimento do sogro,

que alterou a rotina do casal. De sua parte, Brígida (49 anos) declarou que os cônjuges sempre residiram próximo aos parentes do marido, o que prejudica a convivência familiar. E Bernadete (54 anos) enunciou a liberdade adquirida com a união conjugal, visto que ela resida com os avós e o avô era muito ciumento. Observem-se os relatos das participantes:

Eu descobri que estava grávida, o pai dele descobriu que tinha câncer, e aí foi um momento marcante também no nosso casamento, porque é teve que ter toda uma dinâmica, a minha sogra veio morar comigo, eles ficaram seis meses aqui durante o tratamento ... foi um tempo de ter muita paciência e compreensão da minha parte ... para que o nosso casamento não viesse deteriorando aos poucos, porque a gente sabe que isso atrapalha. (Amanda, 29 anos).

“Na verdade eu conquistei a minha liberdade com o casamento. ... muitas das coisas que eu queria, eu não podia é por esse excesso de ciúme do meu avô” (Bernadete, 54 anos).

“Eu me espelhei muito é no casamento dos meus pais ... eu falava assim: ‘Problemas e dificuldades não matam ninguém, então, é a gente tem que vencer as dificuldades’” (Cecília, 66 anos).

O relato de Bernadete (54 anos) aproxima-se da vigilância e da preocupação familiar com os comportamentos e a sexualidade das jovens, em meados do século passado (Del Priore, 2014). Além disso, idosas explicaram que, quando eram jovens, o casamento correspondia à fuga da repressão familiar e que, hoje, vivem bem e com mais liberdade ao lado do esposo (Coutinho & Menandro, 2010). Similarmente, casais longevos aclararam que o casamento viabilizou o ganho de autonomia dos cônjuges em relação às famílias de origem (Campos et al., 2017; Oliveira et al., 2020).

No que se refere ao exemplo positivo da conjugalidade dos pais que cooperou para o enfrentamento dos problemas vividos na vida a dois por Cecília (66 anos), identificou-se na literatura a influência benéfica da família de origem para a formação do vínculo (Silva, 2018) e na maneira de resolver os conflitos conjugais (Cenci & Habigzang, 2018; Silva, 2018).

Ademais, Walsh (2016a) alegou que as experiências positivas com os parentes favorecem a vida conjugal e familiar. De outro modo, Brígida (49 anos) e Amanda (29 anos) sinalizaram a intromissão negativa dos familiares do esposo na vida do casal, sendo que Amanda necessitou ter muita paciência e compreensão para lidar com a situação. Semelhante a isso, casais portugueses expuseram as famílias de origem como um dos motivos para os conflitos entre os parceiros, na época do namoro (Fonseca & Duarte, 2014).

O subtema filhos versou sobre o nascimento do(s) filho(s) e inseriu as gestações e o nascimento do neto. Das participantes dos três grupos, Adriana (23 anos) sublinhou as gravidezes. Alana (30 anos), Ariel (22 anos), Analú (29 anos), Amanda (29 anos), Bárbara (49 anos), Brígida (49 anos), Bernadete (54 anos), Celeste (60 anos), Camila (78 anos), Catarina (66 anos), Cláudia (70 anos) e Cíntia (68 anos) enunciaram o nascimento do(s) filho(s), sendo que Cíntia ainda destacou a natividade do neto. Conforme as palavras das entrevistadas: *“O nascimento dos bebês, do Rafael e dos meninos”* (Alana). *“Ah! É mais marcante é o nascimento das minhas filhas”* (Brígida). *“O que marca muito no casamento, eu acho que é a vinda dos filhos, não é? ... E agora casados, ah! Eu acho que a maior emoção na minha vida é esse neto que eu tenho”* (Cíntia).

Indo ao encontro da importância atribuída ao nascimento do(s) filho(s) mencionada pelas participantes, mulheres casadas explicaram que o nascimento da prole representou a maior transformação em suas vidas, pois, apesar da satisfação pessoal, houve o aumento das responsabilidades e a limitação do tempo para o lazer e os cuidados pessoais (Benevides & Boris, 2020). Similarmente, Cowan e Cowan (2016) aclararam que a natividade de uma criança representa um dos acontecimentos mais marcantes da conjugalidade, devido a mudanças favoráveis e desfavoráveis que os cuidados com um bebê pode ocasionar na dinâmica do casal.

Além do que, a maternidade foi considerada basilar para o sentido da união marital e a constituição da identidade de mulheres inseridas em oficinas de geração de trabalho e renda (Volz et al., 2020). Mulheres em casamentos longevos proferiram que ser mãe é uma coisa divina, que fornece um novo significado a vida, e que os filhos são uma benção (Oliveira et al., 2020). Por fim, destaca-se que Cíntia (68 anos) expôs que a natividade do neto pode ser a maior emoção da vida dela. Nesse sentido, mulheres explicaram que vivenciaram com alegria o nascimento do neto (Zanatta & Arpini, 2017).

Outros aspectos notáveis também foram enunciados pelas entrevistadas dos três grupos e referiram-se aos filhos e à boa convivência com eles, à morte do filho, ao impedimento de amamentar o bebê e precisar deixá-lo aos cuidados de outrem para retornar aos estudos. Dessa maneira, Bárbara (49 anos) ressaltou a morte do filho mais velho. Analú (29 anos) descreveu a impossibilidade de amamentar o bebê, devido a uma mastite severa, e a situação de ter que deixá-lo aos cuidados da sogra e do marido para voltar aos estudos. De sua parte, Cecília (66 anos) citou os filhos e Cláudia (70 anos) o bom relacionamento entre pais e filhos. Entre esses relatos, convém destacar o de Analú e o de Bárbara:

Outra coisa marcante também foi deixá-lo para voltar para a escola ... aí foi aquela coisa, saía de casa, meu Deus! A minha sogra que fica, não é? Fica uma hora lá em casa até o meu marido chegar para trocar ... E outra coisa, depois do nascimento, eu queria muito ter amamentado, não consegui, deu uma mastite muito severa no meu peito. Aí o Marcelo teve que vir para cá, para casa da minha mãe e o Jerônimo ficou no hospital comigo ... ele completou um mês, eu estava no hospital internada, porque eu tive que drenar o peito, aí depois eu não consegui mais amamentar, foi uma coisa, assim, que eu queria muito ter amamentado.
(Analú, 29 anos)

“E agora no final o que mais marcou foi a perda do meu filho, fez um mês e meio”
(Bárbara, 49 anos).

Diante dessas declarações, nota-se um provável desconforto vivido por Analú (29 anos), em virtude de ter necessitado deixar o bebê aos cuidados da sogra e do esposo para

retornar aos estudos. Aproximando-se disso, mulheres chilenas esclareceram que o término da licença maternidade e a volta ao trabalho formal pode ocasionar angústia e sentimento de culpa, qualificado pela impressão de estar abandonando uma pessoa indefesa e dependente aos cuidados de outrem (Cornejo et al., 2020). E mães com filhos bebês citaram que não conseguiram retornar ao emprego formal de modo tranquilo, sendo que, em alguns casos, elas pediram demissão do serviço (Machado et al., 2020)

No que toca à perda do filho proferida por Bárbara (49 anos), vale lembrar que mães que perderam um filho ou filha expuseram que tal acontecimento corresponde a uma dor imensa que nunca acaba (Araújo & Carvalho-Barreto, 2019; Costa et al., 2019). Sendo assim, finalizam-se as considerações a respeito deste subtema, em sequência, serão apresentados os aspectos marcantes da conjugalidade que envolveram relações com a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Os acontecimentos marcantes da conjugalidade não se restringiram aos relacionamentos com o cônjuge, filhos e familiares, mas incluíram relações com a sociedade mais ampla e com o ambiente externo. Tais fatos se referiram às conquistas materiais e acadêmicas (grupos A e B), às dificuldades vividas no relacionamento, às datas comemorativas (grupos A e C) e a Deus e à religião (grupo C).

As participantes dos grupos A e B mencionaram as conquistas materiais e acadêmicas, inserindo a casa própria, a graduação, o desenvolvimento acadêmico, o vínculo empregatício efetivo e uma viagem para o exterior. À vista disso, Alana (30 anos) destacou a construção da casa. Bernadete (54 anos) expôs a casa nova, a conclusão do curso superior e a aprovação no concurso público da Caixa Econômica Federal. Bella (44 anos) salientou o crescimento acadêmico do casal. E Amanda (29 anos) frisou a viagem para a Itália, que era um sonho dela. Notem-se os relatos das participantes: *“É uma viagem que nós fizemos à Itália ... em 2017 ...*

na verdade, era um sonho mais meu que dele, porque, antes de fazer psicologia, eu fiz história, então, a Itália me fascinava, principalmente, Roma” (Amanda).

A conclusão do meu curso superior, é isso tudo depois de casada, é ter passado em mais um concurso, foi quando deixei de ser professora, hesitei muito, chorei, eu não queira ir para a Caixa Econômica, porque eu queria ser professora, mas o lado financeiro é me obrigava a fazer outra escolha ... e recentemente é a minha casa nova, a casa própria eu já tinha, não é? O meu marido já tinha quando nós casamos, mas o meu sonho de uma casa nova, eu aposentei, dois meses depois, eu entrei na minha casa nova. (Bernadete, 54 anos)

Entre os acontecimentos proferidos, convém frisar a viagem realizada por Amanda (29 anos), visto que pessoas em diferentes formas de relação amorosa expuseram a concretização de um sonho planejado pelo casal, como um dos aspectos que tornou a viagem delas marcante (Coelho et al., 2018).

As dificuldades vividas pelo casal disseram a respeito dos problemas financeiros, da luta cotidiana e da dupla jornada de trabalho feminino. Assim, das mulheres dos grupos A e C, Aline (26 anos) expôs os problemas financeiros vivenciados desde a época do namoro. Semelhantemente, Cecília (66 anos) e Conceição (66 anos) declararam as dificuldades econômicas enfrentadas no início do casamento. Camila (78 anos) frisou a luta diária. E Carol (66 anos) relatou a vida tumultuada, no começo da conjugalidade, pois ela também trabalhava fora contra a vontade do marido. Conforme elas alegaram: *“Desde quando a gente namorava, ele era universitário, eu era universitária e aí a gente, não é? Os perrengues financeiros que a gente passou”* (Aline). *“Há 40 e tantos anos era muito tumulto mulher trabalhar fora ... isso marcou muito, a correria, eu trabalhava contra a vontade dele, porque naquela época mulher trabalhar fora principalmente em indústria, não é? Era muito difícil”* (Carol).

Destarte, Carol (66 anos) declarou que, no início do casamento, o esposo era contra o fato de ela trabalhar fora. Sendo assim, destaca-se que, em meados do século passado, o trabalho formal feminino era visto com preconceito, devido à crença na incompatibilidade

entre a ocupação profissional e os cuidados com a família. Além disso, a inserção das esposas no mercado de trabalho poderia constranger o marido, dado que a ele era atribuída à função de prover o lar (Del Priore, 2014). Similarmente, em um estudo realizado com casais longevos, observou-se a dupla jornada de trabalho e desqualificação do emprego formal feminino (Oliveira et al., 2020).

O relato de Carol (66 anos) ainda sugeriu certa dificuldade em conciliar as responsabilidades com o lar e os filhos com o trabalho formal. Essa situação vivida por ela há cerca de 40 anos é constatada nos dias atuais. Pois, estudos indicam que em casais de dupla carreira as mulheres permanecem sendo as principais responsáveis pelos cuidados do lar e dos filhos (Berlato et al., 2019; Deus et al., 2021; Fraenkel & Capstick, 2016), o que contribui para o aumento do estresse feminino e os conflitos trabalho/família (Deus et al., 2021).

Sobre os problemas principalmente econômicos ressaltados pelas mulheres, pessoas em casamentos longevos sublinharam a superação dos desafios especialmente os financeiros como aspecto da conjugalidade (Albertoni & Lages, 2018). Casais explicaram que a solução das dificuldades e os entraves financeiros estiveram na base dos seus relacionamentos (Porreca, 2019). Ademais, a superação das dificuldades como característica do casamento foi citada por casais portugueses (Fonseca & Duarte, 2014). Por fim, consortes em uniões de longa duração aclararam que a consciência a respeito das contrariedades pode trazer mais estabilidade e felicidade para a relação e que vencer os momentos difíceis coopera com o aprendizado na conjugalidade (Costa & Mosmann, 2015).

Além do exposto, as entrevistadas dos grupos A e C mencionaram as datas comemorativas, que incluíram a celebração das bodas de prata e ouro. Logo, Catarina (66 anos) citou a comemoração das bodas de prata e Camila (78 anos) os festejos das bodas de ouro. Já Alessandra (21 anos) sinalizou as datas comemorativas em geral, que o marido faz questão de lembrar. Notem-se os seguintes relatos: *“O que mais me marcou assim que é nas*

datas comemorativas ele sempre faz questão, não é? De demonstrar de alguma forma” (Alessandra). *“Os meus 25 anos de casado, não é? Fez a bodas de prata”* (Catarina). Indo ao encontro desse subtema, na pesquisa de Coelho et al. (2018), os entrevistados proferiram as datas comemorativas entre os fatores que deram significância a viagem.

Finalizando, Deus e a religião contemplaram a relevância divina para o casamento e a inserção da família na igreja. Dentre as idosas, Cecília (66 anos) e Camila (78 anos) enunciaram Deus, que elas puseram na frente para que o casamento pudesse dar certo, sendo que Camila ainda mencionou a participação da família na igreja. Conforme Camila aclarou: *“Se você não tiver Deus no primeiro degrau para você ir subindo, você não vai à frente ... e os meus filhos também sempre participam de igreja e tudo isso aí é muito importante na família, a participação na igreja”*.

De tal modo, as declarações de Cecília (66 anos) e Camila (78 anos) convergem com o estudo de Ronchi e Avellar (2011) em que os participantes citaram a manutenção dos valores religiosos como um fator relevante para a família.

Acontecimentos Marcantes da Conjugalidade: Síntese. No que tange à variedade de subtemas citados acerca dos acontecimentos marcantes da vida conjugal, identificaram-se mais diferenças que semelhanças entre as respostas das participantes. De tal modo, as mulheres dos três grupos mencionaram o companheirismo, os sentimentos, o nascimento dos filhos e a família de origem. As entrevistadas dos grupos A e B destacaram as conquistas materiais e acadêmicas. As dificuldades vividas no relacionamento e as datas comemorativas foram sublinhadas por mulheres dos grupos A e C. Por seu lado, as participantes dos grupos B e C ressaltaram o diálogo, a maturidade e a paciência. Além disso, alguns subtemas foram referidos apenas por um grupo de mulheres. Nesse caso, as participantes mais jovens aludiram

à união, por exemplo, a união do casal em prol do filho. As mulheres do grupo B enfatizaram o apoio mútuo. Já as idosas pronunciaram Deus e a religião e a convivência conjugal.

Para mais, perguntou-se às mulheres se os acontecimentos e os aspectos, mencionados por elas, correspondiam ou não as suas expectativas atuais sobre a conjugalidade. Destarte, Ana (20 anos), Alice (28 anos), Amanda (29 anos), Analú (29 anos), Alana (30 anos), Aline (26 anos), Ariel (22 anos), Alessandra (21 anos), Bruna (43 anos), Brenda (51 anos), Bianca (50 anos), Bárbara (49 anos), Beatriz (54 anos), Bernadete (54 anos) Beibiane (35 anos), Betina (36 anos), Bethânia (41 anos), Bella (44 anos), Célia (61 anos), Clara (63 anos), Cecília (66 anos), Celeste (60 anos), Carolina (71 anos), Camila (78 anos), Catarina (66 anos), Cláudia (70 anos), Conceição (66 anos) e Cíntia (68 anos) disseram que correspondem.

De sua parte, Berenice (40 anos) e Antônia (26 anos) alegaram que os aspectos e eventos marcantes da conjugalidade superam as expectativas delas. Brígida (49 anos) proferiu que sim e não. Andressa declarou que não correspondem. Por fim, Adriana (23 anos), Carol (66 anos) e Creuza (72 anos) não responderam a pergunta. Em resumo, nota-se que a maioria das mulheres alegou que os acontecimentos e as características mais memoráveis da conjugalidade correspondem às suas aspirações sobre a vida a dois. E Duas delas afirmaram que tais aspectos e vivências ultrapassam as referidas pretensões. Em consonância com isso, casais portugueses enunciaram que seus anseios para o casamento, na época do namoro, foram satisfeitos ou excedidos (Fonseca & Duarte, 2014). Sendo assim, vale perquirir quais as características mais salientes do parceiro e se elas estão de acordo com o que as entrevistadas esperam de seus correspondentes maridos nos dias atuais.

CARACTERÍSTICAS MAIS SALIENTES DO CÔNJUGE

Finalizada a investigação sobre os aspectos e os acontecimentos marcantes da conjugalidade, inquiriu-se às mulheres acerca das características mais evidentes em seus respectivos

parceiros amorosos. Elas mencionaram diversos atributos predominantemente positivos que foram organizados em cinco subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas e amigos; (d) relacionamentos interpessoais não direcionados a uma relação interpessoal específica; e (e) a sociedade e o ambiente externo. A seguir, apresentam-se os aspectos pertinentes às relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. Esse subtema tratou das características do consorte referentes ao convívio conjugal, que agrupou o companheirismo, a admiração (grupos A, B e C), a fidelidade e a preocupação com a esposa (grupo C). O companheirismo inseriu a parceira nos trabalhos domésticos e a não cumplicidade/companheirismo na conjugalidade. Logo, Alice (28 anos), Bella (44 anos) e Conceição (66 anos) expressaram que o esposo é companheiro, sendo que Conceição ainda frisou a parceira nas tarefas do lar. De sua parte, Creuza (72 anos) explicou que o cônjuge é companheiro em alguns afazeres da casa, que ele sabe ajudar. Porém, a idosa alegou que o homem não valoriza a cumplicidade do casamento nem é companheiro, visto que a vida dele é totalmente separada da dela. Notem-se as seguintes declarações: *“Acho que a primeira coisa é essa questão de ser companheiro”* (Alice). *“Ele é companheiro”* (Bella).

Boas, que existe companheirismo, ruins que, às vezes, nem sempre existe companheirismo. ... boas porque ele dentro de casa, em alguns afazeres da casa, ele sabe ajudar, ruins porque a vida dele é totalmente separada da minha, ele não quer se introduzir na minha vida ... ele não dá valor a cumplicidade do casamento, no casamento tem que haver cumplicidade ... e a falta de cumplicidade no casamento é muito ruim, não é?
(Creuza, 72 anos)

Entre os relatos das mulheres, convém enfatizar que a carência de cumplicidade e companheirismo entre os parceiros provavelmente desfavorece a convivência conjugal

(Creuza, 72 anos). De outro modo, destaca-se que Conceição (66 anos) e Creuza valorizaram o fato de o esposo ser companheiro nas tarefas domésticas, o que pode indicar certa flexibilização dos papéis tradicionais entre elas e os seus respectivos cônjuges na relação (Del Priore, 2014). Lembra-se ainda que Creuza e Conceição exerceram o trabalho formal durante a conjugalidade, visto que são professoras aposentadas, o que pode ter contribuído para o companheirismo masculino nos serviços do lar.

Além do mais, em um estudo do qual participou um casal homossexual feminino, a parceira foi considerada como uma companheira em todos os sentidos da vida (Amorim & Stengel, 2014). Adolescentes mencionaram o companheirismo como uma das qualidades valorizadas na escolha do parceiro amoroso (Hattori et al., 2013). E casais longevos disseram que os papéis de homens e mulheres no casamento se tornaram mais flexíveis, em virtude da inserção feminina no mercado de trabalho e da negociação dos afazeres domésticos entre o casal (Scorsolini-Comin et al., 2018).

Em admiração, as participantes dos três grupos aludiram ao fato de o marido ser um homem de caráter, perfeito, uma inspiração para a esposa. Destarte, Bruna (43 anos) proferiu o consorte é tudo o que sempre idealizou. Célia (61 anos) alegou que o parceiro é perfeito. Amanda (29 anos) declarou que o esposo é uma pessoa de caráter que a inspira. De sua parte, Cláudia (70 anos) disse que o cônjuge é um espelho para ela. Observem-se as positivas declarações: *“Ele é uma pessoa de caráter ... que eu falo assim ... quando eu crescer, eu quero ser igual ao Renato ... inspira-me, inspira-me muito”* (Amanda). *“Ele é tudo o que eu queria na minha vida. ... o João é como se fosse à personificação do que era o meu ideal na época”* (Bruna). *“Não vejo nada de defeito nenhum nele, para mim ele é uma pessoa perfeita, não tem defeito e é raro hoje em dia, tá?”* (Célia).

Indo ao encontro dessas asseverações, a admiração foi compreendida como motivo para iniciar a relação amorosa por mulheres casadas (Moraes et al., 2020), razão para o

casamento por pessoas casadas (Pardal et al., 2008), essencial para um relacionamento gratificante e duradouro e para a conservação de lembranças positivas pertinentes ao parceiro por casais estadunidenses (Driver et al., 2016) e como algo que está na base das uniões conjugais longevas (Albertoni & Lages, 2018). Além disso, na Espanha, jovens universitários alegaram esperar que o parceiro amoroso seja um pessoa muito especial e sem defeitos (Marimón & Vilarrasa, 2014). E Arias et al. (2020) expuseram que características pessoais como os valores, crenças e atitudes são avaliados na escolha do par amoroso.

Outros atributos, como a maturidade, o diálogo e o amor pela esposa, foram acenados por participantes dos grupos A e B. Assim, Antônia (26 anos) expôs que o cônjuge tem mais maturidade que ela, em termos de relacionamento. Adriana (23 anos) disse que o consorte é aberto ao diálogo na relação. E Beatriz (54 anos) proferiu que o marido a ama muito e a faz se sentir amada. Notem-se essas declarações: *“Ele é muito mais maduro em termos de relacionamento, para saber lidar, às vezes, enquanto eu fico estressada ... ele já consegue manter mais o controle emocional com relação a algumas coisas que incomodam ele”* (Antônia). *“Ele me ama muito, essa é a parte mais importante ... ele me faz saber que eu sou amada, me faz sentir que eu sou amada”* (Beatriz).

No que toca à maturidade do esposo citada por Antônia (26 anos), essa característica foi mencionada como um aspecto importante na escolha do parceiro por adolescentes (Hattori et al., 2013), motivo para dar início a uma relação amorosa por jovens casadas (Moraes et al., 2020) e uma qualidade valorizada nas esposas (Goldenberg, 2014). E o diálogo, proferido por Adriana (23 anos), foi estimado como um fator importante na escolha do parceiro amoroso por mulheres solteiras (Secco & Lucas, 2015).

Sobre o amor aludido por Beatriz (54 anos), sublinha-se que o amor (Stengel & Tozo, 2010), a amabilidade e a afetividade (Hattori et al., 2013) são atributos apreciados em um parceiro amoroso. O afeto foi visto como um elemento importante (Estrella, 2007) e a

qualidade de ser amoroso como uma razão (Moraes et al., 2020) para iniciar uma relação amorosa. Além do que, as demonstrações de afeto são valorizadas em si e no parceiro (Alves-Silva et al., 2017), assim como favorecem a longevidade dos casamentos (Alves-Silva et al., 2017; Costa & Mosmann, 2015).

O subtema preocupação com a esposa foi enunciado por duas idosas e envolveu a solicitude, ajuda e o cuidado. Cecília (66 anos) enfatizou que o marido se preocupa bastante com ela. De sua parte, Cíntia (68 anos) destacou o atributo de o cônjuge ser muito prestativo, pois ele a ajuda e cuida dela, quando necessário. Segundo as palavras de Cíntia:

Ele é muito prestativo. ... quando na vida eu precisei dele, fiquei muito, já passei por situações de saúde bem complicadas, ele cuidava ... demais de mim no hospital a ponto de eu falar assim: “Meu Deus! Será que, se eu um dia ele precisar de mim, eu serei capaz de fazer isso por ele?” (Cíntia, 68 anos)

A relevância de tais qualidades dos esposos, citadas pelas idosas, foi identificada na literatura. Nesse sentido, o fato de o homem ser atencioso e solícito foi declarado por jovens casadas como um dos motivos para começar a relação afetiva (Moraes et al., 2020). Ademais, pessoas em casamentos de longa duração valorizaram o cuidado e a preocupação com o bem-estar do outro em seus relacionamentos (Albertoni & Lages, 2018).

Ainda no grupo das idosas, Carolina (71 anos) e Cláudia (70 anos) citaram a fidelidade do marido. Conforme Carolina disse: “*A fidelidade também. ... sempre foi fiel*”. Indo ao encontro desse resultado, a fidelidade foi enunciada como expectativa em relação ao parceiro por jovens espanhóis (Marimón & Vilarrasa, 2014) e homens homossexuais (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). Por sua vez, adolescentes citaram a fidelidade como um atributo relevante na escolha do parceiro (Hattori et al., 2013). E jovens casadas alegaram que a fidelidade cooperou para a decisão de iniciar a relação amorosa com o cônjuge (Moraes et al., 2020). Finalizando isso, o seguinte subtema tratará das características do parceiro direcionadas às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares representam as características do marido atinentes ao relacionamento com a família nuclear, a família de origem, e os filhos e netos. Sobre a família nuclear, as entrevistadas citaram a preocupação (grupos A, B e C) e a valorização da família (grupos A e B). Em família de origem, as participantes destacaram outros aspectos marcantes acerca do esposo (grupos A, B e C). Por sua vez, os filhos e os netos abrangeram os subtemas cuidado (grupos A, B e C), bondade (grupos A e C), carinho, impaciência (grupos B e C) e preocupação (grupo C).

Conforme dito, no que toca à família nuclear, as participantes dos três grupos expuseram a preocupação, que representou a preocupação com o bem-estar da família, a atenção, a proteção e a abdicação por parte do homem. À vista disso, Ana (20 anos), Clara (63 anos), Carolina (71 anos) e Camila (78 anos) enaltecem a condição de o cônjuge se preocupar com o bem-estar da esposa e da prole. Alice (28 anos), Adriana (23 anos) e Betina (36 anos) sublinharam que o consorte é muito atencioso com a família. Ademais, Betina expôs que o homem é bastante protetor e abdica de diversas coisas em prol dela e do filho. Por outro lado, Analú (29 anos) relatou que o parceiro somente é atencioso com a família quando não está utilizando nenhum dispositivo tecnológico. Observem-se os depoimentos das mulheres:

“É a atenção dele ... com a gente, quanto comigo tanto com os filhos dele” (Adriana, 23 anos). *“Proteção, ele é muito protetor ... atento demais com a família, abre mão de muita coisa dele pela família”* (Betina, 36 anos).

Ele é um homem preocupado com as coisas ... ele ... fica preocupado de faltar alguma coisa ... ele se preocupa com qualquer coisinha da gente, igual a mim, se eu sentir qualquer coisa, ele se preocupa, ele tem esse lado bom ... ele é ... preocupado com os filhos, os filhos passam problema lá, vem aqui, ele socorre.
(Clara, 63 anos)

Entre os relatos das entrevistadas, Adriana (23 anos), Alice (28 anos) e Betina (36 anos) citaram a qualidade de o esposo ser atencioso com a mulher e os filhos, sendo que Betina também expôs que o marido é protetor. Aproximando-se disso, identificou-se na literatura que proteger (Benatti & Pereira, 2020; Mazzo & Almeida, 2020) e dar atenção à prole (Benatti & Pereira, 2020) perpassam o significado da paternidade. Além do que, casais longevos explicaram que, por volta de 1950 e 1980, o fato de o homem ser capaz de proteger a família representava uma condição para a união conjugal (Scorsolini-Comin et al., 2018). Similarmente, jovens casadas expuseram o atributo de ser protetor como uma das razões para iniciar a relação amorosa com o parceiro (Moraes et al., 2020). E casais estadunidenses declararam a proteção como uma das características de seus relacionamentos (Gildersleeve et al., 2017).

A valorização da família, citada por mulheres dos grupos A e B, inseriu a proximidade e a convivência familiar. Dessa maneira, as participantes elogiaram o fato de o marido viver para a família (Bruna, 43 anos), prezar muito (Andressa, 30 anos) e querer estar próximo dela (Adriana, 23 anos). Segundo as palavras das entrevistadas: “*É ... quer estar perto de mim, perto dos filhos dele, então, eu acho que isso destaca mais. Assim, que até quem olha ... de fora, eu acho que ... vê e fala: ‘Nossa! Legal isso!’*” (Adriana). “*É, ele vive para a gente*” (Bruna).

Acerca da família de origem, as mulheres dos três grupos enunciaram outras propriedades marcantes como a atenção, a bondade, a inspiração, o prazer por se relacionar, a inflexibilidade e a influência da educação familiar. Perante isso, Bruna (43 anos) enalteceu o aspecto de o marido ser um bom filho. Semelhantemente, Aline (26 anos) sublinhou que o cônjuge é um filho exemplar, pois telefona para os pais e os sogros todos os dias. Cláudia (70 anos) ressaltou a qualidade de o parceiro ser um espelho, um pai para os seus familiares. Bethânia (41 anos) elogiou o fato de o consorte gostar de se relacionar com a família dela. Por

sua vez, Bárbara (49 anos) disse que o marido alega que não necessita mudar, dado que é da maneira que foi educado por seus pais. Notem-se os seguintes enunciados:

“Um filho exemplar, não é? Com os pais dele, com os meus pais, muito, liga todos os dias” (Aline, 26 anos). *“Aquele pessoa ... tipo assim: ‘Eu sou assim, eu cresci assim, eu tive essa educação, o que eu tenho que falar, eu falo mesmo na cara, eu não tem meio termos’, entendeu? ... não muda!”* (Bárbara, 49 anos). *“Ele é um espelho ... para a minha família também, ele é um pai, ele ajuda muito nesse ponto, ele é um espelho”* (Cláudia, 70 anos).

Entre essas declarações, convém frisar que a referida característica do esposo de Bárbara (49 anos), conforme a mulher relata durante toda a entrevista, desfavorece os relacionamentos interpessoais dele com ela, a filha, os familiares e com as pessoas em geral, bem como traz sofrimento para ele. Nesse sentido, seria de suma relevância que ele reconhecesse essa condição e buscasse uma mudança de comportamento. Porém, o homem alega que não precisa nem vai mudar, porque foi educado dessa maneira por sua família de origem.

As participantes ainda citaram as relações com os descendentes, que inseriram o cuidado (grupos A, B e C), a bondade (grupos A e C), o carinho, a impaciência (grupos B e C) e a preocupação (grupo C). O subtema cuidado versou sobre o cuidado dos filhos. Das mulheres dos três grupos, Bernadete (54 anos) esclareceu que o parceiro cuida da prole de forma mais indireta. Carol (66 anos) enunciou que o consorte nunca foi um bom pai, pois se acomodou com os cuidados dos filhos. Já Analú (29 anos) disse que o esposo apenas cuida do menino se não estiver utilizando nenhum aparelho eletrônico ou se ela pressionar. Vejam-se as pospositivas ilustrações:

Quando ele não liga nada, não liga o computador, está com o celular longe, ele é outra pessoa, ele brinca com o bebê, ele se oferece para dar a comida do bebê, aí tem vez que eu falo: “Jerônimo eu preciso trabalhar, pelo amor de Deus!” Aí ele nem mexe nas coisas, aí ele fica tipo ali pelo o neném o dia inteiro, mas tem que pressionar. (Analú, 29 anos)

Ele cuida por cima, ele não se preocupa, por exemplo: “Eu que vou levar o filho aqui, vou fazer isso” é indiretamente ... sempre foi assim, mas está sempre observando e vendo tudo, embora ele não esteja diretamente voltado àquilo ali. (Bernadete, 54 anos)

“Nunca foi um bom pai, um grande pai ... ele ficava, ficou muito acomodado ... porque viveu a vida dele trabalhando naquele escritorzinho” (Carol, 66 anos).

Sendo assim, nota-se que o uso dos dispositivos eletrônicos por parte do esposo de Analú (29 anos) não coopera para que o homem venha a compartilhar com ela os cuidados com o filho, o que pode gerar conflitos entre o casal (Deus et al., 2021) e sobrecarga de trabalho feminino (Walsh, 2016b). Além disso, o fato de o cônjuge de Bernadete (54 anos) cuidar dos filhos indiretamente, e a característica do marido de Carol (66 anos) de ser acomodado com os cuidados da prole podem ser um reflexo do modelo tradicional de família, que atribui à mãe a responsabilidade pelo cuidado dos descendentes e ao pai o papel de provedor financeiro do lar (Del Priore, 2014). Todavia, o cuidado dos filhos (Mazzo & Almeida, 2020) e compartilhar com a esposa os cuidados da prole (Benatti & Pereira, 2020) foram associados ao significado da paternidade.

A bondade referiu-se ao atributo de o homem ser um bom pai e foi proferida por participantes dos grupos A e C. Logo, Alessandra (21 anos) e Cíntia (68 anos) enaltecem a qualidade de o cônjuge ser um bom pai, sendo que Cíntia explicou que o marido faz de tudo pelos filhos e é apaixonado por eles. Segundo as palavras delas: *“Uma pessoa boa ... e agora a gente tem a nossa filha e nossa! ... então, a gente poderia entender ... que ele ser ... um bom pai também são características que você destaca nele ... Sim, sim, isso”* (Alessandra). *“Ele é um bom pai, tudo ele faz pelos os filhos ... ele é apaixonado pelos meninos”* (Cíntia). Aproximando-se desse subtema, salienta-se que pais e mães expuseram que um bom pai é aquele que auxilia os filhos no que for preciso (Benatti & Pereira, 2020).

Por sua vez, as entrevistadas dos grupos B e C mencionaram o carinho, que correspondeu à característica de ser carinhoso e amoroso com os filhos. Nesse sentido, Brígida (49 anos) e Camila (78 anos) elogiaram a condição de o homem ser amoroso e carinhoso com a prole. E Bruna (43 anos) expôs que o consorte é muito amoroso com as filhas. De acordo com os pospositivos relatos: *“Um pai muito amoroso”* (Bruna). *“Ele sempre foi um pai muito, assim, amoroso, carinhoso”* (Camila). Em conformidade com esse resultado, proporcionar carinho foi associado ao significado de ser um bom pai (Nascimento et al., 2019) e ser carinhoso e amoroso à função paterna (Benatti & Pereira, 2020).

A impaciência também foi declarada por mulheres dos grupos B e C e tratou da impaciência com os netos e do estresse com as filhas. Carol (66 anos) aclarou que o marido não possui paciência com os netos e se irrita com quaisquer coisas que eles fazem. Já Bruna (43 anos) frisou que, às vezes, o esposo se estressa com as filhas. Vejam-se as seguintes explicações: *“Às vezes, ele fica estressado com as meninas, porque elas não querem tomar banho ou não querem estudar, coisa normal de criança”* (Bruna).

Um choro de criança o irrita, e até o convívio com os netos, ele fica muito irritado quando a casa está cheia de crianças que brincam. ... hoje, uns dos defeitos dele, maior é isso, ele não tem paciência com criança, não gosta de barulho. (Carol, 66 anos)

Por fim, a preocupação com os descendentes foi aludida por Cecília (66 anos). Ela sublinhou que o cônjuge se preocupa muito com os filhos e os netos. Segundo a idosa: *“Preocupa-se muito ... com os filhos, com os netos agora, do jeito que está o Brasil, não é?”* Diante disso, cabe sublinhar que a preocupação com o bem-estar dos filhos foi relacionada à característica de ser um bom pai (Benatti & Pereira, 2020). Sendo assim, finaliza-se a discussão e a descrição dos aspectos notáveis do parceiro atinentes às relações interpessoais familiares. O próximo subtema versará a respeito dos atributos do consorte direcionados às pessoas próximas e aos amigos.

Relações Interpessoais com Pessoas Próximas e Amigos. As mulheres citaram aspectos dos consortes voltados para o relacionamento com pessoas próximas e amigos. Elas preferiram a sociabilidade (grupos A, B e C), a bondade (grupos A e C), e a inflexibilidade (grupo B). O subtema sociabilidade aliou a gentiliza, o estabelecimento de novas amizades, a satisfação em se relacionar com os amigos, o gostar das pessoas e de estar com elas. Assim, Bethânia (41 anos) esclareceu que o marido é muito sociável, gosta das pessoas e de estar com elas, conversa com indivíduos de todos os níveis e aprecia se relacionar com os amigos dela. Aline (26 anos) ressaltou a qualidade do esposo em saber conversar e tecer amizades. Por sua vez, Bruna (43 anos) disse que o cônjuge é gentil. Clara (63 anos) expôs que o parceiro trata os outros bem. E Betina (36 anos) frisou que o consorte sempre busca um consenso, a fim de agradar as pessoas. Vejam-se os seguintes exemplos:

“Sabe conversar com as pessoas, aonde ele vai, ele sabe fazer amizades” (Aline, 26 anos). *“Uma pessoa que trata todo mundo bem”* (Clara, 63 anos).

Ele gosta de estar com pessoas ... ele é uma pessoa bastante sociável ... ele gosta de se relacionar com os meus amigos, aonde ele vai, ele gosta das pessoas, ele fala com todo mundo ... ele tem essa facilidade, assim, sabe, de se relacionar. (Bethânia, 41 anos)

Em consonância com esse subtema, constatou-se que a cortesia (Hattori et al., 2013), a gentiliza (Altafim et al., 2009) e a sociabilidade (Altafim et al., 2009; Hattori et al., 2013) são aspectos apreciados na seleção do parceiro amoroso. Além do mais, jovens casadas citaram a gentileza como um dos motivos para a decisão de iniciar a relação amorosa com o cônjuge (Moraes et al., 2020).

As entrevistadas dos grupos A e C expuseram a bondade, que envolveu a bondade de coração, a ajuda ao próximo e a ausência de sentimentos negativos. Destarte, Cecília (66 anos) expressou que o marido não guarda rancor, sentimento negativo de ninguém. Amanda

(29 anos) destacou que o consorte é muito bom de coração, a ponto de os outros se aproveitarem disso. Por sua vez, Alana (30 anos) e Ariel (22 anos) sublinharam a característica de o cônjuge ser bondoso, visto que sempre pensa em auxiliar o próximo. De outro modo, Creuza (72 anos) alegou que o seu marido não é a favor de ajudar os mais necessitados. Observem-se essas declarações:

“O Renato tem um coração muito bom, às vezes, eu converso muito com ele, porque ele é tão bom que as pessoas se aproveitam disso, as pessoas que trabalham com ele, que convivem com ele” (Amanda, 29 anos).

É a bondade que ele tem no coração dele. ... Ele tem um coração que nunca vi assim, a pessoa pode pisar nele, mas ele não fica com raiva, se a pessoa vier pedir ajuda, ele dá, ele não guarda raiva, ele não guarda rancor, ele não guarda sentimento ruim de ninguém. (Cecília, 66 anos)

Entre os relatos, importa sinalizar o valor o diálogo entre Amanda (29 anos) e o esposo como um recurso para evitar que terceiros tirem vantagem da bondade dele. Além disso, adolescentes enunciaram a bondade como uma qualidade estimada em um possível parceiro amoroso (Hattori et al., 2013).

As mulheres dos grupos B e C sublinharam outras características marcantes do parceiro, como a preocupação e a empatia com o próximo. Logo, Cecília (66 anos) enfatizou que o cônjuge se preocupa bastante com as pessoas. E Bella (44 anos) proferiu que o marido é bem empático, pois sente muito a dor do outro. Notem-se as seguintes ilustrações: *“Ele ... se preocupa muito com as pessoas”* (Cecília). *“Ele é muito empático também, ele sente muito a dor do outro ... isso ajuda muito, porque eu ... tenho também como característica a empatia, então, a gente acaba compartilhando essas características”* (Bella). Dessa forma, observa-se que a qualidade de o marido de Bella ser empático é benéfica tanto para as relações com terceiros quanto para o relacionamento do casal, visto que a entrevistada apresenta o mesmo

aspecto. Além do mais, casais estadunidenses citaram a empatia como um dos elementos significativos da vida conjugal (Gildersleeve et al., 2017).

Por fim, duas participantes do grupo B proferiram o subtema intolerância, que agregou o atributo de ser crítico e possuir dificuldade em conviver com terceiros. De sua parte, Betina (36 anos) expôs que o marido é intolerante com algumas coisas e pessoas. Já Bárbara (49 anos) explicou que seu esposo é muito crítico e tem bastante dificuldade em conviver com as pessoas, dado que não costuma aceitar o que os outros fazem. De acordo com as palavras de Bárbara: *“Ele não é muito de aceitar o que o outro faz ... você tem que aprender a conviver com o outro, e ele tem muito essa dificuldade ... tudo dele é muito crítico”*. Dito isso, o seguinte subtema tratará dos aspectos do cônjuge não direcionados a um indivíduo, grupo ou instituição social específica.

Não Direcionadas a uma Relação Interpessoal Específica. Esse subtema representa as características do consorte nas quais não foi possível identificar a relação com alguma pessoa, grupo ou instituição social, visto que as participantes somente citaram os atributos. Dessa maneira, as mulheres mencionaram a honestidade, a paciência, a bondade, a austeridade, a extroversão (grupos A, B e C), a educação, o carinho (grupos A e B), a atenção (grupos A e C), a teimosia, a ausência de vícios (grupos B e C) e a coragem (grupo B).

O subtema honestidade aliou as qualidades de ser honesto, verdadeiro, sincero e franco. Das entrevistadas dos três grupos, Ariel (22 anos), Alessandra (21 anos), Brenda (51 anos), Bianca (50 anos), Beibiane (35 anos), Carolina (71 anos), Cláudia (70 anos), Cíntia (68 anos) e Catarina (66 anos) expuseram que o marido é honesto. Berenice (40 anos) destacou que o esposo é verdadeiro. Bianca e Beatriz (54 anos) frisaram que o homem é muito sincero. E Beibiane declarou que o consorte gosta de ser franco. Vejam-se as seguintes afirmações: *“Ele é muito honesto”* (Ariel). *“A honestidade, então, é uma pessoa muito honesta ... ele é*

franco, gosta de resolver as coisas, não é? Frente a frente” (Beibiane). *“A honestidade”* (Catarina).

Indo ao encontro dessas declarações, a honestidade (Brasil et al., 2007; Hattori et al., 2013; Scorsolini-Comin et al., 2018) e a sinceridade (Hattori et al., 2013) foram proferidas como características apreciadas em um provável parceiro amoroso. Além do que, jovens casadas mencionaram a sinceridade com uma das razões para iniciar a relação afetiva com o parceiro (Moraes et al., 2020). Pessoas em casamentos longevos expuseram que o fato de os cônjuges serem honestos e verdadeiros um com o outro favorece a conservação da união conjugal (Alves-Silva et al., 2017). E mulheres em conjugalidade de longa duração enunciaram a honestidade como qualidade de seus relacionamentos (Oliveira et al., 2020).

As participantes dos três grupos sublinharam a paciência, que agregou os aspectos de ser paciente, calmo, tranquilo, quieto, não se envolver em confusões e se estressar facilmente. Destarte, Alice (28 anos), Antônia (26 anos), Betina (36 anos) e Conceição (66 anos) enfatizaram que o cônjuge é paciente. Cíntia (68 anos) e Alice disseram que o homem é calmo e tranquilo, sendo que Cíntia ainda explicitou que o esposo é quieto. Além disso, Clara (63 anos) ressaltou que o parceiro é bastante calmo, e Berenice (40 anos) que o consorte não gosta de se intrometer em conflitos. Por outro lado, Bethânia (41 anos) expôs que o marido se estressa com facilidade. Os pospositivos relatos ilustram esse subtema: *“Ele é muito paciente”* (Antônia). *“O Mário não se mete em confusão ... ele não gosta. ... ele fica na dele, entendeu? Isso é bom!”* (Berenice). *“Ele é uma pessoa ... quieta ... ele gosta de ficar na dele, quieto ... ele é ... muito calmo, tranquilo”* (Cíntia).

Diante disso, ressalta-se que a paciência (Hattori et al., 2013) e a calma (Altafim et al., 2009) são qualidades valorizadas na escolha do parceiro amoroso. Ademais, a paciência (Galvão et al., 2016; Moraes et al., 2020), a tranquilidade (Moraes et al., 2020) e a calma

(Galvão et al., 2016) do parceiro foram citadas por mulheres casadas como razões para começar a relação amorosa com os respectivos cônjuges.

A bondade inseriu as características de ser bondoso, generoso e boa pessoa. Bella (44 anos), Cecília (66 anos) e Clara (63 anos) alegaram que o marido é muito bondoso. Cíntia (68 anos) e Betina (36 anos) elogiaram o fato de o esposo ser uma boa pessoa. Por fim, Bella e Alana (30 anos) sublinharam a generosidade do parceiro. Conforme as participantes expuseram: *“O Adriano é uma pessoa muito generosa”* (Alana). *“Eu acho que a generosidade é a grande marca dele”* (Bella). *“Ele é uma pessoa muito boa”* (Clara).

A extroversão foi outra característica enfatizada por mulheres dos três grupos. O referido subtema contemplou o aspecto de o homem ser extrovertido (Celeste, 60 anos), muito expressivo (Bethânia, 41 anos), brincalhão (Alice, 28 anos), bastante alegre (Brígida, 49 anos), simpático (Beibiane, 35 anos) e divertido (Bianca, 50 anos). De acordo com as positivas declarações: *“Ele é brincalhão”* (Alice). *“Ele é divertido”* (Bianca). *“Muito extrovertido”* (Celeste).

Aproximando-se desses depoimentos, adolescente mencionaram a extroversão como uma das qualidades valorizadas na seleção do parceiro amoroso (Hattori et al., 2013). Jovens casadas explicaram que a condição de os homens serem simpáticos e divertidos contribuiu para que elas decidissem iniciar a relação amorosa com os seus correspondentes maridos (Moraes et al., 2020). Por sua vez, homens casados aclararam que escolheram casar com as suas respectivas esposas em virtude de elas serem extrovertidas, animadas, enérgicas e divertidas (Goldenberg, 2014).

As entrevistadas dos três grupos enunciaram a austeridade, que envolveu os atributos de ser austero, difícil de lidar, nervoso, autoritário, ignorante e rígido. Destarte, Beatriz (54 anos) expôs que o cônjuge possui um jeito austero. Bárbara (49 anos) disse que o marido é muito difícil de lidar, nervoso e autoritário. Catarina (66 anos) declarou o fato de o esposo ser

bastante rígido em tudo o que realiza. E Alessandra (21 anos) relatou que o consorte possui uma personalidade forte, pois, quando deseja, é bastante ignorante. Vejam-se os seguintes esclarecimentos: *“Ele tem uma personalidade, assim, muito forte, quando ele quer, ele é bem ignorante, então, isso é o que marca muito ele”* (Alessandra). *“Muito difícil de lidar no sentido, assim, ele é muito nervoso ... muito autoritário”* (Bárbara). *“Ele ... sempre foi muito rígido, não é? Em tudo o que ele faz”* (Catarina).

Ante tais menções, reitera-se que a grosseria (Coutinho & Menandro, 2010; Dal Bello & Marra, 2020) e a arrogância (Coutinho & Menandro, 2010) foram enunciadas como características dos esposos por mulheres de duas gerações da mesma família. Além do mais, em conformidade com o relato de Bárbara (49 anos), mulheres em casamentos de longa duração expuseram que os cônjuges são pessoas difíceis de lidar (Oliveira et al., 2020).

Outras características do parceiro também foram sublinhadas por mulheres dos três grupos. Os atributos versaram sobre a condição de o esposo ser infeliz (Creuza, 72 anos), respeitador (Beibiane, 35 anos), muito otimista (Brígida, 49 anos), fácil de conviver (Alice, 28 anos) e bastante compreensivo (Antônia, 26 anos). Assim sendo, destacam-se alguns exemplos: *“Muito compreensivo”* (Antônia). *“Ele pode estar triste, mas ele é uma pessoa muito otimista”* (Brígida). *“É respeitador”* (Beibiane).

Entre os aspectos citados, no que toca ao respeito, ao otimismo e à compreensão, mulheres casadas enunciaram o respeito (Galvão et al., 2016; Moraes et al., 2020) e a compreensão (Moraes et al., 2020) do homem como uma das razões para o estabelecimento da união amorosa, sendo que a compreensão ainda é uma qualidade estimada em um provável parceiro amoroso por adolescentes (Hattori et al., 2013; Riter, 2015) e universitários (Altafim et al., 2009). Já casais longevos alegaram que o otimismo coopera para a conservação do casamento (Alves-Silva et al., 2017).

As participantes dos grupos A e B proferiram o carinho, que envolveu o fato de o homem ser carinhoso, amoroso e emotivo. Logo, Ana (20 anos), Aline (26 anos), Adriana (23 anos), Beatriz (54 anos) e Betina (36 anos) expuseram que o marido é carinhoso. Ana, Betina, Bella (44 anos) e Beibiane (35 anos) ressaltaram a qualidade de o cônjuge ser amoroso. De sua parte, Andressa (30 anos) enunciou que o esposo é muito afetivo/emotivo, visto que expressa os sentimentos. Notem-se os seguintes exemplos: *“Amoroso. ... carinhoso”* (Ana). *“Amoroso, carinhoso”* (Betina).

Acerca do carinho, a aludida característica foi considerada como um dos motivos para iniciar a relação amorosa com o parceiro (Moraes et al., 2020), para manter um casamento longo (Alves-Silva et al., 2017) e como uma das melhores coisas que há em uma família (Ronchi & Avellar, 2011). Mulheres no período do climatério aclararam que aumentou o carinho por parte do cônjuge (Carvalho, 2018). E, em um estudo realizado com homens portugueses, o carinho foi o estilo de amor predominante (Martínez & Rodas, 2011).

Nos grupos A e B ainda a educação versou sobre a condição de o consorte ser muito educado (Betina, 36 anos) e saber se comportar (Aline, 26 anos). Conforme proferiram: *“Muito educado, educado até demais”* (Betina). *“Sabe se comportar”* (Aline). Ante isso, ressalta-se que a educação, citada por Betina, foi vista como uma das motivações para o estabelecimento da relação amorosa com o parceiro (Moraes et al., 2020) e para a permanência de casamentos de longa duração (Alves-Silva et al., 2017).

As entrevistadas dos grupos A e C mencionaram a atenção, que se referiu às características de ser atencioso e solícito. Então, Ana (20 anos) e Célia (61 anos) disseram que o esposo é atencioso. Já Antônia (26 anos) ressaltou a qualidade de o marido ser muito solícito. Nas palavras delas: *“Ele é uma pessoa muito solícita”* (Antônia). *“Qualidade, atenção. ... essa aí é a principal, ele é muito atencioso”* (Célia). Aproximando-se desses relatos, homens explicaram que escolheram casar com as suas correspondentes esposas, em

virtude de elas serem bastante disponíveis e atenciosas para com todas as pessoas (Goldenberg, 2014).

A ausência de vícios (alcoolismo e tabagismo) foi elogiada por participantes dos grupos B e C. De tal modo, Bruna (43 anos) e Conceição (66 anos) enaltecem a propriedade de o cônjuge não ingerir bebidas alcoólicas nem fumar. Segundo Bruna declarou: “*É, não bebe, não fuma*”. Diante disso, vale lembrar que tais características também foram valorizadas por adolescentes, na escolha do parceiro amoroso (Hattori et al., 2013).

Ademais, a teimosia foi expressa por Bruna (43 anos) e Célia (61 anos). Elas declararam que o marido é muito teimoso. Finalizando, no grupo B, Bella (44 anos) proferiu a coragem e expôs que o parceiro é muito corajoso e destemido. Conforme ela disse: “*Ele é muito corajoso também, às vezes, até demais. ... destemido*”. Dessa maneira, Walsh (2016c) aclarou que a coragem coopera para a resiliência familiar. Por conseguinte, encerram-se as considerações acerca desse subtema. Em sequência, apresentam-se os atributos mais notáveis do cônjuge relacionados à sociedade e ao ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. As entrevistadas também se referiram aspectos dos maridos pertinentes às relações com a sociedade e o ambiente externo. Esse subtema reuniu o trabalho (grupos A, B e C), o gosto pela vida social (grupos B e C), a religião (grupo C), o otimismo em relação ao mundo e os recursos tecnológicos (grupo A). O trabalho representou as características de o homem ser trabalhador, inteligente, estudioso, dedicado, organizado, planejador, proativo, ambicioso, sonhador, esforçado e batalhador.

Diante disso, Beatriz (54 anos), Carol (66 anos), Celeste (60 anos), Carolina (71 anos), Catarina (66 anos), Conceição (66 anos) elogiaram o fato de o cônjuge ser trabalhador. Similarmente, Aline (26 anos) sublinhou as qualidades de o esposo ser muito batalhador, esforçado e dedicado. Bruna (43 anos) disse que o consorte é estudioso e se dedica bastante às

coisas que se propõe a fazer. Bernadete (54 anos) frisou que o marido é bem organizado e planejador. Beibiane (35 anos) relatou que o esposo é muito proativo e não deixa as tarefas se acumularem. Celeste (60 anos) citou que o parceiro é sonhador e ambicioso em termos materiais/financeiros. Por fim, o aspecto de ser inteligente foi declarado por Aline, Betina (36 anos) e Bella (44 anos). Segundo as declarações das entrevistadas:

“Ele é muito dedicado. ... muito esforçado, é muito batalhador, muito, nossa! Muito inteligente também, considero ele um homem muito inteligente” (Aline, 26 anos). *“Muito estudioso ... ele está sempre estudando, está sempre com um livro, ele está no segundo doutorado, ele é muito dedicado a tudo o que ele se propõe a fazer”* (Bruna, 43 anos). *“Trabalhador demais, até que tem hora que eu falo, o pessoal estranha lá na praia mesmo: ‘Roberto, a gente não vê você parado, pelo amor de Deus, homem! Desliga esse parafuso seu aí, desliga essa tomada’”* (Conceição, 66 anos).

A valorização da maioria dos aspectos citados nesse subtema também foi identificada na literatura. Nesse sentido, a inteligência (Arias et al., 2020; Altafim et al., 2009; Hattori et al., 2013), o bom nível de estudo (Altafim et al., 2009) e ser trabalhador (Macedo, 2017) foram aludidos como elementos importantes na escolha do parceiro amoroso. Além disso, a inteligência e a disposição para o trabalho e os estudos foram mencionadas como razões para o estabelecimento de uma relação amorosa (Moraes et al., 2020). Jovens universitários expuseram que a inteligência é essencial para os relacionamentos afetivos (Schlösser & Camargo, 2019). Mulheres em casamentos longevos destacaram, entre os atributos dos esposos, a qualidade de ser trabalhador (Oliveira et al., 2020). Por fim, Walsh (2016c) preferiu que a proatividade é fundamental para a resiliência familiar.

O bel-prazer pela vida social foi enunciado por participantes dos grupos B e C e incluiu o apreço ou não pela sociedade, a política e o status. Bernadete (54 anos) relatou que o marido adora a sociedade, a política e o status. De outra forma, Creuza (72 anos) expôs que o

esposo considera a vida social uma bobagem e gosta de ficar no bar jogando baralho. Notem-se as seguintes explicações: *“Adora política, status, sociedade”* (Bernadete). *“Ele acha que ... a vida social é bobagem e isso é um grande contratempo, porque ele gosta do bar ... não é positivo você ficar jogando baralho em um bar”* (Creuza).

Salienta-se que Creuza (72 anos), ao longo da entrevista, vai revelando certo desconforto e desaprovação com o fato de o esposo possuir gostos e atitudes diferentes dos dela, o que provavelmente prejudica a convivência do casal. Em situações semelhantes a essa, é basilar a compreensão e o respeito à singularidade de cada parceiro. Isso parece não ocorrer por parte de Creuza, pois ela esclarece que a maneira corretar de pensar e viver é a dela. Nesse sentido, vale lembrar que, na literatura, o respeito à individualidade do outro foi identificado como um aspecto favorável ao bom convívio conjugal (Albertoni & Lages, 2018; Schulz & Colossi; Oliveira & Sei, 2018).

Houve subtemas que foram mencionados apenas por um grupo de mulheres. Destarte, o otimismo em relação ao mundo foi pronunciado por Amanda (29 anos). Ela proferiu que o marido é uma pessoa muito positiva e possui uma maneira admirável, positiva, de ver mundo. Conforme ela enunciou: *“O jeito que ele vê o mundo com todas as coisas também que ele já passou e ele consegue enxergar o mundo de uma forma tão positiva que eu não consigo”*. Indo ao encontro desse relato, frisa-se que Walsh (2016c) alegou que o otimismo coopera para a resiliência familiar.

Ademais, os recursos tecnológicos foram elencados por Analú (29 anos) e representou a condição do o esposo da jovem ser adicto em tecnologia. Por fim, a religião foi sublinhada por duas idosas e incluiu a vivência na igreja e a desconsideração pela religião. Assim, Creuza (72 anos) alegou que o esposo considera que a religião não compensa. Por outro lado, Cláudia (70 anos) enunciou a vida exemplar do consorte na igreja. Segundo as palavras de Cláudia: *“A vida, assim, que leva, por exemplo, na igreja”*. Aproximando-se disso, jovens casadas

citaram a qualidade de ser religioso como uma das razões para começar a relação amorosa com os correspondentes maridos (Moraes et al., 2020).

Características Mais Salientes do Cônjuge: Síntese. Com base na quantidade de subtemas citados, identificaram-se mais diferenças que similaridades entre os relatos das mulheres no que tange às características relevantes do parceiro amoroso. Destaca-se também que a maior parte das respostas referiu-se a atributos positivos do marido. Sobre as semelhanças, as participantes dos três grupos enunciaram a honestidade, a paciência, a bondade, a extroversão, a austeridade, o companheirismo, a admiração, a família de origem, a preocupação com a família nuclear, o cuidado dos filhos, a sociabilidade com pessoas próximas e amigos, e o trabalho.

Acerca das diferenças, as entrevistadas dos grupos A e B expuseram o carinho, a educação e a valorização da família. As participantes dos grupos A e C citaram a bondade com os filhos e pessoas próximas, e a atenção. A ausência de vícios, a teimosia, o carinho com os filhos, a impaciência com os filhos e netos, e o gosto pela vida social foram declarados por mulheres dos grupos B e C. No que concernem aos subtemas mencionados somente por um grupo de participantes, as mais jovens destacaram o otimismo em relação ao mundo e os recursos tecnológicos. As entrevistadas do grupo B frisaram a intolerância com o próximo e a coragem. Por fim, as idosas sublinharam a preocupação com a esposa, com os filhos e netos, a fidelidade e a religião.

Após mencionarem os aspectos mais marcantes do cônjuge, perguntou-se às mulheres se as referidas características correspondiam ou não o que elas esperam do marido, nos dias atuais. Vinte e duas entrevistadas disseram que sim: Ana (20 anos), Amanda (29 anos), Alana (30 anos), Aline (26 anos), Antônia (26 anos), Andressa (30 anos), Ariel (22 anos), Adriana (23 anos), Bruna (43 anos), Brenda (51 anos), Berenice (40 anos), Bianca (50 anos), Brígida

(49 anos), Bernadete (54 anos), Bethânia (41 anos), Célia (61 anos), Clara (63 anos), Carolina (71 anos), Camila (78 anos), Catarina (66 anos), Cláudia (70 anos) e Cíntia (68 anos).

Ademais, cinco mulheres proferiram que sim e não: Alice (28 anos), Alessandra (21 anos), Beatriz (54 anos), Bella (44 anos) e Cecília (66 anos); quatro enunciaram que não: Analú (29 anos), Bárbara (49 anos), Creuza (72 anos) e Celeste (60 anos); e três participantes alegaram que superam as expectativas: Beibiane (35 anos), Betina (36 anos) e Conceição (66 anos). Explica-se que a pesquisadora esqueceu-se de fazer a pergunta a Carol (66 anos). Daí em diante, indagou-se às participantes sobre quais seriam as suas expectativas atuais para a conjugalidade e o marido. Elas mencionaram diversas respostas, que serão apresentadas no próximo capítulo.

5. 3 CAPÍTULO 2: EXPECTATIVAS ATUAIS PARA A CONJUGALIDADE E O PARCEIRO AMOROSO

Esse capítulo abordou os seguintes temas: (a) expectativas atuais para a vida conjugal, que incluiu as narrativas atinentes às aludidas pretensões; e (b) expectativas atuais para o parceiro amoroso, inserindo os episódios referentes a tais aspirações. Assim sendo, inicia-se a descrição e a discussão do tema que tratou dos anseios acerca da vida a dois.

EXPECTATIVAS ATUAIS PARA A CONJUGALIDADE

A serem inquiridas sobre quais seriam as suas expectativas atuais para a vida conjugal, as mulheres pronunciaram diversas repostas, que envolveram a díade, os filhos e o contexto social mais amplo. Destaca-se que, em alguns casos, identificou-se a crença de que o aspecto/acontecimento esperado vai se concretizar; que a entrevistada, o casal ou o esposo já está agindo para que a aludida pretensão seja alcançada; ou que as participantes anelam pela conservação de aspectos benéficos à relação conjugal. As referidas declarações foram

organizadas nos subtemas (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais com os filhos; e (c) a sociedade e o ambiente externo. Assim, iniciam-se apresentação e a discussão com o subtema relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. A maior parte das expectativas proferidas pelas mulheres referiu-se às relações entre o casal. Elas destacaram aspirações que versaram sobre o companheirismo, o conviver e envelhecer junto, o respeito, o diálogo (grupos A, B e C), a honestidade (grupos A e B), a união (grupos A e C), a compreensão mútua, o apoio mútuo, a felicidade e a diversão, a paciência, a saúde do casal (grupos B e C) e o cuidado mútuo (grupo C). Frisa-se que o companheirismo, o diálogo, a paciência, o apoio recíproco, a união, a felicidade e o respeito foram explicitados nos aspectos notáveis da vida conjugal.

Destarte, as mulheres dos três grupos mencionaram o companheirismo, tratando o cônjuge como companheiro, cúmplice, parceiro ou amigo. Em vista disso, Brenda (51 anos), Carol (66 anos), Cecília (66 anos) e Cláudia (70 anos) esperam que o companheirismo permaneça entre os cônjuges. Bethânia (41 anos) almeja que o marido continue sendo companheiro, nos momentos em que ela necessita, bem como crê que o casal será parceiro, mas sem dependência mútua. Betina (36 anos) aspira à parceria entre o casal em todos os sentidos. Alice (28 anos) deseja que a parceria persista na conjugalidade. Beibiane (35 anos) quer que tal aspecto seja mais frequente e forte. E Conceição (66 anos) almeja o aumento da parceria entre os cônjuges, devido aos problemas de saúde que possam surgir.

No que concernem à cumplicidade e à amizade, Alana (30 anos) apetece que a cumplicidade se conserve entre os parceiros. De sua parte, Bruna (43 anos) anseia que o casal prossiga sendo amigo, pois o consorte era o melhor amigo dela, na época da faculdade. Notem-se os seguintes relatos: *“Que a gente continue do jeito que está ... Isso aí. ... Essa cumplicidade que a gente tem”* (Alana, 30 anos). *“Que nós continuemos sendo amigos,*

porque nosso relacionamento surgiu de uma amizade, ele era o meu melhor amigo na faculdade de biologia” (Bruna, 43 anos). *“O companheirismo, não é?”* (Cláudia, 70 anos).

Conforme exposto, as mulheres ambicionam o companheirismo na conjugalidade. Em proximidade com esse resultado, o companheirismo foi considerado como uma das principais expectativas para o casamento por jovens solteiros (Zordan et al., 2009), e um dos mais relevantes objetivos da união conjugal no estudo de Ronchi e Avellar (2011). O anseio pela parceria também foi citado. Assim, cabe lembrar que a crença no casamento como uma parceria entre os cônjuges por toda a vida coopera para a manutenção das relações maritais longevas (Alves-Silva et al., 2016). Além disso, a cumplicidade anelada por Alana (30 anos) foi valorizada em relacionamentos homossexuais (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019; Oliveira & Sei, 2018), e considerada favorável para a conjugalidade por pessoas casadas (Feijão & Moraes, 2018; Porreca, 2019).

De sua parte, Bruna (43 anos) pronunciou a aspiração pela amizade e explicou que o seu relacionamento surgiu de uma amizade, no contexto da faculdade. Nesse sentido, jovens colombianos disseram que os seus relacionamentos amorosos começaram por meio da amizade (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). Homens paraguaios apresentaram uma relação amorosa caracterizada pela amizade (Martínez & Rodas, 2011). Pessoas porto-riquenhas explicitaram que os seus relacionamentos amorosos tiveram início especialmente no ambiente escolar (Estrella, 2007). Por fim, universitários expuseram que tendem a buscar um parceiro amoroso, para uma relação em longo prazo, no local da faculdade (Altafim et al., 2009)

Conviver e envelhecer junto com o marido correspondeu ao desejo de permanecer na vida conjugal, podendo ser até o fim da vida, e a aspectos positivos da relação, como uma boa convivência e o respeito. Das participantes dos três grupos, Aline (26 anos), Amanda (29 anos), Brenda (51 anos) e Bernadete (54 anos) desejam permanecer na conjugalidade.

Bernadete ainda crê que o casal não terá dificuldades na convivência, devido ao respeito à singularidade do outro. Berenice (40 anos) busca viver o dia a dia com o marido, pois o relacionamento está sendo muito bom. Cíntia (68 anos) apetece que ela e o esposo fiquem juntos por muito tempo, já que um não vive sem o outro. Ademais, Bianca (50 anos) ambiciona que ela e o marido envelheçam juntos, morando no interior, e Célia (61 anos) e Carol (66 anos) que o casal chegue junto à velhice.

Acerca da união até a morte de um dos cônjuges, Clara (63 anos) e Cláudia (70 anos) esperam viver bem com o cônjuge, até os últimos dias de vida. Ana (20 anos), Catarina (66 anos) e Creuza (72 anos) aspiram que a conjugalidade dure até a morte, sendo que Catarina (66 anos) justificou esse desejo proferindo que o que Deus une o homem não separa. Por fim, Camila (78 anos) contou que deseja falecer antes do marido e, se ele morrer primeiro, ela não quer ser dopada, já que serão os derradeiros momentos dela ao lado dele. Conforme as mulheres proferiram: *“Eu espero é parece muito clichê, mas eu espero ficar com o Renato”* (Amanda, 29 anos). *“O sonho da gente é esse ... ir embora junto ... ir para o interior, que o nosso sonho é esse aí. É envelhecer junto lá”* (Bianca, 50 anos).

Eu já falei com os meninos ... “oh! Eu quero morrer primeiro, agora, se ele for primeiro, vocês não vem com um monte de remédios para me dopar não, porque ... vai ser ... as minhas últimas horas ali, não quero que me dopa não”. (Camila, 78 anos)

O desejo de permanecer com o esposo que, em alguns casos, pode ser até a morte, citado nesse subtema, difere dos resultados encontrados por Galvão et al. (2016, 2019). Pois, as mulheres casadas de meia idade alegaram que o casamento se tornou instável (Galvão et al., 2016), e as jovens casadas citaram a fragilidade dos vínculos como uma das mudanças nos relacionamentos amorosos, nas últimas décadas (Galvão et al., 2019).

Todavia, em consonância com o que parte das entrevistadas proferiu, pessoas jovens enunciaram que esperam do casamento a constituição de uma conjugalidade que perdue a

vida inteira (Padilha et al., 2018). Jovens colombianos explicaram que buscam em uma relação amorosa um vínculo forte e estável que favoreça a construção de um futuro (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). Adolescentes declararam o casamento tradicional em seus projetos de vida (Riter, 2015). Por fim, idosos expuseram que almejam um relacionamento amoroso sólido e duradouro (Kinas & Vendrusco, 2010).

O respeito mútuo, que inseriu o respeito à autonomia e à independência da esposa, também foi pronunciado por participantes das três faixas etárias. Destarte, Ana (20 anos), Brenda (51 anos), Carol (66 anos) e Carolina (71 anos) almejam o respeito mútuo na conjugalidade. De sua parte, Bethânia (41 anos) anseia que o marido prossiga respeitando a autonomia e a independência dela. Os seguintes relatos ilustram esse subtema: *“E que seja sempre assim ... um com o outro ... respeito”* (Ana). *“Que a gente seja sempre, assim, respeitando um ao outro”* (Brenda). *“Respeitando, não é? Muito um ao outro”* (Carol).

Diante disso, sublinha-se que, exceto Bethânia (41 anos), as mulheres almejam o respeito recíproco na vida a dois. Assemelhando-se a esse resultado, casais estadunidenses expuseram o respeito mútuo como característica do casamento (Gildersleeve et al., 2017). Cônjuges enunciaram a relevância de respeitar a individualidade um do outro (Schulz & Colossi, 2020). Jovens solteiros alegaram que buscam o respeito em uma relação amorosa (Smeha & Oliveira, 2013). E pessoas adultas mencionaram o respeito como uma das maneiras de viver o amor no relacionamento amoroso (Hoffmeister et al., 2019).

As mulheres dos três grupos ainda enunciaram o diálogo, aludindo ao gosto pela conversa e a busca por um diálogo e uma comunicação melhor entre o casal. Nesse caso, Cláudia (70 anos) aspira a um bom diálogo e Beibiane (35 anos) a uma conversação mais firme entre o casal. Alice (28 anos) deseja uma comunicação mais clara entre ela e o marido, na qual ele consiga expressar os sentimentos. Já Bruna (43 anos) apetece que os cônjuges

continuem gostando de conversar entre eles. Como exemplo, apresentam-se as positivas declarações:

De a gente conseguir uma comunicação mais clara ainda, porque ele tem dificuldade de se comunicar quando ele está chateado ou quando ele está bravo ... Isso, expressar os sentimentos para a gente melhorar a nossa comunicação, melhorar o entendimento de como que o outro está se sentindo, para a gente poder organizar melhor a vida, assim, no dia a dia prático, não é? (Alice, 28 anos)

“Que a gente continue gostando de conversar um com outro” (Bruna, 43 anos). *“O que a gente precisa nessas horas depois de 70 anos ... precisa de bom diálogo”* (Cláudia, 70 anos).

Essas aspirações vão ao encontro do estudo de Smeha e Oliveira (2013) no qual os jovens solteiros alegaram buscar em uma relação amorosa o diálogo sincero. Além do que, a comunicação clara e objetiva dos sentimentos e concepções pode favorecer o convívio familiar e conjugal (Walsh, 2016a), assim como conversar de maneira precisa e consistente coopera para a resiliência familiar (Walsh, 2016c).

Outras expectativas foram declaradas por mulheres dos três grupos. Tais pretensões versaram sobre aspectos positivos da relação, como a intimidade, a reciprocidade, a tranquilidade, a superação das adversidades, o crescimento do casal e a ausência de ciúmes. Assim, Ana (20 anos) anela que ela e o esposo cresçam cada vez mais. Carol (66 anos) apetece que os cônjuges permaneçam não tendo ciúmes um do outro. Celeste (60 anos) ambiciona que o casal viva tranquilamente, sem confusões e brigas. Berenice (40 anos) busca retribuir o esforço do marido para que ele se sinta importante e almeja que eles saibam suportar os momentos difíceis. Creuza (72 anos) anseia que os consortes superem as limitações e os defeitos mútuos. Já Antônia (26 anos) espera a melhora da intimidade entre o casal.

Entre as referidas aspirações, destaca-se o anseio de Antônia (26 anos). Em suas palavras: *“No progresso ... de intimidade mesmo, para identificar quando um está mais chateado, quando o outro precisa de alguma coisa”*. De tal modo, Hinde (1997) alegou que a intimidade é essencial para o casal, visto que contribui para o conhecimento mútuo e a construção de uma história mais apropriada do relacionamento. Por sua vez, Jovens solteiros expuseram que a intimidade favorece a edificação e a conservação de um enlace amoroso (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016) e é crucial para uma relação (Schlösser & Camargo, 2019). A intimidade ainda foi reputada por pessoas casadas como aspecto benéfico à conjugalidade (Feijão & Moraes, 2018) e que auxilia no processo de reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

A honestidade aliou a sinceridade, a fidelidade e a lealdade, sendo aludida por participantes dos grupos A e B. Portanto, Ana (20 anos) deseja a fidelidade e a lealdade mútua no casamento. Beibiane (35 anos) espera que sinceridade se fortaleça e Bruna (43 anos) que a sinceridade e honestidade permaneçam entre o casal. Nas palavras das entrevistadas: *“E que seja sempre assim, sendo leal, lealdade um com o outro, é fidelidade”* (Ana). *“Eu espero que continue desse jeito, sem segredos, ... eu não quero que tenha mentira, eu não gosto de mentira, eu quero um relacionamento honesto”* (Bruna).

Segundo exposto, Ana (20 anos) anela pela fidelidade e pela lealdade em sua vida de casal. Nesse sentido, salienta-se que a fidelidade foi estimada em uma relação amorosa por jovens solteiros (Smeha & Oliveira, 2013), adolescentes (Stengel & Tozo, 2010) e casais (Porreca, 2019). Além disso, jovens universitários explicaram que a fidelidade é imprescindível para o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos amorosos (Schlösser & Camargo, 2019). Casais estadunidenses enfatizaram que a lealdade, em alguns momentos, pode servir de base para a conjugalidade (Gildersleeve et al., 2017). Sobre a honestidade (Bruna, 43 anos) e a sinceridade (Beibiane, 35 anos; Bruna), jovens casadas

citaram o aumento da sinceridade e da honestidade entre o casal como uma das mudanças ocorridas nas reações afetivas, nas últimas décadas (Galvão et al., 2019).

As mulheres dos grupos A e C enunciaram a união, proferindo desejar que a união do casal se conserve (Alana, 30 anos e Carol, 66 anos) e cresça cada vez mais (Ariel, 22 anos). Conforme elas pronunciaram: *“Espero, assim, que a gente se una ... cada dia mais e mais”* (Ariel). *“Casamos e aquela vida, assim, de união ... Continuamos assim”* (Carol).

Por seu lado, as participantes dos grupos B e C citaram a felicidade e a diversão, que reuniu o desejo de ser feliz, se divertir e aproveitar a vida com marido. Assim, Brenda (51 anos) apetece que o casal viva feliz e Betina (36 anos) que os cônjuges sempre se divirtam juntos. Bethânia (41 anos) crê que os parceiros irão desfrutar da vida juntos. E Camila (78 anos) anseia por um final feliz ao lado do esposo. De acordo com o que disseram: *“Eu espero ter um final feliz entre mim e ele”* (Camila). *“Oh! É a expectativa que eu tenho é que a gente vai curtir a vida juntos”* (Bethânia).

Conforme dito, Camila (78 anos) e Brenda (51 anos) anelam pela felicidade na vida a dois. Semelhantemente, a felicidade conjugal foi citada como expectativa para o casamento por pessoas casadas (Costa & Mosmann, 2015) e por jovens (Padilha et al., 2018). Casais estadunidenses mencionaram as lembranças felizes de situações vividas junto como característica de seus relacionamentos (Gildersleeve et al., 2017). Idosos argentinos associaram a satisfação conjugal à alegria e à felicidade proporcionadas pelas esposas (Arias & Polizzi, 2013). Jovens colombianos explicaram que a relação amorosa é fonte de felicidade, bem como capacita fazer o outro feliz (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016). No que toca à diversão (Betina, 36 anos) e o curtir a vida (Bethânia, 41 anos), destaca-se a relevância da diversão para a resiliência familiar (Walsh, 2016c) e para a manutenção de casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017).

Sobre a compreensão mútua, o referido subtema também envolveu a compreensão por parte do esposo. Das mulheres dos grupos B e C, Bethânia (41 anos) espera que o marido continue compreendendo que o relacionamento deles é de igualdade. Já Conceição (66 anos) apetece que a compreensão recíproca aumente. Vejam-se os depoimentos das entrevistadas: *“O homem que consiga entender que a minha grande expectativa sempre foi o relacionamento ... de igual para igual”* (Bethânia). *“Tem que aumentar mais ... e o entendimento também”* (Conceição).

Em proximidade com o que Bethânia (41 anos) e Conceição (66 anos) proferiram, pessoas em casamentos longevos citaram a compreensão com um dos aspectos de seus relacionamentos (Albertoni & Lages, 2018). Pessoas casadas de meia idade e idosas expuseram que a compreensão é basilar para um bom convívio conjugal (Ribeiro et al., 2015). Ademais, o desejo de Bethânia pela compreensão do esposo acerca da igualdade entre eles na conjugalidade está de acordo com a maior igualdade entre os casais na relação amorosa, ocorrida nas últimas décadas (Galvão et al., 2019) e com a expectativa futura de que as relações amorosas tenderão à paridade entre homens e mulheres (Galvão et al., 2017b).

As participantes dos grupos B e C citaram também o apoio mútuo, que abrangeu a ajuda e o alicerce recíprocos, e o apoio por parte do consorte. Dessa maneira, Brenda (51 anos) anseia pela conservação do apoio entre o casal. Bethânia (41 anos) e Clara (63 anos) aspiram pelo apoio e ajuda mútua na relação conjugal. Por seu lado, Cláudia (70 anos) anela pelo alicerce e a ajuda recíprocos. E Betina (36 anos) espera ter sempre o apoio do marido, mesmo que ele não concorde com ela. Observem-se as conseguintes palavras: *“Que continue, assim, um sendo a bengalinha do outro, sabe, um apoiando o outro”* (Brenda). *“Um ajudando o outro. ... a gente pensar bem também, futuramente, a gente vai precisar sempre um apoiando um o outro, a gente vai ficando velho, não é?”* (Clara).

No que toca ao valor do apoio mútuo almejado na conjugalidade pelas entrevistadas, ressalta-se que a relevância da ajuda/apoio para o relacionamento amoroso de pessoas idosas foi constatada na literatura. No estudo de Silva et al. (2019), as autoras notaram que as interações de ajuda cooperam para o surgimento de diversos elementos favoráveis para a conjugalidade de casais idosos. Ademais, os idosos argentinos enunciaram o apoio emocional como uma das principais funções do enlace amoroso na terceira idade, bem como afirmaram a existência do apoio em suas relações amorosas (Arias & Polizzi, 2013).

A paciência abarcou a paciência mútua em condições de enfermidade e a calma por parte do esposo, sendo pronunciada por mulheres dos grupos B e C. Assim, Carolina (71 anos) ambiciona pela paciência na conjugalidade. Conceição (66 anos) deseja a paciência mútua em situações que envolvam questões de saúde. Por seu lado, Bethânia (41 anos) anseia que o cônjuge tenha calma quando ela estiver nervosa. Nos relatos das entrevistadas:

“É falar calma na hora que você está nervosa, então, a minha expectativa gira muito mais em torno disso” (Bethânia, 41 anos). *“Da paciência de um com o outro, não é? ... que quando está todo mundo saudável, ah! É mais fácil sobreviver, começa a lidar com a doença”* (Conceição, 66 anos). Conforme visto, mencionou-se a pertinência da calma em situações de nervosismo e da paciência em condições de enfermidade, o que se aproxima de Walsh (2016c) ao expor que a tolerância coopera com a resiliência familiar.

Sobre a saúde do casal, das mulheres dos grupos B e C, Brígida (49 anos) espera que o casal esteja com saúde. Por sua vez, Cláudia (70 anos) e Carolina (71 anos) anelam pela saúde. Notem-se os seguintes exemplos: *“Que a gente esteja com saúde, não é?”* (Brígida). *“Ter saúde para a gente poder ir seguindo a vida”* (Carolina). Dessa maneira, ressalta-se que duas entrevistadas idosas e uma de meia-idade anelam pela saúde do casal na conjugalidade. Esse resultado vai ao encontro do estudo de Ferrari et al. (2017) em que os autores

identificaram a predominância do estilo de vida saudável em idosos, sendo seguidos de pessoas adultas.

Por fim, o cuidado mútuo foi declarado somente por mulheres idosas e envolveu o anseio em retribuir a atenção recebida do esposo. Assim, Clara (63 anos) deseja o cuidado mútuo na conjugalidade. E Célia (61 anos) aspira que o marido se conserve atencioso com ela, bem como gostaria de corresponder à atenção recebida. Vejam-se as declarações das mulheres: *“Permanecer ele com essa atenção ... eu gostaria de ser mais atenciosa com ele do jeito que ele é comigo, não é? Pretendo mudar nisso”* (Célia). *“Cuidando um do outro ... a gente vai ficando velho, não é? Tem que um ir cuidando do outro”* (Clara).

De acordo com as expectativas proferidas pelas entrevistadas, o cuidado mútuo foi estimado como um dos principais objetivos do casamento (Ronchi & Avellar, 2011), sendo que demonstrar o cuidado é relevante para um casamento longo (Costa & Mosmann, 2015). Além disso, pessoas em casamentos de longa duração alegaram que a atenção recíproca faz com que a conjugalidade seja mais estável e feliz (Costa & Mosmann, 2015). Vale frisar que esse subtema envolveu expectativas de idosas. Porém, jovens colombianos alegam que o relacionamento amoroso é fonte de cuidado (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016), e casais, de 30 a 59 anos, relacionaram o cuidado à conjugalidade (Porreca, 2019). Sendo assim, finalizam-se a descrição e a discussão do subtema relações conjugais. Em seguida, será apresentado o subtema relações interpessoais com os filhos.

Relações Interpessoais com os Filhos. Esse subtema representou as expectativas atinentes ao cuidado da prole (grupos A e B) e ao desejo de gerar mais filhos (grupo A). Perante o exposto, das mulheres do grupo A, Ana (20 anos) almeja ter mais filhos. E Aline (26 anos) e Andressa (30 anos) gostariam de ter outro filho. Note-se o seguinte exemplo: *“Que esse amor gere mais frutos. ... Frutos que eu digo é filhos”* (Ana). Em conformidade

com essa pretensão expressa pelas jovens, adolescentes citaram a constituição familiar com filhos em seus projetos de vida (Stengel & Tozo, 2010).

Sobre o cuidado das crianças, Bella (44 anos) espera que o cônjuge permaneça dividindo os cuidados com os filhos. Por sua vez, Analú (29 anos) anseia que o esposo seja mais responsável em cuidar do menino para ela trabalhar, pois, às vezes, ele dá mais atenção ao celular e ao computador que ao filho. Segundo as palavras delas:

O meu marido trabalha, eu fico em casa com o bebê, tento trabalhar, não é? Quando dá, porque ele é ainda muito novinho ... quando ele chega, eu vou costurar ... às vezes, ele me enrola ... vai ficar em frente do computador ... Eu espero que ele seja mais responsável um pouquinho ... coloque o filho como prioridade ... porque, às vezes, ele pega, deixa o menino ali, mas fica mexendo no celular como se o menino nem tivesse ali, aí, às vezes, ele acorda “opá! O meu filho está aqui” aí brinca um pouquinho e já está lá de novo. (Analú, 29 anos)

“Que continue assim, que continue com todos esses cuidados, com toda essa divisão de tarefas” (Bella, 44 anos).

Cabe ressaltar que a situação de o esposo de Analú (29 anos) não compartilhar com ela, de modo satisfatório, os cuidados com o bebê provavelmente prejudica o trabalho da jovem. Nesse sentido, seria importante que o homem passasse a desempenhar mais efetivamente essa função e compreendesse a relevância disso para o convívio familiar. Tal fato não é um problema no casamento de Bella (44 anos), pois entre os cônjuges há a divisão da referida tarefa.

Diante do exposto, destaca-se que a maioria dos cuidados com a prole permanece sendo das mães, apesar de muitas mulheres também desempenharem o trabalho formal (Knudson-Martin, 2016). Contudo, a divisão dos cuidados com os filhos é um recurso utilizado por casais de dupla carreira para enfrentarem os desafios do cotidiano (Fraenkel & Capstick, 2016). Ademais, trabalhadoras industriais alegaram que o apoio do parceiro no

cuidado da prole possivelmente torna a rotina feminina mais tranquila, diminuindo as chances de ocorrer conflitos entre os âmbitos do trabalho e da família (Vilela & Lourenço, 2018).

Outras pretensões que envolveram os filhos também foram enunciadas por mulheres dos grupos A e B. As referidas perspectivas versaram sobre a perda do filho, a autonomia do filho, o desapegar dos familiares e o mudar de cidade. Logo, Andressa (30 anos) apetece que ela, o marido e a filha possam estar juntos em Belo Horizonte, MG. Bárbara (49 anos) anela que o casal, especialmente o consorte, consiga superar a morte do filho mais velho. Brígida (49 anos) espera que o cônjuge desapegue um pouco dos familiares dele para que as filhas não acreditem que o casamento delas será equivalente ao dos pais. Por sua vez, Bianca (50 anos) quer que o filho arrume um emprego e siga o caminho dele. Entre essas respostas, cita-se a de Bárbara:

A perda do meu filho a gente está, assim, meio em choque ainda, o meu esposo está meio, assim, eu ainda noto que ele está meio desorientado, não é? ... Mas, está dando para levar, assim, porque eu sei que Deus fez o melhor para ele, não é? Só que o meu esposo ele não aceita, ele está naquela fase de revolta ... mas, eu tenho fé em Deus que isso vai passar, é um período, não é? Até de amadurecimento para ele mesmo também, não é? Para nós, não é? (Bárbara, 49 anos)

Conforme referido, Bárbara (49 anos) apresentou certa aceitação da morte do filho e mencionou que isso pode trazer um amadurecimento para o casal, ao contrário de seu esposo, que ainda se encontra em uma fase de revolta. Indo ao encontro disso, mulheres esclareceram que a aceitação da perda do filho proporcionou conforto e suavizou a dor delas (Costa et al., 2019), sendo que o apoio social e familiar também cooperou para a amenização do sofrimento e reorganização da vida (Araújo & Carvalho-Barreto, 2019). Assim sendo, as participantes encerraram as menções sobre as expectativas atuais para a conjugalidade que envolveram os filhos. A seguir, serão mencionadas as pretensões que se relacionaram com a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Como perspectivas atuais para a conjugalidade atinentes à sociedade e ao ambiente externo, as mulheres citaram o trabalho (grupos A e B) e Deus (grupos A e C), sendo que Deus e a religião foram aludidos nos aspectos notáveis da vida conjugal. O trabalho contemplou a aposentadoria, a estabilidade profissional e financeira, a ampliação da renda, a maior cooperação financeira com o lar, o serviço autônomo e a aquisição de bens materiais. Sobre os bens materiais, Amanda (29 anos) espera que o casal adquira um automóvel melhor. Alessandra (21 anos) deseja ter uma casa própria e um automóvel, e Adriana (23 anos) anseia por quitar a residência da família.

A aposentadoria, a estabilidade profissional e econômica, o aumento dos recursos financeiros, a maior contribuição econômica com a família e o trabalho autônomo ainda foram proferidos. Logo, Bianca (50 anos) almeja que o casal se aposente para ir morar no interior, que é mais tranquilo que a cidade. Adriana (23 anos) ambiciona por uma vida financeira estável. Andressa (30 anos) espera que ela e o marido se estabeleçam no novo campo profissional que está se abrindo. Beatriz (54 anos) aspira que os cônjuges instalem um espaço de vida saudável, com vistas ao acréscimo da renda. Por fim, Bella (44 anos) deseja poder contribuir melhor financeiramente com a família, o que permitirá realizarem mais coisas juntos. Observem-se as seguintes declarações:

“Ter uma vida estabilizada, não é? É igual agora que a gente ... está comprando essa casa, está pagando essa casa, terminar logo de pagar, não é? Para a casa ser nossa mesmo” (Adriana, 23 anos). *“Que ... eu possa contribuir melhor financeiramente também para que a gente possa fazer mais coisas juntos”* (Bella, 44 anos).

Cabe salientar que somente as mulheres do grupo A enunciaram aspirações atinentes aos bens materiais, o que pode ter sido em virtude de as participantes do grupo B já possuírem automóvel e casa própria. Semelhante a isso, a aquisição da residência própria e de carro foi

proferida por pessoas, de 20 a 40 anos, como expectativa para o casamento (Padilha et al., 2018) e como projeto de vida por jovens casais (Heckler & Mosmann, 2014).

Para mais, aproximando-se dos anseios referentes ao aumento da renda, à estabilidade profissional e financeira e a maior contribuição econômica para a família aludidos pelas entrevistadas, jovens portuguesas mencionaram a segurança econômica e profissional como um pré-requisito para o estabelecimento da conjugalidade (Ferreira, 2017). Jovens cônjuges inseriram o crescimento profissional em seus planos de vida (Heckler & Mosmann, 2014). Almeida (2010) aclarou que há casais que creem que a base de uma relação amorosa é viabilizar reciprocamente uma condição financeira satisfatória. Jovens casadas citaram as metas profissionais e financeiras em comum como uma razão para começar o relacionamento amoroso com o parceiro (Moraes et al., 2020). De sua parte, adolescentes incluíram em seus projetos de vida a pretensão de casar e dividir as despesas do lar (Stengel & Tozo, 2010).

As participantes dos grupos A e C mencionaram o subtema Deus, que se referiu a aspectos positivos, como a benção, a maturidade, a força e o alicerce fornecidos ao ser humano. À vista disso, Amanda (29 anos) espera ter Deus como base do casamento. Catarina (66 anos) anela pela benção divina e que Deus amadureça o casal ainda mais. Já Conceição (66 anos) deseja que Deus dê força aos cônjuges para superarem juntos os problemas de saúde que possam surgir. De acordo com o que proferiram: *“A gente sempre procura ter base em Deus, colocar Deus em primeiro lugar no nosso relacionamento”* (Amanda).

Até agora, eu estou com uma dor de cabeça ... ele nem precisa saber ... ele tem, eu não preciso saber, só que vai chegar um momento de um depender do outro, não é? Então, eu espero em Deus que eu esteja preparada para essa hora e pedindo sempre força a Deus que ... a gente supere junto. (Conceição, 66 anos)

Aproximando-se dessas expectativas, Walsh (2016d) esclareceu que a maioria dos latino-americanos crê que Deus atua na vida das pessoas, fazendo revelações, curas e milagres. Sobre a pretensão de ter Deus como alicerce do casamento (Amanda, 29 anos),

jovens casadas citaram que Deus é a base da conjugalidade (Galvão et al., 2017a). No que toca ao anseio pelo amparo divino nas situações de enfermidade (Conceição, 66 anos), Boyd-Franklin e Karger (2016) explicaram que a espiritualidade fornece um imenso apoio a famílias afro-americanas nos episódios de morte/falecimento, enfermidade e luto. Além do que, cônjuges idosos aclararam que a fé e o suporte espiritual provavelmente cooperam com o cuidado mútuo nos momentos de doenças e inseguranças (Silva et al., 2019).

Convém frisar que as participantes mais jovens declararam outras expectativas atuais para a conjugalidade. Assim, Adriana (23 anos) anela pelo casamento no civil e Amanda (29 anos) gostaria de realizar outra viagem.

Expectativas Atuais Para a Conjugalidade: Síntese. Em suma, identificaram-se mais diferenças que semelhanças entre as pretensões citadas pelos três grupos de mulheres. Dessa maneira, as expectativas que versaram sobre o conviver e envelhecer junto, o companheirismo, o respeito e o diálogo entre o casal foram proferidas por mulheres dos três grupos. As participantes dos grupos A e B destacaram a honestidade, o cuidado dos filhos e o trabalho. Nos grupos A e C, as mulheres enunciaram a união e Deus. As entrevistadas dos grupos B e C mencionaram expectativas atinentes à felicidade e à diversão, à compreensão, ao apoio mútuo, à paciência e à saúde do casal. Além disso, as participantes mais jovens citaram o casamento no civil, a realização de outra viagem e o desejo por ter mais filhos. De sua parte, as idosas aludiram ao cuidado mútuo.

Após as mulheres terem pronunciado as suas expectativas atuais para a conjugalidade, foi solicitado a elas que narrassem situações que ilustrassem os referidos anseios, visando à melhor compreensão por parte da pesquisadora. Sendo assim, em seguida, serão expostas as narrativas apresentadas pelas participantes.

NARRATIVAS SOBRE AS EXPECTATIVAS ATUAIS PARA A CONJUGALIDADE

Como ilustração das expectativas atuais para a conjugalidade, as mulheres relataram diversos episódios, nos quais foi possível constatar como alguns dos aspectos mencionados nas pretensões para a vida a dois se articulam na dinâmica conjugal. A partir disso, foram estabelecidos quatro subtemas, ou seja, (a) as relações interpessoais conjugais; (b) as relações interpessoais familiares; (c) as relações interpessoais com os amigos; e (d) a sociedade e o ambiente externo, conforme serão descritos e discutidos seguidamente.

Relações Interpessoais Conjugais. As participantes dos três grupos narraram acontecimentos mais restritos à díade, que contemplaram diversos elementos positivos da dinâmica conjugal, como o amor, o cuidado, o diálogo, a compreensão, a harmonia, a ajuda, o apoio mútuo, o respeito, a confiança e a ausência de brigas. Sublinha-se que, exceto o amor e a confiança, tais aspectos foram mencionados pelas entrevistadas nas expectativas atuais para a conjugalidade. Nesse sentido, Ana (20 anos) historiou que, na época do namoro, os parceiros ficaram separados por um mês e perceberam que o amor deles era mais forte do que estavam passando. Brenda (51 anos) explicou que, no início do casamento, tinha muita vergonha do marido. Ela não comia na frente dele, engordou, perdeu as roupas e não dizia sobre o que estava precisando. Ele notou a necessidade dela e comprou roupas novas e, por meio dessa atitude de cuidado, Brenda compreendeu que o marido de fato a amava.

Sobre a compreensão, a harmonia, a ajuda e ainda acerca do amor e do cuidado, Berenice (40 anos) expôs que procura cuidar do marido como ele cuida dela. Assim, como o homem é muito caseiro e está acima do peso, ela o presenteou para que ele se sentisse amado e valorizado. Berenice ainda sublinhou que não consegue se imaginar sem o marido, pois as coisas diárias se tornam um costume. Por sua vez, Célia (61 anos) discorreu que o cônjuge a compreende de uma forma diferente, pois parece ler os pensamentos dela. Beibiane (35 anos)

alegou que sempre busca a compreensão mútua, especialmente nas ocasiões em que um dos cônjuges está magoado. E Clara (63 anos) relatou que, após 40 anos de casado, o casal vive como irmãos, na harmonia, na ajuda e no cuidado mútuos.

No que tange à ausência de brigas, à confiança, ao respeito, ao diálogo e ao apoio mútuo, Bruna (43 anos) descreveu que os cônjuges nunca brigam. Catarina (66 anos) esclareceu que não pode reclamar do convívio conjugal, porque os cônjuges se respeitam e estão sempre juntos. De sua parte, Carolina (71 anos) destacou que ela e o esposo respeitam os diferentes gostos um do outro. Carol (66 anos) explicou que os parceiros possuem uma vida independente em situações cotidianas, devido à confiança mútua. Cláudia (70 anos) relatou que o casal conversa a respeito de tudo, divide os sentimentos e se apoia em todos os sentidos. Bethânia (41 anos) proferiu que ela e o marido têm o ritual de dialogar, durante as refeições ou antes de dormir, acerca de como foram as coisas. Por fim, Beibiane (35 anos) ressaltou que nos momentos de dificuldades o casal dialoga sobre o que não está bem e busca melhorar o que for preciso. Vejam-se os seguintes relatos:

Em relação ao diálogo tivemos, não é? Muitos altos e baixos no relacionamento e, nesses momentos de baixa, esse diálogo de poder chegar para o outro e falar assim: “Não está legal, não é? A gente está brigando muito, é a gente não tem ficado juntos, então, não está legal, o que a gente pode fazer para melhorar?”. Então, poder conversar desde questões do dia a dia, não é? Da relação mesmo. (Beibiane, 35 anos)

Logo ... que nós casamos, eu engordei e perdi todas as minhas roupas, mas eu tinha muita vergonha dele, eu não consegui falar com ele do que eu estava precisando. ... um dia nós fomos à missa, ele chegou para mim e falou assim: “Porque que você só põe essa roupa para ir à igreja?”. (risos) “Porque é a única que dá, não é?” Aí ele ficou quietinho, não falou nada, aí na semana seguinte ele chamou a minha irmã, foi na cidade e aí ele fez uma compra de roupas, sandálias ... foi naquele dia ele me conquistou não pelos presentes, mas ... pelo cuidado que ele teve comigo, sabe, ... acho que naquele momento ele mostrou o cuidado que ele tinha comigo e eu vi eu acho que é isso que vai ficar para sempre ... Exatamente, que ... ele me ama mesmo. (Brenda, 51 anos)

Você querer estar sempre ali perto para ajudar, assim que eu me sinto com ele ... tipo assim, um irmão querido, porque o casamento depois de certo tempo já não é mais aquele negócio, não é? ... É cuidando um do outro, a gente se entende aí ... não existe briga ... existe uma harmonia, ... mas ali dentro, depois de 40 anos de casada. (Clara, 63 anos)

Ante o exposto, salienta-se que Brenda (51 anos) associou o cuidado ao amor, Berenice (40 anos) expôs que busca retribuir o cuidado recebido do marido e Clara (63 anos) mencionou o cuidado mútuo como um aspecto de sua vida conjugal. Assemelhando-se a isso, o cuidado foi relacionado ao amor por casais idosos (Silva et al., 2019) e por pessoas de três faixas etárias (Hoffmeister et al., 2019), sendo que os idosos ainda destacaram que procuraram corresponder ao cônjuge o cuidado ganho ou que poderão vir a ganhar na relação (Silva et al., 2019). Ademais, jovens casadas aclararam que o cuidado entre os parceiros aumentou depois do casamento (Galvão & Alencar, 2020).

Sobre o diálogo, infere-se que esse elemento provavelmente faz parte do cotidiano conjugal de Beibiane (35 anos), Bethânia (41 anos) e Cláudia (70 anos), bem como possivelmente é empregado por Beibiane e o seu parceiro como um recurso para solucionar os conflitos entre o casal. Nesse sentido, o diálogo foi considerado como um fator favorável para a relação marital por casais idosos (Silva et al., 2019) e mulheres casadas (Carvalho et al., 2018). Casais de dupla carreira citaram o diálogo como uma estratégia de resolução dos conflitos conjugais (Fidelis et al., 2017). Além do mais, cônjuges enunciaram a resolução conjunta dos problemas como um recurso para enfrentar o estresse (Mussumeci & Ponciano, 2018).

O respeito mútuo se inseriu na narrativa de Catarina (66 anos) e o respeito à singularidade um do outro no relato de Carolina (71 anos). Indo ao encontro disso, casais estadunidenses proferiram que o respeito é crucial para uma relação gratificante e duradoura (Driver et al., 2016). E cônjuges longevos mencionaram o respeito recíproco como razão para a conservação do casamento (Alves-Silva et al., 2017). Por sua vez, Célia (61 anos) descreveu

a compreensão por parte do esposo e Beibiane (35 anos) a compreensão mútua como um elemento benéfico para situações em que um dos cônjuges está aborrecido. Nesse caso, vale lembrar que jovens casadas explicaram que a compreensão entre o casal aumentou após o casamento (Galvão & Alencar, 2020) e pessoas em casamentos longevos expuseram o valor da compreensão para o relacionamento (Costa & Mosmann, 2015).

Encerrando, observa-se que Clara (63 anos) destacou que a harmonia está presente em sua vida conjugal e Berenice (40 anos) esclareceu que não se concebe sem o esposo. Semelhante a isso, pessoas casadas associaram o casamento à tranquilidade (Emídio & Souza, 2019) e casais ressaltaram que a família e a conjugalidade é um espaço de harmonia (Porreca, 2019). De sua parte, jovens casadas disseram que não imaginam a vida delas sem o cônjuge (Galvão & Alencar, 2020).

O subtema a saúde do casal foi enunciado por duas idosas e tratou de eventos de enfermidades vividos pelos casais, perpassados pelo alcoolismo do homem. Assim, Clara (63 anos) declarou que, no início do casamento, o esposo bebia muito e isso motivou a separação do casal. Com o tempo, ela adoeceu, o marido parou de beber, e o casal reatou o relacionamento. Por sua vez, Camila (78 anos) relatou que o parceiro era alcoolista e sofreu um AVC, o que deixou sequelas. Ele ainda tem diabetes e ingere insulina, mas como não segue a dieta corretamente, ela crê que o cônjuge poderá ter que fazer hemodiálise. De acordo com o depoimento de Camila:

O AVC dele é tipo quase como um enfarte. ... Ele ficou em coma oito dias no hospital, depois que ele foi voltando aos poucos ... o cérebro dele é mais água que massa óssea ... ele tem diabetes também ... ultimamente, ele toma insulina e faz a dieta mais ou menos, porque eu saio, ele come biscoito doce, eu sei que come, ele compra, eu não compro ... aí ontem eu briguei com ele, eu falei: “Você para de comer os biscoitos doce, daqui uns dias você vai ter que fazer hemodiálise, aí o bicho vai pegar.” “Não, eu estou bem de saúde.” Ele fala que está bem. (Camila, 78 anos)

Conforme visto, Camila (78 anos) esclareceu que o esposo era alcoolista, o que provavelmente contribuiu para que ele sofresse o AVC. Além disso, ela expôs que o homem não segue a dieta corretamente. Essas situações lembram o estudo de Ferrari et al. (2017) em que os autores constataram que uma alimentação não saudável é a principal causadora, sendo seguida da associação entre uma dieta inadequada e o abuso de álcool, do modo de vida não saudável de pessoas de três faixas etárias.

Sobre o relato de Clara (63 anos), ela não apresentou detalhes acerca da sua relação com o marido quando ele era alcoolista, apenas mencionou que isso motivou a separação do casal. Porém, sujeitos que abusavam do consumo de bebidas alcoólicas expuseram um imenso sofrimento por parte deles e de suas famílias, pois o referido hábito coopera para os conflitos familiares e conjugais (Silva et al., 2019). Ademais, mulheres casadas cujos maridos consumiam álcool em excesso afirmaram não suportar mais tal condição, estando dispostas a se separarem dos esposos (Pires et al., 2019). Posto isso, termina-se a apresentação das narrativas que envolveram as relações com o cônjuge. O próximo subtema versará sobre as relações familiares das entrevistadas.

Relações Interpessoais Familiares. As histórias referentes às relações familiares disseram a respeito dos filhos, dos netos e da família de origem (grupos A, B e C). O subtema filhos e netos apresentou diversos eventos, sendo que alguns deles podem influenciar de forma positiva ou negativa a vida do casal. Tais situações versaram sobre a gestação, o nascimento da filha, a festa de aniversário do filho, os estudos das filhas, a preocupação com a educação da prole, o lazer, a sexualidade do casal, a união familiar, a possibilidade de oferecer uma melhor qualidade de vida à filha, e a boa relação entre os avós e os netos. Houve episódios ainda que inseriram o diálogo e a participação do homem nos cuidados dos filhos, que foram mencionados pelas mulheres nas expectativas atuais para a conjugalidade.

Acerca da gravidez, do nascimento e educação da prole, da vida sexual dos cônjuges, e do lazer, entre as mulheres dos três grupos, Célia (61 anos) expôs que quando engravidou ficou ansiosa a ponto de o marido falar em separação, mas depois as coisas se estabilizaram. De sua parte, Ana (20 anos) explicou que descobriu a gravidez no momento em que estava separada do parceiro. Então, o casal reagiu, a criança nasceu e isso organizou a casa e o casamento. Bethânia (41 anos) declarou que com nascimento da filha a sexualidade do casal ficou mais acomodada, todavia isso não foi um problema. Para Bethânia, o que mais importa é oferecer atenção e educação à filha. Nesse caso, os instantes de lazer são mais com a menina, sendo raras as vezes que ela e o cônjuge saem juntos para conversar e fazer planos.

As declarações das entrevistadas dos três grupos também envolveram a qualidade de vida e o cuidado dos filhos. Aline (26 anos) proferiu que os cônjuges vislumbram a possibilidade de oferecer uma melhor qualidade de vida à filha, com coisas que eles não tiveram acesso, como escola particular e plano de saúde. Bella (44 anos) alegou que o marido faz o papel dele, dividindo os cuidados com os filhos. Porém, Celeste (60 anos) ressaltou que era sempre ela quem resolvia os problemas atinentes à educação da prole. Alice (28 anos) relatou que, certa vez, o marido não comunicou que não participaria do cuidado das filhas. Tal fato a sobrecarregou, pois necessitou cuidar sozinha das três filhas. Ademais, Analú (29 anos) narrou que o esposo costuma chegar do trabalho e ir para a casa dos parentes ou jogar vídeo game e, conseqüentemente, não cuida do menino para ela costurar. Isso a incomoda bastante, dado que, às vezes, precisa esperar o filho dormir para poder trabalhar.

Além disso, as narrativas das participantes contemplaram o aniversário do filho, a união familiar e o curso superior das filhas. De tal modo, Betina (36 anos) pronunciou que os cônjuges são bem parecidos e, assim, tiveram o mesmo pensamento em convidar um casal para o aniversário do filho. Bruna (43 anos) enunciou que a família está sempre junta, é a família representante da escola, tanto que os vizinhos chamam os consortes de família e não

pelos nomes pessoais. Já Brígida (49 anos) destacou que as filhas foram estudar em Alegre, e ela e marido iam levar e buscar as jovens até a referida cidade. Essa situação, segundo Brígida, contribuiu para que ela se afastasse um pouco dos conflitos com os familiares do esposo.

Por último, duas idosas expressaram a boa relação entre os avós e os netos. Celeste (60 anos) explicou que a felicidade dos cônjuges é os netos, e que o marido quis pegá-los para criar, mas ela discorda disso. Por sua vez, Camila (78 anos) disse que nos eventos em família o consorte fica muito feliz ao lado dos genros e dos netos, sendo que o casal tem um neto que adora o avô. Esse menino residiu próximo aos avós até os sete anos e, quando o avô sofreu um AVC, ele pediu a Deus para que o idoso não falecesse. Vejam-se as narrativas das entrevistadas:

Eu não via a comunicação entre nós dois acontecendo e aí quando chegou mais para o final do dia, que eu já estava mais cansada e que precisava terminar de cuidar das meninas, por falta dessa comunicação eu fiquei sobrecarregada, então, eu tive que dar comida, dar o banho, fazer tudo sozinha e isso me deixou estressada, porque ele não falou comigo que não participaria, não falou comigo que ele precisava de espaço para resolver uma coisa ou para ficar mais calmo e aí isso me deixou sobrecarregada por falta dessa comunicação. (Alice, 28 anos)

A questão da sexualidade ela é importante, mas ela não é o mais importante, principalmente depois que nascem os filhos, não é? A minha vida sexual teve, assim, uma queda ... a gente tem momentos ... de se curtir, momentos de prazer, mas depois que a Ana nasceu obviamente é muito mais com ela, não é? Porque a gente tem uma preocupação com a educação dela, em dar atenção, até porque a gente também fica ausente ... e isso ... contribui com essa expectativa da nossa relação é o quanto que a gente vai conseguir educar, o quanto que a gente vai conseguir fazer as coisas para ela de um jeito legal, ficar com ela também para que ela possa curtir a gente, não é? (Bethânia, 41 anos)

Eu falei ... “nós levamos de carro, salta na porta, vai à pizzaria, come e vem embora”, aí ele concorda, ele vai, chega lá, fica feliz no meio dos meus genros, dos netos, eu tenho um neto que adora ele, está em São Paulo, o

mais novo. ... Mas, o Tony foi criado aqui até sete anos, o Tony estava aqui no dia que ele enfartou no corredor aí, aí o Tony ajoelhou no chão e falou assim: “Papai do céu ... salva o meu avô, não deixa o meu avô morrer não”, se ele contar para você, ele chora toda vez. (Camila, 78 anos)

Como eventos que interferiam do modo positivo na conjugalidade, a ida das filhas de Brígida (49 anos) à Alegre para estudarem contribuiu para que ela se distanciasse dos problemas com os familiares do marido. Ademais, Ana (20 anos) narrou que a natividade do filho organizou o lar e o casamento. Antes disso, Ana e o parceiro estavam separados, ela descobriu a gravidez e o casal reatou a relação. Similarmente, mulheres casadas citaram a gravidez como motivo para o casamento (Emídio & Souza, 2019; Galvão et al., 2016). Mulheres casadas também explicaram que o nascimento do primeiro filho cooperou para que elas adotassem recursos mais favoráveis para a solução dos conflitos conjugais (Delatorre & Wagner, 2018).

Sobre a influência de episódios adversos, Célia (61 anos) expôs a ansiedade vivida quando estava gestante, Alice (28 anos) a falha na comunicação entre o casal, e Alice e Analú (29 anos) a não participação do esposo nos cuidados com as crianças. Em consonância com os relatos de Alice e Analú, Walsh (2016b) aclarou que mulheres estadunidenses com uma dupla jornada de trabalho tendem a se sobrecarregar, pois os maridos não são propensos a dividir os cuidados dos filhos. Sendo assim, com base nas explicações de Analú e Alice, nota-se a importância de uma divisão igualitária no que toca aos cuidados dos filhos para que não haja sobrecarga de trabalho feminino e a possível eclosão de conflitos entre o casal. Em tais situações, conforme a descrição de Alice, uma comunicação clara e eficiente entre os cônjuges pode facilitar a organização da referida tarefa.

No que se refere à educação, à qualidade de vida e ainda ao cuidado dos filhos, Bella (44 anos) declarou que o cônjuge compartilha os cuidados das crianças e ela espera que ele se conserve assim. Nesse sentido, casais de dupla carreira esclareceram que repartem os cuidados com os filhos (Campana et al., 2019; Fidelis et al., 2017). Homens alegaram

participar dos cuidados com a prole (Nascimento et al., 2019) e jovens casadas mencionaram que o homem passou a ser mais presente na educação dos filhos, nas últimas décadas (Galvão et al., 2019). De sua parte, Aline (26 anos) que relatou ansiar uma melhor qualidade de vida para a filha, com plano de saúde e escola particular. E Bethânia (41 anos) proferiu a preocupação em dar atenção e educação à filha. Aproximando-se disso, casais expuseram que a preocupação com os filhos esteve na base da relação conjugal (Porreca, 2019).

Além do que, Bethânia (41 anos) enunciou o lazer e a vida sexual do casal. Ela explicou que, depois da natividade da filha, a sexualidade entre os cônjuges arrefeceu um pouco, sendo que isso não é um problema para eles, e que os momentos de lazer acontecem mais com a presença da menina. Logo, lembra-se que mulheres declararam uma considerável diminuição do desejo sexual, após o nascimento do(a) filho(a) (Machado et al., 2020). E casais aclararam que, depois do nascimento do bebê, ocorreu uma redução da vida sexual e social dos consortes, porém isso não ocasionou conflitos conjugais (Fidelis et al., 2017).

Por sua vez, Celeste (60 anos) e Camila (78 anos) descreveram o bom relacionamento entre avós netos, caracterizado pela felicidade e pelo apego do neto com o avô. Indo ao encontro disso, avós mencionaram que na relação delas com os netos há proximidade, carinho, afeto e satisfação (Zanatta & Arpini, 2017). Idosos portugueses ponderaram a relação entre eles e os netos como excelente, posto que isso colabora para a qualidade de vida dos anciões (Fernandes & Duque, 2017). Azambuja e Rabinovich (2017) também explanaram que o convívio entre netos e avós é essencial para a construção do vínculo entre eles, sendo que quando esse elo é forte as crianças podem desenvolver um imenso sentimento pelos avós, que pode permanecer por toda a vida.

Além do exposto, as participantes dos três grupos contaram episódios que envolveram as famílias de origem. As referidas situações versaram sobre a enfermidade, a morte e a educação materna, o exemplo negativo da conjugalidade dos pais, a influência de familiares

no surgimento de conflitos entre o casal, a relevância do apoio emocional e do diálogo. Reitera-se que o apoio mútuo e o diálogo foram citados nas expectativas atuais para a vida a dois.

Dessa maneira, Amanda (29 anos) mencionou que a mãe dela morreu vítima de um câncer, e que somente conseguiu superar essa perda devido ao apoio emocional do esposo. Conceição (66 anos) narrou que a sua mãe esteve doente e acamada, por uns 10 anos, e o seu pai não possuiu a paciência e a parceria de se conservar ao lado da esposa. Assim, Conceição frisou que não deseja que isso se repita em sua conjugalidade. E Célia (61 anos) expôs que o seu pai tinha muito ciúme e tratava a mãe dela grosseiramente. Tal fato influenciou as expectativas de Célia sobre o casamento a ponto de ela não querer se casar, mas o parceiro conseguiu mudar a concepção dela.

A influência de familiares na emergência de conflitos entre os cônjuges e a relevância do diálogo para a solução desses problemas também foram constatadas nos relatos das entrevistadas. Bruna (43 anos) descreveu que estava grávida, e a sogra com depressão exigia que o casal permanecesse residindo próximo a ela. Com isso, ela perdeu a paciência e mandou o marido ir morar com a sogra. O homem conversou com a mãe dele e resolveu a situação. Beibiane (35 anos) relatou que o cônjuge foi à casa dos pais dele e se atrasou para sair com ela. Isso a chateou, pois pensou que o motivo do atraso fosse os problemas dos sogros. Assim que o marido chegou em casa, Beibiane fez questão de conversar com ele, com vistas a esclarecer o fato.

Sobre a educação materna e ainda acerca da interferência de familiares e do diálogo, Antônia (26 anos) declarou que, no começo do casamento, os cônjuges dividiam um pequeno apartamento com o irmão mais jovem do marido, sendo que essa situação gerava conflitos. Então, o casal conversou e decidiu se mudar, o que contribuiu para a melhoria da relação. Por fim, Bethânia (43 anos) explicou que, no início da conjugalidade, os consortes conversaram

que os papéis entre eles seriam divididos, porque o marido foi educado pela mãe, que fazia tudo para ele. De acordo com as palavras das mulheres:

Eu perdi a minha mãe com câncer, a minha mãe até então era uma pessoa que era referência na minha vida ... e, quando eu a perdi, a minha vida desmoronou ...então, até eu elaborar o luto, ... ele era o meu suporte, então, ... se hoje eu estou aqui com você, foi porque ele estava comigo o tempo todo. ... enfim, é o Renato sempre foi o meu esteio, o meu porto seguro. (Amanda, 29 anos)

Uma vez, quando eu estava grávida da minha filha mais nova, eu morava em Teresópolis e a minha sogra ... tinha depressão, ela estava em um momento muito difícil, porque a gente saiu, a gente morava em baixo da casa deles e aí nós mudamos para outro apartamento e ela ficou aborrecidíssima, ela queria que o filho continuasse perto dela, aí ela começou a me encher a paciência por conta disso, ... e eu grávida já não estava com paciência, gravidez muda, não é? ... e aí eu cheguei, o meu marido não tinha feito nada, mas aí eu cheguei e falei para ele assim: “Olha, tu arruma as suas coisas e vai morar com a tua mãe, porque ela quer você!” “Eu quero ter paz, então, se para eu ter a minha paz, você ter, vai lá morar com a tua mãe!” Aí ele deu um jeito na mãe dele e ficou tudo bem. (Bruna, 43 anos)

Eu passei essa experiência com os pais, eu vi como foi difícil o meu pai, não, eu não digo que ele não colaborou, mas assim, ele não aceitou muito quando a minha mãe começou a ter problemas de saúde, ele não teve paciência de estar do lado dela ... durante o período que ela estava doente ele não ... tinha aquela parceria de ficar ao lado dela não ... que eu possa a não passar isso que eu vi do meu pai para a minha mãe ... eu não quero que isso aconteça, eu quero estar do lado dele, espero que ele esteja do meu lado nessas horas. (Conceição, 66 anos)

Os relatos de Conceição (66 anos) e Célia (61 anos) indicam a importância de refletir a respeito e de não reproduzir na vida conjugal certas atitudes e características da conjugalidade dos pais. Pois, com base na declaração de Célia, aspectos como a grosseria e o ciúme entre os genitores podem influenciar de maneira negativa a vida amorosa dos filhos. Destarte, ressalta-se que jovens casais de noivos valorizaram a ausência de brigas e ciúmes na união de seus pais e pretendem conservar isso na conjugalidade deles (Silva et al., 2010). Ademais, homens

homossexuais citaram o ciúme como um fator negativo em seus relacionamentos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019).

Descreveram-se também conflitos entre o casal motivados pela interferência da sogra (Bruna, 43 anos), dos sogros (Beibiane, 35 anos) e do cunhado (Antônia, 26 anos), sendo que o diálogo foi essencial para solucionar tais situações. O diálogo ainda foi basilar para a definição dos papéis entre os cônjuges na relação Bethânia (41 anos). Perante isso, jovens chilenos mencionaram que utilizam uma comunicação honesta e clara para resolver e evitar os desentendimentos em seus relacionamentos amorosos (Besoain et al., 2017). E jovens casais de noivos enunciaram o diálogo como um dos aspectos do casamento dos pais que eles almejam manter na vida conjugal deles (Silva et al., 2010). Aliando-se ao valor do diálogo na conjugalidade, sugere ser conveniente que os casais estabeleçam limites aos seus familiares, como provavelmente fez o esposo de Bruna, visando impedir possíveis intromissões negativas, capazes de prejudicar o convívio entre os cônjuges.

Por sua vez, Amanda (29 anos) proferiu o suporte emocional recebido do marido, que foi fundamental para que ela superasse a perda da mãe. Semelhando-se a isso, pessoas casadas explicaram que a segurança emocional faz parte do compromisso firmado entre o casal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a). Sendo assim, termina-se a descrição e a discussão desse subtema. Em sequência, as narrativas versarão acerca das relações interpessoais com os amigos.

Relações interpessoais com os amigos. Aliando-se às relações interpessoais conjugais e às relações interpessoais familiares, as mulheres dos grupos B e C pronunciaram situações pertinentes aos amigos. As referidas histórias contemplaram os colegas de trabalho, o exemplo negativo da conjugalidade de amigas e de outros casais, o fato de o casal não sair com amigos, a fidelidade, a confiança e o respeito entre o casal, sendo que o respeito foi

citado nas expectativas para a vida conjugal. À vista disso, Carol (66 anos) destacou que possui amigas cujos maridos estão envelhecendo, adoecendo e solicitando a presença delas por tempo integral, o que está se tornando um sufoco para elas. Celeste (60 anos) sublinhou que conhece casais que vivem uma vida bem desgastante. De sua parte, Bruna (43 anos) expôs que o marido não possui amizades, e que o casal não sai com amigos.

Sobre a relação com os amigos e colegas de trabalho, a confiança, a fidelidade e o respeito, Bernadete (54 anos) narrou que o marido é muito sociável com as amigas, ele as abraça, beija e as chama de meu amor, bem como dá carona para as amigas e colegas de trabalho. Bernadete explicou que esse comportamento do esposo não prejudica a relação conjugal, devido à fidelidade e à confiança que há entre eles. Carol (66 anos) relatou que nunca foi um problema para os cônjuges o fato de ela pegar carona com os colegas de serviço ou de o marido oferecer carona para uma amiga, em virtude do respeito mútuo. Já Bethânia (41 anos) explicou que, no início do casamento, saía e viajava com as amigas, e o consorte sempre respeitou isso. Observem-se as seguintes declarações:

O Bruno, desde quando eu conheci, ele passa pelas amigas e fala: “Ei amor”, abraça, dá um beijo ... o que aconteceria se não tivesse, é se não existisse essa fidelidade ou essa confiança entre a gente? ... para mim isso é normal, não me ofende, não me agride nem cria ciúmes, tá. (Bernadete, 54 anos)

Nessa época de 1975, 1976, 1977 ... eu sempre saía para trabalhar com o meu chefe dando carona, os meus amigos de trabalho dando carona e ele nunca se importou com isso, porque tem aquele ... respeito ... Ele dá carona, até hoje dá carona, às vezes, para uma amiga, não é? E a gente não importa nem pergunta. (Carol, 66 anos)

Conforme proferido, nota-se a importância da fidelidade, da confiança e do respeito para o convívio conjugal e a relação dos cônjuges com os amigos e colegas. Assim, cabe destacar que a confiança foi considerada uma característica significativa para a conservação do vínculo amoroso por jovens colombianos (Blandón-Hincapié & López-Serna, 2016), essencial para as relações amorosas por jovens universitários (Schlösser & Camargo, 2019) e

um aspecto de casamentos longevos (Albertoni & Lages, 2018). A confiança ainda foi mencionada como uma estratégia para a solução dos conflitos conjugais (Alves-Silva et al., 2017; Costa et al., 2017).

Além disso, Manente (2019) citou que a fidelidade é estimada em casamentos de longa duração. Idosos associaram o relacionamento amoroso ao respeito (Hatakeyama et al., 2017) e casais explicaram que a família é o local para respeitar o outro, até o fim da vida (Porreca, 2019). Destarte, encerram-se as considerações sobre as relações interpessoais com os amigos. A partir de então, será exposto o subtema a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. A sociedade e o ambiente externo contemplou a maior diversidade de narrativas sobre as expectativas atuais das mulheres para a conjugalidade. O referido subtema inseriu assuntos como o trabalho, o lazer, Deus e a religião (grupos A, B e C), os recursos tecnológicos (grupos B e C), a violência urbana (grupos A e C), a cerimônia de casamento (grupo A) e a mudança de cidade (grupo B).

O trabalho foi aludido por entrevistadas dos três grupos e aliou a aposentadoria, a busca pelo aumento renda, o trabalho doméstico, os estudos, os concursos públicos, o ambiente de trabalho, o planejamento familiar, a aquisição do automóvel e da casa própria, e aspectos positivos da relação, como o diálogo, o respeito, o apoio mútuo, a compreensão, a tranquilidade e a diminuição das brigas. Salienta-se que o trabalho e as referidas características favoráveis foram enunciados nas pretensões acerca da vida a dois.

Sobre o ambiente de serviço, a aposentadoria e o desejo por um maior rendimento financeiro, Célia (61 anos) declarou que o casal se conheceu no local de trabalho. Bianca (50 anos) relatou que começou trabalhar bem jovem e sonha em se aposentar para ir morar no interior e cuidar melhor das coisas pessoais e da família. Beatriz (54 anos) descreveu que se aposentou com a mesma remuneração, e que o marido possui uma renda inferior a dela. Logo,

ela explicou que o casal pretende instalar um espaço de vida saudável para que o homem possa ter uma renda equivalente a dela. De sua parte, Bella (44 anos) esclareceu que, para fazer o papel de mulher na conjugalidade, precisa ter uma clientela maior em seu consultório de psicologia e, com isso, poder aumentar a sua contribuição financeira com o lar.

Além disso, o apoio no que tange ao trabalho e/ou aos estudos do parceiro foi relatado pelas participantes. Amanda (29 anos) ressaltou que o consorte financiou a graduação em psicologia para ela. Aline (26 anos) explicou que o cônjuge é concursado e que, na época do concurso, o casal reservou um dinheiro que não poderia dispor para ele estudar. Agora, Aline frisou que o esposo está custeando a pós-graduação dela. Andressa (30 anos) expôs que o marido está em Belo Horizonte, MG, fazendo residência em psiquiatria, e a incentivou permanecer em Vitória para prestar um concurso público e um processo seletivo para professor universitário.

As entrevistadas dos três grupos ainda mencionaram em seus relatos a compreensão, o respeito, o diálogo, a tranquilidade e redução das brigas. Assim, Bethânia (41 anos) alegou que já viajou para estudar inglês e que o trabalho e os estudos sempre foram importantes para ela. Nessas circunstâncias, ela sublinhou que sempre houve o respeito mútuo. Cíntia (68 anos) narrou que compreende que o marido é do mundo dos negócios. Betina (36 anos) descreveu que os cônjuges conversam sobre o trabalho um do outro, o que traz alívio. Alana (30 anos) expôs que a rotina intensa de trabalho dos consortes coopera para a qualidade da relação, visto que eles entenderam que não compensa brigar. Ademais, Celeste (60 anos) relatou que a tranquilidade vivida pelo casal pode ser em virtude de o marido ser caminhoneiro e permanecer a maior parte do tempo fora de casa.

Além do que, o respeito e o diálogo perpassaram as situações atinentes ao trabalho doméstico. Berenice (40 anos) declarou que, como o marido é o provedor financeiro do lar, ela não o deixa realizar as tarefas domésticas e escuta o que ele tem para dizer sobre o serviço

dele. Camila (78 anos) destacou que prepara os alimentos que o esposo gosta, a fim de agradá-lo. Semelhantemente, Carolina (71 anos) enfatizou que respeita o gosto alimentar do marido e faz a comida que ele aprecia. De outro modo, Ariel (22 anos) proferiu que o casal conversa e divide os afazeres domésticos. E Bethânia (41 anos) ressaltou que os cônjuges compartilham o trabalho do lar e que relação deles é equivalente a uma empresa bem organizada para que possam funcionar e ter os momentos de cuidado e de prazer.

Acerca do planejamento familiar e dos bens materiais, Aline (26 anos) descreveu que os cônjuges possuem uma vida estabilizada, com casa própria e automóvel, e, como ela começou a trabalhar fora, eles estão planejando ter outro filho. Antônia (26 anos) alegou que ela e o marido planejam construir uma casa e comprar um apartamento. Alessandra (21 anos) destacou que aquisição da residência própria e de um veículo representaria uma grande conquista, capaz de melhorar a vida do casal. Por fim, Adriana (23 anos) citou que um dos maiores sonhos dela é quitar a casa própria. Vejam-se alguns exemplos:

Está seguindo bacana, não é? Do jeito que a gente espera assim, não é? Construindo planos juntos ... nós temos os nossos bens materiais, casa, carro, é uma pessoa que me apoia muito, muito sempre a estar estudando, não é? E a mesma coisa eu, hoje ele é concursado ... Na época do concurso “ah! Eu quero estudar” eu falei: “Então, espera aí, vamos tirar um dinheiro” nem estava podendo, “vamos tirar o dinheiro para você estudar” e aí hoje ele é concursado, aí hoje ele consegue me dar esse suporte, eu estou terminando uma pós e é ele que financia tudo ... É a gente tem amadurecido, assim, bastante a ideia de ter outro filho, não é? Mas, a gente pensa também muito nessa questão financeira, porque não dá para você ter um filho sem ter estrutura ... Agora, eu trabalhando também, então, já dá para avaliar mais, planejando, não é? (Aline, 26 anos)

Quando eu me aposentar ... o meu sonho ... de ir para o interior é mais para ter tempo mesmo um para o outro, para cuidar da casa da gente, porque eu comecei a trabalhar muito cedo ... eu saio de casa seis horas da manhã e chego em casa sete horas da noite ... então, essa coisa de poder cuidar das suas coisas mesmo. (Bianca, 50 anos)

“Respeitar aquele gosto dele, não é? Se ele não gosta de determinada comida, então, fazer alguma coisa que ele gosta” (Carolina, 71 anos).

Entre as narrativas apresentadas, sublinha-se que o apoio nos estudos/trabalho por parte do cônjuge (Aline, 26 anos; Andressa, 30 anos; Amanda 29 anos) e os bens materiais (Aline; Antônia, 26 anos; Alessandra, 21 anos; Adriana, 23 anos) foram pronunciados somente por mulheres do grupo A. Tal fato pode ter sido em virtude de se tratar de jovens casais em busca de organizar a vida profissional e material. Além disso, Aline expôs a importância da estruturação financeira para o planejamento familiar. Aproximando-se desses resultados, adolescentes explicaram que a constituição familiar e o estabelecimento de relacionamentos amorosos dependem da estabilidade financeira, proveniente do trabalho formal e dos estudos (Riter, 2015).

No que toca ao trabalho doméstico, Berenice (40 anos), Camila (78 anos) e Carolina (71 anos) descreveram situações próximas do modelo tradicional de união amorosa, em que o homem é o provedor do lar e a esposa a responsável pelos cuidados da casa (Del Priore, 2014; Walsh, 2016b). De outro modo, Ariel (22 anos) e Bethânia (41 anos) mencionaram dividir com os seus respectivos maridos os afazeres domésticos. Essas duas formas de gerir o trabalho do lar também foram constatadas na literatura.

Nesse sentido, uniões conjugais caracterizadas pela divisão tradicional de papéis foram identificadas em estudos realizados com mulheres argentinas (Mussarella & Discacciat, 2020) e casais longevos (Oliveira et al., 2020). Ademais, homens colombianos casados demonstraram certa resistência em desempenhar os afazeres da casa (Martínez, 2017). Por sua vez, o compartilhamento do trabalho doméstico entre homens e mulheres foi verificado em pesquisas feitas com jovens mulheres casadas (Galvão et al., 2019), casais idosos (Silva et al., 2019), cônjuges de dupla carreira (Fidelis et al., 2017) e em uma revisão de literatura (Menezes et al., 2019).

Esses resultados podem indicar a coexistência entre o modelo tradicional e formas mais igualitárias de gerir o trabalho doméstico (Alves-Silva et al., 2016). Enfatiza-se ainda que as entrevistadas não expressaram nenhuma insatisfação quanto a divisão do trabalho doméstico na vida conjugal delas. Diante disso, sugere-se que o importante é que os cônjuges busquem administrar os afazeres da casa de um modo que seja mais conveniente e sem sobrecarga para ambos, ora aproximando-se do modelo tradicional, ora semelhandando-se a um estilo mais igualitário.

Além disso, Bethânia (41 anos) comparou a dinâmica conjugal dela a uma empresa bem organizada. Indo ao encontro desse relato, o planejamento da rotina familiar é uma das estratégias positivas adotadas por casais estadunidenses de dupla carreira para enfrentar os desafios do dia a dia (Fraenkel & Capstick, 2016). Mulheres argentinas consideraram a relevância da boa gestão das atividades cotidianas para a conciliação da dupla jornada de trabalho feminina (Musarella & Discacciat, 2020). Destaca-se ainda que a maioria das entrevistadas dos grupos A e B com os seus respectivos cônjuges representa casais de dupla carreira. Essa condição pode proporcionar vários benefícios para o casal/família, como uma maior segurança financeira, a ampliação de experiências compartilhadas, ganhos para a saúde dos consortes e o aumento da participação paterna na vida dos filhos (Fraenkel & Capstick, 2016).

Por sua vez, Bianca (50 anos) discorreu que deseja aposentar para cuidar melhor da família e das coisas pessoais. Análogo a isso, casais aposentados citaram o desejo por mais tempo livre para se dedicar à família e usufruir da vida, como uma das razões que influenciaram a opção pela aposentadoria (Antunes et al., 2018). Por fim, ressalta-se que Alana (30 anos) aclarou que a grande jornada de trabalho dos cônjuges está sendo benéfica para a vida do casal. Diferentemente, pessoas casadas proferiram a escassez de tempo junto como o principal motivo dos desentendimentos conjugais (Wagner et al., 2019).

O lazer teve também destaque nas narrativas das participantes dos três grupos e incluiu as viagens, o futebol, a praia, as festas, a questão de um parceiro não viver sem o outro, e aspectos favoráveis à relação, como a confiança, a sinceridade e o diálogo. Destaca-se que o diálogo e a sinceridade foram citados nas expectativas atuais para a vida conjugal. De tal modo, Beibiane (35 anos) aclarou que o casal tem a sinceridade em dialogar sobre a ida ou não do marido ao futebol. Bernadete (54 anos) relatou que o cônjuge gosta de ir às festas noturnas e a ela não, mas, se precisar ir a alguma festa, vai. Além do mais, Cíntia (68 anos) disse que o esposo prefere passeios mais tranquilos, como viajar ou ir à praia.

Sobre o fato de um cônjuge não viver sem o outro, a confiança e ainda acerca das viagens, Cíntia (68 anos) proferiu que o casal ia viajar. Porém, o marido passou mal e não queria ir. Então, ela explicou a ele que poderiam viajar juntos, pois ela não estava morrendo e, segundo o esposo alega, um não vive sem o outro e vão morrer juntos. Carol (66 anos) explanou que o casal sempre gostou de viajar, sendo que, depois que o consorte se aposentou, ele cessou com as viagens. Nessa situação, Carol aclarou que o homem confia nela e não a impede de viajar com outras pessoas. Por sua vez, Aline (26 anos) expôs que os cônjuges planejam viajar para a Europa. Observem-se os depoimentos das participantes:

A sinceridade e o diálogo eu acho que estão até bem juntos, não é? Eu acho que até seria a mesma característica, coisas bem simples como, por exemplo, é aquela velha questão do casal, assim: “Ah! Vou para o futebol” “Amor posso ir para o futebol?” Muitas vezes a mulher fala: “Ah, pode ir” mesmo não querendo que ele vá, não é? Então, a gente tem essa sinceridade de falar: “Olha! Hoje, eu não gostaria que você fosse, mas é escolha sua ir ou não ir”. (Beibiane, 35 anos)

Eu sempre gostei muito de viajar e ele gostava também e a gente viajava muito ... depois que ele se aposentou mesmo, que já tem uns 15 anos ... ele não quis mais viajar ... só que ele também não me proíbe de viajar, então, essa é a vantagem também de um casamento nosso, que ele tem confiança em mim, eu faço tudo o que eu quero. (Carol, 66 anos)

Ele fala assim: “Cíntia, nós dois temos que morrer juntos”, aí outro dia ... ele passou mal ... ele caiu ali na escada, que o chinelo escorregou, aí ele machucou um pouquinho ... aí a gente ia viajar, ia passar o final de semana em um local aí, aí ele ... está, assim, reclamando: “Eu acho que eu não vou poder ir” aí eu falei: “Que nada! Você não vai morrer, porque eu não estou morrendo ainda”, a gente ri, brinca ... aí isso é para ilustrar que um não vive sem o outro, está entendendo? (Cíntia, 68 anos)

Em conformidade com esse subtema, no estudo de Roberto et al. (2020), os participantes mencionaram as viagens, o futebol e a ida à praia, como conceitos e práticas de lazer em família. Ademais, Carol (66 anos) explicou que viaja sem o esposo, em virtude da confiança que ele possui nela. Assim, vale lembrar que a confiança foi considerada essencial para a permanência dos relacionamentos amorosos por jovens (Chaves, 2010) e como algo que se fortaleceu no casamento por jovens casadas (Galvão & Alencar, 2020). Por sua vez, Jovens universitários associaram a relação amorosa ao estabelecimento da confiança (Hatakeyama et al., 2017).

De sua parte, Cíntia (68 anos) afirmou que os cônjuges iam viajar juntos, visto que um não vive sem o outro. Semelhante a isso, jovens casadas disseram que os consortes se concebem como parte um do outro (Galvão & Alencar, 2020). E Beibiane (35 anos) salientou a importância do diálogo sincero acerca da ida ou não do esposo ao futebol. Desse modo, pessoas de meia idade alegaram que o diálogo é crucial para um bom convívio conjugal (Ribeiro et al., 2015). Além disso, casais longevos ressaltaram que o diálogo coopera para a conservação do casamento e para a satisfação conjugal (Campos et al., 2017).

As mulheres dos três grupos aludiram a Deus e à religião, que envolveu a espiritualidade, o perdão, a providência divina e a indissolubilidade do casamento. Pontua-se que Deus foi proferido nas expectativas atuais para a vida a dois. Sobre o perdão e a espiritualidade, Brígida (49 anos) explicou que passou a buscar mais a espiritualidade, aprendeu a perdoar o marido e a situação conflituosa com os familiares dele e está trilhando

um novo caminho na vida. E Creuza (72 anos) alegou que o perdão e a espiritualidade foram importantes para que ela contornasse a infidelidade do marido.

A providência divina e o ideal do casamento cristão também foram expressos pelas entrevistadas. Cíntia (68 anos) narrou que casal pretende permanecer junto para sempre, porque o que Deus uniu o homem não separa e, se o cônjuge vier a falecer, ela espera que Deus a oriente. De sua parte, Ariel (22 anos) proferiu que os consortes estavam passando por dificuldades financeiras, e que Deus foi misericordioso e colocou uma pessoa no caminho deles para auxiliá-los. Segundo as narrativas das mulheres:

Naquela época, é a gente ainda não estava totalmente estruturado financeiramente para ele poder abrir uma barbearia, só que como eu falei a misericórdia de Deus, assim, é tão, é perfeita, é a cada dia nos alcança, que Deus colocou uma pessoa no caminho dele para iluminar e ajudar a gente ... essa pessoa é até o sogro da irmã dele, ele viu ... e falou bem, assim: ... “eu vou te ajudar”, aí ele foi e ... comprou tudo da barbearia ... comprou a cadeira, comprou o espelho ... aí ele falou bem assim: “Oh! Você pode é entrar para o salão, fazer o seu serviço e, quando você estiver estabilizado, você pega e começa a me pagar, não é?” ... eu acredito que essa foi uma das maiores misericórdias de Deus, misericórdia e amor também ... pelas nossas vidas, porque eu acho, assim, que não é qualquer pessoa que faz isso, não é? (Ariel, 22 anos)

Eu tive que procurar mais ajuda espiritual ... e essas direções dentro da área espiritual, eu comecei a aprender que eu tinha que perdoar, fui tentando perdoar. ... eu comecei a perdoar, não é? E a situação toda em si também é perdoar, porque mesmo que eu não falasse ... o perdão eu tinha que dar, desapegar, e aí eu aprendi que realmente eu tinha que desapegar daquela situação e dar um rumo na minha vida ... e que vem me ajudando. (Brígida, 49 anos)

Eu peço a Deus, se eu precisar viver sem ele, que Ele me oriente, eu acho que orienta, não é? ... a gente casou e casados estamos até hoje e pretende, ele sempre fala: “Só Deus nos separa”, mas então, a gente pede a Deus, não é? (Cíntia, 68 anos)

Diante dessas narrações convém sublinhar que Amorim e Silva (2019) identificaram a interferência da religião na conjugalidade de mulheres evangélicas, principalmente no que

toca à tolerância as traições dos maridos, instigadas pelo maligno. A respeito do valor do perdão mencionado por Brígida (49 anos) e Creuza (72 anos), jovens casadas destacaram que, após o casamento, o perdão tornou-se mais importante (Galvão & Alencar, 2020). Ademais, no discurso de Cíntia (68 anos) nota-se a provável significância da concepção do matrimônio, casamento católico, para o desejo de permanecer com o esposo até a morte. Igualmente a isso, o conceito de casamento atrelado aos ideais cristãos foi proferido por casais portugueses (Fonseca & Duarte, 2014), homens homossexuais (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019), pessoas casadas (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a) e constatado em uma pesquisa documental (Curti-Contessoto & Galli, 2018).

A violência urbana se fez presente nos relatos de mulheres dos grupos A e C. O referido subtema inseriu o acidente de motocicleta, o arrombamento da residência do casal, a possibilidade de sofrer atropelamentos e assaltos, a preocupação mútua e o auxílio de terceiros diante de dificuldades. De tal modo, Ariel (22 anos) narrou que o marido se feriu em um acidente de motocicleta, permaneceu certo período sem poder andar e, por isso, foi demitido do trabalho. Nessa situação, a família passou por dificuldades financeiras e necessitou da ajuda de terceiros.

No que tange ao arrombamento da casa, assaltos, atropelamentos e à preocupação, Cecília (66 anos) proferiu que a preocupação entre o casal aumentou. Ela explicou que o marido teme de ela ser atropelada ou assaltada, bem como descreveu que o casal foi passar a noite de Ano-Novo na residência do filho e quando retornou encontrou a casa arrombada e revirada. Nesse caso, os cônjuges ficaram com muito medo, imaginando o que poderia ter acontecido se, na ocasião do arrombamento, eles estivessem em casa. De acordo com as seguintes ilustrações:

Ele sofreu um acidente de moto ... ele era vendedor de planta e, lá na loja que ele trabalhava, era somente ele como funcionário, porque ele fazia tudo, quando ele sofreu o acidente de moto, ele ... estava para assinar a carteira, só que como ele sofreu o acidente no domingo, ele não pôde comparecer na segunda-feira, então, foi

cancelada, não é? A assinatura da carteira e como foi um acidente fatal, porque atingiu a perna dele, ele ficou um tempo sem andar ... e a mulher teve que mandar ele embora ... aí a gente ficou um tempo sem condições financeiras para poder sobreviver e estava é vivendo com a ajuda da família, não é? ... aí gente chegou a viver até momentos de, às vezes, é a gente ter que pedir, não é? Algo, assim, para comer. ... Sim, na época do acidente ele já era nascido (o filho do casal), ele tinha, eu acho que dois anos. (Ariel, 22 anos)

Ele se preocupa muito comigo, assim, ao extremo, ele tem medo, eu saio de casa ele: “Oh! Cuidado atravessar a rua” ... “Ah! Não sei o quê? Não leva o celular”, medo de assalto ... parece que a preocupação um com o outro aumentou, não sei se é porque o tempo fez ficar desse jeito, não é? ... exemplo a gente tem agora recente, assim, que entrou ladrão lá em casa de 31 para primeiro, ele ficou, assim, eu fiquei com medo dele ... dar um enfarto nele de tão ruim que ele ficou, porque nós chegamos ... em casa, tudo arrombado, porta, portão de ferro, casa toda revirada, então, aí a gente ... quando viu aquilo, a gente grudou um no outro, assim, se a gente tivesse em casa e tivesse acontecido alguma coisa um com o outro, como é que a gente ia fazer? ... Deu um medo na gente tanto em mim como nele. ... Medo até de acontecer, não é? Alguma coisa com o parceiro. (Cecília, 66 anos)

Vale destacar que Ariel (22 anos) relatou que ela e a sua família passaram por dificuldades financeiras, devido ao acidente que motivou a demissão do marido. Tal fato pode indicar a importância do emprego formal regido pelas normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (Senado Federal, 2020) para a segurança do trabalhador e de sua família. Ademais, Cecília (66 anos) enfatizou a preocupação do esposo para com ela e entre o casal, principalmente ocasionada pela possibilidade de os cônjuges sofrerem algum tipo de violência. Indo ao encontro disso, jovens casadas salientaram que, no casamento, a preocupação recíproca com o bem-estar do outro aumentou (Galvão & Alencar, 2020). E jovens solteiros declararam que a preocupação com o parceiro é significativa para a conservação do relacionamento amoroso (Chaves, 2010).

Por sua vez, as entrevistadas dos grupos B e C mencionaram os recursos tecnológicos, referindo-se à televisão e a diferenças e semelhanças entre os parceiros. Betina (36 anos) expôs que os cônjuges são muito parecidos e, quando desejam assistir televisão, terminam por

assistir ao mesmo programa juntos. Cíntia (68 anos) relatou que se incomoda com o fato de o cônjuge assistir umas novelas enfadonhas do SBT. Cíntia ainda disse que o marido gosta de dormir cedo e ela não. Então, ele a convida para ir ver televisão no quarto do casal, mas ele dorme e ela fica lá vendo TV.

Sublinha-se que dois subtemas foram proferidos somente por um grupo de mulheres. A cerimônia de casamento, que representou a união religiosa e/ou civil, foi aludida por mulheres mais jovens. Assim, Adriana (23 anos) explicou que um dos maiores sonhos dela é casar no civil. E Antônia (26 anos) destacou que o casal almeja casar no civil e no religioso, mas primeiro está buscando adquirir uma estabilidade financeira. Conforme Antônia enunciou:

A gente tem planos de casar, de casar mesmo no papel, na igreja e tudo ... Só que ... a gente está tentando criar uma estabilidade financeira, sendo que a gente não usa ainda aliança, a gente decidiu é primeiro juntar um dinheiro e tudo, comprar aliança, ir ao cartório, fazer um noivado, tudo certinho e depois casar, é para não gerar dívidas, essas coisas, para uma coisa que é para ser uma coisa boa não virar uma coisa ruim, não é?
(Antônia, 26 anos)

Análogo a isso, adolescentes expuseram que pretendem casar no civil e no religioso (Stengel & Tozo, 2010) e jovens portugueses que almejam o casamento religioso (Ferreira, 2017), após adquirirem a estabilidade financeira (Ferreira, 2017; Stengel & Tozo, 2010). De sua parte, uma jovem casada afirmou que o casamento religioso é algo valorizado por ela e seus pais, que corresponde, no entender dela, a um sonho (Schulz & Colossi, 2020).

Para mais, enfatiza-se que, das 35 entrevistadas, 25 são casadas no civil e no religioso e sete possuem o casamento civil. Por sua vez, Bethânia (41 anos) expôs ter união estável e não demonstrou o interesse por um casamento formal. Dessa maneira, com a exceção de Bethânia, pode-se inferir a relevância da união religiosa e/ou civil para as participantes dos três grupos. Nesse sentido, seria conveniente a realização de pesquisas que investigassem o

significado do casamento civil e religioso para mulheres, visando uma melhor compreensão do tema.

As entrevistadas do grupo B mencionaram a mudança de cidade, que aliou a distância geográfica entre o casal, na época do namoro, a mudança da terra natal e a confiança. Bethânia (41 anos) ressaltou que saiu de sua terra natal em que está a maior parte de seus familiares e amigos e que, agora, ela, o marido e a filha estão muito mais juntos. Já Brenda (51 anos) relatou que, quando eram namorados, os parceiros se encontravam pouco, porque o homem morava na cidade e ela no interior. Nessa situação, Brenda esclareceu que casou confiando no marido, com base nas poucas vezes que o casal se encontrou. Notem-se as palavras de Brenda:

Quando nós nos conhecemos, ele trabalhava em um banco e eu morava na roça, então, a gente se via uma vez por mês, nós namoramos um ano praticamente só. Eu, quando nós casamos, eu conhecia somente o pai, o pai dele eu tinha visto três vezes, a mãe duas vezes, eu não conhecia os irmãos dele. Então, eu vim confiando nele, eu o conhecia pelas poucas vezes que eu também tinha encontrado com ele.

Sendo assim, parece que a confiança foi essencial para que Brenda (51 anos) decidisse casar com o seu parceiro. Indo ao encontro disso, adolescentes mencionaram que a edificação de uma vida a dois deve basear-se na confiança (Carvalho & Paiva, 2009). E casais estadunidenses citaram a confiança como uma das características da vida conjugal, sendo que o aludido aspecto, várias vezes, serviu de alicerce para a relação (Gildersleeve et al., 2017).

Narrativas Sobre as Expectativas Atuais Para a Conjugalidade: Síntese. No que toca às similaridades nas histórias das participantes, as mulheres dos três grupos mencionaram episódios que inseriram os filhos e os netos, a família de origem, o trabalho, o lazer, Deus e a religião, bem como citaram situações mais restritas ao casal. A propósito das diferenças entre os grupos, as entrevistadas dos grupos B e C pronunciaram os recursos tecnológicos, de maneira especial a televisão, e os amigos. Já as participantes dos grupos A e C ressaltaram a

violência urbana. Houve ainda três subtemas que foram declarados apenas por um grupo de mulheres. Assim, as entrevistadas do grupo A mencionaram a cerimônia de casamento, as do grupo B proferiram a mudança de cidade e as idosas aludiram à saúde do casal, expondo especialmente situações sobre o alcoolismo.

À vista disso, finaliza-se a apresentação e a discussão das expectativas atuais para a vida conjugal e das narrativas acerca das aludidas pretensões. Seguidamente, pesquisaram-se as perspectivas atuais das entrevistadas para o cônjuge e as narrações pertinentes a tais aspirações, o que será exposto no próximo tema.

EXPECTATIVAS ATUAIS PARA O CÔNJUGE

A serem indagadas sobre quais seriam as suas pretensões atuais para o marido, as mulheres mencionaram diversas expectativas maiormente positivas. Em algumas situações, constatou-se a crença de que as perspectivas citadas vão ocorrer; o desejo pela conservação de certas qualidades do parceiro; e que o consorte já está agindo em conformidade com o anseio da esposa. As declarações das entrevistadas serviram de base para o estabelecimento dos seguintes subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) não direcionadas a uma relação interpessoal específica; e (d) a sociedade e o ambiente externo. Sendo assim, inicia-se com a apresentação e a discussão das aspirações para o marido atinentes às relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. As expectativas inseridas nesse subtema versaram mais sobre o casal que o marido. As mulheres mencionaram aspirações concernentes ao companheirismo, a continuar e envelhecer junto (grupos A, B e C), à manutenção dos momentos a dois (grupos A e B), à compreensão, à ajuda recíproca (grupos B e C), à

confiança, à saúde do casal (grupo B) e à paciência (grupo C). Destaca-se que a qualidade de ser companheiro foi citada nas características mais salientes do esposo.

Conforme exposto, as participantes dos três grupos enunciaram o companheirismo, que envolveu a parceria e a cumplicidade. Destarte, Alice (28 anos), Bruna (43 anos), Brenda (51 anos) e Bethânia (41 anos) anelam pela permanência do companheirismo por parte do cônjuge. Bárbara (49 anos) aspira que o marido seja mais companheiro, parceiro, em todos os aspectos. Bethânia, Carol (66 anos) e Cláudia (70 anos) esperam que o companheirismo se conserve entre o casal. De sua parte, Carolina (71 anos) anseia pela cumplicidade entre os cônjuges para que um possa ajudar o outro. Notem-se as palavras das entrevistadas: *“A minha expectativa é de conseguir ... manter o companheirismo”* (Alice). *“Que ele consiga manter, não é? Esse papel dele de companheiro ... a gente consiga manter o nosso companheirismo”* (Bethânia). *“Continuar o nosso companheirismo, não é?”* (Carol).

Em consonância com esses anseios, o companheirismo foi enunciado como expectativa em relação ao parceiro por adolescentes (Stengel & Tozo, 2010) e jovens casais portugueses (Fonseca & Duarte, 2014). Além disso, mulheres solteiras alegaram que esperam encontrar um parceiro amoroso com o qual seja possível compartilhar a vida e a intimidade (Beleli, 2017).

A pretensão de permanecer e envelhecer junto foi declarada por participantes dos três grupos e agregou o anseio pelo crescimento do casal. Diante disso, Bernadete (54 anos) aspira que os cônjuges continuem juntos. Semelhantemente, Carol (66 anos) e Celeste (60 anos) anelam que os consortes se conservem juntos, até o fim da vida. Ademais, Ana (20 anos) expressou o desejo de que ela e o esposo avancem, melhorem, no que possuem dificuldades. E Antônia (26 anos) apetece que o marido continue com a mentalidade que visa à melhoria do casal. Conforme as participantes expuseram: *“Juntos conseguir sempre avançar e, cada ano que passar, melhorar aquilo que a gente tem dificuldade”* (Ana). *“A expectativa é que a*

gente continue junto” (Bernadete). *“Vivendo junto até a morte, já falei isso para ele, a gente pode viver do jeito que está até chegar o fim dos nossos dias”* (Celeste).

Sublinha-se que o desejo de continuar junto (Bernadete, 54 anos) até a morte (Carol, 66 anos; Celeste, 60 anos), expresso nesse subtema, vai ao encontro da indissolubilidade dos casamentos, característica do modelo tradicional de união conjugal (Del Priore, 2014). Além do que, o anseio por um relacionamento amoroso duradouro foi citado por mulheres solteiras (Beleli, 2017). E a concepção de casamento como algo que deve ser durável foi declarada por um jovem casal (Amorim & Stengel, 2014). Todavia, diverge da fragilidade das relações amorosas citada por jovens casadas (Galvão et al., 2019) e da instabilidade do casamento mencionada por mulheres casadas de meia-idade (Galvão et al., 2016).

Nos grupos A e B, as mulheres citaram a manutenção dos momentos a dois, que inseriu a aspiração por mais tempo junto. Assim, Bethânia (41 anos) espera que o casal consiga manter os momentos a dois, apesar da correria do dia a dia. E Alana (30 anos) apetece que os cônjuges possam dispor de mais tempo juntos. Observem-se as seguintes ilustrações: *“Eu espero é que a gente tenha mais tempo junto. ... principalmente o casal”* (Alana). *“Espero que a gente consiga manter, apesar da vida muito corrida, momentos que sejam a dois, momentos nossos”* (Bethânia). Aproximando-se disso, pessoas em casamentos longevos afirmaram que os momentos a dois são essenciais para a relação (Costa & Mosmann, 2015).

Por sua vez, o carinho foi enunciado por Ariel (22 anos) e Bethânia (41 anos), referindo-se ao carinho entre os cônjuges e por parte do esposo. Destarte, Ariel apetece pelo aumento do carinho entre os consortes e Bethânia deseja que o marido consiga manter o carinho para com ela. Segundo as mulheres proferiram: *“Ele é ... carinhoso ... ser um pouco mais ... mas, não somente da parte dele, seria da minha parte também”* (Ariel). *“Que ele consiga manter, não é? Esse papel dele ... de carinho”* (Bethânia). Ante o exposto, vale salientar que jovens espanhóis mencionaram o carinho em seus anseios atinentes ao casal e/ou

ao parceiro (Marimón & Vilarrasa, 2014). E jovens casais de noivos valorizaram o carinho entre a díade em seus relacionamentos (Silva et al., 2010).

Além do mais, outras expectativas atuais para o esposo foram citadas por participantes dos grupos A e B. Tais pretensões versaram sobre características favoráveis como a atenção, o respeito e o diálogo, sendo que o diálogo foi declarado nos aspectos notáveis do parceiro. Em vista disso, Ariel (22 anos) anela pelo acréscimo da atenção entre os cônjuges. Bernadete (54 anos) espera que permaneça o respeito mútuo acerca da singularidade do outro. E Antônia (26 anos) aspira que o esposo se conserve aberto ao diálogo. Vejam-se os pospositivos exemplos: *“Eu espero que ele realmente permaneça do jeito que ele está ... quando tiver com um problema, manter um diálogo, conversar e ver que ponto pode ser melhorado”* (Antônia). *“Que a gente continue ... respeitando um o limite do outro, a diferença do outro, o sonho do outro”* (Bernadete).

Indo ao encontro da pretensão de Antônia (26 anos) e de Bernadete (54 anos), jovens espanhóis enunciaram a comunicação e o respeito em suas aspirações acerca do casal e/ou do parceiro amoroso (Marimón & Vilarrasa, 2014). Conforme Antônia expôs, o diálogo consiste em uma ferramenta por meio da qual os cônjuges buscam solucionar os contratempos na relação. Dessa maneira, lembra-se que na literatura o diálogo foi considerado como uma estratégia para solução dos problemas conjugais (Alves-Silva et al., 2017; Fidelis et al., 2017; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Oliveira & Sei, 2018; Ozório et al., 2017).

Nos grupos B e C, as mulheres pronunciaram a compreensão mútua, que agrupou a empatia e o bom entendimento. Nesse sentido, Bernadete (54 anos) afirmou que o casal vai prosseguir se entendendo bem. Bethânia (41 anos) anseia que os cônjuges sejam capazes de se enxergar reciprocamente, apesar do estresse. Por fim, Carolina (71 anos) aspira pela compreensão mútua para que os parceiros possam se ajudar. De acordo com as declarações das entrevistadas: *“Eu espero muito ... que a gente consiga enxergar o outro ... apesar de ‘ah!*

Se você está estressado, eu também estou, a gente não vai conseguir, não é?” (Bethânia). *“A pessoa ter, assim, compreensão ... para um ajudar o outro, não é? Na caminhada”* (Carolina).

Ante essas aspirações, salienta-se que jovens espanhóis enunciaram a compreensão como uma das expectativas para o casal e/ou o parceiro (Marimón & Vilarrasa, 2014). Pessoas adultas associaram a compreensão e a empatia à vivência do amor no relacionamento (Hoffmeister et al., 2019). Além disso, a empatia foi considerada como um aspecto relevante para a união conjugal por casais homossexuais (Oliveira & Sei, 2018) e como uma das razões para iniciar a relação afetiva por mulheres casadas (Galvão et al., 2016). Por sua vez, Knudson-Martin (2016) ressaltou que a empatia entre o casal coopera para a compreensão dos sentimentos do outro e para a mudança comportamental, com vistas à melhoria do bem-estar do parceiro (Knudson-Martin, 2016).

A ajuda mútua também foi proferida por participantes dos grupos B e C. Logo, Bethânia (41 anos) almeja que os consortes consigam se ajudar mutuamente, a despeito do estresse. E Cláudia (70 anos) apetece que os cônjuges possam fazer um pelo outro, até o fim da vida. Conforme as seguintes ilustrações: *“Que a gente consiga se ajudar”* (Bethânia). *“Até os últimos dias, a gente ... poder fazer um pelo outro, não é?”* (Cláudia). Diante disso, cabe lembrar que a ajuda mútua e/ou por parte do parceiro é almejada em uma relação amorosa por jovens espanhóis (Marimón & Vilarrasa, 2014). E pessoas casadas associaram o apoio à união conjugal (Emídio & Souza, 2019).

Houve subtemas que foram enunciados somente por um grupo de mulheres. As entrevistadas do grupo B aludiram à saúde dos cônjuges, que envolveu o estresse. Destarte, Bernadete (54 anos) deseja a saúde para o casal. Já Bethânia (41 anos) espera que ela e o marido consigam superar as situações de estresse. Segundo Bernadete expôs: *“Hoje, o que eu espero é que nós tenhamos saúde”*. Ademais, no grupo B, Bruna (43 anos) enunciou a

confiança, inserindo a ausência de ciúmes. Assim, ela alegou ansiar pela conservação da confiança mútua, bem como anela que o marido não seja ciumento. Nas palavras dela:

Uma vez ele chorou de ciúme e aí eu falei para ele que eu não gosto disso ... que, quando uma pessoa tem ciúme da outra, está dizendo que não confia e nunca mais ele fez. Então, assim, a gente entrou nesse acordo de um confiar no outro e deu certo, porque não há motivo para desconfiança em nossa vida, então, eu somente quero que continue desse jeito. (Bruna, 43 anos)

Em consonância com os anseios de Bruna (43 anos), a confiança entre o casal (Marimón & Vilarrasa, 2014; Smeha & Oliveira, 2013) e por parte do parceiro amoroso (Marimón & Vilarrasa, 2014) é esperada por jovens em um relacionamento amoroso. Ademais, a confiança foi apreciada como um fator relevante para a convivência conjugal (Walsh, 2016a), motivo para a conservação dos casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017), base dos relacionamentos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019), algo que coopera para o surgimento de diversos aspectos favoráveis à relação (Silva et al., 2019), assim como foi associada à satisfação conjugal (Feijão & Morais, 2018). E, sobre o ciúme, jovens solteiros afirmaram que o ciúme excessivo prejudica o estabelecimento dos enlaces amorosos (Smeha & Oliveira, 2013).

Encerrando, no grupo C, as idosas proferiram a paciência, que se estendeu à tranquilidade. Carol (66 anos) deseja que a paciência se conserve entre o casal. Conceição (66 anos) espera possuir paciência com o marido. Por seu lado, Celeste (60 anos) anela que os cônjuges prossigam vivendo tranquilamente. E Camila (78 anos) anseia que o esposo permaneça sendo tranquilo em casa. Vejam-se esses depoimentos: *“Um aguentando o outro mesmo assim, com essas picuinhas, não é?”* (Carol). *“Eu espero que ele continue do jeito que está. É não ameaça, não faz nada ... tudo para ele está bom. ... tranquilo”* (Camila). Dito isso, o próximo subtema versará acerca das expectativas para o cônjuge atinentes às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares representaram as pretensões atuais para o parceiro que contemplaram a família nuclear, a família de origem e os filhos. A família nuclear referiu-se à preocupação com o bem-estar da família (grupos A e C). Os filhos versaram sobre o cuidado (grupos C e B) e a paciência com a progênie (A e B). Por sua vez, a família de origem aludiu ao distanciamento dos familiares (grupos C e B). Ressalta-se que a preocupação com o bem-estar familiar, a impaciência com os filhos e netos, e a não divisão dos cuidados dos filhos com a esposa foram declaradas nas características mais salientes do cônjuge.

No que concerne à família nuclear, a preocupação com o bem-estar da família incluiu a atenção e a presença, e foi citada por mulheres dos grupos A e C. Logo, Ana (20 anos) e Adriana (23 anos) anelam que o marido se conserve atencioso com a esposa e a prole. Clara (63 anos) espera que o consorte prossiga sendo essa pessoa maravilhosa, que se preocupa com o bem-estar da família. E Analú (29 anos) gostaria que o cônjuge se tornasse mais presente e se preocupasse mais com ela e filho que com os familiares dele. Conforme as participantes expuseram: *“Que ele continue assim ... um pai preocupado ... com os filhos ... então, é isso que eu espero, que ele continue assim, sendo esse homem maravilhoso que ele é ... preocupado ... comigo”* (Clara).

Eu esperava que ele fosse mais presente, se preocupasse mais comigo e com o filho dele e não com “ah! Eu quero ir à casa da minha mãe” ... ele não está nem aí. Dá o fim de semana, ele quer ir para lá, ele quer passar o dia na casa da mãe dele, ele quer passar o dia no tio dele ... não está nem aí comigo e com o bebê. (Analú, 29 anos)

Destarte, nesse subtema nota-se a relevância da atenção, da proximidade, da preocupação e da participação do consorte na vida da família nuclear. Nesse sentido, sobre a queixa de Analú (29 anos) acerca da parca presença e preocupação do esposo para com ela e o filho, seria fundamental que o homem compreendesse a importância da inserção dele na vida

da esposa e do menino. Indo ao encontro disso, salienta-se que pessoas em casamentos longevos alegaram que as demonstrações de preocupação para com outrem são benéficas para a união conjugal (Costa & Mosmann, 2015) e que participar da vida do cônjuge favorece a conservação da conjugalidade (Alves-Silva et al., 2017).

Além do mais, a participação (Benatti & Pereira, 2020; Nascimento et al., 2019) e a presença na vida dos filhos (Nascimento et al., 2019; Mazzo & Almeida, 2020), bem como ser atencioso (Nascimento et al., 2019) foram associados ao conceito de paternidade. E homens aclararam que expressam carinho e afeto para a prole por meio da presença e da proximidade. Eles explicaram ainda que um convívio mais próximo promove a confiança e a segurança e ensina os filhos a serem mais afetuosos (Mazzo & Almeida, 2020).

Nos grupos A e C, as entrevistadas também citaram outras expectativas para o marido relacionadas à família nuclear, que envolveram a saúde, o carinho e a boa convivência. Assim, Cíntia (68 anos) anseia que o esposo tenha bastante saúde para que a família possa viver bem. Já Adriana (23 anos) espera que o cônjuge permaneça sendo carinhoso com ela e o filho. De acordo com as palavras delas: *“Eu espero mesmo que ele continue com essas características ... **carinhoso e atencioso com vocês, não é? É.**”* (Adriana). *“Eu espero que Deus dê a ele muita saúde para ele poder viver bem ... fique ... um idoso ... que a gente possa conviver bem”* (Cíntia).

No que tange às relações com a prole, nos os grupos A e B, as participantes enunciaram a paciência. Ana (20 anos) e Beibiane (35 anos) apetezem que o marido possua mais paciência com o filho pequeno. Vejam-se os relatos das mulheres: *“Não é fácil, assim, a questão de lidar com criança pequena, nova, então, ... eu espero ... é paciência ... para cuidar do Pedro”* (Ana). *“Mais paciência, isso é o que eu espero”* (Beibiane). Importa explicar que Beibiane é filha de Carol (66 anos) e que ambas ao longo da entrevista relataram a falta de paciência dos esposos com as crianças. Tal fato aproxima-se de um estudo sobre a influência

da transgeracionalidade no casamento em que uma jovem descreveu perceber no cônjuge aspectos idênticos aos que sua mãe destacava em seu pai (Dal Bello & Marra, 2020).

Além disso, nos grupos C e B, as mulheres citaram o cuidado, referindo-se à qualidade de o homem ser zeloso e cuidadoso. Clara (63 anos) deseja que o cônjuge prossiga sendo um pai zeloso. De sua parte, Betina (36 anos) anela por uma maior colaboração do marido nos cuidados com o filho. Observem-se os seguintes exemplos: *“Ah! Poder contar com ele, não é? Nos cuidados com o filho”* (Betina). *“Que ele continue assim, pai zeloso”* (Clara). Vale lembrar que Betina e boa parte das entrevistadas dos grupos A e B possuem filhos pequenos e vida profissional. Nesse sentido, mulheres chilenas com filhos bebês e que desempenhavam trabalho formal explicaram que o apoio do consorte nos cuidados com a criança favorece a conciliação entre o papel materno e o profissional (Cornejo et al., 2020).

Outras expectativas concernentes ao relacionamento com os descendentes foram declaradas por idosas. Tais pretensões versaram sobre a não mudança comportamental e o aspecto de ser amoroso. Destarte, Conceição (66 anos) crê que o marido não vai mudar, pois continuará observando situações que não concorda, a respeito dos filhos e netos, e não terá a iniciativa de intervir. Já Célia (61 anos) gostaria que esposo fosse mais amoroso com as filhas. Notem-se as palavras de Conceição: *“A gente, muitas vezes, não concorda com certas coisas ... ele não é de falar, se ele vê, ele guarda para ele ... a natureza dele é essa ... com 65 anos ele não vai mudar mais”*.

Para encerrar, as aspirações acerca do cônjuge que se relacionaram com os familiares, referiram-se ao anseio pelo distanciamento da família de origem, em termos de convivência ou de modelo de comportamento, e foram declaradas por entrevistadas dos B e C. Cíntia (68 anos) acredita que o esposo não ficará desleixado nem antissocial como os irmãos dele. E Brígida (49 anos) espera que o marido se distancie dos familiares dele. Conforme as

participantes proferiram: *“Não ficar preso ali ... é somente isso mesmo, eu acho que é ele desapegar”* (Brígida).

Ele tem dois irmãos ... solteiros, a mãe morreu, eles vivem assim, sabe, para lá, não casam, não vivem a vida, trabalham, mas não limpam uma casa, não põem ninguém para limpar, não lavam uma roupa ... meu marido, graças a Deus! Até aqui não mostrou esse lado deles não ... não mostra não. (Cíntia, 68 anos)

Diante disso, o ulterior subtema tratará dos anseios para o marido não aliados a uma relação interpessoal específica.

Não Direcionadas a uma Relação Interpessoal Específica. Este subtema trata das pretensões atuais a respeito do esposo em que não foi possível inferir a relação com uma pessoa, grupo ou instituição particular. As aludidas expectativas versaram sobre aspectos positivos como o carinho, a simpatia (grupos A e B), a paciência (grupos A e C) a honestidade e a saúde do cônjuge (grupo B). Frisa-se que o carinho, a simpatia, a paciência e a honestidade foram declarados nas expectativas atuais para o consorte.

O carinho correspondeu às qualidades de ser carinhoso e amoroso. Das mulheres dos grupos A e B, Beibiane (35 anos) alegou que o esposo se conservará amoroso. Aline (26 anos) frisou que o marido permanecerá carinhoso. E Bethânia (41 anos) espera que o cônjuge se mantenha carinhoso. Vejam-se as palavras das entrevistadas: *“Acho que manter é. **Manter todas essas características que você falou de ele ser carinhoso ... sim**”* (Aline). *“Essas características eu acho que continuarão com ele sim, não é? ... ser amoroso”* (Beibiane).

O subtema simpatia aliou o bom humor e foi declarado por participantes dos grupos A e B. Assim, Beibiane (35 anos) afirmou que o homem continuará sendo simpático. Por sua vez, Alice (28 anos) almeja que o esposo seja capaz de manter o bom humor nas situações difíceis. Conforme elas relataram: *“Essas características eu acho que continuarão com ele*

sim, não é? ... Ser simpático, não é? ... Isso” (Beibiane). *“A minha expectativa é de conseguir mesmo com a dificuldade manter o bom humor”* (Alice).

Aproximando-se dessas afirmações, adolescentes mencionaram o bom humor e a simpatia como qualidades desejáveis em um parceiro amoroso (Hattori et al., 2013). Jovens universitários alegaram que o bom humor é essencial para uma relação amorosa (Schlösser & Camargo, 2019). Walsh (2016c) ressaltou que o bom humor beneficia a resiliência familiar. E casais longevos expuseram que o carisma favorece a conservação do casamento (Alves-Silva et al., 2017).

Nos grupos A e B, as entrevistadas citaram ainda outras expectativas para o cônjuge, que se referiram ao crescimento pessoal, à iniciativa e à maturidade. Destarte, Andressa (30 anos) apetece que o parceiro seja mais decidido, tenha mais iniciativas. Antônia (26 anos) declarou que o marido tende a progredir, melhorar, como pessoa. De sua parte, Brígida (49 anos) anela que o consorte possua maturidade. Como ilustração, apresenta-se o enunciado de Brígida: *“É ele ter maturidade”*. Sobre o valor da maturidade para a conjugalidade, salienta-se que casais aclararam que maturidade favorece a qualidade da relação amorosa (Gonçalves et al., 2018).

A paciência representou os aspectos calmo, tranquilo, quieto e pacato. Das mulheres dos grupos A e C, Alice (28 anos) anseia que o esposo consiga manter a calma nos momentos mais difíceis. Alessandra (21 anos) proferiu que gostaria que o marido passasse a ser uma pessoa mais calma e tranquila. Por sua vez, Cecília (66 anos) afirmou que o cônjuge vai ficar cada vez mais quieto e pacato. Os ulteriores relatos ilustram esse subtema: *“Que ele consiga manter ... a calma ... nos dias que são mais estressantes, são mais é cansativos”* (Alice). *“Daqui para frente eu acho que é cada vez mais quieto, mais pacato”* (Cecília).

No grupo B, duas participantes mencionaram a honestidade como expectativa atual para cônjuge. Assim, Brenda (51 anos) espera que o marido se conserve honesto. E Beibiane

(35 anos) alegou que o esposo permanecerá sendo honesto. Conforme Brenda expôs: “*Que ele continue é honesto*”.

Além do mais, a saúde do parceiro foi enunciada por mulheres do grupo B e abordou a ansiedade, o estresse e os cuidados com a saúde física e mental. Desse modo, Brenda (51 anos) aspira que o cônjuge seja menos ansioso. Bethânia (41 anos) espera que o esposo não se permita afetar pelo estresse excessivo. Por seu lado, Bella (44 anos) deseja que o marido busque relaxar e cuidar um pouco mais da saúde física e mental. Como exemplo, veja-se o depoimento de Bella:

Eu gostaria que ele, assim, até que ele já está fazendo isso, procurasse relaxar mais, ele está fazendo isso através de atividade física, vai começar fazer um instrumento musical, o violino, acho que isso contribui para a saúde mental dele. ... **Então, assim, a sua expectativa em relação a ele seria que ele cuidasse um pouco mais da saúde mental...** Da saúde mental. ... E física também.

A seguir, serão descritos e discutidos os anseios atuais para o parceiro que se relacionaram com a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Nesse subtema, as mulheres teceram expectativas acerca do marido relacionadas com a sociedade e o ambiente externo. Explica-se que algumas dessas pretensões se estenderam ao casal. Diante disso, as participantes citaram o lazer (grupos A, B e C), o trabalho (grupos A e B) e a religião (grupos B e C), sendo que o trabalho e a religião foram citados nas características mais marcantes do parceiro.

O lazer inseriu o descanso, os passeios e as viagens. Das entrevistadas dos três grupos, Beatriz (54 anos) anela que o casal possa dispor de mais tempo para as atividades de lazer. Ademais, Beatriz e Alana (30 anos) anseiam por mais tempo livre para viajarem com os maridos. E Catarina (66 anos) espera que os cônjuges descansem um pouco, pensem mais neles e passem mais. Segundo as palavras das participantes: “*A gente espera que daqui a dez anos a gente tenha mais tempo de viajar*” (Alana).

É ter aquele momento, sabe, quando você sai o casal para, falar assim: “Vou viajar, vou passar um fim de semana”, aí você está com um tempo que é somente de vocês dois, somente para vocês curtirem, para conhecerem um lugar novo, porque eu adoro isso ... eu sinto falta de ter mais momentos desses ... de lazer. (Beatriz, 54 anos)

“Eu espero agora a gente poder descansar um pouco, ... passear um pouco agora também, não é? ... agora é pensar um pouco em nós” (Catarina, 66 anos).

Indo ao encontro dessas pretensões, o descanso (Beltrán-Bueno & Parra-Meroño, 2017) e a oportunidade de ter um tempo livre para desfrutar da presença do parceiro (Coelho et al., 2018) foram enunciados como motivos para viajar. Por sua vez, idosos argentinos citaram em seus projetos de vida o descanso e a recreação, incluindo curtir o tempo livre, sem a necessidade de cumprir horários (Krzemien et al., 2018). Vale pontuar que Alana (30 anos) e seu esposo são um casal de dupla carreira e estão com uma rotina intensa de labor. Ante isso, sublinha-se que Fraenkel e Capstick (2016) explicaram que o tempo destinado ao lazer em família por casais de dupla carreira estadunidenses coopera para o fortalecimento das relações familiares e para que a família seja um fator de proteção contra estresse proveniente do mundo do trabalho.

As mulheres dos grupos A e B proferiram o subtema trabalho, que agregou a redução do ritmo de labor, o desemprego, a proatividade, a inteligência e o esforço. Em vista disso, Brenda (51 anos) e Adriana (23 anos) esperam que o esposo se conserve trabalhador. Aline (26 anos) alegou que o marido vai permanecer inteligente e esforçado. Beibiane (35 anos) acredita que o cônjuge prosseguirá sendo proativo. Bianca (50 anos) apetece que o parceiro consiga um emprego formal. Por seu lado, Alana (30 anos) aspira que o casal, especialmente o marido, reduza o ritmo de trabalho. As pospositivas declarações ilustram esse subtema: *“Eu espero mesmo que ele continue com essas características ... ele sendo, não é? Trabalhador ...*

É” (Adriana). “Essas características eu acho que continuarão com ele sim, não é? ... Ser ... proativo... Isso” (Beibiane).

A característica de ser trabalhador (Adriana, 23 anos; Brenda, 51 anos) e esforçado (Aline, 26 anos) vai ao encontro do modelo tradicional de família, que atribui ao homem à função de prover financeiramente o lar. Dessa maneira, nota-se que essa qualidade permanece sendo esperada e valorizada nos parceiros amorosos, nos dias atuais. E, sobre a proatividade (Beibiane, 35 anos), salienta-se que Fraenkel e Capstick (2016) expuseram que o referido aspecto favorece o enfrentamento dos desafios atinentes à família e ao trabalho.

As expectativas acerca do parceiro relacionadas à religião foram enunciadas por entrevistadas dos grupos B e C. Esse subtema referiu-se à busca pela religião/religiosidade e à vivência na igreja. Celeste (60 anos) expôs esperar que o marido não a impeça de ir à igreja, visto que ele não frequenta nenhuma comunidade. Creuza (72 anos) gostaria que o cônjuge buscasse a religiosidade, conforme ela faz. Similarmente, Berenice (40 anos) apetece que o esposo retorne à igreja e se firme na presença do Senhor. E Brenda (51 anos) almeja que o consorte continue se colocando a serviço das pessoas da comunidade (grupo religioso). De acordo com os relatos das participantes: *“Que ele continue ... a serviço das pessoas ... da comunidade que ele gosta”* (Brenda).

Que ele agisse como eu ajo, porque ... a maneira que eu ajo, que eu acho que é a maneira certa, você tem que procurar lá no fundo religioso, porque o fundo religioso é um social e que trabalha bem o psicológico.
(Creuza, 72 anos)

Conforme exposto, Berenice (40 anos) e Creuza (72 anos) gostariam que os esposos buscassem a religião, sendo que Creuza ainda alega que essa é a maneira correta de agir. Aproximando-se disso, mulheres casadas evangélicas valorizaram na escolha do parceiro amoroso a condição de o homem pertencer a mesma religião que elas (Macedo, 2017). Ademais, acerca da atitude de o marido de Brenda (51 anos) permanecer servindo as pessoas

da comunidade, sublinha-se que idosos argentinos enunciaram em seus propósitos de vida a solidariedade com o próximo (Krzemien et al., 2018).

Expectativas Atuais Para o Cônjuge: Síntese. Vale destacar que se constataram mais diferenças que semelhanças entre os três grupos de mulheres no que tange às expectativas atuais para o esposo elencadas por elas. Dessa maneira, apenas os subtemas companheirismo, permanecer e envelhecer junto, e o lazer foram declarados por entrevistadas das três faixas etárias. As participantes dos grupos A e B mencionaram o carinho, a simpatia, a paciência com os filhos, o trabalho e a conservação dos instantes a dois. As mulheres dos grupos A e C proferiram a preocupação com o bem-estar da família e a paciência. Nos grupos B e C, as entrevistadas aludiram à compreensão mútua, à ajuda recíproca, ao distanciamento dos familiares, ao cuidado dos filhos e à religião.

Houve subtemas que foram citados apenas por um grupo de mulheres. Assim, as participantes do grupo B expuseram a confiança entre os parceiros, a honestidade, a saúde do cônjuge e do casal. Por sua vez, as idosas explicitaram anelar pela paciência na relação conjugal. Posto isso, solicitou-se às mulheres dos três grupos que relatassem episódios atinentes às aspirações proferidas, a fim de que a pesquisadora pudesse compreender melhor as suas perspectivas. As entrevistadas descreveram diversos acontecimentos, que serão apresentados no seguinte subtema.

NARRATIVAS SOBRE AS EXPECTATIVAS ATUAIS PARA O CÔNJUGE

Para ilustrar as expectativas atuais concernentes aos maridos, as entrevistadas descreveram vários episódios, que contiveram aspectos favoráveis e desfavoráveis ao convívio conjugal. Além disso, nessas narrativas foi possível constatar de que forma alguns elementos e condições mencionados nas pretensões atuais a respeito do cônjuge se articulam no dia a dia

do casal. Os referidos relatos foram organizados em quatro subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas; e (d) a sociedade e o ambiente externo. Diante disso, inicia-se a descrição e a discussão das situações pertinentes aos relacionamentos interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. Esse subtema versou acerca dos eventos mais circunscritos à díade (grupos A, B e C) e à saúde do casal (grupos B e C). A díade incluiu características da dinâmica conjugal como o diálogo, a confiança, a preocupação, o apoio emocional e físico, o consenso, as diferenças entre os parceiros, a procrastinação e adaptação da esposa ao temperamento do marido. Frisa-se que a confiança e o diálogo foram citados nos anseios atuais para o cônjuge. Entre as entrevistadas, Amanda (29 anos) narrou que o esposo é tudo para ela, suporte emocional e físico, e, se hoje ela está bem, foi devido ao apoio dele. Ademais, a preocupação por parte do consorte foi constatada no depoimento de Cíntia (68 anos). A idosa proferiu que o parceiro fica dizendo para ela ter cuidado, por exemplo, ao subir em uma escada ou ir a Vitória.

O diálogo, a confiança, as diferenças entre o casal, a procrastinação e a habituação da esposa ao marido também foram aludidos. Carol (66 anos) relatou que, ao contrário dela, o esposo adia o que precisa realizar. O homem ainda não aprecia vê-la expondo o que pensa, pois alega que não se deve reclamar quando situações negativas ocorrem. De sua parte, Bárbara (49 anos) explicou que o casal conversou muito a respeito do temperamento do cônjuge e que ele não aceita mudar. Então, ela foi se acostumando com as características dele. E Bruna (43 anos) expôs que ela e o consorte conversaram e chegaram ao consenso de um confiar no outro. As pospositivas palavras ilustram esse subtema:

O Renato representa tanto na minha vida que eu não tenho nada, assim, de diferente para falar dele ... tudo o que sou hoje e, se hoje eu estou aqui, é porque ele está comigo. ... meu suporte emocional, meu suporte físico, e é tudo. (Amanda, 29 anos)

A gente entrou nesse acordo de um confiar no outro e deu certo, porque não há motivo para desconfiança em nossa vida, então, eu somente quero que continue desse jeito. ... **vocês conversaram e num ...** nunca mais teve ciúme ... se ele sente ciúme, ele deixa guardadinho para ele, eu já não sinto mais, eu confio totalmente. (Bruna, 43 anos)

Que ele mudasse um pouco, mas eu não já tenho tanta esperança disso não tá. Porque nós já discutimos muito, já conversamos muito ... mas, ele é taxativo, porque “eu não mudo, eu sou desse jeito, você me conhece desse jeito e acabou”, é essa que é a linguagem dele, então, a gente vai convivendo ... não é o que você quer, mas você acostuma com aquela situação. (Bárbara, 49 anos)

Entre os episódios relatados, Amanda (29 anos) expôs a relevância do suporte emocional e físico proveniente do marido. Próximo disso, jovens espanhóis disseram que buscam encontrar o suporte moral entre o casal e/ou no parceiro (Marimón & Vilarrasa, 2014). E Arias et al. (2020) ponderam que a família é vista como fonte de apoio, que favorece o crescimento pessoal de seus membros. Por sua vez, Bárbara (49 anos) destacou que foi se acostumando com o temperamento do consorte. Tal fato pode estar relacionado ao modelo tradicional de família, conforme o qual a mulher é a responsável pela manutenção do casamento e pela satisfação do cônjuge, cabendo a ela todos os esforços necessários para esses fins (Del Priore, 2014). Além disso, Knudson-Martin (2016) destacou que as esposas tendem mais a ouvir e a se acomodar aos parceiros que eles a elas.

Para mais, nota-se no relato de Bruna (43 anos) que o diálogo foi basilar para que o casal chegasse ao consenso da confiança mútua. Diante disso, reitera-se o valor do diálogo para solução dos conflitos conjugais (Alves-Silva et al., 2017; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Fidelis et al., 2017; Oliveira & Sei, 2018; Ozório et al., 2017). Sublinha-se também que um homem casado estimou a esposa como uma pessoa em que é possível confiar e expor os problemas (Amorim & Stengel, 2014). E casais homossexuais citaram o consenso como um dos aspectos valorizados na relação conjugal deles (Oliveira & Sei, 2018).

As entrevistadas dos grupos B e C descreveram a saúde do casal, inserindo a atividade física, os problemas cardiovasculares, a ansiedade, a recuperação de cirurgias, o alcoolismo e aspectos favoráveis à relação, como o compromisso, o respeito e o apoio. Salienta-se que a saúde do casal e o respeito foram pronunciados nas expectativas atuais para o esposo.

Segundo exposto, a atividade física foi declarada. Logo, Beatriz (54 anos) esclareceu que a realização de atividades físicas, como a caminhada, coopera para o seu bem-estar, e que o marido está buscando organizar a rotina deles, com vista à concretização das referidas atividades. Cíntia (68 anos) disse que, apesar de não ser do desejo do esposo, o casal está fazendo atividades físicas duas vezes por semana, para que o cônjuge se torne mais ativo. Acerca do alcoolismo, do respeito e do compromisso, Celeste (60 anos) explicou que os parceiros estiveram separados, por um período de 10 anos, devido ao alcoolismo por parte do consorte, e que o compromisso e o respeito foram basilares para o restabelecimento da união conjugal.

Os problemas cardiovasculares, a ansiedade, as cirurgias e o apoio também foram pronunciados. Cláudia (70 anos) descreveu que o cônjuge sempre a ajudou nas situações de enfermidade. Em 1993, ela descobriu que tinha sopro no coração e precisou operar. Tal fato ocasionou diversas sequelas, como o aumento da pressão arterial, mas tudo sempre transcorreu bem, em virtude do apoio mútuo. Carolina (71 anos) narrou que necessitou realizar uma cirurgia no joelho, e que o esposo foi muito solícito, ajudando no que era preciso, como cozinhar. Carol (66 anos) relatou que fraturou perna, ficou de três a quatro anos sem poder andar e careceu fazer oito cirurgias em três anos. Nessa conjuntura, ela explicou que o marido esteve ao lado dela somente assessorando, dado que ele não possui estrutura para essas coisas. Por fim, Brenda (51 anos) aclarou ou que o consorte sofreu um infarto e, em consequência disso, tornou-se ansioso. Notem-se os depoimentos das participantes:

A gente saía de manhã cedo, ia à praia e fazia caminhada na orla ... e, toda vez que a gente estava voltando para a casa, eu estava, assim, super animada e a minha cabeça, assim, estava é cheia de criatividade ... aí foi

na época que veio a chuva, não é? ... ele ... falou que quer organizar o nosso horário para que a gente tenha ... uma rotina onde a gente possa estar junto fazendo atividades ou caminhar na praia ... ele falou: “A gente tem que ter um horário para a gente” e isso é o que eu estou sentido falta no momento. (Beatriz, 54 anos)

Há dois anos, quase três, não é? Vai fazer que eu operei o joelho, então, assim, ele foi muito solícito. Ia lá, não é? Levava, fazia, ajudava, assim, nas coisas, na necessidade, acho, assim, que foi uma coisa boa, não é? Porque os filhos também me ajudavam, mas ele sempre assim deu, assim, um apoio maior, não é? ... Ajudando ... no que eu precisasse, uma comida, não é? As coisas, assim, quando tinha um alimento que precisava, assim. (Carolina, 71 anos)

Carol (66 anos) descreveu que o marido não possui estrutura para desempenhar cuidados mais diretos com familiares enfermos. Essa condição pode ser, em parte, devido à influência do modelo tradicional de papéis entre homens e mulheres, que confere ao homem a função de prover financeiramente o lar e destina à mulher os demais cuidados com a casa e com a família (Del Priore, 2014).

De outro modo, Cláudia (70 anos) e Carolina (71 anos) relataram o apoio proveniente do esposo em situações de doença, sendo que Carolina ainda disse que o marido cozinhou, quando ela passou por uma cirurgia no joelho. Nesse sentido, Rolland (2016) expôs que os cuidados com um familiar enfermo podem favorecer a flexibilização dos papéis entre homens e mulheres na relação conjugal. Em um estudo realizado com um homem cuja esposa fazia tratamento contra um câncer, o entrevistado explicou que constantemente assumia os cuidados com a mulher, a casa e os filhos (Neris et al., 2018). E casais de idosos aclararam que o auxílio do cônjuge em situações de enfermidade coopera para o sentimento de cuidado e, que nas dificuldades das mulheres, os maridos desempenhavam os afazeres domésticos.

Para mais, Beatriz (54 anos) citou os benefícios da caminhada para o seu bem-estar. Aproximando-se disso, mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho enunciaram a caminhada como uma das práticas prazerosas de lazer (Musarella & Discacciat, 2020). Por último, destaca-se que Celeste (60 anos) relatou que o compromisso e o respeito foram

cruciais para a reconciliação conjugal. Logo, vale expor que casais longevos alegaram que o respeito mútuo favorece a conservação do casamento (Alves-Silva et al., 2017). E jovens portugueses proferiram o compromisso em suas expectativas para a conjugalidade (Ferreira, 2017). Dito isso, o próximo subtema tratará das narrativas acerca das pretensões atuais para o parceiro referentes às relações interpessoais familiares.

Relações interpessoais familiares. Além do exposto, as entrevistadas historiaram episódios pertinentes às relações familiares, que incluíram os filhos e os netos (grupos A, B e C) e a família de origem (grupos A e C). O subtema filhos e netos referiu-se a assuntos como a conservação do casamento em prol dos filhos, a atenção e a falta de paciência com as crianças, o cuidado e a educação dos descendentes, as férias escolares, as amizades da criança, as brincadeiras, a preocupação com os netos, os conflitos entre mãe e filha(s), a afinidade entre pai e filha, o diálogo e a covid-19. Ressalta-se que o diálogo, a maior paciência com os filhos, e a conservação e o aumento da participação do homem nos cuidados com a prole foram declarados nas pretensões atuais para o esposo.

Os conflitos entre genitora e filha(s), e as semelhanças e o diálogo entre pai e filha foram mencionados. Célia (61 anos) explicou que, quando há um desentendimento entre ela e as filhas, o esposo acredita nela. Por seu lado, Celeste (60 anos) relatou que ela e a filha brigavam bastante, porém, com o passar do tempo, ambas mudaram o comportamento. Celeste também sublinhou que com a convivência percebeu que o marido era um bom pai. O homem nunca possuiu o hábito de conversar muito com os filhos, mas agora, ele dialoga mais com a filha, visto que os dois são sonhadores.

As mulheres ainda aludiram à manutenção da união conjugal em favor dos filhos, à impaciência e à preocupação com os descendentes. Diante disso, Bárbara (49 anos) esclareceu que expôs ao marido que não estava suportando a relação e que ia se separar, sendo que ela

obteve o apoio do filho nessa situação. Todavia, Bárbara não seguiu com essa pretensão, visto que desejava ver o bem dos filhos. De sua parte, Beibiane (35 anos) explicou que o cônjuge não possui paciência com filho e busca controlar todas as atitudes do menino. E Clara (63 anos) proferiu que o esposo se preocupa mais com netos que com os filhos, a ponto de ficar vigiando os netos mais velhos retornarem do trabalho a casa.

No que toca à educação da progênie, Conceição (66 anos) explanou que, igualmente procederam com os filhos, os cônjuges buscam educar os netos juntos. Contudo, a função de corrigir os netos e os filhos sempre recaiu mais sobre ela. Conceição alegou que o marido pode até se aborrecer com alguma atitude de um filho ou neto, mas não expõe o desconforto, sofre em silêncio. Semelhante a isso, Cecília (66 anos) esclareceu que, quando os filhos eram crianças e faziam alguma travessura diante do pai, ele a chamava para corrigir os pequenos. Nesse caso, ela explicava ao marido que a referida função também era dele, do contrário os filhos poderiam crescer entendendo que a mãe é quem briga e que o pai é bonzinho. Cecília ainda frisou que, quando a filha era adolescente e desejava sair com as amigas, o esposo mandava a garota solicitar permissão à mãe.

Para mais, as entrevistadas destacaram as brincadeiras durante as férias escolares, as amizades da criança, o cuidado dos filhos e o diálogo. Assim, Betina (36 anos) proferiu que a família estava de férias em casa e que, após o almoço, o marido ia dormir, e ela brincar com o filho. Às vezes, o homem dormia demais e não colaborava com essa tarefa, o que a deixava cansada. Betina explicou que o que amenizava a situação eram os momentos em que o menino ia brincar com os amigos dele. Por sua vez, Aline (26 anos) disse que o esposo é muito cuidadoso com a filha. Ele acompanhou todo o pré-natal e faz questão de ir às consultas pediátricas. Já Ana (20 anos) esclareceu que, quando estava de licença maternidade, o consorte não compreendia que ela trabalhava em casa cuidando o bebê, e que somente após bastante conversa ele passou a entender a situação.

Por fim, a atenção, o cuidado e as brincadeiras com os filhos no contexto da covid-19 foram pronunciados. Segundo Ariel (22 anos), como a creche está fechada, o filho permanece o dia todo na barbearia do pai assistindo a vídeos do Youtube®. Então, quando a família retorna a casa, ela e o esposo vão jogar uno ou contar historinhas para o menino, que aprecia muito essa atitude de atenção dos pais para com ele. De sua parte, Adriana (22 anos) esclareceu que, devido à pandemia, o marido chega do trabalho, prontamente vai tomar banho e, em seguida, brinca com os filhos e colabora com os cuidados deles, no que for preciso. Notem-se as seguintes ilustrações:

Ele chega do serviço, não é? Como está esse negócio agora de pandemia, ele chega, já toma um banho ... vem, pega as crianças, às vezes, eu estou aqui com a criança no colo, aí ele vem, me ajuda ... quando tem que trocar a criança, ele troca, quanto tem que dar banho, ele dá banho também, ele chega, pega os brinquedo dos meninos, ele já monta, já quer brincar. (Adriana, 23 anos)

Já tive ocasiões, há anos, de chegar e conversar com ele que eu estava já de saco cheio, eu estava querendo me separar dele até, mas ... ao mesmo tempo eu relutei muito ... porque ... eu pensava muito nos meus filhos ... eles precisam de um pai e mãe de estarem juntos ali, sabe, porque eu sei como é difícil a vida de um casal separados, os filhos como que ficam nessa situação toda, não é? (Bárbara, 49 anos)

A gente tenta educar junto, mas a participação maior ... de chamar a atenção, de corrigir, fica mais comigo, como já foi para os filhos também, não é? Que por ele, assim, ele não gostava que fazia certas coisas, mas não falava, então, sempre eu. Não sei, acho que a maioria dos casais sempre é a mulher que toma iniciativa ... ele sempre foi de me apoiar, mas não toma iniciativa de corrigir, nem nada ... ele pode ficar meio aborrecido ... mas, não demonstra e também não toma atitude ... ele sofre calado, mas não fala. (Conceição, 66 anos)

Entre os episódios narrados, Bárbara (49 anos) explicou que permaneceu casada em favor dos filhos. Nesse sentido, casais citaram a necessidade de pensar nos filhos como estratégia para a solução dos conflitos e para a conservação da união conjugal (Porreca, 2019). Vale lembrar também que, em meados do século passado, as mulheres divorciadas e os

seus filhos eram estigmatizados pela sociedade, sendo que a referida condição ainda era associada a problemas escolares da prole (Del Priore, 2014).

Conceição (66 anos) e Cecília (66 anos) aclararam que a educação da progênie sempre esteve especialmente sobre a responsabilidade delas, embora buscassem educar os filhos com os maridos. Ante isso, sublinha-se que Walsh (2016a) pontuou o valor de ambos os genitores exercerem a autoridade na educação dos filhos para o bom convívio conjugal e familiar. Todavia, o fato de a esposa ser a principal responsável pela educação da prole foi constatada no discurso de casais longevos (Oliveira et al., 2020), de mulheres casadas que trabalharam fora (Benevides & Boris, 2020) e de mulheres casadas de três gerações de uma mesma família (Silva, 2018).

De sua parte, Ana (20 anos) mencionou o não reconhecimento do consorte dos cuidados com o bebê como um trabalho, o que igualmente foi identificado no estudo de Feijão e Morais (2018). Além disso, casais estadunidenses deram por entender que o nascimento do primeiro filho pode ocasionar uma sobrecarga de trabalho feminino, prejudicando a satisfação conjugal (Driver et al., 2016). Dessa forma, salienta-se a relevância da compreensão, especialmente do marido, de que os cuidados com a prole também correspondem a um trabalho e da importância de o homem compartilhar com a esposa essa tarefa, para que ela não fique sobrecarregada e evitar a possível ocorrência de conflitos conjugais.

Já Aline (26 anos) declarou que o esposo é um pai muito zeloso, pois acompanhou todo o pré-natal e vai às consultas pediátricas da filha. De modo similar, Bustamante (2019) constatou a participação paterna nos cuidados com o bebê, visto que o pai levava o filho para vacinar, fazer exames e acompanhava a esposa às consultas médicas do filho. Ademais, as brincadeiras com a prole foram citadas por Ariel (22 anos), Adriana (23 anos) e Betina (36 anos), sendo que Betina se queixou de que, às vezes, o marido não coopera com essa atividade. Acerca disso, homens associaram a participação nas brincadeiras à função paterna e

aclararam que expressam a afetividade para os seus filhos por meio da atenção, do brincar e do divertir-se junto (Mazzo & Almeida, 2020).

Além disso, as mulheres dos grupos A e C narraram episódios que inseriram a família de origem. Esse subtema incluiu situações de estresse e de conflitos com os familiares, a enfermidade e a morte de pessoas íntimas, as críticas por parte de parentes, a ausência do modelo paterno e aspectos positivos, como a ajuda, o diálogo, a segurança, a boa convivência e a compreensão. Ressalta-se que o diálogo, a ajuda e a compreensão mútua foram mencionados nas expectativas atuais concernentes ao cônjuge. Sobre a circunstância estressante, Analú (29 anos) explicou que estava grávida e, em virtude de uma visita de uns familiares do esposo, passou por um enorme estresse, a ponto de precisar ir ao hospital. Ela aclarou que o marido deu liberdade a tais pessoas, que ficaram mexendo nas coisas, como se a casa fosse delas. Em consequência disso, Analú expôs ao cônjuge não receberá novamente esses parentes em sua casa.

Os conflitos, as críticas, o diálogo, a compreensão, a ajuda e a segurança foram citados por mulheres dos grupos A e C. Antônia (26 anos) esclareceu que o casal dividia um pequeno apartamento com o irmão mais jovem do marido, e que essa condição estava gerando certo desconforto a ela. Então, os cônjuges conversaram, e o esposo, que sempre busca melhorar, compreendeu a situação, e eles mudaram de residência. De sua parte, Celeste (60 anos) elucidou que o esposo possuía problemas com a família de origem e optou por ter um porto seguro ao lado dela. A idosa também disse que especialmente os seus familiares costumam criticá-la e alegam que ela deveria se separar do consorte. Mas, ela prossegue com o casamento que foi e é escolha sua. Por fim, Celeste destacou que é muito solícita e ajuda qualquer familiar que carecer de auxílio.

As participantes dos grupos A e C proferiram ainda a morte e a enfermidade de familiares, a ausência do modelo paterno e o bom convívio com os parentes. Carol (66 anos)

explicou que a cunhada e a sogra estão em estado vegetativo e o marido as auxilia de forma indireta. Cíntia (68 anos) declarou que um familiar morreu e o esposo foi ao velório, porque convive muito bem com a família dela. Já Aline (26 anos) aclarou que o cônjuge é um pai exemplar, o que superou as suas expectativas, visto que ele não possuiu pai, não teve nenhuma figura masculina como referência. Segundo as palavras das entrevistadas:

Um pai exemplar ... é uma coisa que superou muito as minhas expectativas. ... porque ele não teve pai, não teve nenhuma figura masculina na vida dele, então, eu pensei que ele poderia ser um pouco negligente em relação a isso, mas não, muito ao contrário. (Aline, 26 anos)

Ele, por ser também uma pessoa ... que já veio com os problemas, acho que ele também pensou em um porto seguro. ... tem gente que me critica ... principalmente a minha família “ah! Você devia largar fulano, essa vida.” Gente! Eu optei por ele, porque que eu tenho que largar agora? (Celeste, 60 anos)

Do relato de Celeste (60 anos), sublinha-se a hipótese da idosa de o esposo ter buscado um porto seguro ao lado dela. Indo ao encontro disso, jovens casais deram por entender que o casamento proporciona uma sensação de segurança (Amorim & Stengel, 2014). E jovens chilenos proferiam que as relações amorosas podem ser consideradas como um lugar de segurança (Besoain et al., 2017). Ademais, Aline (26 anos) explicou que o marido é um excelente pai, apesar de não ter tido nenhuma figura paterna como modelo. Isso remete ao fato de que se constatou na literatura a busca por ressignificar a ausência paterna, sendo um pai presente (Campana et al., 2019) e por um melhor relacionamento entre pai e filho, em comparação à vivência na família de origem (Jablonski, 2010; Mazzo & Almeida, 2020).

Sendo assim, finalizam-se as considerações acerca das histórias que representaram as relações interpessoais familiares. O seguinte subtema versará sobre as relações interpessoais com pessoas próximas.

Relações interpessoais com pessoas próximas. Esse subtema inseriu somente relatos de mulheres idosas. Elas aludiram à ajuda ao próximo, que incluiu a doação aos necessitados,

os trabalhos voluntários e aspectos do parceiro, como a tranquilidade e o compromisso, sendo que a paciência/tranquilidade foi citada nas aspirações atuais para o consorte. Destarte, Catarina (66 anos) declarou que os cônjuges realizam doações a quem precisa de auxílio. E Carol (66 anos) descreveu que o casal, maiormente o marido, realiza trabalho voluntário. O homem toca violão em um hospital e não falta a esse compromisso por nada. Carol ainda disse que o esposo é tranquilo, e que há pessoas que se aproveitam disso, o que, às vezes, a deixa irritada. De acordo com o relato de Carol:

Ele gosta de ... pegar o violão, ir ao hospital tocar para as pessoas, não é? Que ele não conhece. ... nós fazemos, não é? Mas, ele vai mais que eu ... ele não abre mão de nada, compromisso dele é compromisso, ele vai, entendeu? Ele frequenta e trabalha como voluntário em uma casa espírita e eu na outra ... mas, ... ele deixa as pessoas fazerem ele de bobo também, às vezes, isso me irrita ... porque veem ele tranqüilozinho, não é? E aí “ah! Faz isso, vem cá, não sei o quê?”, Entendeu?

A seguir, o pospositivo subtema abordará os episódios atinentes à sociedade e ao ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. As relações interpessoais concernentes à sociedade e ao ambiente externo referiam ao trabalho (grupos A, B e C), aos recursos tecnológicos (grupos A e C), a Deus e à religião, ao lazer (grupos B e C) e à mudança de cidade (grupo B). O trabalho incluiu diversos aspectos, sendo a maioria deles desfavorável ao bom convívio conjugal e/ou ao sujeito, como o trauma em dirigir, o adoecimento devido às condições laborais e às incertezas sobre a aposentadoria, o estresse ocasionado pela carência de recursos financeiros ou pelo ambiente de trabalho, o desemprego, o cansaço, o lazer, a procrastinação, a angústia, a estabilidade econômica, as tarefas domésticas, a ajuda mútua, a influência positiva do trabalho no bem-estar, o diálogo, a abdicação, os bens materiais e os estudos. Destaca-se que o trabalho, a ajuda mútua e o diálogo foram enunciados nas expectativas atuais para o marido.

Conforme exposto, o desemprego, a abdicação, os bens materiais, os estudos e a ajuda mútua foram pronunciados. Bianca (50 anos) historiou que está provendo financeiramente o lar e percebe o desconforto do marido referente a isso ao alegar, especialmente para os familiares dele, que os cônjuges não podem realizar certas coisas, porque está desempregado. Bernadete (54 anos) narrou que abdicou de realizar viagens que o esposo fez, devido a questões de trabalho. Ela expôs também que os parceiros dividem bem a parte financeira, ajudando-se mutuamente nas necessidades. Por seu lado, Alana (30 anos) esclareceu que o consorte está com uma rotina intensa de trabalho e estudos, visto que eles adquiriram recentemente uma farmácia e o homem iniciou a graduação nessa área. Ela frisou que o casal entende que isso é uma fase de abdicação em prol da família.

As entrevistadas ainda destacaram a estabilidade financeira, o bem-estar, o diálogo, o cansaço, o lazer, as tarefas domésticas, a procrastinação e a angústia. Cíntia (68 anos) explanou que orienta o esposo a trabalhar para que ele se sinta vivo. Contudo, ela explica ao marido que o casal está estabilizado financeiramente e, assim, ele não precisa se sobrecarregar de afazeres. Ariel (22 anos) proferiu que começou a trabalhar fora e considera que não está sendo muito atenciosa com o cônjuge, devido ao cansaço. Mas, ela alegou que tal situação pode ser facilmente resolvida por meio do diálogo. Ariel também disse que os consortes possuem o domingo e a segunda-feira de folga, porém, às vezes, surgem imprevistos atinentes ao serviço, impedindo-os de desfrutarem do tempo livre juntos. Já Andressa (30 anos) aclarou que, quando é necessário realizar algum reparo doméstico, o esposo fica procrastinando, o que a deixa angustiada.

Para mais, as mulheres dos três grupos citaram o estresse, o adoecimento e o trauma. Cíntia (68 anos) expôs que deixou de conduzir o automóvel do casal no trânsito, porque o esposo era instrutor de autoescola e a traumatizou. Brenda (51 anos) esclareceu que o marido teve depressão por causa das exigências laborais e da insegurança a respeito da aposentadoria.

Bella (44 anos) relatou que o esposo é professor universitário e que o ambiente de serviço dele é bem estressante, em virtude da imensa cobrança por produção científica. Alessandra (21 anos) narrou que o cônjuge trabalha no ramo da metalurgia e que o local de labor é bastante barulhento. Tal fato gera um enorme estresse no homem, que termina descontando nela. E Alice (28 anos) aclarou que o consorte fica estressado quando eles possuem alguma conta vencendo ou uma despesa extra e falta recurso financeiro. Nesses casos, Alice disse que as características positivas do homem começam a esvaecer. Notem-se os seguintes exemplos:

O lugar que ele trabalha é muito barulhento ... é ... metalúrgica ... as máquinas fazem muito barulho ... então, isso causa um estresse muito grande e acaba descontando, não é? Aí ... isso é um fator ruim, não é? Se isso mudasse, com certeza melhoraria bastante. (Alessandra, 21 anos)

Sempre que a gente tem alguma conta que está para vencer ou então algum gasto que a gente vê que precisa ter ... e não tem o dinheiro, aí já começa a ficar mais estressado, mais nervoso, aí já começa a ficar mais recluso no seu canto, para de fazer as brincadeiras, para de fazer piada, fica o tempo todo repetindo, sabe, o problema “nossa! Eu preciso conseguir dinheiro” ... então, é quando essas características boas ... começam a desaparecer, quando tem o estresse mais iminente, não é? (Alice, 28 anos)

“O problema do serviço também exigia muito dele, então, ele teve um probleminha de depressão. ... exatamente, aí ele não sabia se ele ia conseguir mesmo, porque começou essa mudança da lei” (Brenda, 51 anos).

Indo ao encontro da maioria das declarações, Walsh, (2016b) expôs que as dúvidas sobre a aposentadoria e as demandas do ambiente de trabalho podem ocasionar episódios frequentes de estresse e, assim, desfavorecer a vida familiar/conjugal. A autora ainda disse que a instabilidade financeira e o desemprego concorrem para o desenvolvimento de quadros depressivos e de conflitos conjugais/familiares (Walsh, 2016c). De sua parte, Fraenkel e Capstick (2016) explicaram que o estresse provocado pelo ambiente de labor pode prejudicar o diálogo entre o casal e contribuir para o surgimento da depressão e da ansiedade. E docentes

expuseram o excesso de trabalho, a rotina cansativa, a irritação e o estresse, como aspectos/efeitos do ambiente de serviço que interferem de forma negativa na vida conjugal deles (Feijão & Moraes, 2018).

Além disso, professores de pós-graduação aclararam que a extensa jornada de labor e a pressão para a produção científica são danosas para as suas relações familiares, bem como reduzem o tempo destinado ao lazer e à socialização (Vivian et al., 2019). Por sua vez, trabalhadoras industriais esclareceram que a sobrecarga laboral coopera para a eclosão dos conflitos trabalho/família, bem como é prejudicial à saúde do labutador (Vilela & Lourenço, 2018).

Pautando-se no exposto, convém salientar a importância de os empregadores desenvolverem projetos que visem a melhores condições de trabalho e ao bem-estar dos funcionários, pois, tais fatores podem cooperar para o bom convívio familiar/conjugal e a saúde do trabalhador. No que tange às relações entre o indivíduo e o cônjuge/família, é de suma relevância que a pessoa perceba quando o serviço começa a interferir negativamente em sua convivência com os familiares e em sua saúde e, assim, buscar meios para resolver ou amenizar a situação. Para essa finalidade, o auxílio de psicólogos ou de profissionais que trabalhem com o conflito trabalho/família pode ser de grande valor.

Além do mais, as mulheres dos grupos A e C mencionaram os recursos tecnológicos, destacando a televisão, os jogos de celular e a influência negativa da internet nas famílias. Assim, Ariel (22 anos) esclareceu que aos domingos, após o almoço, o casal não utiliza a internet, pois isso está destruindo diversas famílias. Por sua vez, Carol (66 anos) sublinhou que o esposo adora assistir televisão, ver filmes, e que, agora, ele está viciando no joguinho do celular. De acordo com as palavras das entrevistadas: *“Domingo ... a gente ... almoça, aí depois ... a gente pega, aí sai um pouco do celular também, não é? Porque é algo que está muito expandido aí, muitas famílias estão se acabando por causa de celular”* (Ariel). *“Ele*

gosta muito de televisão, ficar assistindo filme, ... agora está viciando no teclado de telefone, jogando, não é?” (Carol).

No que se refere ao efeito nocivo da internet/celular na vida de várias famílias (Ariel, 22 anos), homens expuseram que a principal preocupação deles em relação aos filhos consiste nos perigos oferecidos pela a televisão e a internet (Mazzo & Almeida, 2020). Mulheres casadas disseram que os casamentos de terceiros pioraram em virtude, entre outros elementos, da interferência da televisão (Coutinho & Menandro, 2010). E pessoas em uniões conjugais longevas aclararam que a mídia pode prejudicar as relações amorosas, visto que possivelmente coopera com o egoísmo, a intolerância e a fragilidade dos vínculos (Costa & Mosmann, 2015). De outro modo, Carol (66 anos) mencionou o apreço do esposo por assistir televisão. Semelhante a isso, mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho enunciaram ver televisão, como uma das atividades de lazer prazerosas (Musarella & Discacciat, 2020).

Os episódios que versaram sobre Deus e a religião foram declarados por participantes dos grupos B e C, sendo que a religião foi pronunciada nas pretensões atuais para o cônjuge. O referido subtema incluiu assuntos como a provação divina, o suporte religioso, a importância do perdão, o compromisso e o engajamento com a religião/igreja. Berenice (40 anos) narrou que o esposo estava frequentando a igreja, mas não seguia a doutrina. Então, ele sofreu um acidente de trabalho e, no hospital, Deus valeu-se de uma pessoa para expor à família que isso foi uma provação para o que homem aprenda que com Deus não se brinca. Brígida (49 anos) descreveu que se apoiou na religião e aprendeu a perdoar a si, ao marido e às filhas, o que está sendo essencial para a conservação do casamento. Dessa maneira, ela busca explicar às filhas a relevância do perdão para a sobrevivência e a superação dos conflitos.

Sobre o compromisso e o engajamento com a religião/igreja, Carol (66 anos) relatou que o cônjuge apenas se compromete com o que quer e aprecia realizar. Por exemplo, se o homem precisar ir fazer o evangelho na casa da mãe dele, pode ocorrer qualquer imprevisto, que ele vai. Catarina (66 anos) ressaltou que possui compromisso na igreja, mas o marido não é engajado em nenhuma atividade. Assim, ela deseja que o esposo se comprometa com algum trabalho na comunidade. Por sua vez, Celeste (60 anos) aclarou que o casal não casou no religioso, visto que o consorte não segue uma religião. Tal fato não a impede de frequentar a igreja, bem como ela entende que não deve coagir o marido a seguir alguma religião, porque isso tem que ser da vontade dele. Já Creuza alegou que, se o marido deixasse de ir aos bares e passasse a frequentar o ambiente religioso, haveria um equilíbrio no matrimônio. Notem-se os seguintes exemplos:

Eu tive que buscar em outros meios (religião) ... que, se eu não o perdoasse, eu não conseguiria ficar com ele, a mágoa, a raiva, não é? ... se eu também não me perdoasse pelas ... coisas que eu fiz também de errado, não é? ... se a gente não perdoar a gente mesmo, perdoar ele, perdoar as meninas também, e mostrar para elas ... que o perdão também, para elas superar tudo isso, faz parte, a gente não consegue sobreviver, não consegue. (Brígida, 49 anos)

O ambiente que ele fosse, fosse desprezado, ele passasse mais para os ambientes parecidos com o meu ... levado para esse ambiente sadio. ... sim, um ambiente social/religioso, de modo geral, não é? ... seria um relacionamento que equiparava com o meu, aí ia haver um equilíbrio no meu matrimônio. ... porque o matrimônio, quando um pende para um lado, o outro pende para o outro, não existe o equilíbrio, essa história que os diferentes se atraem, eu não acho que é verdade, isso é uma mentira, os iguais se atraem. (Creuza, 72 anos)

Entre os relatos das mulheres, Brígida (49 anos) expôs o valor do perdão para a manutenção do casamento, a sobrevivência e a superação das adversidades, sendo que ela busca mostrar isso às filhas. Similarmente, pessoas casadas mencionaram a cooperação da religião para o arrependimento, o perdão e a reconciliação conjugal (Limeira & Féres-

Carneiro, 2019b). Além disso, Boyd-Franklin e Karger (2016) alegaram que boa parte das famílias afro-americanas baseia a educação dos seus filhos em preceitos religiosos.

Por sua vez, Creuza (72 anos) declarou a importância de os cônjuges possuírem o mesmo seguimento religioso. Em conformidade com isso, ser da mesma religião é um aspecto estimado em um parceiro amoroso por jovens evangélicos (Garcia & Maciel, 2008) e adolescentes (Hattori et al., 2013). E pessoas casadas explicaram que compartilhar da mesma religião favorece o processo de reconciliação do casal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

As mulheres dos grupos B e C relataram episódios atinentes ao lazer, que representou o gosto pela música, o jogo de xadrez, as viagens, os eventos sociais e o respeito. Lembra-se que o lazer e o respeito foram citados nas expectativas atuais para o parceiro. Acerca das viagens, Bethânia (41 anos) expôs que os parceiros viajaram no fim de semana, pois estão buscando priorizar os momentos de lazer para que a relação não se perca no meio da enorme quantidade de coisas que eles precisam efetuar. Beatriz (54 anos) relatou que nas férias o casal permaneceu por uma semana em Porto Seguro, sem necessitar se preocupar com o trabalho, e que ela está sentindo falta disso. E Carol (66 anos) sublinhou que ela viaja sem o marido, mas ele não.

A música, o jogo de xadrez, os eventos sociais e o respeito ainda foram citados. Bella (44 anos) destacou que o marido gosta de música e vai começar a fazer aulas de violino. Carol (66 anos) ressaltou que o esposo já jogou bastante jogo de xadrez e aprecia música, sendo que o hobby dele é música clássica. E Bernadete (54 anos) ilustrou que o cônjuge adora festas e ela não, mas se precisar ir a algum evento, ela vai. Dessa maneira, Bernadete explicou que, se o esposo não desejar ir aos eventos que ela participa, ela respeita, visto que há coisas que o homem realiza das quais ela também não gosta. Observem-se os seguintes relatos:

Nas férias, a gente viajou, foi para Porto Seguro, passou uma semana lá, aí quer dizer, é um tempo que a gente não tem que se preocupar com o trabalho, não tem que se preocupar com as outras coisas, porque a

gente não está em casa resolvendo coisas, então, é um tempo nosso ... esse tempo, mesmo que seja pequenininho, eu sinto falta de ter. (Beatriz, 54 anos)

“Eu viajo sozinha, mas ele nunca viaja sozinho ... ele gosta muito de ... ficar ... ouvindo música ... já jogou muito xadrez ... hoje ... o hobby dele é música e, assim, músicas clássicas, não é?” (Carol, 66 anos).

Indo ao encontro da maioria dessas descrições, pessoas que estavam em uma relação amorosa explicaram que as viagens a dois proporcionaram várias experiências prazerosas, que influenciaram de modo positivo o relacionamento (Coelho et al., 2018). Além disso, mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho citaram as viagens e ouvir música como atividades agradáveis de lazer (Musarella & Discacciat, 2020). Destaca-se também que Bernadete (54 anos) explicou que respeita o desejo do esposo de não ir a alguns eventos que ela vai. Ante isso, reitera-se a importância do respeito à individualidade do outro para a vida conjugal (Albertoni & Lages, 2018; Oliveira & Sei, 2018; Schulz & Colossi, 2020).

Por fim, Beatriz (54 anos) frisou a mudança de cidade. Ela aclarou que, em virtude da mudança de cidade, está com muita coisa para organizar, o que reduz o tempo livre do casal para as atividades de lazer. Em suas palavras:

Eu tenho muita coisa para arrumar, porque tem muita coisa da mudança que eu tenho que organizar ... ontem ele até me chamou para sair, mas eu falei: “Poxa! Eu estou no meio da arrumação” ... “se eu sair para fazer caminhada agora, na hora que eu voltar, eu vou tomar banho, lanche” ... ainda tinha o horário que eu tinha ... que parar de comer, porque eu ia fazer exame de sangue hoje, então, é nesse sentido, assim, não é? (Beatriz, 54 anos)

Em conformidade com essa explicação, pessoas de três diferentes famílias mencionaram a limitação do tempo com um dos entraves para a vivência do lazer em família (Roberto et al., 2020)

Narrativas Sobre as Expectativas Atuais Para o Cônjuge: Síntese. No que concernem aos episódios relatados acerca das expectativas atuais para esposo, constataram-se mais diferenças que similaridades entre as narrativas das participantes. Perante isso, as mulheres dos três grupos destacaram a díade, os filhos e os netos, e o trabalho. As entrevistadas dos grupos A e C exibiram a família de origem e os recursos tecnológicos. A saúde do casal, Deus e a religião, e o lazer foram pronunciados por participantes dos grupos B e C. Houve subtemas que foram aludidos apenas por um grupo de entrevistadas. Assim, no grupo C, foi referida a ajuda ao próximo. E, no grupo B, a mudança de cidade. De tal modo, finalizam-se a descrição e a discussão acerca das pretensões atuais para a vida conjugal e o parceiro amoroso. O pospositivo capítulo tratará das expectativas futuras para a conjugalidade e o marido.

5. 4 CAPÍTULO 3: EXPECTATIVAS FUTURAS PARA A VIDA CONJUGAL E O MARIDO

O referido capítulo representou os temas: (a) expectativas futuras para a conjugalidade, que inseriu as narrativas atinentes às aludidas aspirações e as ações e aspectos necessários para que as pretensões vindouras sejam concretizadas; e (b) expectativas futuras para o parceiro amoroso, aliando as histórias sobre os mencionados anseios e as atitudes e aspectos indispensáveis para que tais ambições sejam alcançadas.

EXPECTATIVAS FUTURAS PARA A CONJUGALIDADE

As participantes foram indagadas sobre quais seriam as suas aspirações futuras para a vida marital. Elas proferiram várias pretensões que incluíram a crença que tal anseio ocorrerá; e o desejo pela manutenção de fatores positivos da conjugalidade. Com base nas respostas das entrevistadas, formaram-se os seguintes subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b)

relações interpessoais familiares; e (c) a sociedade e o ambiente externo. De tal modo, inicia-se a descrição e a discussão das acenadas perspectivas com as relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. As relações interpessoais conjugais consistiram nas expectativas futuras das mulheres para a conjugalidade que versaram sobre o desejo de conviver e envelhecer junto, os sentimentos, a tranquilidade (grupos A, B e C), a compreensão mútua (grupos A e B), a saúde do casal, o companheirismo, o respeito recíproco (grupos B e C), a união, a sexualidade (grupo B) e o cuidado mútuo (grupo C). Pontua-se que o companheirismo, os sentimentos, a união e o respeito foram declarados nos aspectos memoráveis da vida marital.

As mulheres dos três grupos mencionaram o subtema conviver e envelhecer junto, acenando ao anseio de conviver melhor com o marido, permanecer na conjugalidade, envelhecer junto e continuar casada até o fim da vida. Assim, Alessandra (21 anos) crê que a convivência do casal vai melhorar, e Catarina (66 anos) buscará viver cada dia melhor com o esposo. Aline (26 anos), Antônia (26 anos), Brígida (49 anos), Carol (66 anos), Cecília (66 anos) e Cláudia (70 anos) ambicionam permanecer na conjugalidade. Além disso, Amanda (29 anos) aspira que o casal prossiga junto, mesmo se houver dificuldades. E Aline alegou que o casamento vai seguir dando certo, se mantiver as características atuais.

Sobre envelhecer junto e se conservar casada até a morte, Clara (63 anos) deseja que o casal envelheça junto. Semelhantemente, Bruna (43 anos) anela que os cônjuges envelheçam juntos, conversando e assistindo os filmes que apreciam. Por fim, Bárbara (49 anos), Célia (61 anos), Camila (78 anos) e Celeste (60 anos) anseiam pelo casamento até o fim da vida, sendo que Camila acrescentou que a união até a morte é na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. Os seguintes relatos ilustram essas expectativas: *“Espero estar junto com ele ...*

acredito que, se ... mantiver ... todas as características, acho que tem muito para ... continuar dando certo daqui a 10, 15 anos” (Aline, 26 anos). *“Eu peço e tento ... continuar vivendo com ele o resto da minha vida”* (Bárbara). *“Eu espero que eu conviva com ele até os fins dos meus dias”* (Celeste).

O referido subtema vai de encontro à fragilidade dos vínculos, como expectativa futura para os casais em geral, identificada por Galvão et al. (2016, 2017b). Porém, aproximando-se do anseio de permanecer na conjugalidade, podendo ser até a morte, expresso pelas entrevistadas, as jovens casadas também citaram a persistência no casamento como perspectiva vindoura para os relacionamentos amorosos (Galvão et al., 2017b). Pessoas casadas enunciaram a busca por uma relação estável como um dos principais motivos para o enlace conjugal (Emídio & Souza, 2019). Ademais, o ideal de casamento até a morte sobressaiu nos projetos de vida de casais e foi percebido como um fator que coopera para conservação da conjugalidade (Porreca, 2019). Por sua vez, adolescentes valorizaram a concepção de casamento indissolúvel (Stengel & Tozo, 2010) e idosos expuseram o desejo por essa forma de união (Borges & Magalhães, 2013).

A tranquilidade envolveu a harmonia e o prazer e foi expressa por mulheres das três faixas etárias. Bethânia (41 anos) destacou que ela e o marido apeteçam por uma vida mais tranquila e prazerosa. Clara (63 anos) aspira que o casal viva tranquilamente, e Alice (28 anos) que os cônjuges estejam vivendo em harmonia. Por sua vez, Carolina (71 anos) espera ter uma velhice mais tranquila. Notem-se os seguintes exemplos: *“Ah! Eu tenho a expectativa de que a gente esteja convivendo ... em harmonia”* (Alice). *“A gente quer ter uma vida mais tranquila ... que a gente vai ter que ter uma vida é que seja uma vida prazerosa para a gente”* (Bethânia). *“Ter uma velhice mais tranquila”* (Carolina).

Em consonância com essas aspirações, adolescentes almejam pela tranquilidade em um relacionamento amoroso (Stengel & Tozo, 2010). A tranquilidade ainda foi vista como

uma qualidade de casamentos longevos, pois com o passar do tempo os consortes aprendem a resolver os conflitos conjugais (Costa & Mosmann, 2015). Sobre a harmonia citada por Alice (28 anos), idosos argentinos enunciaram a harmonia na reciprocidade como aspecto de seus relacionamentos (Arias & Polizzi, 2013). Casais idosos aclararam que as interações harmoniosas favorecem o surgimento de vários elementos importantes no casamento (Silva et al., 2019). Por fim, pessoas casadas explicaram que os sentimentos de harmonia cooperam para o processo de reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

As participantes dos três grupos citaram os sentimentos, como a felicidade, a alegria, o amor, a paixão e o gostar de estar junto. Assim, Alice (28 anos) almeja que o casal tenha um casamento feliz e alegre. Conceição (66 anos) crê que o amor entre o casal vai se conservar, e Adriana (23 anos) anela que o amor conjugal nunca se esvaia. Bianca (50 anos) deseja que o casal continue gostando de estar junto. De sua parte, Beibiane (35 anos) aspira pela permanência da paixão entre os cônjuges. De acordo com as palavras das participantes: *“Eu tenho a expectativa de que a gente esteja convivendo ... com felicidade ... ter um casamento ... alegre no futuro”* (Alice). *“Espero ter ... essa paixão, então, espero isso”* (Beibiane). *“Que está junto ainda ... o amor, não é?”* (Conceição).

Indo ao encontro desses relatos, jovens casadas expuseram que no futuro haverá pessoas que buscarão viver o amor (Galvão et al, 2017b). Jovens solteiros mencionaram o amor como expectativa para o casamento (Zordan et al., 2009). Em Schulz e Colossi (2020), a jovem casada considerou a importância de manter o amor na união conjugal. Indivíduos portugueses alegaram que a principal função do casamento é consolidar o amor (Poeschl et al., 2015). Jovens discentes enunciaram que o amor e a paixão são cruciais para o estabelecimento e a conservação das relações amorosas (Schlösser & Camargo, 2019). Ademais, jovens mulheres citaram a paixão recíproca como razão para o casamento (Moraes et al., 2019), e casais estadunidenses declararam a paixão como aspecto do relacionamento

(Gildersleeve et al., 2017). Por fim, Walsh (2016c) explicou que a alegria é essencial para a resiliência familiar.

A compreensão mútua também representou o conhecimento recíproco e foi declarada por mulheres dos grupos A e B. Logo, Alice (28 anos) apetece por um maior conhecimento e compreensão mútuos. Amanda (30 anos) anela que o casal compreenda as dificuldades de forma positiva. Por seu lado, Bárbara (49 anos) espera que o marido seja mais compreensivo com ela. Observem-se as seguintes declarações:

Que a gente esteja se conhecendo e se entendendo ainda mais que hoje ... eu espero que a gente consiga entender melhor as nuances um do outro, às vezes, eu de conseguir entender melhor quando ele está chateado, ele entender melhor a minha necessidade de manter a comunicação mesmo quando está chateado ... eu acho que é essa a expectativa de a gente se conhecer mais e a gente está conseguindo. (Alice, 28 anos)

“Que ele melhore um pouco ... eu tenho conversado muito com ele e pedido que ele tente mudar essa visão dele das coisas, porque isso dificulta em tudo no nosso casamento”
(Bárbara, 49 anos).

Segundo o relato de Bárbara (49 anos), a carência de compreensão por parte do cônjuge prejudica a convivência do casal. Nesse sentido, casais estadunidenses explicaram que a busca por compreender o ponto de vista do(a) consorte coopera para a solução dos problemas conjugais (Driver et al., 2016). Além disso, Walsh (2016) aclarou que a flexibilidade e as respostas empáticas são essenciais para a resiliência familiar.

Sobre o anseio por um maior conhecimento mútuo (Alice, 28 anos), adolescentes mencionaram o conhecimento recíproco, e adultos o conhecimento do outro como maneiras de vivenciar o amor em uma relação amorosa (Hoffmeister et al., 2019). O conhecimento mútuo ainda foi considerado como um fator que coopera para a construção de modos mais favoráveis de resolver os problemas conjugais (Delatorre & Wagner, 2018; Costa &

Mosmann, 2015) e para a edificação de um relacionamento amoroso (Chavez, 2016). Por sua vez, jovens casadas enunciaram o conhecimento entre os parceiros como uma das razões para o enlace conjugal (Moraes et al., 2019).

Ademais, outras expectativas futuras para a conjugalidade foram expressas por participantes dos grupos A e B. As referidas pretensões versaram sobre a fidelidade, a proximidade, a maturidade, o diálogo e a confiança, sendo que o diálogo e a maturidade foram declarados nos aspectos marcantes da vida a dois. Desse modo, Beibiane (35 anos) anela pela conservação da proximidade e do diálogo entre o casal. Bernadete (54 anos) aspira que os cônjuges permaneçam fieis um ao outro. Adriana (23 anos) deseja que a confiança entre ela e marido nunca pereça. E Ana (20 anos) quer continuar amadurecendo e possuir mais experiência, com vista a ser uma boa consorte. Conforme Ana expôs:

“Quero continuar o amadurecimento e ter mais experiência para ... conseguir estar sempre sendo uma boa esposa” (Ana, 20 anos). Relacionando-se a isso, um jovem casal explicou que a vida conjugal faz as pessoas ficarem mais maduras e fornece um sentimento de crescimento pessoal (Amorim & Stengel, 2014).

Por sua vez, as mulheres dos grupos B e C enunciaram a saúde do casal, que tratou do anseio pela saúde física e mental para apreciar a vida, não depender de terceiros e cuidar do outro. Brenda (51 anos) e Cíntia (68 anos) anseiam que os consortes possuam saúde para desfrutarem da vida. Bernadete (54 anos) almeja que os cônjuges cheguem à velhice saudáveis, com estabilidade física e emocional. Cecília (66 anos) apetece que o casal viva até quando estiver com saúde, pois ela não deseja dar trabalho aos filhos. Similarmente, Carolina (71 anos) quer que os parceiros tenham saúde física e mental, para não dependerem dos outros. Conceição (66 anos) anela que Deus dê vida e saúde para ela e o marido continuarem da maneira que estão. Já Camila (78 anos) anseia pela saúde do esposo e que Deus dê saúde para ela poder cuidar dele. Segundo as afirmações das mulheres:

“Que cheguemos saudáveis, não tenho medo da velhice nem das rugas, mas eu tenho receio da doença ... então, que a gente consiga chegar ... saudável a essa idade ... Estabilidade física ... estabilidade emocional” (Bernadete, 54 anos). *“Vida enquanto tiver saúde ... os filhos cada um tem a vida deles, cada um tem os filhos dele, a vida dele, eles não dão conta quase da vida deles, eu não quero ser trambolho na vida dos filhos”* (Cecília, 66 anos).

Diante disso, destaca-se que idosos argentinos expuseram o cuidado com a saúde (que inseriu o acompanhamento médico, a alimentação adequada, as atividades físicas e intelectuais) em seus projetos de vida (Krzemien et al., 2018). Conforme visto, Brenda (51 anos) e Cíntia (68 anos) anelam pela saúde para usufruírem da vida, Bernadete (54 anos) expôs o receio da doença e Cecília (66 anos) e Carolina (71 anos) o de depender de outrem. Tais resultados lembram o estudo de Fernandes e Duque (2017) em que os autores observaram a relevância da saúde para a autonomia e a qualidade de vida de idosos portugueses.

O companheirismo, envolvendo a parceria e o compartilhar entre o casal, também foi declarado por participantes dos grupos B e C. Assim, Conceição (66 anos) alegou que o companheirismo e o compartilhamento dos afazeres vão permanecer entre os cônjuges. Bernadete (54 anos) espera que os consortes continuem dividindo todas as coisas. De sua parte, Betina (36 anos) anela que a parceria se conserve entre o casal. Os positivos relatos ilustram esses subtemas: *“Que a gente continue dividindo o que a gente tem todos os momentos”* (Bernadete).

O companheirismo ... e o compartilhamento de afazeres, não é? Dividir as coisas, não é? É ele faz isso, quando eu não posso, eu peço a ele, ele faz, que isso continue também, porque eu acho, assim, se não mudou até agora, eu acho que nem eu nem ele vamos mudar mais, não é? (Conceição, 66 anos)

Ante o exposto, o companheirismo, o compartilhar os afazeres e dividir as coisas foram enunciados. Assim, cabe ressaltar que a divisão das responsabilidades foi mencionada como expectativa para o casamento por jovens (Padilha et al., 2018). Por sua vez, os idosos argentinos alegaram que no relacionamento deles há o companheirismo, que corresponde a uma das principais funções da relação amorosa na terceira idade (Arias & Polizzi, 2013). Além disso, observou-se que compartilhar as responsabilidades coopera para o bem-estar recíproco (Knudson-Martin, 2016) e partilhar sentimentos, decisões e experiências agradáveis é essencial para a resiliência familiar (Walsh, 2016).

Ainda sobre o compartilhar, o compartilhamento de vidas foi proferido como um fator relevante para a reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a). Pessoas adultas citaram o compartilhar projetos e sonhos e idosas emoções e sentimentos como maneiras de viver o amor no relacionamento (Hoffmeister et al., 2019). Idosos argentinos expuseram que compartilham praticamente todas as coisas com o parceiro amoroso, sendo que isso pode ter favorecido a compreensão e a aceitação mútua na relação deles (Arias & Polizzi, 2013). Além do que, pessoas casadas declararam o compartilhar as responsabilidades (Ozório et al., 2017) e casais estadunidenses o compartilhar significados e concepções (Gildersleeve et al., 2017) como aspectos de seus enlaces conjugais (Gildersleeve et al., 2017; Ozório et al., 2017).

Para mais, as mulheres dos grupos B e C destacaram o respeito mútuo, mencionando o respeito à individualidade do outro. Nesse caso, Bernadete (54 anos) aspira que os cônjuges prossigam respeitando a individualidade um do outro. E Conceição (66 anos) acredita na permanência do respeito entre o casal. De acordo com o que proferiram: *“É, mas, respeitando a individualidade de cada um”* (Bernadete). *“Não vai mudar muita coisa ... o respeito ... se não mudou até agora, eu acho que nem eu nem ele vamos mudar mais”* (Conceição).

Destarte, nota-se nas expectativas das mulheres a valorização do respeito à individualidade do outro e a crença na permanência do respeito entre o casal. Ademais, no

relato de Conceição (66 anos) percebe-se que o respeito provavelmente sempre existiu em seu casamento. Dessa maneira, salienta-se que o respeito foi considerado como um dos melhores elementos que há na família (Ronchi & Avellar, 2011) e estimado em casamentos longevos (Manente, 2019). Por sua vez, casais homossexuais valorizaram o respeito à individualidade do parceiro na relação (Oliveira & Sei, 2018). E pessoas em casamentos de longa duração enfatizaram o respeito à liberdade do outro em seus relacionamentos (Albertoni & Lages, 2018).

Por último, houve três subtemas que foram mencionados apenas por um grupo de mulheres. As entrevistadas do grupo B aludiram à união. Logo, Bernadete (54 anos) anela que o casal se mantenha unido e Bianca (50 anos) que a união entre os cônjuges cresça. Além disso, no grupo B, as participantes proferiram a sexualidade, que se estendeu ao romantismo. Assim, Bianca deseja que a vida sexual do casal permaneça satisfatória e Beibiane (35 anos) que o romantismo se conserve entre os parceiros. Notem-se os seguintes exemplos: *“Que a gente esteja ainda mais unido ... não só a presença física, mas sexualmente, eu acho que tudo isso é um conjunto de coisas”* (Bianca). *“Espero ainda ... ter o romantismo”* (Beibiane).

O fato de a sexualidade ter sido mencionada por Bianca (50 anos) e o romantismo por Beibiane (35 anos) converge com os resultados observados na literatura, pois a relevância da vida sexual e do romance foi identificada principalmente em pesquisas realizadas com sujeitos com menos de 60 anos. De tal modo, jovens solteiros citaram a busca pelo romantismo e pelo prazer como aspectos dos relacionamentos amorosos (Smeha & Oliveira, 2013). Jovens universitários proferiram que a sedução, o sexo e a atração física são basilares para uma relação amorosa (Schlösser & Camargo, 2019). Mulheres, de 19 a 59 anos, alegaram que o ato sexual é fundamental para a conjugalidade (Vieira et al., 2016). Já mulheres casadas, de 40 a 65 anos, relataram perceber a redução ou a ausência do desejo sexual por parte delas e que isso prejudica a vida do casal (Carvalho et al., 2018).

Além do mais, cônjuges, de 25 a 58 anos, ressaltaram o valor da sexualidade na vida a dois, sendo que as esposas associaram o sexo a aspectos globais da relação e disseram que a prática sexual tem o papel de estabilizar o casamento e diferenciá-lo da amizade (Rocha & Fensterseifer, 2019). Casais, de 30 a 59 anos, declararam a retomada do desejo como um recurso para a solução dos conflitos conjugais (Porreca, 2019). E pessoas casadas, de 30 a 54 anos, relacionaram a satisfação conjugal à satisfação sexual e consideraram a atratividade sexual um fator positivo na relação (Feijão & Morais, 2018). Com base nesses dados, percebe-se a necessidade de estudos que investiguem a função da sexualidade na terceira idade.

Por seu lado, as idosas citaram o cuidado mútuo. Desse modo, Clara (63 anos) e Cecília (66 anos) almejam que os cônjuges permaneçam cuidando um do outro. Conforme as palavras delas: *“Um cuidando do outro igual sempre cuidou”* (Clara). *“Eu espero que esteja desse jeito que está hoje. ... um cuidando do outro do jeito que está aí”* (Cecília). Assim, nota-se que o cuidado mútuo, anelado pelas idosas, sempre esteve presente no casamento de Clara e faz parte da união conjugal de Cecília. Aproximando-se desses resultados, pessoas em casamentos longevos explicaram que cuidado é construído ao longo da conjugalidade (Costa & Mosmann, 2015). Idosos argentinos mencionaram o cuidado mútuo como aspecto de seus relacionamentos amorosos (Arias & Polizzi, 2013). E Walsh (2016b) aclarou que na velhice o cuidado mútuo torna-se uma das características mais relevantes da relação amorosa.

Diante disso, finaliza-se a apresentação das expectativas futuras para a conjugalidade que versaram acerca das relações conjugais. As seguintes aspirações abordarão o subtema relações familiares.

Relações Interpessoais Familiares. Em relações familiares, as mulheres mencionaram aspirações futuras para a vida de casal, considerando os filhos e a família em

geral. O subtema filhos correspondeu à educação formal e familiar da progênie (grupos A, B e C), ao desejo de gerar mais filhos e acompanhar o crescimento deles (grupos A e B) e à preocupação com o bem-estar da prole (grupos B e C). A educação formal e familiar abordou os estudos, a autonomia das filhas e a ajuda na criação dos netos. Das mulheres dos três grupos, Bethânia (41 anos) alegou que a filha vai estudar e ter a vida dela. Antônia (26 anos) visa priorizar a educação menina e dar a ela liberdade de escolha. Por sua vez, Carol (66 anos) apetece que o casal auxilie na criação dos netos. Notem-se as declarações das entrevistadas:

A gente não quer ficar direcionando ela, uma cabeça muito fechada, deixar ela ter mais liberdade de escolha com as coisas que ela se identifica, a educação é uma coisa que a gente já pensa em priorizar, já colocar ela no inglês desde novinha, coisa que a gente não teve. (Antônia, 26 anos)

“A Ana vai estar na faculdade ... tiver a vida dela” (Bethânia, 41 anos). *“Ajudar, não é? Criar os netos”* (Carol, 66 anos).

Sendo assim, Carol (66 anos) anela que ela e o esposo participem da criação dos netos. Semelhantemente, idosos argentinos citaram o colaborar com os cuidados dos netos em seus projetos de vida (Krzemien et al., 2018). Ademais, a valorização dos estudos e da independência das filhas foi proferida por Antônia (26 anos) e Bethânia (41 anos). Aproximando-se disso, jovens declararam que a família é geradora de boa educação e motivação, principalmente no que toca aos estudos, elementos fundamentais para se atingir os objetivos de vida (Pereira et al., 2019).

Outras expectativas futuras para o casal relacionadas aos filhos ainda foram acenadas por entrevistadas dos três grupos. Tais pretensões versaram sobre a companhia das filhas, a maturidade materna, o companheirismo e a paciência com os netos. Assim, Ana (20 anos) espera estar mais madura para se relacionar bem com o filho. Bruna (43 anos) afirmou que o casal estará na companhia das filhas e, se elas casarem e tiverem filhos, dos netos e dos genros. Por sua vez, Carol (66 anos) deseja que os parceiros sejam companheiros dos netos, e

gostaria que o marido se tornasse mais tranquilo com as crianças. Observem-se as ulteriores ilustrações: *“Com os nossos netos, as nossas filhas com as famílias, se elas casarem, eu não sei se elas vão casar, se elas vão ter filhos, nós todos juntos”* (Bruna). *“Ter esse companheirismo com os netos e ele parece que está começando agora a entrar nessa fase. ... nessa tranquilidade ... com os netos”* (Carol).

Salienta-se que a relação entre pais/avós, filhos e netos foi identificada de forma positiva na literatura. Idosos argentinos enunciaram como projeto de vida a pretensão de desfrutar do relacionamento com os filhos e netos (Krzemien et al., 2018). Além do que, a possibilidade de acompanhar o futuro dos filhos e netos coopera para que idosos portugueses estabeleçam maiores propósitos de vida (Fernandes & Duque, 2017).

As mulheres dos grupos A e B expressaram o anseio por conceber mais filhos, que se estendeu ao desejo por ter mais netos. Andressa (30 anos), Ariel (22 anos), Amanda (29 anos) e Aline (22 anos) mencionaram a pretensão de ter mais um filho. Antônia (26 anos) alegou que os cônjuges estarão com a família formada em questão de filhos, visto que pretendem ter mais crianças. Beibiane (35 anos) afirmou que o casal estará com dois filhos (ela estava grávida na época da entrevista). Já Berenice (40 anos) espera ter mais netos. Os consequentes relatos ilustram esse subtema: *“A gente pensa em ter filhos daqui uns três anos. ... se a gente tiver condições financeiras bem melhor, a gente pensa até em três, então, daqui a dez anos, já seria, assim, uma família formada em questão de filhos”* (Antônia). *“Nós estaremos com dois filhos, não é? Que um está a caminho”* (Beibiane).

Assim sendo, exceto Berenice (40 anos) e Beibiane (35 anos)-que estava gestante, as jovens expuseram a vontade de gerar mais um filho ou filhos, o que vai ao encontro da pesquisa realizada por Riter (2015) em que os adolescentes enunciaram o constituir família com filhos em seus projetos de vida.

A aspiração por acompanhar o crescimento da prole também foi alegada por entrevistadas dos grupos A e B e incluiu o desejo por desfrutar dessa etapa da vida dos filhos. Destarte, Berenice (40 anos) anela ver os filhos mais novos crescerem. E Andressa (30 anos) quer ver a filha crescer e aproveitar bastante esse momento com a menina.

As participantes dos grupos B e C enunciaram anseios acerca da preocupação com o bem-estar da progênie. Esse subtema correspondeu à inquietação com o bem-estar pessoal e financeiro, envolvendo a vida amorosa das filhas e o investimento na prole. Bernadete (54 anos) almeja que o casal consiga continuar investindo nos filhos, que são a maior preocupação dela. Célia (61 anos) apetece pela independência financeira das filhas. De sua parte, Brígida (49 anos) espera que as filhas possam estar bem e arranjem um parceiro amoroso, mas sem muito apego para não sofrerem. Vejam-se as seguintes declarações: *“Que consigamos continuar investindo nos filhos, que ... a minha preocupação maior é os meus filhos”* (Bernadete). *“Temos duas filhas ... a gente pretende deixar elas já trabalhando”* (Célia). De tal modo, essas explicações lembram que a dedicação aos filhos foi citada como aspecto do casamento por mulheres de duas gerações (Coutinho & Menandro, 2010).

Por último, a família em geral incluiu outras aspirações nas quais as mulheres dos grupos A e B não especificaram o(s) membro(s) da família relacionado(s) com as referidas ambições. Esses anseios trataram da proximidade e do cuidado. Logo, Aline (26 anos) anela que o casal continue cuidando da família. E Bárbara (49 anos) espera que o marido seja mais presente na vida familiar. Sendo assim, findam-se as a descrição e a discussão das perspectivas atinentes às relações familiares. O próximo subtema contemplará as ambições vindouras para a vida conjugal, que se referiram à sociedade e ao ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. As expectativas futuras para a conjugalidade relacionadas à sociedade e ao ambiente externo foram organizadas da seguinte forma: O

trabalho, o lazer, a mudança de país/cidade (grupos A, B e C), e Deus e a religião (grupo C), sendo que Deus e a religião foram aludidos nos acontecimentos mais memoráveis da conjugalidade. O subtema trabalho referiu-se à estabilidade financeira e profissional, aos estudos, à aquisição e à reforma de imóvel, à compra de automóvel, à reforma da previdência/aposentadoria, ao serviço autônomo e à participação no projeto de trabalho do parceiro.

O desejo por uma vida econômica e profissional estável foi declarado. Assim, Ana (20 anos), Andressa (30 anos), Aline (26 anos), Alessandra (21 anos), Berenice (40 anos), Bella (44 anos), Beatriz (54 anos), Bernadete (54 anos) aspiram à estabilidade financeira, sendo que Bella e Aline também almejam o sucesso profissional. Ademais, Bernadete espera que o casal permaneça tendo condições financeiras de auxiliar o próximo. Porém, ela expôs que os últimos acontecimentos no país podem inviabilizar isso. Andressa afirmou que vai ser aprovada em um concurso público e construir a carreira acadêmica dela. E Antônio (26 anos) declarou que o marido estará trabalhando na profissão dele.

No que concerne ao serviço autônomo, à participação no trabalho do cônjuge e à reforma da previdência/aposentadoria, Berenice (40 anos) pretende instalar um restaurante. Andressa (30 anos) apetece que o esposo abra uma clínica, assim que ele concluir a residência em psiquiatria, bem como deseja participar desse projeto. De sua parte, Analú (29 anos) disse que vai permanecer trabalhando com costura criativa e almeja que o marido compreenda que a possibilidade de o casal ter um negócio próprio está nisso, mas ela crê que, se ele pedir demissão do emprego, não focará no trabalho autônomo. E Bethânia (41 anos) explicou que, devido à reforma da previdência, os consortes precisarão criar uma forma de renumeração e trabalhar, mas com um ritmo de labor menor, o que corresponderá à aposentadoria deles.

Sobre os estudos, os bens materiais e ainda acerca da aposentadoria, Ariel (22 anos) e Alessandra (21 anos) anelam pela aquisição do automóvel e da casa própria. Brenda (51 anos)

espera finalizar a reforma do sítio. Berenice (40 anos) anseia por estar com a residência totalmente reformada. Célia (61 anos) e o marido pretendem adquirir um apartamento menor, depois que o homem aposentar. Bethânia (41 anos) expôs que o casal comprará um motorhome para viajar, um terreno na Bahia e construir lá. Antônia (26 anos) pretende edificar uma casa no interior e proferiu que estará com o mestrado e, talvez, com o doutorado concluído. Analú (29 anos) frisou que vai estar formada em técnico em radiologia. E Aline (26 anos) espera que o esposo consiga cursar o mestrado, que é o sonho dele. Como ilustrações, vejam-se os pospositivos relatos:

“Eu pretendo me estabilizar financeiramente, passar em um concurso ... ele pretende abrir uma clínica depois de terminar a residência, vou querer participar dessa construção com ele, mas também construir a minha carreira acadêmica” (Andressa, 30 anos).

Que a gente continue tendo condições de ajudar os que dependem um pouco da gente ainda e que nós nos consigamos nos manter, não é? Nessa idade, porque diante das mudanças que nós vemos ocorrendo aí com relação ao plano de saúde, ao Brasil como um todo, é não existem certezas, não é? Como você fala: “Ah! Que bom que você conseguiu aposentar”. Sim, mas eu não sei até quando isso também vai durar pelo o que a gente vem vendo das mudanças, dos acontecimentos, não é? (Bernadete, 54 anos)

“Ele fala sempre que aposentando a gente ia ... comprar um apartamento menor”
(Célia, 61 anos).

Aproximando-se desse subtema, casais evangélicos proferiram que a aquisição de bens materiais e os estudos favorecem a qualidade de vida da família (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011). Além do que, a formação do patrimônio material familiar (Ronchi & Avellar, 2011), a melhoria financeira (Krzemien et al., 2018; Zordan et al., 2009), a estabilidade econômica (Stengel & Tozo, 2010) e profissional (Smeha & Oliveira, 2013; Stengel & Tozo, 2010), a satisfação com a profissão (Silva, 2018; Zordan et al., 2009), a

aquisição de bens materiais (Krzemien et al., 2018), o trabalho formal (Riter, 2015) e os estudos (Riter, 2015; Silva, 2018; Smeha & Oliveira, 2013; Stengel & Tozo, 2010; Zordan et al., 2009) foram citados como metas de vida.

O anseio pelos estudos foi proferido por adolescentes (Riter, 2015; Stengel & Tozo, 2010) e jovens (Silva, 2018; Smeha & Oliveira, 2013; Zordan et al., 2009), o que se aproxima-se mais ainda desse subtema, pois foram entrevistadas com 30 anos ou menos que expuseram expectativas futuras para a vida a dois atinentes aos estudos. Também é importante frisar que não se identificou na literatura trabalhos a respeito das possíveis influências da reforma da previdência e dos últimos acontecimentos no país na vida conjugal, conforme declararam Bethânia (41 anos) e Bernadete (54 anos). Nesse sentido, sublinha-se a valor da realização de pesquisas que investiguem a referida situação.

Além do exposto, o lazer foi enunciado por mulheres dos três grupos e referiu-se aos passeios e às viagens pelo Brasil e/ou para o exterior. Nesse caso, Brenda (51 anos) pretende passear pelas cidades brasileiras. Cíntia (68 anos) alegou que o casal vai passear e desfrutar da vida. Bella (44 anos) aspira que os cônjuges possam viajar e saírem juntos mais vezes, pois os filhos estarão adolescentes. Similarmente, Alana (30 anos) espera que o casal tenha mais tempo para viajar e possa sair sem se preocupar com filhos. E Andressa (30 anos) deseja dispor de maior tempo para viajar com a família. Por sua vez, Beatriz (54 anos) almeja viajar para o exterior e/ou pelo Brasil. Observem-se os seguintes exemplos:

“Pretendo ... ter mais tempo para viajar com ele e com a Anita, sabe, viagens em família, que a gente gosta muito disso, de conhecer lugares novos” (Andressa, 30 anos). *“Eu tenho muita vontade é de fazer esse tipo de viagem, não é só internacional ... eu sinto não somente o prazer, mas a necessidade de conhecer ... lugares novos, conhecer pessoas novas”* (Beatriz, 54 anos). *“Pegando um avião e indo fazer um passeiozinho ... desfrutar um pouco da vida”* (Cíntia, 68 anos). Avizinhando-se a esses resultados, idosos argentinos mencionaram

as viagens e o turismo, ou seja, passear, conhecer locais, culturas e pessoas diferentes em seus projetos de vida (Krzemien et al., 2018).

A mudança de cidade e/ou país, mencionada por mulheres dos três grupos, inseriu as pretensões de residir em uma praia, na Bahia, na Europa e no interior do estado. Dessa forma, Célia (61 anos) declarou que o casal vai morar em uma praia, pois o esposo adora pescar, e apreciar a vida. Semelhantemente, Bethânia (41 anos) frisou que os cônjuges irão residir próximo à praia, na Bahia. Bella (44 anos) aspira que o casal vá morar na Europa e, assim, ter acesso a outro idioma. E Antônia (26 anos) anela por viver em uma cidade mais interiorana, que é tranquila. De acordo com as palavras das mulheres:

“A gente tem a ideia também ... de morar em uma cidade mais interiorana, de sair da muvuca, ... a gente até pensa mesmo em morar ali na região de Domingos Martins” (Antônia, 26 anos). *“E também morar em outro país. ... aí ter acesso a outro tipo de língua, possivelmente o alemão ou francês. ... Ou Suíça, não é?”* (Bella, 44 anos). *“Viver nós dois para sempre juntos em uma praia ... ele gosta muito de pescar, a gente pode morar em uma praia qualquer”* (Célia, 61 anos).

As entrevistadas dos grupos B e C mencionaram expectativas atinentes a Deus e à religião, sendo que Deus e a religião também foram declarados nos aspectos notáveis da vida conjugal. O referido subtema versou sobre a relevância divina na conjugalidade e o desejo de que o esposo se aproxime da religião/espiritualidade. Logo, Brenda (51 anos) espera ter Deus em primeiro lugar no casamento. Cláudia (70 anos) aspira que Deus conceda direção e forças ao casal. Já Creuza (72 anos) apetece que o marido busque a religiosidade/espiritualidade, porque ficar em bares é uma vida vazia. Segundo o que disseram:

“Colocar Deus em primeiro lugar” (Brenda). *“Espero que ... Deus esteja na direção ... porque ... quem prever bem é Deus, não é? Então, o que for, que Ele sempre dê a força”* (Cláudia). Nesse sentido, cabe destacar que casais evangélicos mencionaram buscar a

conservação do laço entre a família, Deus e a comunidade religiosa que pertencem como objetivo de vida (Ciscon-Evangelista & Menandro, 2011).

Encerrando, no grupo A, Antônia (26 anos) expressou o desejo de casar no civil.

Expectativas Futuras Para a Conjugalidade: Síntese. Sobre as expectativas vindouras para a conjugalidade, identificaram-se mais diferenças que semelhanças entre as respostas das mulheres. Desse modo, as entrevistadas dos três grupos mencionaram o desejo de conviver e envelhecer junto, os sentimentos, a tranquilidade, a educação da progênie, o trabalho, o lazer e a mudança de cidade/país. As participantes dos grupos A e B declararam a compreensão mútua, a família em geral, o anseio por gerar mais filhos e de vê-los crescer. Por sua vez, as mulheres dos grupos B e C expuseram a saúde do casal, o companheirismo, o respeito mútuo, a preocupação com o bem-estar dos filhos, e Deus e a religião. Vale lembrar que houve subtemas que foram expressos apenas por um grupo de mulheres. Assim, as entrevistadas mais jovens citaram o casamento no civil, as do grupo B a união e a sexualidade, e as idosas o cuidado mútuo.

Assim sendo, encerram-se as considerações acerca das expectativas futuras das mulheres para a vida conjugal. A seguir, serão apresentadas as narrativas relacionadas às referidas perspectivas.

NARRATIVAS SOBRE AS EXPECTATIVAS FUTURAS PARA A CONJUGALIDADE

Após mencionarem as suas expectativas futuras para a vida de casal, as mulheres foram solicitadas a narrarem episódios, visando o melhor entendimento das referidas perspectivas. Nessas narrativas foi possível observar como aspectos favoráveis e desfavoráveis à relação e elementos citados nas ambições futuras influenciam o cotidiano dos cônjuges. Com base nos relatos das participantes, formaram-se quatro subtemas, a saber: (a) relações interpessoais

conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com os amigos e de pessoas próximas; e (d) a sociedade e o ambiente externo. Destarte, iniciam-se a descrição e a discussão das narrações com o subtema relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. As relações interpessoais conjugais representaram as explicações das entrevistadas mais circunscritas à díade (grupos B e C) e referentes à saúde do casal (grupo C). Sobre a díade, nas declarações das mulheres dos grupos B e C, constataram-se aspectos positivos para a convivência dos parceiros, como o diálogo, o companheirismo, o cuidado mútuo, os sentimentos, a maturidade, autonomia do casal e a aceitação. Destaca-se que o diálogo, o companheirismo, o cuidado mútuo, os sentimentos e a maturidade foram declarados nas expectativas futuras para a conjugalidade.

Segundo referido, a autonomia do casal, o companheirismo, o cuidado mútuo, os sentimentos e a maturidade foram enunciados. Destarte, Cláudia (70 anos) descreveu os cônjuges sendo autossuficientes, mas caso precisem de ajuda, ela espera que eles saibam aceitar. Similarmente, Carolina (71 anos) explicou que os consortes buscam ter a maior autonomia possível, visto que detestam depender dos outros. Por seu lado, Bárbara (49 anos) mencionou o casal envelhecendo junto no companheirismo e no cuidado recíproco. Ela também narrou que, apesar das dificuldades vividas no casamento, não pretende se separar do marido, em virtude do sentimento dela e da maturidade do casal.

Sobre o diálogo e ainda acerca dos sentimentos, Conceição (66 anos) explicou que, no decorrer da conjugalidade, ela e o cônjuge deixaram de demonstrar o amor publicamente, por meio de beijos e abraços, mas conservam esse sentimento no íntimo deles. Além disso, Beibiane (35 anos) descreveu o casal conversando acerca de quaisquer problemas na relação. E Celeste (60 anos) destacou que expõe suas insatisfações ao marido, que fica chateado, mas logo em seguida, as coisas ficam bem. Vejam-se dois exemplos:

Eu penso na a gente envelhecer juntos, não é? Estarmos juntos, companheiros um do outro, cuidando um do outro ... eu não penso em me separar dele, entendeu? Por mais difícil, que eu já tive situações difíceis com ele, eu não pretendo ... porque eu gosto dele, ele é o meu companheiro, sempre foi ... se a gente está até hoje aqui por mais dificuldades que passamos ... acho que agora depois que a maturidade veio a mais, nós já estamos bem maduros para ver o que é certo e o que é errado, tentar conciliar, nós vamos tentando, não é? ... eu peço a Deus que a gente envelheça junto. (Bárbara, 49 anos)

Eu acho assim que ele está dentro do que a gente vive, não é? ... esse amor, assim, é mais sentido que demonstrado, porque tem quando, às vezes, como eu te falei no começo do casamento você sente e demonstra, na medida em que o tempo vai passando, lógico que eu admiro alguns casais que já estão aí com os seus 30, 40 anos de casado e conseguem andar abraçados, de mãozinhas dadas, beijar em público, então, isso ... eu tive, assim, um período em que eu fazia isso, depois a gente sabe que não é mais, para mim isso era uma falta de respeito ... então, a gente guardou isso mais para nós, não é? Então, eu acho, assim, que está tudo resumido dentro do sentimento que a gente sente um pelo outro, eu acho que esse amor a gente demonstra ele dessa forma, não é? Deixa de demonstrar na aparência, mas no sentimento. (Conceição, 66 anos)

Conforme exposto, Conceição (66 anos) destacou a mudança na maneira de expressar o amor ao longo do casamento. Equivalentemente, pessoas de três faixas etárias consideraram que o amor permanece o mesmo no relacionamento amoroso, da adolescência à velhice, visto que o que se transforma é a forma de expressá-lo. Mulheres em casamentos longevos explicaram que, na vida conjugal, o amor tornou-se mais consistente, sereno e menos declarativo (Galvão et al., 2016). E jovens casadas aclararam que, após o casamento, o sentimento amoroso ficou mais calmo e consolidado (Galvão & Alencar, 2020).

Bárbara (49 anos) aclarou que deseja permanecer casada, devido ao sentimento dela e à maturidade dos consortes. Indo ao encontro disso, a afetividade foi estimada como um fator que coopera para a conservação de casamentos de longa duração (Silva et al., 2017), solução de conflitos por casais estadunidenses (Driver et al., 2016) e para o desenvolvimento de vários elementos benéficos à relação de casais idosos (Silva et al., 2019). Ademais, jovens e pessoas de meia-idade sublinharam a relevância dos sentimentos positivos em relação ao cônjuge para

a boa convivência entre o casal (Ribeiro et al., 2015). E pessoas em casamentos duradouros explicaram que a maturidade faz com que a vida conjugal seja mais sólida e feliz (Costa & Mosmann, 2015).

Bárbara (49 anos) ainda expôs que o casal vai envelhecer no companheirismo e no cuidado mútuo. De tal modo, sobre o companheirismo, o referido aspecto é construído ao longo da conjugalidade (Costa & Mosmann, 2015), está presente em casamentos longevos (Albertoni & Lages, 2018) e é um dos elementos mais importantes para as relações de casais idosos estadunidenses (Walsh, 2016b). Além disso, jovens casadas disseram que o companheirismo aumentou após o casamento (Galvão & Alencar, 2020). Por sua vez, Celeste (60 anos) disse que explicita os seus desagrados ao marido e Beibiane (35 anos) aludiu que os parceiros conversam acerca dos problemas. Consoante a esses relatos, a comunicação foi vista como significativa para a solução dos conflitos conjugais (Costa et al., 2017; Fonseca & Duarte, 2014; Ozório et al., 2017) e favorável para o amadurecimento da relação marital (Luz & Mosmann, 2018).

Por sua vez, Camila (78 anos) descreveu episódios concernentes à saúde do casal. Esse subtema tratou dos problemas de saúde física e mental da idosa, e da preocupação dela com o marido enfermo. Logo, Camila narrou que já sofreu muito com dores nas pernas, tem tensão nervosa e, por isso, precisa fazer uso de fluoxetina todas as noites para relaxar um pouco. Ela frisou que se preocupa bastante com o marido, que é enfermo, a ponto de a família não deixá-lo ir ao Centro Regional de Especialidades (CRE) buscar os medicamentos dele, pois teme que o idoso seja atropelado. O pospositivo relato ilustra as referidas situações:

Eu passei muito aperto com dores nas pernas, eu quase não aguentava descer para fazer compras, porque é tudo eu dentro de casa, é eu que levo para o médico, é eu que vou para supermercado, é eu que vou buscar. Agora, eu passei para o Jonas buscar os remédios, porque ele ia sozinho ao CRE, porque nós ficamos com medo de ele atravessar a pista e o carro pegar ele, então, a minha preocupação é ele, eu tenho muita preocupação com ele ... eu tenho ... tensão nervosa, eu preciso, às vezes, tomar até calmante para controlar,

eu sou muito tensa com tudo e eu fico muito nervosa ... eu tomo fluoxetina todo dia à noite. ... para controlar. ... para relaxar um pouquinho. (Camila, 78 anos)

Em suma, Camila (78 anos) explicou que possui problemas de saúde e se preocupa muito com o marido enfermo. Além disso, convém salientar que a idosa conviveu com o alcoolismo do esposo durante anos e passou por várias situações adversas, que ela relatou em outros momentos da entrevista. Nesse sentido, pode ser que o referido contexto tenha cooperado para os prejuízos na saúde de Camila. Indo ao encontro dessa reflexão, constatou-se que o alcoolismo não somente prejudica a saúde do ébrio, mas também concorre para o adoecimento (Melo & Cavalcante, 2019) e danos na qualidade de vida dos familiares, que podem desenvolver condutas de preocupação e vigilância com o familiar alcoólatra (Silva & Silva, 2020).

Ademais, sobre a preocupação de Camila (78 anos) com o cônjuge, sublinha-se que idosos casados deram a entender que a preocupação colabora para a conservação do casamento e a funcionalidade geral deles (Silva et al., 2019). Assim, encerram-se as considerações referentes às relações interpessoais conjugais. A seguir, serão explicitadas as narrativas atinentes às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares envolveram os filhos e os netos (grupos A, B e C) e a família de origem (grupos A e B), sendo que a maioria dos relatos apresentou aspectos positivos do relacionamento conjugal. O subtema filhos e netos contemplou a falta de paciência com netos, a boa relação e o cuidado com a progênie, a possível influência dos filhos e netos na mudança e/ou viagem para outro país e dos filhos nos momentos a dois, a educação, os estudos, a vida pessoal e profissional da prole, o conforto material dos filhos, o desejo de ter mais um filho, o amor, o diálogo, a aceitação, a paciência e a compreensão. Entre essas questões, o diálogo, a compreensão, a paciência com

netos, o gerar mais filhos, a educação dos filhos e netos, e a preocupação com o bem-estar pessoal e profissional dos filhos foram citados nas expectativas futuras para a conjugalidade.

O bom relacionamento, o amor e o cuidado com a progênie; e a impaciência com os netos foram declarados pelas mulheres. Celeste (60 anos) explicou que o amor pelos filhos e netos é o sustentáculo familiar. Ela alegou que vive em função da família e faz o possível para que todos vivam bem. Bruna (43 anos) idealizou o casal idoso brincando com os netos e/ou levando-os à escola. Brenda (51 anos) narrou os cônjuges velhinhos, no sítio, observando os netos correrem. Bárbara (49 anos) expressou a filha casada e sendo mãe, e o casal cuidando dos netos. Por outro lado, Carol (66 anos) declarou que o marido não possui paciência com os netos, porque nunca cuidou dos filhos, o que a incomoda.

Sobre o diálogo, a paciência, a compreensão, a educação, os estudos e a vida profissional dos filhos, Bárbara (49 anos) imaginou-se ajudando a filha na profissão que a moça escolher. Alice (28 anos) relatou a filha finalizando o ensino médio, o casal dialogando acerca da formatura e das expectativas para o curso superior da jovem, e o consorte compreendendo as inquietações e aspirações da esposa atinentes ao futuro da filha. Betina (36 anos) explicou que o marido não pode ficar indo à escola do filho, mas participa de tudo indiretamente, o que a agrada. Ademais, Amanda (29 anos) idealizou os cônjuges educando os filhos dentro dos princípios familiares e, se isso não for possível, eles esperam ter consciência e paciência para entender a situação.

As participantes dos três grupos ainda expuseram a aceitação, o conforto material dos filhos e o desejo de ter outro bebê. Cláudia (70 anos) declarou que aceitação foi fundamental para a superação de momentos difíceis vividos pelos cônjuges, como o diagnóstico de autismo do neto, o fato de a filha do casal ter perdido o bebê e de uma das noras ter sofrido um acidente automobilístico. De sua parte, Ariel (22 anos) historiou que os consortes almejam ter outro filho e que terceiros ficam dando opiniões acerca do melhor momento para isso. Porém,

ela entende que tudo acontece no tempo de Deus. E Berenice (40 anos) declarou que pretende deixar os filhos estabilizados economicamente e anela que eles consigam adquirir uma casa ou um apartamento em um imóvel que é de herança familiar.

No que toca à provável interferência da prole nos instantes a dois, e dos filhos e netos na decisão por viajar ou/e morar em outro país. Alana (30 anos) relatou que o casal está com três filhos pequenos, o que torna difícil sair sozinho. Por outro lado, Betina (36 anos) expôs que o filho está em idade escolar, e que os cônjuges fazem todas as coisas juntos, como levar e buscar o menino em festinhas. Beatriz (54 anos) mencionou que deseja morar em Portugal como cidadã para que os filhos e os netos tenham o mesmo direito. Catarina (66 anos) esclareceu que somente foi à Europa porque os filhos moram no referido continente, pois ela não gosta de lugares frios. Por fim, Bella (44 anos) imaginou o casal na Europa mostrando aos filhos onde morou e relatando o que vivenciou por lá. Vejam-se algumas ilustrações pertinentes a esse subtema:

Daqui a dez anos, a Joana já vai estar com 17, talvez ela esteja aí perto de terminar o ensino médio, não é? Então, eu consigo visualizar a gente conversando sobre a formatura da Joana, sobre a expectativa para a faculdade, ele entender o que eu estou esperando dela ... quais são as minhas preocupações específicas, que a minha preocupação não é só dela se formar, mas ela formar bem, de uma forma que ela seja feliz, de uma forma é que contribua para ela e para a sociedade, eu acho que ele poderia entender, assim, as minhas preocupações ... eu espero que ele entenda, assim, a gente manter uma conversa calma, tranquila, eu acho que seria um exemplo. (Alice, 28 anos)

Eu imagino a gente na praia ... brincando com os nossos netos, eu imagino a gente levando os nossos netos para a escola, para o parquinho, eu penso muito nisso e é uma coisa que eu gostaria muito que acontecesse. Não sei se as minhas filhas vão ter filhos, mas eu gostaria muito de ter netos e estar com o João vivendo isso. (Bruna, 43 anos)

Família, porque eu tenho dois filhos, vou para três netos, que eu tenho dois vai nascer outro da minha filha, amo todos eles, se não existisse esse amor, a minha família já estava toda no chão mesmo, então, eu vivo

porque eu gosto de viver em função dessa família que eu criei, entendeu? Então, isso me fortalece, esse é o foco que eu tenho de viver todo mundo tranquilo. (Celeste, 60 anos)

Sublinha-se que Celeste (60 anos) alegou viver em prol da família, Carol (66 anos) citou que o esposo não possui paciência com os netos, visto que nunca cuidou dos filhos, e Betina (36 anos) explicou que o marido acompanha os estudos do filho de forma indireta. Tais comportamentos podem ser efeitos da influência do modelo tradicional de papéis entre o casal, em que o consorte é o chefe de família, provedor do lar, e a esposa a responsável pelos cuidados dos filhos e pela manutenção do casamento e da família. Nesse contexto, as pessoas eram educadas desde cedo para desempenharem as referidas funções (Del Priore, 2014). Cabe ressaltar que na conjugalidade de Carol essa provável interferência gera incômodo e dificulta o relacionamento entre o avô e os netos. Diante disso, frisa-se a importância de uma educação voltada para a igualdade de papéis entre homens e mulheres na família e na sociedade, o que pode cooperar para uma melhor convivência nas relações afetivas.

Os estudos da prole também foram citados por Alice (28 anos). A jovem mencionou o diálogo entre o casal e a compreensão do marido a respeito de suas preocupações e expectativas quanto ao futuro da filha. Vale lembrar que cônjuges explicaram que o diálogo favorece a conservação do casamento (Porreca, 2019). E mulheres alegaram que a compreensão coopera para a manutenção do amor (Galvão et al., 2016) e da afetividade (Carvalho et al., 2018) entre o casal.

Para mais, Celeste (60 anos) destacou que ama os filhos e os netos e que o amor é a base de sua família. De tal modo, o amor entre os familiares foi aludido como um dos valores mais relevantes da família (Ronchi & Avellar, 2011), sendo que o amor pelos filhos coopera para a conservação do casamento (Emídio & Souza, 2019). A família ainda foi considerada como um ambiente para amar o outro até a morte (Porreca, 2019) e como sinônimo de amor, capaz de favorecer o desenvolvimento pessoal de seus membros (Arias et al., 2020). E, por sua vez, mulheres expuseram sentir um amor infinito pelos netos (Zanatta & Arpini, 2017).

Além disso, sobre o bom convívio entre os avós e os netos, mencionou-se o casal idoso vendo os netos correrem no sítio (Brenda, 51 anos), brincando com eles e levando-os à escola (Bruna, 43 anos). Aproximando-se disso, o lazer (Azambuja & Rabinovich, 2017; Fernandes & Duque, 2017; Zanatta & Arpini, 2017) e levar e buscar os netos à escola (Azambuja & Rabinovich, 2017) foram citados como formas de interação entre avós e netos. De sua parte, Cláudia (70 anos) expôs a relevância da aceitação para a superação de momentos delicados vividos pelo casal, devido a situações adversas ocorridas nas famílias dos filhos. Nesse sentido, Walsh (2016c) enunciou que aceitar o que não se pode modificar é uma condição significativa para a resiliência familiar.

Por fim, salienta-se que Alana (30 anos) e o marido são um casal de dupla carreira e estão com os três filhos pequenos, o que cerceia a possibilidade de os cônjuges saírem sozinhos. Porém, ela não disse que tal situação gera desentendimentos entre os parceiros. Semelhantemente, consortes de dupla carreira explicaram que a natividade do filho limitou a vida social, mas isso não ocasiona conflitos entre eles (Fidelis et al., 2017).

A família de origem foi mencionada por mulheres dos grupos A e B e referiu-se à influência favorável dos familiares, como o gosto pelo futebol e por características do lar; e à interferência negativa dos parentes do esposo, que envolveu a abdicação de bens materiais e os prejuízos à saúde mental da mulher. Acerca dos fatores benéficos, Bianca (50 anos) relatou que os familiares dela gostam de futebol, tanto que o avô tinha um time, e ela e o marido também apreciam esse esporte e assistem aos jogos juntos. E Andressa (30 anos) esclareceu que foi educada pela mãe para ser dona de casa, sendo que isso é um ponto positivo, porque o casal estima as coisas do lar, como ter família, passar muito tempo junto e fazer confraternizações.

Sobre os episódios negativos, Berenice (40 anos) descreveu que a família abdicou da casa que possuía no mesmo terreno dos familiares do marido, para evitar confusões. Por fim,

Brígida (49 anos) expôs que a ocasião conflituosa com os parentes do esposo concorreu para que ela desenvolvesse um bloqueio de não pensar no futuro. Então, Brígida explicou que vive o presente, a fim de que o amanhã seja melhor. De acordo com as palavras das participantes:

Aí, eu acho que é porque eu saí, saí não, nessa situação que eu passei, eu acho que fiz um bloqueio de não pensar ... É eu acredito que seja isso ... De não pensar para que o hoje seja o melhor, não é? E aí amanhã, o que for de hoje, amanhã será melhor, não sei, eu ainda não parei ainda para pensar assim. ... Mas, como foi tanta coisa acontecendo que eu parei, parei no tempo, eu tive que falar assim: “Não! Eu vou viver o hoje, amanhã a Deus pertence e tudo proverá”. Então, eu passei a acreditar acho que dessa forma para poder conseguir superar tudo isso. (Brígida, 49 anos)

Eu sou um pouco das antigas, não é? Eu fui criada ... para ser dona de casa, eu não fui criada para trabalhar, para ter sucesso, para ter carreira e essas coisas eu fui desejando ... posteriormente, assim, fora um pouco de casa, porque a minha mãe me ensinava a ser dona de casa, então, eu gosto muito das coisas de casa, de ter casa, de morar, sabe, de ter família, uma casa grande, de é fazer uma confraternização ... eu gosto muito disso, ele gosta muito disso, de passar muito tempo com a família, então, gostaria de no futuro é ter condições para ter uma casa grande, uma casa que seja nossa onde a gente possa criar os nossos filhos, a gente possa receber os nossos sobrinhos, a nossa família, é os nossos parentes, passar mais tempo juntos nessa casa, não é? (Andressa, 30 anos)

Conforme visto, a família de Berenice (40 anos) escolheu abdicar de um bem material e se distanciar da família de origem do homem, visando evitar problemas. Já na situação de Brígida (49 anos) o distanciamento dos familiares do esposo não ocorre, o que provavelmente traz prejuízos para a saúde dela e o convívio familiar/conjugal. Dessa maneira, nota-se a relevância de se identificar quando a proximidade e/ou a convivência com certos familiares desfavorece o bom convívio e/ou a saúde do casal e se distanciar de tais pessoas.

Ademais, Andressa (30 anos) aclarou que foi educada para ser dona de casa e que isso é um fator positivo para o seu casamento, pois ela e o cônjuge apreciam o convívio familiar e as coisas do lar. Porém, essa forma de socialização foi constatada em um estudo realizado com casais longevos (Oliveira et al., 2020). E Del Priore (2014) explicou que, em meados do

século passado, as moças eram educadas para essa finalidade. Assim, o caso de Andressa pode indicar que as mudanças nos os papéis de homens e mulheres na sociedade acontecem de maneira gradual. Pode sinalizar ainda que a relação amorosa, nos dias atuais, provavelmente é influenciada pelo modelo tradicional e pela tendência à igualdade entre os parceiros no relacionamento (Amorim & Stengel, 2014).

Andressa (30 anos) ainda citou o prazer do casal em conviver com os parentes. Em conformidade com isso, idosos argentinos declararam que desejam compartilhar o tempo livre com os familiares em seus projetos de vida (Krzemien et al., 2018). Assim, encerram-se as exposições acerca desse subtema. A seguir, serão apresentados os episódios referentes às relações interpessoais os com amigos e de pessoas próximas.

Relações Interpessoais os com Amigos e de Pessoas Próximas. Os conteúdos das situações narradas pertinentes às relações interpessoais os com amigos e de pessoas próximas inseriram os amigos (grupos A, B e C), o relacionamento de outros casais (grupo A) e a saúde de pessoas próximas (grupo C). As mulheres dos três grupos pronunciaram o subtema amigos, que representou o estabelecimento de novas amizades e a receptividade aos amigos. Destarte, Célia (61 anos) mencionou o casal tecendo novas amizades. Aline (26 anos) enunciou os cônjuges tendo mais amigos e os recebendo em casa. E Brenda (51 anos) idealizou os parceiros acolhendo os amigos no sítio para tomar café e saborear broa de fubá. Conforme elas proferiram: *“Poder ter mais amigos, receber mais os nossos amigos em casa”* (Aline). *“Fazer amizades, não é? E viver assim”* (Célia).

As visitas dos amigos também são muito boas, porque a gente viver em um lugar sozinho também não é bom, não é? ... Aí é bom ... de vez em quando um amiguinho ir lá também, tomar um cafezinho, não é? Comer uma broinha de fubá, não é? (risos) (Brenda, 51 anos)

No que toca ao anseio por novas amizades relatado por Aline (26 anos) e Célia (61 anos), enfatiza-se que idosos argentinos mencionaram que pretendem estabelecer novos amigos em seus propósitos de vida (Krzemien et al., 2018).

No grupo A, Adriana (23 anos) citou o relacionamento de outros casais. Esse subtema envolveu o amor e a confiança, que foram enunciados nas expectativas futuras para a conjugalidade. Adriana explicou que, segundo as pessoas, com o passar dos anos, o amor entre o casal arrefece, bem como a desconfiança pode começar quando a esposa descobre pequenas mentiras do marido. Notem-se as suas palavras:

Ah! O amor é que tanta gente que fala que com o passar do tempo o amor esfria, não é? ... Que a pessoa fica fria com a outra, tipo, é chega e não está nem aí para a pessoa, é não sai, não faz aquele jantar romântico ... você não sente mais aquela vontade, não é? Aquele amor. ... começa com uma mentirinha e tal, aí você descobre que não era aquilo e aí começa a desconfiança ... acho que quando tem a desconfiança na pessoa, assim, eu acho que é triste, não é? Um relacionamento andar assim.... Ah! É falar ... para a esposa que está em um lugar, aí chega a casa, a esposa pegar o celular e ver que já estava em outro lugar. (Adriana, 23 anos)

De tal modo, Adriana (23 anos) expôs que a desconfiança pode prejudicar os relacionamentos amorosos. Em conformidade com isso, jovens solteiros mencionaram que a desconfiança dificulta o estabelecimento das relações amorosas (Smeha & Oliveira, 2013).

Por fim, as idosas declararam a saúde de pessoas próximas, expondo episódios de enfermidade vividos por terceiros. Cecília (66 anos) destacou que já presenciou diversas situações vivenciadas por pessoas próximas que adoeceram e por filhos que ficam sem saber como proceder com os pais idosos enfermos e acamados. Logo, ela disse que não quer adoecer e depender dos filhos. De sua parte, Cíntia (68 anos) relatou que possui uma vizinha idosa que, devido ao Alzheimer, está bem debilitada. Certa vez, em um momento de distração dos familiares, essa senhora abriu o portão da residência e fugiu. Cíntia alegou que não gostaria de ficar dessa forma no futuro, porque é muito triste. Como ilustração, veja-se o depoimento de Cecília:

Quantos filhos ficam aí sem saber o que vão fazer com os pais idosos, doentes, em cima de uma cama, aqui no Cruzeiro mesmo tem muitos assim ... um gasto, assim, imenso ... eu olho muito exemplo ... de vizinhos, pessoas da comunidade, não é? Que hoje está maravilhosamente bem, chega amanhã aí está aí doente, está no hospital, está em uma cirurgia, um negócio e outro ... Dos filhos é, não, Deus me livre! Oh! (Cecília, 66 anos)

Cecília (63 anos) e Cíntia (68 anos) proferiram que não desejam ficar enfermas e incapacitadas. Cecília ainda mencionou ter presenciado a dificuldade de alguns filhos em cuidar dos pais idosos, enfermos e acamados. Similarmente, Rolland (2016) ressaltou a preocupação de pessoas que precisam cuidar dos pais, avós e filhos, bem como prover financeiramente o lar. Sendo assim, encerraram-se as narrativas acerca das relações interpessoais com os amigos e de pessoas próximas. No posposto subtema, os fatos referidos pelas mulheres versarão sobre a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Além do exposto, as participantes relataram episódios atinentes à sociedade e ao ambiente externo. As referidas declarações contemplaram o trabalho, o lazer, morar em outro país e/ou cidade, Deus e a religião, os recursos tecnológicos (grupos A, B e C), as datas comemorativas (grupos B e C) e o supermercado (grupo B). O trabalho foi historiado por entrevistadas dos três grupos e reuniu a independência feminina, o trabalho autônomo, o serviço doméstico, a redução do ritmo de labuta, o sucesso profissional, a estabilidade financeira, os estudos, a aquisição/reforma de imóvel e compra de automóvel. Frisa-se que, exceto o trabalho doméstico e a independência feminina, os elementos inseridos nesse subtema também foram citados nas expectativas futuras para a vida a dois.

Sobre a independência da mulher, o trabalho autônomo, o êxito profissional e a estabilidade econômica, Cecília (66 anos) expôs que sempre foi muito independente, começou trabalhar fora com 15 anos e, se ela depender dos filhos, vai falecer mais rápido, porque detesta precisar de terceiros. Analú (29 anos) declarou que o marido cogita mudar de emprego

e instalar um negócio próprio com ela, pois não está percebendo oportunidades de ascender na empresa em que labuta. Por sua vez, Andressa (30 anos) imaginou os cônjuges bem sucedidos na profissão e estáveis financeiramente, podendo viver do trabalho deles.

Ademais, os estudos, a diminuição do ritmo de trabalho e os afazeres domésticos foram ressaltados pelas participantes. Bethânia (41 anos) pensou nela estudando e o casal trabalhando com um ritmo de serviço menor. Andressa (30 anos) historiou que sempre gostou de estudar e os seus professores a incentivaram a cursar uma faculdade. Então, hoje, ela está concluindo o doutorado e pretende construir uma carreira acadêmica. De sua parte, Ana (20 anos) se descreveu sendo dona de casa e dando mais atenção à família. E Bianca (50 anos) frisou que o marido adora cozinhar e ela não.

No que tange aos bens materiais, Berenice (40 anos) narrou que buscou e conseguiu adquirir a casa própria, que era herança familiar. Bárbara (49 anos) explicou que o casal pretende erguer uma residência na praia ou em um sítio, visando uma melhor qualidade de vida na velhice. Bethânia (41 anos) relatou os cônjuges morando na Bahia, construindo um imóvel para eles e outro para alugar. Amanda (30 anos) idealizou o casal residindo em um apartamento maior. Além disso, Aline (30 anos) historiou os consortes reformando a casa e trocando de automóvel, já que o sonho do esposo é adquirir um corolla. Por fim, Alessandra (21 anos) esclareceu que a aquisição da residência própria pode melhorar o convívio conjugal, visto que o casal terá a consciência de que está morando no que é dele. Como exemplo, apresentam-se as consecutivas declarações:

“Eu me vejo somente como dona de casa ... cuidando, assim mais, dando somente mais atenção para os filhos, para o meu esposo” (Ana, 20 anos).

E, se a gente fosse morar na Bahia, a gente construiria um quartinho, construiria outro para alugar e ficaria ali, não é? ... eu continuaria estudando, com certeza ele continuaria a vida ativa, porque ele trabalha com

coisas técnicas, conserto, manutenção, e ele adora essas coisas, então, ele continuaria tendo a atividade dele, eu faria alguma coisa também e a gente teria, assim, um ritmo de trabalho menor. (Bethânia, 41 anos)

Eu sempre fui muito independente, eu comecei a trabalhar, eu tinha de carteira assinada, eu tinha 15 anos, na Brasépórola, que antigamente podia entrar de menor assim. ... é e casei trabalhando, sempre fui independente ... eu sou ... tão independente que eu, se eu depender dos filhos, eu vou morrer mais rápido ... não é orgulho, é porque não está em mim, assim, é viver na dependência ... de outros, não é? (Cecília, 66 anos)

Entre os relatos das mulheres, destaca-se que Analú (29 anos), Andressa (30 anos), Bethânia (41 anos) e Cecília (66 anos) descreveram episódios que envolveram o trabalho feminino remunerado. De outro modo, Ana (20 anos) explicou que apenas se imagina como dona de casa no futuro. É importante esclarecer que Ana é filha de Berenice (40 anos) que casou jovem, tem quatro filhos e é dona de casa. Dessa maneira, o fato de Ana desejar ser do lar pode estar sendo influenciado pelo modelo de casamento dos seus pais.

Indo ao encontro disso, mulheres de diferentes gerações da mesma família expuseram um convívio conjugal caracterizado pelo modelo tradicional de casamento (Silva, 2018). Além do que, a divisão tradicional de papéis na conjugalidade foi constatada no estudo de Bustamante (2019) e em pesquisas realizadas com casais longevos (Alves-Silva et al., 2017; Oliveira et al., 2020). E, em Coutinho e Menandro (2010), as mulheres mais velhas aclararam que a expectativa delas em relação ao casamento era ser dona de casa.

As participantes das três faixas etárias descreveram ainda eventos pertinentes ao lazer, que considerou as viagens pelo país ou/e para o exterior e os passeios. Vale frisar que os passeios e as viagens foram declarados nas pretensões vindouras acerca da conjugalidade. Em alguns relatos sobre as viagens, as entrevistadas expuseram que um cônjuge aprecia viajar e o outro não. Assim, Clara (63 anos) narrou que gosta de viajar e o marido não e, conseqüentemente, o casal permanece em casa. Catarina (66 anos) mencionou que o marido adora viajar e solicita isso a ela, que não tem muito gosto por viagens. Nesse caso, Catarina explicou que pretende melhorar isso em si. Por sua vez, Bernadete (54 anos) declarou que o

esposo já foi à Europa e que ela também gostaria de ir, porém, se o fato não ocorrer, não tem problema.

Além do mais, sobre as viagens, Aline (26 anos) pensou no casal viajando e conhecendo diversos países. Similarmente, Andressa (30 anos) historiou a família viajando para a Grécia, Israel e Europa. Bella (44 anos) expôs os cônjuges em viagem pela Europa, usufruindo o que não puderam desfrutar quando estiveram por lá estudando. De sua parte, Bethânia (41 anos) relatou os consortes vivendo uma aventura, viajando em um motorhome, conhecendo pessoas e lugares. E Beatriz (54 anos) disse que, quando o casal viaja pelo estado, ela coloca músicas de vários ritmos no som do carro e imagina os cônjuges viajando pela França, Estados Unidos e Inglaterra.

Os passeios (incluindo a ida à praia e aos barzinhos, os jantares e o curtir a vida) ainda foram enunciados pelas entrevistadas. Bernadete (54 anos) se imaginou indo à praia, fazendo caminhada e digressando pelo Brasil. Bethânia (41 anos) proferiu o casal passeando na praia e desfrutando da vida. Aline (26 anos) idealizou os parceiros saindo da rotina, indo jantar e se divertir. Por fim, Beibiane (35 anos) narrou os cônjuges valorizando o gostar de sair juntos para os barzinhos, como na época do namoro. Segundo os relatos das mulheres:

Essa coisa de viajar ou, então, eu espero que a gente consiga, não é? Nas nossas férias viajar, quem sabe todo ano ir para um lugar diferente, conhecer vários países ... poder sair para jantar, para curtir também, não ficar somente nessa rotina, não é? De velho enfiado dentro de casa, mas poder sair, jantar, curtir também, essas coisas. (Aline, 26 anos)

Ah! Eu imagino ... se a gente tivesse um moto home, a gente iria viajar, ia pegar a estrada, ... ia parar nos lugares, ia enfim dormir, ia fazer comida ali, ia conhecer gente nova, ia passar perrengue, ia ter que economizar dinheiro para conseguir chegar ao lugar que a gente quisesse, então, uma coisa, assim, de uma aventura mesmo, não é? (Bethânia, 41 anos)

Eu gostaria muito de viajar com ele, mas só que ele não gosta. ... ele não gosta de ficar fora de casa, o negócio dele é ficar aqui dentro de casa, eu gostaria muito disso, mas como ele não gosta. ... vai ficando junto aqui dentro de casa até bem velhinho. (Clara, 63 anos)

Conforme visto, o marido de Clara (63 anos) não gosta de viajar e ela abdica de seu desejo, deixando de viajar. Já o esposo de Catarina (66 anos) aprecia as viagens e ela não. Então, Catarina alega que almeja melhorar o seu gosto pelas viagens. Em suma, em tais situações, são as esposas que se adequam (Clara) ou buscam se adaptar (Catarina) aos gostos dos cônjuges. Esses fatos podem estar relacionados com a influência do modelo tradicional de casamento no qual a mulher é atribuída à função de esposa dedicada e responsável pela satisfação do consorte (Del Priore, 2014).

Para mais, a possibilidade de viajar e conhecer outros países foi narrada por Aline (26 anos), Andressa (30 anos), Bella (44 anos) e Bernadete (54 anos). Bethânia (41 anos) mencionou o casal viajando e conhecendo pessoas e locais. Aline ainda citou os cônjuges saindo da rotina. Aproximando-se disso, vivenciar coisas novas com o cônjuge, como acampar e conhecer lugares, foi descrito como um aspecto de casamentos longevos (Albertoni & Lages, 2018). E conhecer locais, compartilhar experiências (Coelho et al., 2018), a educação, fazer amizades, encontrar pessoas diferentes (Beltrán-Bueno & Parra-Meroño, 2017), sair da rotina e a novidade (Beltrán-Bueno & Parra-Meroño, 2017; Coelho et al., 2018) foram elencados como razões para viajar.

As mulheres dos três grupos relataram situações sobre morar em outro país e/ou cidade, que também representou residir em uma praia ou no interior. Ressalta-se que o conteúdo desse subtema foi referido nas expectativas futuras para a vida a dois. De tal modo, Antônia (26 anos) explicou que o casal pretende ter uma vida modesta e morar em uma cidade do interior, em virtude da calma, da liberdade e da segurança que esse tipo de lugar oferece. Bella (44 anos) mencionou os cônjuges residindo na Europa, para ter acesso à outra cultura. Beatriz (54 anos) declarou a preferência por morar em Portugal, devido ao idioma e à

facilidade de obter a cidadania. Por último, Célia (61 anos) imaginou os consortes morando em uma praia, indo pescar e saindo à noite. Vejam-se as palavras das entrevistadas:

A gente não pensa em ter uma vida, assim, luxuosa, ... a gente procura sempre mais a calma, de ter mais tranquilidade, de sentir mais seguro em termos de deixar os nossos filhos é andar pela rua, ter liberdade de até, igual como eu morei no interior até os meus 16 anos ... hoje ... mudou muita coisa, mas eu ainda acho que é na cidade mais pacata, mais tranquila, te dá mais liberdade, dá mais segurança. (Antônia, 26 anos)

“Ele não fala a fluência. ... aí não tem graça morar em um lugar que vai ser difícil para ele, eu falei vamos para Portugal, Portugal é português” (Beatriz, 54 anos).

A gente morar por um ano fora também, um ano, um ano e meio, ter acesso a outra cultura e a gente já vai estar maduro, já vai estar falando outra língua, que facilitaria muito, que geralmente os países da Europa falam inglês também. (Bella, 44 anos)

Entre as narrativas das entrevistadas, sublinha-se que Beatriz (54 anos) prefere residir em Portugal, por causa do idioma e Bella (44 anos) gostaria de permanecer por certo tempo na Europa para acessar outra cultura. Em conformidade com isso, a familiaridade com o idioma (Coelho et al., 2018) e a oportunidade de conhecer outras culturas (Beltrán-Bueno & Parra-Meroño, 2017; Coelho et al., 2018) foram enunciados como motivos para viajar.

O subtema Deus e a religião foi aludido por participantes dos três grupos e aliou a providência e as revelações divinas, o perdão e o fato de o marido ou a família não professar uma religião, como a mulher segue. Lembra-se que Deus e a religião foi citado nas aspirações futuras para o casal. Berenice (40 anos) explicou que Deus colocou as oportunidades para que ela pudesse alcançar os objetivos dela. Ariel (22 anos) declarou que Deus revelou, por meio de terceiros, que o casal terá outro filho. Análogo a isso, Alessandra (21 anos) sublinhou que, por meio de outras pessoas, Deus disse que no tempo certo entregará a casa própria aos cônjuges. E Brígida (49 anos) expôs que, em virtude do perdão, está deixando o passado para traz e vivendo o hoje.

No que toca à questão de os filhos e/ou o marido não seguir(em) uma religião, Celeste (60 anos) historiou que os filhos e o marido não professam uma religião, igualmente ela segue. Celeste alegou crer que um dia eles compreenderão a importância da religião, porém frisou isso precisa partir deles. Por seu lado, Creuza (72 anos) expressou que, se o cônjuge buscasse a religiosidade, haveria um equilíbrio entre o casal, pois seriam dois corações em um pensamento. Os positivos relatos ilustram esse subtema:

Eu já recebi algumas revelações falando que quando eu engravidar novamente Deus vai me dar uma menina, inclusive teve uma vez que ... foi uma mulher e mais um pastor orar lá em casa e o João Miguel estava dormindo e aí ela foi e perguntou bem assim: “É você tem filho?” Aí o meu marido foi e falou assim: “Tenho, ele está dormindo”, aí ela foi e falou bem assim: “Mas, Deus manda dizer que Ele vai dar mais”.
(Ariel, 22 anos)

Deus colocou a oportunidade, você entendeu como? Porque ... tudo o que você tem dentro de você que não for para ruim, Deus te ajuda, desde que não seja ruim e Deus, eu somente quis o melhor para algo que Ele mesmo me deu para cuidar ... então, quer dizer, esse mesmo desejo eu tenho do Felipe, se um dia eu falar que eu não tenho o desejo que o Felipe tenha uma casa ali, eu estou mentindo. (Berenice, 40 anos)

Eu acho que haveria um equilíbrio. ... Eu acho que o nosso psicológico ... não ia competir, não ia haver aquela briga, mas seríamos ... como dois corações em um só pensamento. ... eu acho que a vida conjugal tem que ser dois corações em um só pensamento. (Creuza, 72 anos)

A crença na providência (Berenice, 40 anos) e em revelações (Alessandra, 21 anos; Ariel, 22 anos) divinas foram pronunciadas. Nesse sentido, McGoldrick e Ashton (2016) ressaltaram que as religiões influenciam as crenças e as práticas singulares e familiares, assim como modelam e reforçam as regras culturais. Por sua vez, Celeste (60 anos) e Creuza (72 anos) expuseram que os maridos não seguem uma religião igualmente elas. Diante disso, sublinha-se que o fato de o casal possuir a mesma concepção religiosa/espiritual coopera para o bom convívio conjugal e a conservação do casamento (Hoffmann & Costa, 2019; Walsh, 2016d). Todavia, divergências entre os cônjuges acerca das práticas e crenças

religiosas/espirituais podem desfavorecer a vida a dois (Hoffmann & Costa, 2019). Ademais, a condição de os consortes possuírem diferentes valores e atitudes foi citada como aspecto negativo da união conjugal por pessoas casadas (Feijão & Morais, 2018).

De sua parte, as mulheres dos três grupos narraram situações que envolveram a utilização de recursos tecnológicos, como o hábito de assistir televisão junto e o uso demasiado dos dispositivos eletrônicos por parte do esposo. Cecília (66 anos) explicou que receia incomodar os outros e, se o casal estiver na sala assistindo televisão, ela ficar com sede, e o marido for à cozinha e voltar, ela não solicita a ele que traga água, pois vai à cozinha e pega. Bianca (50 anos) declarou que atualmente possui mais tempo e se esforça para realizar as coisas que o marido gosta de fazer, como assistir filmes e futebol juntos. Já Analú (29 anos) descreveu que, especialmente nos fins de semana, o marido não dorme o suficiente durante a noite e no dia seguinte está cansado, devido ao uso excessivo da televisão, do computador, do celular e/ou do vídeo game. Como ilustração, vejam-se as palavras de Analú:

Ele fala que está cansado ... mas, para ficar no computador, ele não está cansado, para jogar videogame, ele não está cansado, para ficar no celular, ele não está cansado, o que é isso? Tipo, você está cansado, deita na cama e vai dormir, pronto! Descansa! Mas, não! Ele fica lá, às vezes, ele vai dormir de sexta para sábado, de sábado para domingo, ele vai dormir de madrugada em cima disso. ... fala no outro dia que está cansado ... por que que está cansado? Porque não dorme ... às vezes, eu acordo, eu vejo que ele não foi deitar, uai! Pego ele dormindo lá no sofá com o computador ligado. ... No dia que a televisão nova dele chegou, nossa! Ele foi dormir não sei lá que horas. ... Não, a televisão, assim, tipo, a televisão tem tecnologia não sei o quê? Ele quer explorar tudo o que a televisão tem. ... tem imagem quatro k, tem não sei o quê? ... ele não entende que amanhã ele também vai poder explorar, ele quer explorar tudo hoje. (Analú, 29 anos)

Aproximando-se do relato de Analú (29 anos), em um estudo realizado com universitários colombianos, identificou-se que o uso problemático da internet correspondeu à quantidade de horas que os participantes permaneciam conectados aos dispositivos eletrônicos. Tal fato pode prejudicar as relações familiares, a qualidade do sono noturno e a disposição para desempenhar as atividades domésticas (Puerta-Cortés & Carbonell, 2013).

As participantes dos grupos B e C enunciaram as datas comemorativas em suas explicações, que inseriu o diálogo. Reitera-se que o diálogo foi citado nos anseios futuros para o casal. Elas referiram-se à noite de fim de ano e às bodas de ouro. Desse modo, Celeste (60 anos) aludiu que, na noite de réveillon, os consortes conversaram e constataram que pretendem permanecer juntos. E Bernadete (54 anos) relatou que é lindo presenciar um casal comemorando as bodas de ouro na igreja, bem como disse que, daqui alguns anos, ela e o esposo vão festejar essa data. Notem-se as declarações das mulheres:

Eu acho tão bonitinho quando tem um casal já de 60, 70 anos, ou comemorando os 50 anos de casados, os dois bonitinhos lá na igreja, então, esse é um exemplo, ... uma terceira idade sadia. ... comemorando nem que seja, assim, uma taça de vinho para ele e uma de suco de uva para mim, que é o que eu faço. (Bernadete, 54 anos)

Disse para ele agora na virada de ano para 2020, eu perguntei o que ele pensava para 2020, o que ele tinha planejado. Aí ele não tinha, porque eu tenho planejamento, continuo com mesmo propósito de continuar 2020 fazendo o que eu faço e, “se você quiser viver comigo?”, Tornei a reafirmar isso com ele, “se você não quiser, também não tem problema, pode seguir a sua vida”, aí ele optou por continuar vivendo comigo. (Celeste, 60 anos)

Segundo referido, Bernadete (54 anos) elogiou a atitude de comemorar as bodas de ouro. Destarte, vale lembrar que Walsh (2016c) mencionou que festejar as datas comemorativas coopera para a resiliência família. Por fim, no grupo B, Betina (36 anos) sublinhou o hábito de ir ao supermercado. Ela explanou que o casal costuma ir ao supermercado junto e, quando o marido precisa ir sozinho, ele telefona para ela diversas vezes. A seguir, apresenta-se o resumo das narrativas sobre as expectativas futuras para a conjugalidade.

Narrativas Sobre as Expectativas Futuras Para a Conjugalidade: Síntese. No que tange às diferenças e às semelhanças constatadas entre as narrativas de mulheres das três

faixas etárias, as entrevistadas dos três grupos mencionaram os filhos e os netos, os amigos, o trabalho, a mudança de cidade ou país, o lazer, Deus e a religião, e os recursos tecnológicos. As participantes dos grupos A e B citaram a família de origem. Por seu lado, as mulheres dos grupos B e C aludiram à díade e às datas comemorativas. Houve subtemas que foram expressos apenas por um grupo de entrevistadas. Dessa maneira, as mais jovens aludiram ao relacionamento de outros casais. As mulheres do grupo B citaram o supermercado. E as idosas expuseram a saúde do casal e de pessoas próximas.

Por conseguinte, encerra-se a síntese das narrações sobre as expectativas futuras das participantes para a conjugalidade. Em seguida, segundo elas proferiram, apresentam-se as atitudes e os aspectos que podem contribuir para que as referidas pretensões sejam atingidas.

AÇÕES E ASPECTOS NECESSÁRIOS PARA QUE AS EXPECTATIVAS FUTURAS PARA A CONJUGALIDADE SEJAM ALCANÇADAS

Assim que as mulheres terminavam de relatar os episódios pertinentes às suas expectativas futuras para a conjugalidade, indagava-se a elas sobre o que seria necessário para que as referidas aspirações fossem alcançadas. As participantes mencionaram diversas ações e aspectos positivos, sendo que algumas dessas condições e comportamentos já se inserem no dia a dia casal. Tais respostas serviram de base para a elaboração dos seguintes subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas e os amigos; e (d) a sociedade e o ambiente externo, conforme seguidamente serão expostos.

Relações Interpessoais Conjugais. As relações interpessoais conjugais versaram sobre as ações e aspectos, mais restritos ao casal, favoráveis para a realização das expectativas futuras acerca da vida a dois. Nessa circunstância, as mulheres citaram o respeito, a

compreensão, o diálogo, a paciência, o carinho (grupos A, B e C), o companheirismo (grupos A e B), a saúde do casal, o cuidado mútuo, os sentimentos (grupos B e C) e a ajuda mútua (grupo B).

As participantes dos três grupos expuseram a importância do respeito, que envolveu o respeito mútuo e o respeito à individualidade do outro. Então, Conceição (66 anos) citou o respeito e Celeste (60 anos) o respeito entre o casal. Bruna (43 anos) e Aline (26 anos) indicaram a relevância do respeito mútuo como base do casamento, sendo que Bruna ainda citou o respeito à singularidade do parceiro. Conforme elas exibiram: *“Eu acho que a base do relacionamento é o respeito”* (Aline). *“Que nosso casamento ainda ... tenha como base ... muito respeito um pelo outro ... eu acho que um casamento é feito com respeito pela individualidade do outro, porque nós temos as nossas diferenças e a gente tem que aceitar o outro assim”* (Bruna). *“Eu acho, assim, o respeito”* (Conceição).

Aproximando-se desses relatos, homens homossexuais afirmaram que o respeito é uma das bases de seus relacionamentos amorosos (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). Walsh (2016c) expôs que o respeito mútuo e o respeito às diferenças e às necessidades do outro são cruciais para a resiliência familiar. Fraenkel e Capstick (2016) alegaram que em casais de dupla carreira o respeito mútuo é um recurso favorável para o enfrentamento dos desafios cotidianos. Ademais, o respeito recíproco foi considerado por jovens chilenos como uma estratégia de evitação e de resolução de conflitos na relação amorosa (Besoain et al., 2017) e por mulheres casadas como um fator que coopera para a conservação da afetividade entre o casal (Carvalho et al., 2018). O respeito ainda foi associado à satisfação conjugal (Feijão & Morais, 2018) e visto como algo que contribui para a manutenção do amor na conjugalidade (Galvão et al., 2016).

A compreensão também foi proferida por mulheres dos três grupos. Esse subtema reuniu a compreensão mútua, a empatia, e a compreensão das necessidades recíprocas e do

enfrentamento dos problemas. Diante disso, Conceição (66 anos) aludiu à compreensão e Catarina (66 anos) à compreensão mútua. Ana (20 anos) destacou que é preciso ter empatia e mais compreensão no casamento. Bruna (43 anos) sublinhou o valor de se compreender as necessidades mútuas. E Bianca (50 anos) ressaltou a capacidade de o casal entender que junto pode enfrentar as dificuldades. Notem-se os pospositivos relatos:

“Acho que tem que ter mais compreensão, sempre compreensão ... em qualquer situação que seja sempre se colocar no lugar do outro ... antes de chegar, assim, já querendo discutir” (Ana, 20 anos). *“Ter entendimento de saber, assim, oh! Se tiver alguma dificuldade, que a gente possa passar por essa dificuldade junto”* (Bianca, 50 anos). *“É compreendendo um ao outro ... A compreensão”* (Catarina, 66 anos).

A compreensão e a empatia foram citadas como fatores relevantes para a concretização das expectativas futuras acerca da conjugalidade, sendo que a empatia foi expressa somente por Ana (20, anos). Dessa maneira, salienta-se que a compreensão mútua coopera para a solução dos conflitos em casais longevos (Goulart et al., 2019) e a compreensão favorece a conservação de casamentos de longa duração (Alves-Silva et al., 2017; Silva et al., 2017).

A empatia foi vista como um aspecto que auxilia a reconstrução conjugal por pessoas casadas (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a), estratégia de enfrentamento do estresse por casais (Mussumeci & Ponciano, 2018), recurso para a resolução de problemas conjugais (Costa et al., 2017; Goulart et al., 2019) e como uma característica que contribui para a manutenção de casamentos duradouros (Silva et al., 2017). Ademais, Hinde (1987, 1997) expôs que a empatia é crucial para a qualidade dos relacionamentos. E casais idosos explicaram que as interações de empatia propiciam o surgimento de diversos elementos positivos na relação (Silva et al., 2019).

Por sua vez, o diálogo abrangeu a conversa sobre os impasses, a liberdade para falar, e o fato de o esposo ouvir e relatar o que pensa. Nesse caso, das mulheres dos três grupos, Ana (20 anos), Aline (26 anos), Betina (36 anos), Celeste (60 anos) e Conceição (66 anos) expuseram a relevância do diálogo para o alcance das expectativas futuras atinentes à conjugalidade. Alice (28 anos) explicou que é importante conversar de forma calma a respeito dos problemas. Além disso, Aline frisou o valor de possuir a liberdade para falar. Carol (66 anos) sublinhou a necessidade de o marido proferir o que pensa, e Creuza (72 anos) de o esposo ouvir. Conforme as mulheres enunciaram:

Da comunicação, quando ele não está com o humor bom e aí eu acho que para resolver isso a gente precisa ir conversando pacientemente mesmo, sabe, quando está tudo bem a gente conversa sobre a dificuldade ... lentamente a gente pode ir melhorando constantemente, mas devagarzinho. (Alice, 28 anos)

“Eu acho que ter diálogo” (Betina, 36 anos). *“Seria necessário ele ouvir. ... o dia que ele passasse, é voltasse a ser uma pessoa ouvinte, iria acontecer”* (Creuza, 72 anos).

Entre o valor atribuído ao diálogo pelas entrevistadas, Alice (28 anos) citou a conversa calma acerca dos problemas, remetendo a um processo por meio do qual a dinâmica do casal pode ir melhorando aos poucos. E Creuza (72 anos) mencionou a necessidade de o marido ouvir. Tais declarações estão de acordo com Fishbane (2016) ao expor que falar tranquilamente e ouvir de forma ativa são atitudes cruciais para o sucesso da relação amorosa. Ademais, o diálogo foi considerado por casais como uma estratégia de enfrentamento do estresse pessoal e conjugal (Mussumeci & Ponciano, 2018), o mais relevante recurso para a solução de questões financeiras (Cenci & Habigzang, 2018) e um aspecto que coopera com a gestão do orçamento do lar (Gonçalves et al., 2018).

No estudo de Neumann e Missel (2019), os entrevistados declararam que o diálogo é um dos principais artifícios para a organização do uso da tecnologia no ambiente doméstico. O diálogo ainda foi estimado como uma estratégia para a resolução dos conflitos na

conjugalidade (Alves-Silva et al., 2017; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Oliveira & Sei, 2018; Porreca, 2019), um fator que contribui para a conservação dos casamentos (Alves-Silva et al., 2016; Emídio & Souza, 2019; Porreca, 2019) e para maiores níveis de intimidade e satisfação conjugal (Alves-Silva et al., 2016).

A paciência também foi elencada por participantes dos três grupos, representando a paciência e o esforço mútuo, a perseverança, o equilíbrio e a firmeza. Brenda (51 anos), Bethânia (41 anos) e Catarina (66 anos) alegaram a relevância da paciência. Alice (28 anos) sublinhou o valor da paciência mútua para solucionar os problemas. Além disso, Bethânia frisou que o casal precisa ter equilíbrio no relacionamento e permanecer tendo firmeza para cultivar o que é bom e enfrentar o que é ruim. Semelhantemente, Bianca (50 anos) afirmou que é fundamental possuir muita perseverança para contornar as dificuldades. Berenice (40 anos) explicou que é essencial ter bastante força, não se desesperar, pois tudo tem o seu tempo. Por último, Beibiane (35 anos) citou a necessidade do esforço recíproco para a manutenção do romantismo. De acordo com as palavras das entrevistadas:

Eu acho que a gente precisa ter bastante paciência um com o outro para não tentar resolver as coisas tipo: O que me incomoda nele, eu não posso ficar brigando com ele sobre isso ou jogando na cara dele, sabe, tem que ser de uma forma paciente. (Alice, 28 anos)

“Com equilíbrio no relacionamento ... com paciência ... tendo força para cultivar as coisas boas e lidar com as coisas ruins que vão existir” (Bethânia, 41 anos). *“Da paciência”* (Catarina, 66 anos).

A paciência, a firmeza e a perseverança foram citadas como elementos importantes para o enfrentamento dos problemas conjugais. Em harmonia com esse dado, a paciência foi elencada como um recurso favorável para lidar com os conflitos na conjugalidade (Goulart et al., 2019; Porreca, 2019). Ademais, a paciência foi considerada por pessoas casadas como um fator que coopera para a permanência do casamento (Emídio & Souza, 2019; Porreca, 2019),

e a paciência e o investimento na relação foram vistos por mulheres casadas como aspectos propícios para a conservação do amor na vida marital (Galvão et al., 2016).

As mulheres dos três grupos mencionaram o carinho, que envolveu o carinho por parte do esposo e entre o casal. Assim, Bárbara (49 anos) citou o carinho. Clara (63 anos) expôs a significância de os cônjuges conservarem o carinho entre eles. E Adriana (23 anos) ressaltou o valor de o marido oferecer carinho a ela. Segundo as palavras das entrevistadas: *“Dar aquele carinho”* (Adriana). *“É mais, é carinho”* (Bárbara). *“Não deixar esse carinho acabar”* (Clara). Cabe salientar que o carinho coopera para a conservação da afetividade entre os cônjuges (Carvalho et al., 2018), a permanência do amor no casamento (Galvão et al., 2016) e foi relacionado à vivência do amor (Hoffmeister et al., 2019).

Outras ações e aspectos fundamentais para que as expectativas futuras atinentes à conjugalidade sejam alcançadas foram alegados por participantes das três faixas etárias. Esse subtema contemplou os momentos a dois, a confiança, a paz, o compromisso, a sabedoria e a disposição por parte do marido. Adriana (23 anos) declarou a importância da confiança e dos momentos especiais entre o casal. Brenda (51 anos) expôs a sabedoria para administrar as coisas. Clara (63 anos) disse que é necessário que o casal envelheça na paz. Por seu turno, Cláudia (70 anos) proferiu o compromisso com a vida de casado. E Carol (66 anos) relatou o valor de o cônjuge ter mais disposição para realizar as coisas. Vejam-se as conseguintes declarações: *“Confiança ... ter um momento especial com a esposa”* (Adriana). *“Envelhecer ... na paz”* (Clara). *“Ah! Eu acho que é o compromisso com a vida de casado, o compromisso que a gente assumiu, não é? De ser até a morte”* (Cláudia).

Diante desses relatos, enfatiza-se que, em diversos casos, a crença do compromisso do parceiro com o relacionamento pode ser o fundamento da confiança, que é crucial para a conservação da relação e o crescimento pessoal (Hinde, 1987, 1997). Jovens casadas mencionaram o compromisso por parte do homem como um dos motivos para iniciar o enlace

amoroso com ele (Moraes et al., 2020). Pessoas casadas associaram o casamento ao compromisso em compartilhar uma vida a dois, com os seus momentos de dificuldades e alegrias (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a). Walsh (2016c) declarou que o compromisso no enfrentamento das contrariedades é essencial para a resiliência familiar. Por sua vez, casais longevos citaram o compromisso com a formação da família como um dos sustentáculos do casamento (Alves-Silva et al., 2017).

Além do mais, cônjuges de várias idades enunciaram o compromisso como o recurso mais utilizado na solução de problemas (Delatorre & Wagner, 2018), estratégia de *coping* para lidar com estresse e como algo que aproxima o casal (Mussumeci & Ponciano, 2018). De sua parte, jovens universitários mencionaram que o compromisso é essencial para um relacionamento (Schlösser & Camargo, 2019). Sobre a paz citada por Clara (63 anos), a paz transmitida pelo homem foi proferida como uma das razões para começar o enlace amoroso com o marido (Galvão et al., 2016) e como um fator significativo para a reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

As participantes dos grupos A e B aludiram ao companheirismo, inserindo a amizade e o interesse mútuo e por parte do cônjuge. À vista disso, Bruna (43 anos) frisou ser fundamental que o casamento se paute no companheirismo. Aline (26 anos) expôs a significância da amizade entre o casal. Betina (36 anos) declarou o valor do interesse recíproco em querer participar da vida do outro, e Adriana (23 anos) de o esposo se interessar em saber como ela está. Notem-se os ulteriores exemplos: “*Que nosso casamento ... tenha como base o companheirismo*” (Bruna). “*Continuar ... sendo amigos, não é?*” (Aline).

Perante esses resultados, salienta-se a relevância do companheirismo e da amizade para os relacionamentos, conforme se identifica na literatura. Logo, o companheirismo foi considerado por idosos como um aspecto necessário a uma boa convivência conjugal (Ribeiro et al., 2015), por jovens como um elemento essencial para um relacionamento amoroso

(Schlösser & Camargo, 2019), por casais longevos como um motivo para manter uma união conjugal duradoura (Alves-Silva et al., 2017), por jovens mulheres (Galvão et al., 2017a) e mulheres de meia idade (Galvão et al., 2016) como um fator que coopera para a conservação do amor na conjugalidade.

Além disso, no estudo de Feijão e Moraes (2018), o companheirismo foi associado à satisfação conjugal. Em Amorim & Stengel, 2014, o relacionamento marital foi compreendido pelo casal homossexual como uma relação de companheirismo, capaz de favorecer o crescimento pessoal dos cônjuges. Destaca-se também que o companheirismo e a amizade cooperam para a conservação do casamento, autonomia e funcionalidade global de idosos casados (Silva et al., 2019). E a amizade sincera foi ressaltada por pessoas casadas como fundamental para a reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

As mulheres dos grupos B e C mencionaram a saúde do casal, que inseriu a qualidade de vida e os cuidados com a saúde física e mental. Diante disso, Bianca (50 anos) e Brenda (51 anos) aludiram à saúde. Bárbara (49 anos) expôs a qualidade de vida e a saúde em primeiro lugar. Bernadete (54 anos), Bella (44 anos) e Carolina (71 anos) ressaltaram a importância da alimentação saudável. Bernadete, Bella, Carolina e Cíntia (68 anos) expressaram o valor da atividade física, sendo que Carolina ainda declarou a relevância de se realizar um acompanhamento médico. Ademais, Cíntia e Carolina disseram que é necessário cuidar da saúde mental. Nesse sentido, Cíntia citou, como exemplo, jogar baralho, ler e fazer palavras cruzadas. E Cecília (66 anos) frisou que não se pode deixar a depressão se aproximar. Vejam-se os subsequentes relatos:

Uma coisa fundamental ... é investir na nossa saúde física. ... que a gente já tem feito há muito tempo, melhorar a qualidade do que a gente consome, que a gente faz isso com produtos integrais, orgânicos, mas também começando, principalmente ele, mas eu também, atividade física, não é? ... eu quero tentar chegar antes dos 50 com melhor condicionamento físico, com isso eu vou estar mais animada, mais disposta para

poder fazer as coisas que a gente anseia e também com o fato de possivelmente ... sair de certas doenças causadas por hábitos sedentários, não é? (Bella, 44 anos)

“Eu acho que é atividade física. ... É você ficar sempre na ativa ... por exemplo, eu fico lendo ... fico sempre no celular jogando ou lendo ... agora, o meu marido ... ele faz um caça-palavras ... aí a gente também estava jogando baralho aqui” (Cíntia, 68 anos).

Ante o referido, destaca-se que foram mulheres com 44 anos ou mais que citaram a saúde do casal como condição para que as expectativas futuras sobre a conjugalidade sejam alcançadas. Porém, na literatura constatou-se a valorização da saúde em estudos realizados com pessoas de diferentes faixas etárias. Assim, mulheres argentinas, de 30 a 60 anos, ressaltaram a importância dos exames de rotina, boa alimentação, prática esportiva e leitura de livros nos cuidados com a saúde (Musarella & Discacciat, 2020). Docentes, de 31 a 58 anos, mencionaram o hábito de ler como uma das estratégias contra o adoecimento no trabalho (Vivian et al., 2019). E avós, de 33 a 62 anos, indicaram que as boas condições físicas e de saúde delas são fundamentais para a interação com o neto (Zanatta & Arpini, 2017).

Em estudos realizados com pessoas idosas, Gato et al. (2018) identificaram a associação entre sintomas depressivos, estilos de vida não saudáveis e a menor percepção da qualidade de vida. Duarte et al. (2020) atentaram que a realização regular de atividade física favorece o bem-estar psicológico, a autoestima, a direção e o sentido da vida de idosos, assim como coopera para a diminuição de sintomas depressivos em tais sujeitos. Constatou-se ainda que a atividade física é basilar para a autonomia, qualidade de vida, socialização, autoestima e saúde física e mental de idosas (Santos et al., 2019).

Além disso, as entrevistadas dos grupos B e C exibiram o cuidado mútuo, que agrupou a atenção para com o parceiro, o cuidar de si e o cultivar o dia a dia. Bethânia (41 anos) e Clara (63 anos) aludiram ao cuidado mútuo. Bethânia e Brígida (49 anos) citaram a relevância de cultivar o cotidiano. De sua parte, Bárbara (49 anos) proferiu o valor do cuidado de si e da

atenção para com o outro. Notem-se as seguintes declarações: “*É atenção com o próximo, com o outro ... cuide-se também*” (Bárbara). “*É o que eu já falei, não é? ... continuar um cuidando do outro até o fim*” (Clara).

Sublinha-se que o referido subtema envolveu expectativas de mulheres de 41 anos ou mais. Todavia, a valorização do cuidado na relação amorosa foi observada em pesquisas realizadas com pessoas de diversas idades. Logo, jovens solteiros alegaram que a atenção e o cuidado são favoráveis para a conservação de um relacionamento amoroso (Chaves, 2010). Casais, de 30 a 59 anos, explicaram que o cuidado coopera com a construção de um projeto de vida em comum (Porreca, 2019). Cônjuges idosos aclararam que o cuidado mútuo colabora para o bem-estar e a promoção de saúde do casal, visa suprir as necessidades do parceiro e se associa a vários elementos benéficos à relação (Silva et al., 2019). Além do que, casais em uniões longevas mencionaram o cuidado como razão para manter o casamento e o cuidado recíproco como estratégia para a solução dos conflitos (Alves-Silva et al., 2017).

Os sentimentos foram enunciados por participantes dos grupos B e C, representando o amor e o querer estar junto. Assim, Bruna (43 anos) disse que é crucial que o amor seja à base do casamento e Celeste (60 anos) que haja amor entre cônjuges. Clara (63 anos) alegou ser fundamental que o casal envelheça no amor. Por seu lado, Carol (66 anos) referiu-se à relevância de o marido amar mais a vida. Bárbara (49 anos) sublinhou o valor de amar a si e o outro. E Bethânia (41 anos) ressaltou a importância de os cônjuges quererem estar juntos. Segundo as palavras das mulheres: “*Que nosso casamento ... tenha como base ... o amor*” (Bruna). “*Envelhecer ... no amor*” (Clara).

Conforme exposto, as mulheres citaram especialmente a significância do amor para a conjugalidade. Assim, vale lembrar que, em meados do século passado, o amor passou a ser a base do casamento (Del Priore, 2014; Ferry, 2013). Nesse sentido, adolescentes consideraram o amor como um dos pilares da união nupcial (Stengel & Tozo, 2010). E jovens casadas

explicaram que os sentimentos cooperam para a manutenção do amor no casamento, que é o alicerce do casal (Galvão et al., 2017).

Para mais, o amor foi compreendido como essencial ao bom convívio conjugal (Driver et al., 2016; Porreca, 2019; Ribeiro et al., 2015) e favorável para a conservação do casamento (Alves-Silva et al., 2016; Alves-Silva et al., 2017; Driver et al., 2016; Emídio & Souza, 2019; Goulart et al., 2019; Manente, 2019). Salienta-se ainda que Bárbara (49 anos) expôs o valor de amar a si, sendo que, no trabalho de Musarella e Discacciat (2020), as mulheres argentinas alegaram que o amor próprio é fundamental para a saúde.

Por fim, no grupo B, Bethânia (41 anos) destacou o valor da ajuda mútua no trabalho e nas dificuldades. Em suas palavras: *“Se ajudar mutuamente no trabalho, porque a gente tem feito isso ... ajudando o outro nas dificuldades dele”* (Bethânia). Em conformidade com esse relato, Feijó et al. (2017) salientou a relevância do apoio familiar para a solução dos conflitos trabalho/família. O apoio da família também foi citado por docentes como uma estratégia contra o sofrimento laboral (Vivian et al., 2019). E mulheres expuseram que o apoio do cônjuge nos cuidados da casa reduz a possibilidade de ocorrer tensões acerca da interação trabalho/família (Vilela & Lourenço, 2018).

Por sua vez, Walsh (2016c) enfatizou que o apoio mútuo e a cooperação nas dificuldades são essenciais para a resiliência familiar. Além disso, constatou-se a importância do apoio mútuo para a solução dos problemas conjugais (Costa et al., 2017), a manutenção dos casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017) e a igualdade entre o casal (Knudson-Martin, 2016). Destarte, encerra-se a exposição das ações e aspectos relevantes para que as expectativas futuras sobre a conjugalidade sejam alcançadas, pertinentes às relações familiares. A partir de agora, será apresentado o subtema que versará acerca das relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares referiram-se a ações e aspectos cruciais para que as pretensões futuras sobre a conjugalidade sejam atingidas, envolvendo a família em geral, os filhos (grupos B e C) e a família de origem (subtema distanciamento dos familiares - grupo B). No que toca à família em geral, as mulheres citaram outras condições como a proximidade, os bons exemplos e a terapia familiar. Diante disso, Conceição (66 anos) alegou a importância de dar bons exemplos à família. Celeste (60 anos) citou a relevância de a família fazer terapia familiar. E Brenda (51 anos) declarou o valor de ter a família por perto. Vejam-se os depoimentos das mulheres: *“Ter a família perto da gente”* (Brenda). *“Eu faço terapia familiar ... mas, era uma coisa que todo mundo deveria fazer, tanto ele quanto os meus filhos, eu já falei para eles também”* (Celeste).

Destaca-se que, em momentos posteriores da entrevista, Celeste (66 anos) relatou ter vivido situações de violência e de alcoolismo com o esposo quando os filhos do casal eram crianças e/ou adolescentes. Embora ela não tenha esclarecido o que motivou a busca pela terapia, vale citar que mulheres mencionaram a psicoterapia como um recurso para enfrentar os episódios de alcoolismo por parte de um familiar (Melo & Cavalcante, 2019). Mulheres casadas explicaram que buscam o auxílio de psicólogos e/ou de psiquiatras para lidar com os momentos de violência vivenciados com os maridos (Carpane et al., 2019). Ademais, mulheres argentinas com dupla jornada de trabalho reconheceram a relevância da psicoterapia para a saúde mental (Musarella & Discacciat, 2020).

O valor da proximidade com os familiares (Brenda, 51 anos) e de fornecer bons exemplos à família (Conceição, 66 anos) também foi declarado. Assim, convém sublinhar que o bom convívio familiar coopera para a saúde de mulheres que trabalham fora (Musarella & Discacciat, 2020), e para a qualidade de vida de mulheres idosas (Santos et al., 2019). Por fim, jovens portugueses aclararam que a família exerce várias funções favoráveis ao sujeito,

como a socialização, a educação, a presença, o controle emocional e a concretização de metas (Fernandes et al., 2018).

Além disso, as entrevistadas dos grupos B e C enunciaram outras atitudes e aspectos atinentes aos filhos. Tais fatos compreenderam a independência, os cuidados e a ajuda por parte da prole. Célia (61 anos) expôs a necessidade de as filhas se tornarem independentes. Camila (78 anos) citou a significância de o casal ter a ajuda dos filhos em todos os sentidos. De outro modo, Brígida (49 anos) frisou não ser conveniente ficar criando expectativas de que as filhas vão poder/querer cuidar dela no futuro. De acordo com os seguintes relatos:

Eu até falei, ela ficou até chateada “porque não tem como eu falar para você que quando eu ficar velha ... se vocês vão estar do meu lado para cuidar de mim ... porque vocês vão ter os afazeres de vocês, trabalho, família, não é? Filhos, não sei, mesmo que ficar solteira não sei se vai ficar viva até eu viver para cuidar de mim. (Brígida, 49 anos)

“Os meus filhos ajudam ... no caso, se precisar pagar uma pessoa para ajudar, eles vão estar prontos para ajudar, eu tenho certeza, confio neles ... os meninos ajudam de tudo quanto é jeito, eles ajudam com alimentação ... remédio, oh! Dentista” (Camila, 78 anos).

Entre as respostas das entrevistadas, enfatiza-se a importância do apoio dos filhos, proferido por Brígida (49 anos) e Camila (78 anos). De tal modo, constatou-se na literatura que o apoio dos familiares é essencial para a resiliência familiar (Walsh, 2016c), a qualidade de vida de idosos portugueses (Fernandes & Duque, 2017) e pode cooperar com o bem-estar social e o desenvolvimento pessoal de idosos (Duarte et al., 2020). Além disso, Goulart et al. (2019) citaram a relevância das redes de apoio para os casais longevos, devido a fatores como a viuvez, a aposentadoria e ao preconceito para com os idosos.

Por fim, acerca da família de origem, o subtema distanciamento dos familiares foi pronunciado por Brígida (49 anos). Logo, ela declarou que seria oportuno que o marido se distanciasse um pouco dos familiares dele. Dito isso, no seguinte subtema serão feitas

considerações sobre as ações e aspectos que inseriram as relações interpessoais com pessoas próximas e amigos.

Relações Interpessoais com Pessoas Próximas e Amigos. Duas mulheres do grupo B mencionaram respostas referentes a pessoas próximas e amigos, que representou outras ações e aspectos indispensáveis para que as perspectivas futuras acerca da vida de casal sejam obtidas. O conteúdo desse subtema versou sobre aspectos positivos, como a proximidade dos amigos e a sensibilidade para com o próximo. Diante disso, Brenda (51 anos) declarou a relevância de ter os amigos por perto. E Bárbara (49 anos) explicou a necessidade de o marido se tornar uma pessoa mais sensível com os outros. Conforme as participantes pronunciaram: *“Ter ... perto da gente os amigos”* (Brenda).

Que o meu esposo melhore nessa situação ... ele quer acertar as coisas, não é por mal, eu noto isso ... ele acha que está errado aquilo ali e quer acertar, só que ele não pensa que está passando por cima do outro e não pode ... tem que ter essa sensibilidade. (Bárbara, 49 anos)

Entre esses dois relatos, destaca-se que Brenda (51 anos) citou a importância de o casal estar próximo dos amigos. De tal modo, no que toca à pertinência das amizades identificadas na literatura, docentes enunciaram sair ou estar com os amigos como um recurso contra o adoecimento laboral (Vivian et al., 2019). Pessoas casadas mencionaram as amizades como estratégia de solução para os conflitos conjugais (Porreca, 2019). Duarte et al. (2020) supuseram que o apoio dos amigos coopera para o bem-estar social e o desenvolvimento de idosos. Além do mais, mulheres argentinas salientaram a ação de passar o tempo com os amigos como uma atividade que proporciona prazer (Musarella & Discacciat, 2020). Por sua vez, jovens associaram o fato de possuir amigos bons e leais à concepção de qualidade de vida (Pereira et al., 2019).

Finalizadas essas considerações, o próximo subtema tratará das ações e aspectos essenciais para o alcance das expectativas futuras para a conjugalidade que se relacionaram com a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Em relação à sociedade e ao ambiente externo, as mulheres proferiram, como ações e aspectos relevantes, Deus e a religião (grupos A, B e C), o trabalho, o tempo cronológico (grupos A e B), o lazer (grupos B e C) e os recursos tecnológicos (grupo A). Mencionado por participantes dos três grupos, o subtema Deus e a religião abrangeu a espiritualidade, o perdão e a ação/vontade divina. Assim, Brenda (51 anos) destacou que é crucial ter Deus. Ariel (22 anos) ressaltou a ação e/ou vontade divina. Carolina (71 anos) expôs a importância de cuidar da vida espiritual. De sua parte, Brígida (49 anos) alegou que busca perdoar, não carregar mágoa. Conforme elas explicaram:

“Pelo o que eu entendi, que você falou, é a questão da vontade de Deus, não é?”
“Acredito que seria mais isso mesmo” (Ariel, 22 anos). *“Eu procuro ... perdoar hoje, não é? Perdoar amanhã, mas perdoar para que eu não carregue isso”* (Brígida, 49 anos). *“A parte espiritual, acho que você estando bem ... na parte espiritual ela te ajuda também na parte física”* (Carolina, 71 anos).

Diante disso, vale lembrar que a religiosidade (Alves-Silva et al., 2016; 2017), a espiritualidade (Silva et al., 2017), a vontade divina (Emídio & Souza, 2019), a fé o compromisso firmado perante à religião (Alves-Silva et al., 2017) cooperam para a conservação dos casamentos, sendo que a religiosidade ainda favorece a manutenção do amor entre o casal (Galvão et al., 2017a). Além do que, casais associaram a religiosidade a maneiras mais construtivas de solucionar os problemas (Delatorre & Wagner, 2018) e citaram Deus e a religião como estratégias de coping para lidar com estresse (Mussumeci & Ponciano,

2018). E pessoas em casamentos longevos aclararam que Deus é o principal apoio para superar as dificuldades, especialmente as financeiras (Albertoni & Lages, 2018).

De sua parte, Walsh (2016d) expôs que a maioria dos estadunidenses crê que a religiosidade auxilia a resolver os problemas, respeitar a si e o próximo, socorrer os necessitados e a tomar distância do que não se deve fazer. Sobre a importância do perdão enunciado por Brígida (49 anos), o perdão foi considerado favorável para a solução dos conflitos conjugais (Costa et al., 2017; Porreca, 2019). Ademais, cônjuges preferiram o perdão como um dos recursos para enfrentar o estresse (Mussumeci & Ponciano, 2018). E pessoas casadas expuseram que o perdão está no cerne da reconciliação conjugal e concorre para a qualidade e estabilidade das relações afetivas (Limeira & Féres-Carneiro, 2019b).

Por sua vez, as entrevistadas dos grupos A e B sublinharam o trabalho, que representou o planejamento econômico, a estabilidade financeira, o trabalho autônomo, o emprego formal, o concurso público, os estudos e o apoio mútuo. Conforme dito, o trabalho, o planejamento financeiro e a estabilidade econômica foram citados. Logo, Beatriz (54 anos) e Bethânia (41 anos) afirmaram que é preciso trabalhar. Berenice (40 anos) explicitou ser basilar por em prática que o se almeja, economizando dinheiro, buscando informações e financiamento, e adquirindo materiais. Andressa (30 anos) frisou a relevância de o casal estabelecer estratégias para a manutenção do sustento financeiro. Para mais, Ariel (22 anos), Alessandra (21 anos), Bárbara (49 anos) e Beatriz alegaram ser essencial poupar dinheiro. Já Alana (30 anos) e Antônia (26 anos) pronunciaram o valor de se alcançar o equilíbrio financeiro.

As mulheres ainda declararam o trabalho autônomo, o emprego formal, o concurso público, os estudos e o apoio mútuo. Analú (29 anos) explicou que o marido carece compreender que o sonho do negócio próprio está na costura criativa. Andressa (30 anos) afirmou a importância de ela ser aprovada em um concurso público, bem como de os cônjuges

possuírem um vínculo empregatício estável e apoiarem os projetos profissionais um do outro. Alana (30 anos) disse que o esposo precisa concluir a faculdade de farmácia. Por fim, Aline (26 anos) relatou ser crucial que o casal se organize para que o marido possa cursar o mestrado. Os positivos relatos ilustram esse subtema:

A gente ainda não tem um vínculo empregatício muito certo ... eu estou terminando o doutorado e vai se encerrar a bolsa, que é a minha contribuição financeira para a minha casa, não é? E, aí eu estou tentando os concursos, que eu preciso manter um vínculo empregatício, que seja emprego ... aí eu comecei a pensar que eu preciso também partir para um plano B, não é? Trabalhar na clínica, no consultório, e a gente está junto traçando essas estratégias, não é? Para continuar manter o nosso sustento ... a gente tem que trabalhar ... então, eu preciso continuar estudando para os concursos, continuar mandando currículo ... Traçando estratégias. (Andressa, 30 anos)

Agora é a hora de a gente trabalhar pelo nosso futuro, para a realização dos nossos sonhos, porque nós trabalhamos muito duro para conseguir dar o que a gente podia dar de melhor para os filhos. ... Agora, é a hora da gente, não é? Trabalhar pelo nosso futuro, então, nós temos algumas metas, como aquela que eu falei, não é? Que ele fala em não mexer no meu salário durante um ano para que a gente possa ter a liberdade de escolher o que nós vamos fazer. ... Se nós vamos fazer uma viagem, se a gente vai adquirir alguma coisa. (Beatriz, 54 anos)

Destaca-se que foram mulheres dos grupos A e B que mencionaram o subtema trabalho como condição favorável para a realização das expectativas futuras acerca da conjugalidade. Porém, na literatura constatou-se o valor do trabalho e de questões afins para sujeitos de diferentes faixas etárias. Dessa maneira, casais, de 30 a 59 anos, explicaram que a dedicação ao trabalho formal está na base da relação conjugal (Porreca, 2019). Idosos portugueses citaram que o emprego é basilar para a qualidade de vida deles (Fernandes & Duque, 2017). Similarmente, Jovens associaram a satisfação profissional à qualidade de vida (Pereira et al., 2019).

Ademais, a estabilidade financeira foi considerada essencial para a boa convivência dos cônjuges por pessoas de meia idade (Ribeiro et al., 2015), para a qualidade de vida de

idosos portugueses (Fernandes & Duque, 2017) e idosas (Santos et al., 2019), para a resiliência familiar (Walsh, 2016c), assim como motivo para o casamento por jovens mulheres (Moraes et al., 2019).

Além do exposto, as participantes dos grupos A e B citaram o tempo cronológico, esclarecendo a relevância de o tempo passar. Destarte, Alana (30 anos) relatou ser fundamental que o tempo passe para que os bebês cresçam um pouco mais. Analogamente, Bella (44 anos) frisou o passar do tempo para que as crianças cresçam e que ela esteja com a vida profissional mais estável. De sua parte, Amanda (29 anos) disse que é importante dar tempo ao tempo, já que as coisas ocorrem no momento que precisam acontecer.

Nos grupos B e C, as mulheres aludiram ao lazer, que agrupou a vida social, os passeios e as viagens. Cecília (66 anos) expôs que é basilar possuir vida social, passear e ir a festas. Cíntia (68 anos) descreveu a importância de os cônjuges saírem e conversarem com outras pessoas. Carol (66 anos) disse ser preciso que o esposo saia e aprecie mais a natureza e a vida. Já Betina (36 anos) mencionou ser conveniente que ela permaneça tendo a iniciativa de escolher o local de lazer e o destino das viagens para o casal e/ou a família. De acordo com os depoimentos delas:

“É passear ... a gente sai demais, tudo quanto é convite a gente vai ... eu acho que para a gente ter uma vida boa e tudo é não se trancar dentro de casa, é ter vida social” (Cecília, 66 anos). *“Passeios, a gente gosta muito de passear, e eu vejo que ele espera que eu tome certas atitudes. ... tipo: Vamos viajar “ah! Para aonde?” É eu que tenho que dar ideia ... ele espera que eu tenha essa iniciativa”* (Betina, 36 anos).

Cecília (66 anos) e Cíntia (68 anos) mencionaram a relevância das interações sociais com pessoas além do âmbito familiar. Em conformidade com isso, o convívio social foi visto como fundamental para a autonomia e a qualidade de vida de idosas (Santos et al., 2019). Possuir um bom círculo social foi associado à qualidade de vida por jovens (Pereira et al.,

2019) e considerado como um fator que coopera com a saúde por mulheres argentinas (Musarella & Discacciat, 2020). Profissionais autônomos explicaram que o lazer e as demais atividades sociais separadas do trabalho podem favorecer a satisfação com a vida e colaborar com a saúde do trabalhador (Zardo & Carlotto, 2020). Cabe destacar ainda que Betina (36 anos) enfatizou o valor do lazer entre o casal e/ou a família. Nesse sentido, no estudo de Roberto et al. (2020), os entrevistados aclararam que o lazer em família proporciona diversos benefícios para a relação familiar.

Por último, Analú citou os recursos tecnológicos, referindo-se ao vício em tecnologia por parte do marido. Assim, ela explicou que o esposo necessita compreender que o vício em tecnologia é prejudicial a ele.

Ações e Aspectos Necessários Para que as Expectativas Futuras Para a Conjugalidade Sejam Alcançadas: Síntese. Com base na quantidade de subtemas, observaram-se mais diferenças que similaridades entre as respostas das mulheres acerca das condições fundamentais para que as perspectivas futuras atinentes à vida a dois sejam obtidas. Diante disso, as entrevistadas dos três grupos proferiram o respeito, a compreensão, o diálogo, a paciência, o carinho, e Deus e a religião. As mulheres dos grupos A e B declararam o companheirismo, o trabalho e o tempo cronológico. Por sua vez, as participantes dos grupos C e B citaram a saúde do casal, o cuidado mútuo, os sentimentos, a família em geral, os filhos e o lazer.

Sobre os subtemas mencionados apenas por um grupo de entrevistadas, as mulheres do grupo B enfatizaram a ajuda mútua e o distanciamento dos familiares. E os recursos tecnológicos foram ressaltados por uma participante do grupo A. Destarte, finaliza-se a apresentação e a discussão do tema que abordou as pretensões vindouras para a vida a dois. Em seguida será exibido o tema atinente às expectativas futuras para o cônjuge.

EXPECTATIVAS FUTURAS PARA O CÔNJUGE

Ao serem inquiridas sobre quais seriam as suas expectativas futuras para o cônjuge, as entrevistadas mencionaram diversas pretensões, maiormente positivas, que inseriram a crença de que certos anseios vão ocorrer e a aspiração pela permanência de características proveitosas do marido. Tais respostas foram organizadas em cinco subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas e amigos; (d) não direcionadas a uma relação interpessoal específica; e (e) a sociedade e o ambiente externo. Diante disso, inicia-se com a exibição e a discussão das expectativas vindouras para o consorte atinentes às relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. As relações interpessoais conjugais compreenderam as expectativas futuras para o cônjuge, que se estenderam ao casal. Dessa maneira, as mulheres pronunciaram o desejo de permanecer e envelhecer junto (grupos A, B e C), a determinação (grupos A e B), a admiração (grupos A e C), a saúde do casal, a ajuda mútua (grupos B e C) e os sentimentos (grupo C). Destaca-se que a admiração e o amor foram citados nas características mais salientes do parceiro amoroso.

A aspiração por permanecer e envelhecer junto reuniu a crença de que o casal vai morar sozinho e a consideração dos objetivos comuns como condição para a manutenção do casamento. Das entrevistadas dos três grupos, Brígida (49 anos) e Celeste (60 anos) apetezem que o casal se conserve junto. Clara (63 anos) anela que os cônjuges envelheçam juntos. Brenda (51 anos) deseja que o marido viva bastante ao lado dela. Por sua vez, Ana (20 anos) crê que casamento dará certo, se os parceiros possuírem propósitos semelhantes. E Alana (30 anos) alegou que o casal vai viver, morar, sozinho. Vejam-se as seguintes declarações:

“Se os dois sempre estiverem, assim, a cabeça antenada ... dá certo” (Ana, 20 anos). *“Que ele viva bastante do meu lado”* (Brenda, 51 anos). *“Chegar a velhice mesmo ou daqui igual você falou 10 anos, 20 anos, a gente chegar um para o outro e falar assim: ‘É, meu velho! ... você lembra desse dia?’”* (Clara, 63 anos). Ante isso, cabe lembrar que tais anseios divergem da fragilidade das relações amorosas constatadas em algumas pesquisas (Borges & Magalhães, 2013; Borges et al., 2014; Emídio & Souza, 2019; Galvão et al., 2016, 2017b, 2019).

O subtema determinação representou o ânimo, as decisões, as iniciativas e a firmeza, sendo proferido por mulheres dos grupos A e B. Assim, Andressa (30 anos) aspira que o marido adote mais decisões e iniciativas para que ela não precise fazer isso. Amanda (29 anos) espera que o cônjuge tenha a firmeza de sustentar o que é, apesar da influência dela. De sua parte, Beatriz (54 anos) anseia que o esposo esteja animado para que eles possam realizar os seus sonhos. Conforme as palavras das entrevistadas:

“Eu espero que ele tome mais decisões para que eu não precise tomar tantas decisões. ... ele demora tomar iniciativas, eu espero que ele tome mais iniciativa no sentido de decidir as coisas, de resolver” (Andressa, 30 anos). *“Eu espero que ele esteja ... animado para que a gente possa realizar esses sonhos, porque se chegar lá e tiver, não é? ... sem disposição, a gente não vai fazer nada disso”* (Beatriz, 54 anos). Semelhante a isso, adolescentes mencionaram a determinação e a objetividade entre as características desejáveis em um parceiro amoroso (Hattori et al., 2013).

Ademais, as entrevistadas dos grupos A e C citaram pretensões acerca da admiração, que correspondeu ao fato de o homem ser maravilhoso e um espelho para a esposa. Destarte, Adriana (23 anos) apetece que o parceiro permaneça sendo um marido maravilhoso. E Cláudia (70 anos) deseja que o esposo se conserve um espelho para ela. De acordo com os

relatos delas: *“Que ele continue sendo esse marido maravilhoso que ele é”* (Adriana). *“Continue desse jeito ... um espelho ... para mim”* (Cláudia).

Outras expectativas atinentes ao parceiro foram enunciadas por participantes dos grupos A e C. Tais anseios versaram sobre os aspectos de ser companheiro, gentil, carinhoso, bom esposo, e a disponibilidade de tempo junto, sendo que o companheirismo e o carinho foram proferidos nas características mais notáveis do cônjuge. Logo, Alana (30 anos) ambiciona por mais tempo livre junto. Aline (26 anos) espera que o esposo saiba agradá-la com jantares e presentes. Ariel (22 anos) anela que o homem prossiga sendo um bom consorte. Célia (61 anos) apetece que o marido se conserve carinhoso. E Celeste (60 anos) almeja que cônjuge continue companheiro. Segundo Celeste proferiu: *“Eu espero que ele continue pelo menos sendo essa pessoa que ele é hoje ... é companheiro”*. Diante disso, ressalta-se que o companheirismo foi associado à relação conjugal por casais (Porreca, 2019) e mulheres solteiras (Secco & Lucas, 2015).

As entrevistadas dos grupos B e C expuseram a saúde do casal, que inseriu a estabilidade e a cura emocional, a boa forma e a saúde física. Cíntia (68 anos) aspira pela saúde para que o casal possa viver bem. Brígida (49 anos) apetece pela constância e cura emocional mútua. De sua parte, Beatriz (54 anos) espera que os cônjuges estejam em boa forma física, e que o consorte cuide da saúde física dele e a auxilie a cuidar da dela, visto que ela possui dificuldade em realizar atividade física. Os seguintes depoimentos ilustram esse subtema: *“Eu espero que ele esteja sarado [risos] e eu também ... com bastante saúde ... o que eu espero é isso, é que ele se cuide e que me ajude a me cuidar, que eu tenho dificuldade em atividade física”* (Beatriz). *“Saúde para a gente viver bem”* (Cíntia).

A ajuda mútua acrescentou o apoio por parte do marido e foi enunciada por entrevistadas dos grupos B e C. Assim, elas desejam que a ajuda recíproca prossiga (Cláudia, 70 anos), e que o cônjuge continue apoiando a esposa nas dificuldades dela (Bianca, 50 anos).

Notem-se os pospositivos exemplos: *“A minha expectativa é que ele continue como ele é, do meu lado, me apoiando, assim, enfrentando as dificuldades de forma positiva, sabendo assim, que veio a dificuldade, mas que a gente vai ter que passar por ela”* (Bianca). *“Continue desse jeito ... um sempre ajudando o outro”* (Cláudia).

Indo ao encontro dessas pretensões, jovens casais portugueses citaram o apoio emocional e instrumental em suas expectativas acerca do cônjuge (Fonseca & Duarte, 2014). Adolescentes expuseram que estimam a ajuda por parte do parceiro em uma relação amorosa (Hattori et al., 2013). E idosos argentinos mencionaram em seus projetos de vida o apoio ao cônjuge na enfermidade (Krzemien et al., 2018).

Por fim, os sentimentos representaram o amor e a gratidão, sendo aludidos por Clara (63 anos). Desse modo, a idosa aspira por gratidão e amor mútuo. Conforme ela disse: *“Que haja sempre amor ... é gratidão um com o outro”*. Nesse sentido, jovens espanhóis enunciaram a reciprocidade no amor em seus anseios sobre o parceiro amoroso, bem como mencionaram que desejam encontrar entre o casal e/ou no parceiro a conservação do amor (Marimón & Vilarrasa, 2014). De sua parte, pessoas de três faixas etárias associaram o amor ao casamento homossexual e heterossexual (Poeschl et al., 2015). E jovens universitários afirmaram que a relação amorosa corresponde ao envolvimento amoroso mútuo (Hatakeyama et al., 2017). Assim sendo, no próximo subtema serão abordadas as expectativas futuras para o esposo atinentes às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. Os anseios futuros para o cônjuge que versaram sobre as relações interpessoais familiares envolveram a família nuclear (subtema dedicado - grupo A), os filhos (grupos A e C) e família de origem (subtema distanciamento dos familiares - grupo C). A família nuclear referiu-se a dedicação à esposa e ao filho. Destarte, Aline (26 anos) espera que o marido permaneça sendo dedicado à família. Em família de

origem, o subtema distanciamento dos familiares correspondeu a não reprodução do comportamento familiar de desânimo. Assim, Cíntia (68 anos) apetece que o cônjuge não desanime da vida, igualmente aos pais dele, que não saíam de casa. De acordo com as palavras de Cíntia: *“Não fique desaminado de viver, não fique igual ao meu sogro, que ficava sempre dentro de casa quietinho, não saía, ... a minha sogra não ia nem para a Igreja”*.

No que toca aos filhos, as mulheres dos grupos A e C enunciaram outras pretensões, que incluíram o exemplo para os filhos, a proximidade com a progênie e a qualidade de ser um bom pai. Destaca-se que a condição de ser um bom pai foi citada nas características mais marcantes do cônjuge. Logo, Ariel (22 anos) anela que o consorte prossiga sendo um bom pai, e que o casal seja um exemplo de família para os filhos, que são espelhos dos pais. De sua parte, Celeste (60 anos) aspira que o esposo se torne mais próximo da prole. Notem-se as seguintes ilustrações: *“Que a gente seja é um exemplo de família, não é? Um exemplo para os nossos filhos ... até lá se o outro vier, não é? E que ele continue sendo ... bom pai”* (Ariel). *“Ser mais próximo dos filhos, eu sempre busco isso com ele”* (Celeste).

Sobre o atributo de ser um bom pai (Ariel, 22 anos), pessoas casadas associaram a qualidade de ser um pai bom à satisfação conjugal (Feijão & Morais, 2018). Além do mais, em se tratando da maior proximidade com os filhos (Celeste, 60 anos), salienta-se que a amizade, o companheirismo (Benatti & Pereira, 2020) e a responsabilidade (Mazzo & Almeida, 2020) para com a prole foram relacionados à função paterna. Aludido isso, o pospositivo subtema abordará as expectativas futuras acerca do marido relacionadas a pessoas próximas e aos amigos.

Relações Interpessoais com Pessoas Próximas e Amigos. As expectativas futuras para o parceiro contidas nesse subtema referiram-se à empatia, que agregou a maior aceitação do outro (grupo B e C). Pontua-se que a dificuldade em aceitar o outro como ele é foi

enunciada nos aspectos marcantes do cônjuge. Diante disso, Bárbara (49 anos) espera que o esposo seja menos crítico e aceite as pessoas da maneira que elas são. E Carolina (71 anos) anseia que o marido possua mais empatia com o próximo. Segundo as palavras de Carolina: *“Ter, assim, mais empatia também, colocar-se no lugar do outro”*.

Outras expectativas futuras para o consorte foram proferidas por entrevistadas dos grupos A e C e contemplaram a firmeza e o fato de o homem ser um exemplo para terceiros. Cláudia (70 anos) apetece que o marido continue sendo um espelho para as pessoas. Já Amanda (29 anos) anela que o cônjuge seja firme em sustentar o que é, apesar da influência negativa dos amigos. Note-se a declaração de Amanda: *“Que a convivência com os amigos ... não interfira no que ele é hoje ... que ele tenha a cabeça firme, o pulso firme de dizer: ‘Eu sou assim’ e sustentar isso”*. Destarte, encerra-se a apresentação e a discussão das expectativas futuras para o esposo referentes às relações interpessoais com pessoas próximas e amigos. Em sequência, será exposto o subtema aspirações vindouras para o cônjuge não associadas a uma relação interpessoal específica.

Não Direcionadas a uma Relação Interpessoal Específica. O referido subtema contemplou as pretensões das mulheres nas quais não foi possível constatar a ligação com uma pessoa, grupo ou instituição. As expectativas versaram sobre a paciência, o carinho (grupos A, B e C), a atenção (grupos A e C), a honestidade, a simpatia (grupos A e B), a saúde do cônjuge (grupos B e C) e a maturidade (grupo A). Sinaliza-se que a paciência, o carinho, a atenção, a honestidade e a simpatia foram proferidos nos aspectos mais notáveis do parceiro amoroso.

A paciência incluiu as qualidades de ser paciente, calmo, tranquilo, tolerante e fácil de conviver. Das participantes dos três grupos, Alice (28 anos) afirmou que o esposo vai permanecer tranquilo, paciente e fácil de relacionar. Semelhantemente, Cecília (66 anos)

alegou que o marido se conservará calmo e tranquilo. Clara (63 anos) e Celeste (60 anos) esperam que o cônjuge se mantenha calmo. Ademais, Carolina (71 anos) apetece que o consorte possua mais paciência e tolerância. De outro modo, Beibiane (35 anos) frisou que o parceiro será menos paciente. Vejam-se os depoimentos das mulheres:

“Eu tenho a expectativa tanto de querer como de achar que vai ser dele continuar sendo uma pessoa ... tranquila, fácil de lidar, paciente” (Alice, 28 anos). *“Eu espero que ele tenha, assim, é paciência, tolerância”* (Carolina, 71 anos). *“Eu acho que, daqui a 15 anos, ele possa ser menos paciente”* (Beibiane, 35 anos). Diante desses relatos, é válido frisar que, em um estudo realizado com um jovem casal, constatou-se que a falta de paciência do esposo favorece o surgimento das tensões entre os cônjuges (Silva & Silva, 2020).

Nos grupos A e B, Aline (26 anos) e Beibiane (35 anos) mencionaram pretensões acerca do carinho, que correspondeu aos predicados de ser carinhoso e amoroso. Assim, Aline (26 anos) deseja que o cônjuge se conserve carinhoso. E Beibiane (35 anos) declarou que o marido continuará sendo amoroso. Conforme elas expuseram: *“Eu espero que ele continue carinhoso”* (Aline). *“Vai continuar sendo ... amoroso”* (Beibiane).

O subtema honestidade foi enunciado por participantes dos grupos A e B. Beibiane (35 anos) citou que o esposo vai continuar honesto, e Ariel (22 anos) anela que o cônjuge se mantenha honesto. Notem-se as palavras delas: *“Que ele continue sendo esse homem ... honesto”* (Ariel). *“Eu acho que ele vai continuar sendo honesto”* (Beibiane). Apesar de as mulheres não terem associado à honestidade do homem a vida conjugal, cabe ressaltar que a referida qualidade coopera para a manutenção dos relacionamentos amorosos (Chaves, 2010) e para a emergência de diversos aspectos favoráveis para a vida conjugal de casais idosos (Silva et al., 2019).

As participantes dos grupos A e B também mencionaram expectativas atinentes à simpatia, que envolveu as características de ser simpático, bem-humorado, alegre e fastidioso.

Em vista disso, Beibiane (35 anos) expôs que o esposo permanecerá simpático, porém será maçante. Alice (28 anos) disse que marido continuará sendo bem-humorado e alegre. E Bethânia (41 anos) anela que o parceiro não se torne muito ranzinza. Os seguintes relatos ilustram esse subtema: *“Eu tenho a expectativa tanto de querer como de achar que vai ser dele continuar sendo uma pessoa bem-humorada, alegre”* (Alice). *“Eu brinco com ele falando que ele vai ser chato ... eu acho que ele ... vai continuar sendo simpático”* (Beibiane).

Entre essas pretensões, sublinha-se a importância do bom humor e da alegria para as relações conjugais e/ou familiares. Dessa maneira, Walsh (2016a) explicou que o bom humor e a alegria contribuem para o bom convívio familiar e conjugal. Ademais, o bom humor foi valorizado no relacionamento por cônjuges estadunidenses (Gildersleeve et al., 2017), considerado como um recurso para a solução dos conflitos conjugais por casais estadunidenses (Driver et al., 2016) e portugueses (Fonseca & Duarte, 2014), e como uma qualidade apreciada na escolha do parceiro amoroso por universitários (Altafim et al., 2009).

Outras aspirações futuras concernentes aos maridos foram expressas por mulheres dos grupos A e B e versaram sobre o fato de o homem ser perfeito e humilde de coração. Bruna (43 anos) anseia que o esposo esteja da forma que é, visto que ele é perfeito. E Ariel (22 anos) apetece que o cônjuge se mantenha humilde de coração. Nas palavras de Ariel: *“Que ele continue sendo esse homem humilde de coração”*. Sobre o valor da humildade para as uniões conjugais, a referida característica foi considerada como uma estratégia (Silva et al., 2017) e um motivo (Alves-Silva et al., 2017) para a conservação de casamentos longevos.

O subtema atenção inseriu os predicados atencioso, dedicado, prestativo e zeloso, sendo proferido por entrevistadas dos grupos A e C. Dessa maneira, as mulheres esperam que o consorte permaneça sendo atencioso (Célia, 61 anos), dedicado (Ariel, 22 anos), prestativo (Analú, 29 anos; Clara, 63 anos) e zeloso (Clara). Segundo as mulheres alegaram: *“Ele é bem*

prestativo ... essa parte eu espero que continue” (Analú). “Que continue esse homem ... prestativo, zeloso” (Clara).

A saúde do cônjuge foi enunciada por participantes dos grupos B e C e incluiu os comportamentos repetitivos, os cuidados com a saúde física e mental, o adoecimento e a autonomia. Destarte, Brenda (51 anos) e Beatriz (54 anos) almejam que o marido possua bastante saúde. Bethânia (41 anos) aspira que o parceiro cuide da saúde física e mental dele. Cíntia (68 anos) deseja que o consorte seja autossuficiente, tenha saúde para se cuidar. Betina (36 anos) gostaria que o esposo diminuísse os comportamentos repetitivos. Por sua vez, Carol (66 anos) crê que o cônjuge ficará enfermo, se permanecer da forma que está. E Camila (78 anos) alegou que o marido ficará acamado. Notem-se os positivos exemplos: *“Que ele tenha muita saúde” (Brenda). “O que eu posso esperar? Ele já está assim ruinzinho agora ... se ele continuar assim, ele vai ficar acamado” (Camila).*

Conforme exposto, Carol (66 anos) e Camila (78 anos) creem no possível agravamento das enfermidades dos maridos, pois, segundo elas relataram ao longo da entrevista, os seus esposos possuem problemas de saúde e não se cuidam. Indo ao encontro disso, em um estudo realizado com idosos, constatou-se que as mulheres são mais preocupadas com a saúde e cientes dos benefícios da prática de atividades físicas para a qualidade de vida que os homens (Duarte et al., 2020).

Por fim, a maturidade envolveu o crescimento pessoal, sendo declarada por mulheres do grupo A. Logo, Antônia (26 anos) anseia que o esposo não se acomode no que tange ao crescimento pessoal. E Ana (20 anos) frisou que o marido vai amadurecer muito. Nas palavras de Ana: *“Eu espero ... e acredito que ele vai amadurecer bastante”*. Aproximando-se dessa declaração, universitários mencionaram a maturidade como uma das qualidades estimadas em um provável parceiro amoroso (Altafim et al., 2009). Diante disso, encerram-se as considerações acerca as expectativas futuras para o cônjuge não direcionadas a um

relacionamento interpessoal específico. O seguinte subtema tratará das pretensões que envolveram a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Além do mais, as mulheres citaram pretensões relacionadas à sociedade e ao ambiente externo, que foram organizadas nos subtemas trabalho (grupos A, B e C), recursos tecnológicos (grupos A e B), religião (grupos A e C) e firmeza (grupo A). Cabe lembrar que o trabalho, os recursos tecnológicos e a religião foram citados nas características mais salientes do cônjuge. O trabalho agregou a realização profissional, a redução do ritmo de labor, o sustento do lar, o equilíbrio do tempo entre trabalho e família, os estudos, a aposentadoria, a estabilidade financeira, e a qualidade de ser proativo e trabalhador.

No que concerne à realização profissional, à diminuição do ritmo de trabalho e à estabilidade financeira, Bella (44 anos), Catarina (66 anos) e Alana (30 anos) esperam que o cônjuge reduza a quantidade de labor. Bernadete (54 anos) deseja que o consorte consiga realizar o projeto de trabalho dele. Alice (28 anos) almeja que o esposo se desenvolva bem profissionalmente. Andressa (30 anos) anseia que o marido tenha prazer, felicidade e sucesso na carreira profissional. Alessandra (21 anos) crê que o cônjuge estará atuando como técnico de segurança do trabalho, que é a área que ele aprecia, e, conseqüentemente, o casal possuirá uma renda maior. Por sua vez, Ariel (22 anos) anela pela estabilidade financeira.

Os estudos, a aposentadoria, o equilíbrio entre trabalho e família, o sustento do lar, e a característica de ser proativo e trabalhador também foram proferidos. Alice (28 anos) acredita na tendência de o marido dedicar mais tempo ao trabalho que a família. Então, ela gostaria que ele conseguisse equilibrar o tempo entre esses dois âmbitos. Ana (20 anos) aspira que o cônjuge prossiga com a concepção de provedor financeiro do lar. Alana (30 anos) espera que o esposo conclua a faculdade de farmácia, e que o casal se aposente. De sua parte, Adriana (23 anos) deseja que o consorte permaneça sendo trabalhador, e Beibiane (35 anos) crê que o marido se manterá proativo. Os ulteriores relatos ilustram esse subtema:

Eu gostaria é que ele se desenvolvesse bem na sua profissão ... mas, eu gostaria que ele conseguisse manter o foco na família, tipo, ter o seu tempo de trabalho, mas ter esse tempo limitado no sentido de conseguir manter o foco na atenção nas filhas e no nosso casamento ... mas, o que eu acredito que pode acontecer é ele perder um pouco esse foco, sabe, ele tende a se dedicar demais quando o assunto é dinheiro, então, acredito que pode acontecer nos próximos anos ... a ideia dele está bastante focado no trabalho e com isso ter menos tempo dentro de casa. (Alice, 28 anos)

“Eu gostaria que ele conseguisse realizar pelo menos um dos projetos que ele tem em andamento, acho que ele se realizaria na vida, tá!” (Bernadete, 54 anos). *“Eu espero dele agora é, assim, acalmar um pouco, não é? ... por parte de trabalho”* (Catarina, 66 anos).

As mulheres citaram em suas pretensões futuras para o esposo a redução do ritmo de labor (Alana, 30 anos; Bella, 44 anos; Catarina, 66 anos) e a harmonia entre o trabalho e a família (Alice, 28 anos). Nesse sentido, convém destacar que o equilíbrio entre o trabalho formal e a vida em família é essencial para a resiliência familiar (Walsh, 2016c), assim como favorece uma maior satisfação pessoal e profissional (Sinnott & Tagliamento, 2020). Pois, a sobrecarga de trabalho colabora para a eclosão de conflitos trabalho/família, e uma longa jornada de labor pode prejudicar a saúde física e mental, diminuir o tempo livre para o lazer e a qualidade do tempo destinado ao cuidado dos filhos (Deus et al., 2021).

Sobre a condição de ser trabalhador (Adriana, 23 anos) e provedor financeiro do lar (Ana, 20 anos), casais em conjugalidade de longa duração explicaram que, por volta dos anos de 1950/1980, esperava-se que o futuro cônjuge fosse trabalhador, capaz de manter financeiramente a família (Scorsolini-Comin et al., 2018), e que a qualidade de ser labutador coopera para a conservação dos casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017). Além disso, o sustento financeiro do lar foi associado à função paterna por pais (Benatti & Pereira, 2020; Mazzo e Almeida, 2020) e mães (Benatti & Pereira, 2020) de filhos menores de idade.

A estabilidade financeira (Alessandra, 21 anos; Ariel, 22 anos) e a realização profissional (Alessandra; Alice, 28 anos; Andressa, 30 anos; Bernadete, 54 anos) também foram citadas. Indo ao encontro disso, constatou-se na literatura que a estabilidade financeira é uma característica estimada em um parceiro amoroso (Arias et al., 2020; Carvalheira, 2017; Macedo, 2017). E jovens disseram que buscam em uma relação amorosa alguém que possua um futuro profissional promissor (Smeha & Oliveira, 2013).

As participantes dos grupos A e B expuseram os recursos tecnológicos, que envolveram o fato de o homem ser calmo, a televisão, o celular, e a utilização excessiva dos dispositivos eletrônicos. Berenice (40 anos) alegou que o cônjuge continuará sossegado em casa, sentado no sofá assistindo televisão e com o celular na mão. E Analú (29 anos) anseia que o marido compreenda que o uso demasiado dos dispositivos tecnológicos é prejudicial a ele. Nas palavras de Analú: *“Que ele acorde para a vida em questão de tecnologia”*.

A religião foi aludida por entrevistadas dos grupos A e C. Esse subtema representou o não comodismo acerca do desenvolvimento espiritual e a inserção no âmbito social/religioso. Assim, Creuza (72 anos) gostaria que o parceiro passasse a frequentar o ambiente social/religioso que ela participa. Por sua vez, Antônia (26 anos) apetece que o esposo não se acomode em termos de crescimento espiritual. Conforme a jovem expôs: *“Que ele não se acomode ... em termos ... de progresso ... espiritual ... desse contato com Deus”* (Antônia).

Por fim, a firmeza foi mencionada por Amanda (29 anos). Ela anela que o marido possua a firmeza de sustentar o que é, a despeito das influências do contexto social tumultuoso. Veja-se o relato dela: *“Que esse mundo tão atropelado não modifique a pessoa que ele é ... que ele tenha a cabeça firme, o pulso firme de dizer eu sou assim e sustentar isso”*. Aproximando-se dessa declaração, casais longevos enunciaram que a firmeza diante das dificuldades colabora para a manutenção do casamento (Alves-Silva et al., 2017).

Expectativas Futuras Para o Cônjuge: Síntese. A serem inquiridas sobre as expectativas futuras para o cônjuge, as mulheres expuseram diversas pretensões nas quais se constataram mais diferenças que semelhanças entre os três grupos. Em vista disso, as participantes das três faixas etárias pronunciaram a paciência, o trabalho e o desejo por permanecer e envelhecer junto. As entrevistadas dos grupos A e B citaram a determinação, os recursos tecnológicos, a honestidade, o carinho e a simpatia. As mulheres dos grupos A e C salientaram a religião, a atenção e a admiração. Nos grupos B e C, as mulheres proferiram a saúde do cônjuge e do casal, a ajuda mútua e a empatia com próximo.

No que tange aos subtemas mencionados apenas por um grupo de participantes, no grupo A, as entrevistadas declararam a maturidade, a firmeza e a dedicação à família nuclear. Por sua vez, as idosas enunciaram os sentimentos e o distanciamento da família de origem, referindo-se a não repetição do desânimo familiar. Após proferirem as expectativas vindouras para o esposo, as mulheres foram solicitadas a relatarem episódios, com vista a um melhor entendimento de suas respostas. Elas narraram várias situações, que serão expostas a seguir.

NARRATIVAS SOBRE AS EXPECTATIVAS FUTURAS PARA O CÔNJUGE

Nos episódios narrados pelas mulheres foi possível constatar a influência de diferentes níveis de complexidade social e de aspectos e condições mencionados nas aspirações futuras para o cônjuge na vida do casal. Tais descrições serviram de base para a elaboração de quatro subtemas: (a) as relações interpessoais conjugais; (b) as relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas; e (d) a sociedade e o ambiente externo. Perante isso, apresentam-se as narrativas concernentes às relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. Esse subtema representou os relatos das entrevistadas que versaram sobre a díade (grupo C) e a saúde do casal (grupos B e C), sendo

que a saúde dos cônjuges foi mencionada nas pretensões futuras para o esposo. A díade incluiu a sexualidade, o envelhecimento e os comportamentos cristalizados. Cecília (66 anos) explicou que não há nada capaz de fazer o esposo trocar de chinelos nem ir lavar as mãos na pia do banheiro. De sua parte, Catarina (66 anos) declarou que o marido compreende que o processo de envelhecimento influencia na vida sexual do casal, pois o idoso não possui o vigor do jovem. Nas palavras de Catarina:

A gente tem que ter consciência disso. ... a nossa capacidade ... já não permite mais, não é? Fazer, não tem força mais para fazer aquilo que fazia quando a gente é novo ... a parte amorosa. ... com a idade ... você tem que aceitar essa mudança, não é? ... olhando essa parte aí, até que ele entende sim.

Semelhante ao relato de Catarina (66 anos), constatou-se na literatura a redução da atividade sexual entre os cônjuges, com o passar dos anos (Arias & Polizzi, 2013; Campos et al., 2017; Goulart et al., 2019; Rocha & Fensterseifer, 2019). Nesse contexto, a qualidade das relações sexuais passa a ter mais valor que a quantidade (Rocha & Fensterseifer, 2019), a presença e a companhia do parceiro adquirem mais significância que o ato sexual Goulart et al. (2019), e a sexualidade vai ganhando outros aspectos positivos para o casamento, como o companheirismo e o cuidado mútuo (Campos et al., 2017).

As participantes dos grupos B e C aludiram à saúde do casal, que abordou a saúde física e mental, o alcoolismo, o sobrepeso, o incômodo, o sofrimento emocional, a preocupação com a saúde, o diálogo e o respeito. Assim, Beatriz (54 anos) relatou que, há sete anos, o casal estava acima do peso e foi viajar para São Paulo. Ao chegar lá, ela precisou caminhar e perdeu o fôlego, a ponto de não conseguir solicitar ajuda. O marido se preocupou com a situação, e o casal passou a consumir Herbalife, o que trouxe resultados favoráveis. Beatriz também expôs que, atualmente, os cônjuges buscam cuidar muito mais da alimentação, porém precisam estabelecer uma rotina de atividades físicas.

O sofrimento emocional, a saúde mental, o incômodo, o diálogo e o respeito foram enunciados. Bárbara (49 anos) esclareceu que o esposo possui certa dificuldade em estar junto

da família, o que traz um sofrimento para ele. Bárbara alegou que também sofre com o fato, porque o consorte desenvolve um bloqueio, que a impede ajudá-lo. Nesse caso, ela respeita a condição dele para não ser invasiva. Betina (36 anos) narrou que o cônjuge possui uns comportamentos repetitivos que, às vezes, a incomodam. Agora, com treze anos de casamento, em virtude de ela conversar bastante com o homem, ele está conseguindo diminuir esses hábitos.

Sobre o alcoolismo, a saúde física e mental, Carol (66 anos) aclarou que cuida da saúde e o marido não. O idoso ainda adoece todas as vezes que precisar ir a algum lugar que não deseja. Certa vez, Carol foi acompanhá-lo a uma consulta e relatou isso à médica, que sugeriu a ele buscar um psicólogo. Então, o homem se aborreceu e proibiu a esposa de ir ao médico com ele. De sua parte, Camila (78 anos) esclareceu que o médico orientou, mas o cônjuge não quer fazer atividade física nem intelectual, assim como não vai à hidroginástica com ela. Ele somente fez dez sessões de fisioterapia. Já Celeste (60 anos) explanou que viveu momentos bem difíceis com o marido, devido ao alcoolismo, e que o parceiro tentou suicídio por duas vezes, quando ela buscou se separar dele. Notem-se as declarações das mulheres:

Há sete anos ... estávamos os dois bem acima do peso e aí a gente foi fazer ... o nosso passeio ... em São Paulo e aí na hora ... que a gente saiu do aeroporto ... a gente foi andando, só que eu perdi o fôlego ... de forma que eu não conseguia nem falar para pedir ajuda ... ele ficou preocupado, ele falou assim: “Caramba! Se eu não cuidar da minha mulher, eu vou ficar viúvo” ... quando nós chegamos de volta ... ele me levou ... no espaço de vida saudável ... nessa primeira semana eu eliminei dois quilos e ele um quilo e oitocentas. ... a gente ... cuida muito mais da alimentação que antes, não é? Mas, a gente ainda está na questão do exercício, a gente ainda está tentando entrar em uma rotina, não é? (Beatriz, 54 anos)

Ele ficava bebendo de cair no chão. ... Eu larguei, que eu botei um ponto final, falei: “Não quero mais viver isso” larguei! ... o meu marido já foi suicida ... já tentou se matar duas vezes ... quando eu tentei uma vez largar ... hoje ele não pensa mais nada disso. (Celeste, 60 anos)

Dos episódios relatados, ressalta-se que Beatriz (54 anos) e o seu esposo estão cuidando melhor da alimentação e buscando estabelecer uma rotina de atividade física. De outro modo, Carol (66 anos) e Camila (78 anos) explicaram que os seus maridos não cuidam da saúde deles. Aproximando-se disso, mulheres adultas e idosas apresentaram uma maior prevalência de estilo de vida saudável (EVS) que homens das mesmas faixas etárias, sendo que o EVS insere a prática de atividade física e o comportamento alimentar adequado (Ferrari et al., 2017).

Por sua vez, Celeste (60 anos) destacou os danos provocados pelo alcoolismo em sua conjugalidade. Destarte, constatou-se que o alcoolismo prejudica a função parental (Greene et al., 2016; Silva et al., 2019), provoca um imenso sofrimento familiar, favorece os conflitos conjugais e familiares (Silva et al., 2019), e contribui para o desgaste conjugal, o que pode conduzir ao divórcio (Greene et al., 2016). Nessa conjuntura, Greene et al. (2016) aclararam que o divórcio é uma das vivências mais difíceis que uma pessoa pode enfrentar e que, dessa forma, pode cooperar para o aumento dos casos de tentativas de suicídio e de morte.

As declarações das entrevistadas remetem ainda à importância de o indivíduo compreender a necessidade, querer e buscar uma mudança no estilo de vida, visando melhores condições de saúde. Para essa finalidade, também é significativo o auxílio de profissionais, como nutricionistas, psicólogos, médicos, personal trainers e fisioterapeutas. Referido isso, o próximo subtema tratará das narrativas sobre as expectativas futuras para o marido concernentes às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares abrangeram os filhos e a família de origem (grupos A, B e C). O subtema filhos versou sobre a gravidez, a ausência paterna, o exemplo familiar, o almoço em família, o lazer, o vestibular, a internet, o bom humor, o diálogo e a impaciência. Lembra-se que o desejo de que o casal seja um

exemplo de família para os filhos foi citado nas pretensões futuras para o esposo. Das mulheres dos três grupos, Adriana (23 anos) explicou que os cônjuges são muito família e buscam passear em locais apropriados a crianças. Bruna (43 anos) imaginou o casal preparando o almoço de domingo para receber as filhas. E Celeste (60 anos) aclarou que a filha, até completar os 18 anos, cobrava a presença do pai. Porém, atualmente, a jovem considera que a mãe não deveria ter se reconciliado com o marido, visto que a genitora já tinha passado por diversas dificuldades.

Sobre a gravidez, o vestibular, o diálogo e a impaciência, Antônia (26 anos) expôs que percebe um sentimento de culpa no esposo, porque ele não a respeitou quando estava grávida. O homem quis viver como solteiro e se relacionou com outra mulher. Então, Antônia conversou com o parceiro, colocou a posição dela e precisou elaborar bem o acontecido. Beibiane (36 anos) relatou que, daqui a 15 anos, o casal estará com dois filhos crescidos e com diferentes desafios, especialmente acerca do diálogo entre pai e filhos, que talvez o marido não possua paciência suficiente para esperar que o conflito se resolva. Por sua vez, Bianca (50 anos) narrou que os consortes foram conversando e conseguiram superar o fato de o filho deles não ter sido aprovado no vestibular. Esse episódio foi um baque, sobretudo para o esposo, pois ele considera que a mulher investe muito no rapaz e deveria ser recompensada.

Ademais, a internet, o exemplo familiar e o bom humor foram pronunciados. Alice (28 anos) historiou que o consorte sempre tem uma maneira engraçada de chegar a casa. Ele usa frases como “estou na área galera” ou “cadê o meu agarro?” para as filhas irem abraçá-lo. Alice frisou que, daqui a dez anos, o cônjuge estará com uma nova frase de efeito, de modo que elas prestem atenção nele. De sua parte, Ariel (22 anos), com base em uma postagem vista na internet, sublinhou que os pais são os espelhos dos filhos. Assim, se os genitores tiverem uma vida de alcoolismo e diversão, não poderão exigir o oposto do filho, porque ele vai questionar. Os seguintes relatos ilustram esse subtema:

Tem até uma imagem que eu vi na internet uma vez ... acho que o pai fala para o filho: “Cuidado por aonde andas” e aí ele fala assim: “Cuidado você papai, porque você é o meu espelho” ... em questão disso aí ... que futuro a gente poderá dar para o nosso filho, tipo, o que ele pode ver de mim e do pai dele, se ele tiver uma vida, assim, é de bebedeira, curtidão, não é? O que ele vai pensar e vai querer fazer lá na frente, se a gente ficar assim, ele vai falar assim: “Ah! Mas, o meu pai e a minha mãe também ... fazem, porque eu também não posso fazer, entendeu? (Ariel, 22 anos)

A gente estava com uma expectativa muito grande em relação ao meu filho passar no vestibular e ele não conseguiu passar, então, ... a gente ... tomou um baque ... com o tempo a gente foi conversando, eu falei: “Ah! Benedito. Oh! As coisas não são como a gente espera ... de repente não era o tempo dele agora, precisa passar por isso para ele amadurecer” ... então, foi uma coisa, assim, a gente foi conversando e graças a Deus conseguiu superar. (Bianca, 50 anos)

Nos relatos de Bianca (50 anos) e Antônia (26 anos), nota-se a relevância do diálogo entre o casal para a superação de situações difíceis. Além disso, Beibiane (35 anos) expôs a possibilidade futura de o marido ter dificuldade em dialogar com os filhos e não possuir paciência em esperar a resolução do conflito. Diante dessas declarações, vale salientar que a comunicação é crucial para uma boa convivência familiar, pois favorece a criação e o fortalecimento dos laços entre os familiares, o intercâmbio de emoções, desejos, crenças, sentimentos e pensamentos, e envolve a busca por solucionar os problemas de forma pacífica (Campuzano et al., 2020).

Sobre o exemplo familiar enunciado por Ariel (22 anos), ressalta-se que a família exerce uma enorme influência na maneira como o sujeito irá se relacionar com os outros, pois é especialmente nela que se aprendem os valores, crenças, regras e modos de conduta de certo contexto social (Arias et al., 2020). Ademais, universitários portugueses elencaram como funções da família ser fonte de apoio, estabilidade emocional, educação e socialização (Fernandes et al., 2018).

As participantes dos três grupos ainda narraram situações envolvendo a família de origem, sendo que em alguns dos relatos identificou-se a influência positiva ou negativa dos familiares na vida do casal. Esse subtema contemplou assuntos como a morte, a enfermidade, a ausência de convívio, a carência de recursos financeiros, a influência materna na escolha da profissão, o incentivo paterno para a reconciliação conjugal, as festividades familiares, a qualidade de vida, e aspectos benéficos para a relação conjugal como o apoio, o companheirismo, a paciência e a solicitude. Recorda-se que a ajuda mútua, o companheirismo, a saúde do cônjuge e a estabilidade financeira foram declarados nas pretensões futuras atinentes ao marido.

As festividades familiares, a ausência de convívio e a solicitude foram aludidas. Carol (66 anos) proferiu que possui muitos irmãos e a convivência é grande entre ela e eles. Todavia, Carol frisou que o esposo nunca teve um convívio familiar e, conseqüentemente, não terá uma convivência com os filhos, da forma que ela gostaria. Cíntia (68 anos) aclarou que os sogros não eram sociáveis e que os cunhados também não são muito dispostos ao convívio social. Às vezes, quando um sobrinho casa, eles comparecem. Por seu lado, Analú (29 anos) narrou que era um dia de semana e os seus familiares iam festejar o aniversário de sua irmã. Nesse caso, o marido foi muito solícito, visto que ele a levou à casa da mãe dela, no horário de almoço dele, retornou ao trabalho e, após o expediente, foi se reunir com os familiares da esposa para comemorar o aniversário da cunhada.

Acerca do incentivo paterno para a reconciliação do casal, da carência de recursos financeiros e da interferência materna na escolha profissional, Andressa (30 anos) explicou que o cônjuge cursou medicina, em virtude do incentivo da mãe dele, que alegava que ele precisava ter uma carreira que desse um bom retorno financeiro. Em consequência disso, o homem possui problemas de frustração com a área desde a graduação. De sua parte, Antônia (26 anos) relatou que o marido vem de uma família muito humilde e necessitou batalhar

muito. E Celeste (60 anos) declarou que os familiares dela sempre gostaram do seu esposo, e que o seu pai a incentivava a reatar o casamento.

As mulheres dos três grupos ainda citaram a qualidade de vida, a morte e a enfermidade de familiares; e o apoio, o companheirismo e a paciência entre o casal. Beatriz (54 anos) ressaltou que, em virtude de uma alimentação saudável, sogra (98 anos) possui uma qualidade de vida bem melhor que a sua mãe (84 anos). Antônia (26 anos) esclareceu que toda a família do esposo tem pressão arterial alta e problemas cardiovasculares, e que o marido já é hipertenso. Ela também disse que o homem não se conforma com o fato de a mãe dele ter falecido muito jovem, devido a um AVC, e deixado o irmão mais novo. Carol (66 anos) expôs que, a despeito do histórico familiar de aneurisma e Alzheimer, o esposo não quer cuidar da saúde dele. Já Conceição (66 anos) aclarou que, ao oposto de seu pai que não apoiou a esposa enferma, ela e o cônjuge irão se apoiar, ser companheiros e pacientes um com o outro, caso fiquem acamados ou em uma cadeira de rodas. Nas palavras de Conceição:

Tem que ser companheiro um do outro, não é? Então, eu acredito que chegando lá nós dois velhinhos aí, se for para a cadeira de rodas ou em cima de uma cama, onde estiver que a gente possa ... como eu te falei não o exemplo do meu pai fez para a minha mãe, mas olhar um para o outro ... com ... paciência, como eu te falei que vai ter que ter ... eu espero que quando eu chegar lá, se ele tiver comigo e eu também preciso ter com ele, então, a recíproca, não é? ... exatamente, aquele que estiver mais forte apoiar o que está mais fraco, se for vice e versa, se eu adoecer ou não estiver com as minhas forças, ele me dá a força dele para me ajudar.
(Conceição, 66 anos)

De tal modo, Conceição (66 anos) disse que não deseja reproduzir em seu casamento a falta de paciência e de companheirismo de seu pai com a mulher enferma (mãe de Conceição). Indo ao encontro disso, casais explicaram que buscam não repetir aspectos negativos da conjugalidade dos pais em seus casamentos (Dal Bello & Marra, 2020; Oliveira & Sei, 2018; Schulz & Colossi, 2020). Dessa maneira, sublinha-se a relevância de os cônjuges identificarem as influências favoráveis e desfavoráveis da vida conjugal dos pais e buscarem manter o que beneficia e banir o que prejudica a relação. Para essa finalidade, as terapias de

casais podem ser essenciais. Dito isso, o seguinte subtema tratará das narrativas concernentes às relações interpessoais com pessoas próximas.

Relações Interpessoais com Pessoas Próximas. As mulheres também inseriram em suas histórias sobre as expectativas futuras para o cônjuge as relações interpessoais com pessoas próximas. O aludido subtema representou a ajuda ao próximo (grupos A e C), e o aniversário da colega (grupo A). A ajuda a outrem incluiu a estabilidade financeira, a doação de material escolar e cestas básicas, a empatia, e o auxílio a pessoas internadas em hospitais e em situação de rua. Destaca-se que a estabilidade financeira e a empatia para com outrem foram citadas nas aspirações vindouras acerca do esposo.

Perante isso, Célia (61 anos) imaginou o casal ajudando indivíduos necessitados, como os que ficam hospitalizados e os em condição de rua. Alessandra (21 anos) aclarou que os cônjuges têm por objetivo auxiliar o próximo com cesta básica mensal, assim que eles estiverem mais estabilizados economicamente. Já Carolina (71 anos) expôs que doa material escolar a 20 ou 21 crianças, e que seu marido discorda disso, pois alega que isso é problema do outro ou dever do estado. Ela ressaltou que gostaria que o homem fosse mais empático com as pessoas e que essa situação, às vezes, ocasiona um embate entre eles, mas o consorte não se intromete nessas ações dela. Notem-se os depoimentos das entrevistadas:

É esse o nosso foco igual, assim, a gente sonha em ajudar as pessoas, pelo menos com é cesta_básica por mês ... isso aí a gente já sentou, conversou, entendeu? Quando ele estiver trabalhando e eu também talvez, não é? Não sei, porque a minha bebê é pequena, mas a gente planeja isso ... ajudar o nosso próximo, porque como a gente já vai estar estabilizado com a nossa casinha, não é? (Alessandra, 21 anos)

Eu ajudo, eu gosto muito de ajudar, assim, as pessoas, não é? Então, ele, às vezes, acha que é besteira, que tem que cada um tem que se virar ... que o governo que tem que tomar conta, então, nisso aí, às vezes, a gente faz certo embate, mas ele não me atrapalha agora, por exemplo, todo ano, assim, eu ajudo com material escolar uma parte de 20, 21 crianças ... ele acha que eu não devia, mas eu me sinto bem, mas eu também

entendo, ele não concorda, mas também não se intromete ... eu queria, assim, que ele ... ter mais, assim, empatia com o ser humano, do modo geral, não é? (Carolina, 71 anos)

Assim sendo, Alessandra (21 anos) e Célia (61 anos) descreveram que elas e os seus correspondentes esposos são favoráveis em ajudar o próximo. Nesse sentido, Walsh (2016c) expôs que a ação social contribui para a resiliência familiar. Por sua vez, o marido de Carolina (71 anos) não é a favor de ela auxiliar crianças carentes com material escolar e alega que isso é uma função do estado. Esse argumento está de acordo com o artigo 54 do estatuto da criança e do adolescente (ECA) que diz que a educação formal de crianças e adolescentes deve ser assegurada pelo Estado (Senado Federal, 2021). Porém, como o Estado pode falhar nesse papel, as ações solidárias são de suma relevância para a garantia dos direitos básicos dos indivíduos mais necessitados.

O aniversário da colega representou os presentes recebidos do namorado no dia do aniversário. Destarte, Aline (26 anos) destacou que uma colega de trabalho estava aniversariando e recebeu flores e bombos do parceiro. Dessa maneira, ela espera que o marido tenha atitudes como essa, porque é agradável. Nas palavras dela:

Esses dias, aconteceu no serviço, era aniversário de namoro e aí ele mandou entregar flores e bombons para ela, para a moça que trabalha com a gente, então, eu acho que esse tipo de coisa agrada a gente, não é? “Poxa! A pessoa pensou em mim, lembrou-se de mim enquanto eu estava trabalhando” ... e são os mínimos detalhes que vão fazendo o dia a dia, então, eu espero que ele continue assim, que ele se lembre dessas coisas também. ... Igual ele, o rapaz lembrou-se da menina. (Aline, 26 anos)

Ante isso, salienta-se que Imber-Black (2016) aclarou que o fato de os cônjuges se lembrarem de acontecimentos anuais relevantes na vida um do outro, como aniversários, coopera para a conexão entre eles. Sendo assim, encerram-se as considerações acerca das narrativas que envolveram as relações interpessoais com pessoas próximas. A seguir, serão apresentados os relatos que contemplaram a sociedade e o ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Além do exposto, as participantes descreveram situações que se relacionaram com a sociedade e o ambiente externo. Tais episódios incluíram o trabalho, Deus e a religião (grupos A, B e C), o lazer (grupos C e B) e os recursos tecnológicos (grupo A). O subtema trabalho tratou de diversas questões como o serviço no sítio, o projeto de trabalho, a jornada de labor extensa, a sobrecarga de trabalho, a redução do ritmo de labuta, o lazer, os afazeres domésticos, o equilíbrio entre o trabalho e o cuidado da saúde, a harmonia entre o labor e a família, a aposentadoria, o trabalho autônomo, o sustento do lar, o cuidar da família, a estabilidade financeira, o sucesso e a satisfação profissional, a escolha da profissão, o desemprego, o adoecimento, o estresse, a baixa autoestima, a paciência, o envelhecimento, o apoio e a preocupação. Destaca-se que o trabalho e a ajuda mútua foram citados nas expectativas futuras para o cônjuge.

O trabalho no sítio, os afazeres domésticos, o sustento do lar, o apoio, a paciência e o processo de envelhecimento foram enunciados. Das mulheres dos três grupos, Brenda (51 anos) citou o marido no sítio, plantando feijão e cuidando das galinhas. Amanda (29 anos) aclarou que, quando o consorte possui algum problema no emprego, é em casa que ele encontra o suporte para superar o obstáculo. Bruna (43 anos) explicou que estava ocupada escrevendo uns relatórios, e o esposo preparou os pudins para ela levar na festa junina do serviço. De outro modo, Ana (20 anos) imaginou-se sendo dona de casa e cônjuge provedor do lar. Nessa condição, o homem chegará a casa cansado e será atencioso com a família, visto que encontrará tudo pronto. E Catarina (66 anos) expôs que o casal, principalmente o parceiro, precisará ter muita paciência, porque o marido trabalha desde criança e está sempre buscando realizar coisas que a idade inviabiliza.

As participantes também citaram o projeto de trabalho, a satisfação e o crescimento profissionais e a longa jornada de labuta. Bernadete (54 anos) descreveu que o projeto do esposo envolve a prefeitura e instituições afins e visa oferecer atendimento tecnológico a

crianças de famílias carentes e a idosos. Ela destacou que homem ficaria satisfeito com a concretização desse projeto por uma questão de ego, status. Andressa (30 anos) explicou que sente prazer, alegria e motivação em seu trabalho. A jovem disse que percebe que o cônjuge ainda não encontrou a satisfação profissional dele e espera que ele descubra, porém ela não sabe se será na psiquiatria. Amanda (29 anos) narrou que a ocupação profissional do marido demanda muito tempo dele e que o homem vem ascendendo no trabalho. Amanda ainda preferiu que isso traz benefícios materiais à família, sem prejudicar o contato do esposo com ela e o filho.

Para mais, mencionaram-se a aposentadoria, o trabalho autônomo, a sobrecarga de serviço, o adoecimento, o estresse e o balanço entre o labor e o cuidado com a saúde. Carol (66 anos) frisou que, após a aposentadoria, a diabetes do cônjuge aumentou bastante. Bella (44 anos) expôs que, daqui uns 15 anos, o consorte possivelmente estará aposentado e poderá investir em algo autônomo, como dar consultorias. E, se o homem estiver próximo da aposentadoria, Bella explanou que a política de cobrança para produção científica poderá não ser um peso para ele. De sua parte, Bethânia (41 anos) esclareceu que o esposo fica estressado, porque trabalha demais e alega não possuir tempo para fazer academia. Então, ela aclara para ele a importância do equilíbrio entre o trabalho e o cuidado da saúde para que eles possam aproveitar a vida no futuro.

As mulheres enunciaram a preocupação, o desemprego, a baixa autoestima, o cuidado da família, a harmonia entre labor e família, e novamente a sobrecarga de trabalho. Alice (26 anos) historiou que o cônjuge possui uma preocupação excessiva com a questão financeira e tende a se sobrecarregar de trabalho. Ele considera que, se tiver mais recursos financeiros, poderá cuidar melhor da família. Alice ressaltou que se preocupa com essa situação, pois compreende que cuidar da família consiste em um equilíbrio entre ter tempo e dinheiro. Por seu lado, Antônia (26 anos) descreveu que, há mais de um ano, o esposo está procurando

emprego, o que deixa a autoestima dele bem abalada. Nessa conjuntura, a jovem alegou que fica bastante preocupada com o parceiro, visto que ele já proferiu que perdeu a vontade de viver.

Sobre a redução do ritmo de trabalho, o lazer, a escolha profissional, a estabilidade financeira e outra vez o estresse, Andressa (30 anos) explicou que o cônjuge teve dificuldade para escolher a residência em psiquiatria. Ela gostaria que fosse uma opção do interesse dele e não por causa do bom retorno financeiro nem da conveniência. Alana (30 anos) idealizou o casal trabalhando menos, com horários flexíveis e, conseqüentemente, podendo sair, quando tiver vontade, sem precisar se preocupar com a hora e o telefone tocando constantemente. Por fim, Alessandra (21 anos) imaginou os cônjuges mais estabilizados economicamente, e o esposo retornando do emprego mais amoroso e calmo, pois, atualmente, ele chega a casa estressado, e ela precisa deixá-lo no canto dele. Notem-se algumas ilustrações:

Ele chegando do serviço, talvez sendo mais amoroso ... mas assim, igual eu te falei: Ele tem um tempo, não é? Quando ele chega do serviço, eu tenho que o deixar no cantinho do pensamento dele, então, eu imagino ... ele chegando mais tranquilo, mais estabilizado. (Alessandra, 21 anos)

Eu percebo que quando ele não consegue emprego, que ele está procurando trabalho já tem mais de um ano, ele fica com a autoestima muito abalada, que ele começa a se sentir mal, que ele começa a achar que tudo que ele estudou que não é suficiente, que ele não foi bom profissional ... já chegou falar, isso eu fico muito preocupada, falar que ele perdeu a vontade de viver. (Antônia, 26 anos)

Daqui uns 15 anos possivelmente ele já estará aposentado, aí ele pode aposentado investir em uma coisa mais autônoma ... principalmente consultorias ... estaria talvez aposentado, próximo disso, e, de repente, essa política de cobrança, de produção, ... não seja um peso para ele, não é? (Bella, 44 anos)

No que toca à situação de desemprego vivida pelo marido de Antônia (26 anos), tal circunstância pode prejudicar a autoavaliação, a satisfação com a vida (Aguiar et al., 2017), o bem-estar (Aguiar et al., 2017, 2018), a saúde mental - podendo cooperar para o

desenvolvimento de quadros depressivos (Aguiar et al., 2018), a qualidade da relação (Aguiar et al., 2017) e a satisfação conjugal (Aguiar et al., 2017, 2018), especialmente quando é o marido que se encontra desempregado (Aguiar et al., 2018). Por sua vez, Alessandra (21 anos) explicou que o esposo chega a casa estressando do trabalho e ela o deixa quieto até a referida condição passar. Indo ao encontro disso, mulheres em casamentos longevos citaram o calar-se e deixar o consorte falando sozinho como um dos recursos para a solução dos conflitos conjugais (Oliveira et al., 2020).

Além do mais, Alice (28 anos), Bella (44 anos) e Bethânia (41 anos) mencionaram a sobrecarga de trabalho dos maridos, sendo que o esposo de Bethânia, em virtude disso, alega não possuir tempo para frequentar uma academia. Nessa conjuntura, Alice citou a importância do equilíbrio entre o tempo destinado ao trabalho e à família, e Bethânia declarou o valor da harmonia entre o trabalho e o cuidar da saúde.

De tal modo, docentes casados explicaram que a rotina cansativa e a sobrecarga de trabalho reduzem o tempo com a família e/ou o cônjuge, favorecendo a eclosão dos conflitos conjugais (Feijão & Moraes, 2018). Mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho mencionaram a carência de tempo e o estresse como fatores que dificultam os cuidados preventivos com a saúde (Musarella & Discacciat, 2020). Executivos deram por entender que uma melhor administração do tempo entre o trabalho, as amizades, a família e o lazer concorre para uma maior satisfação pessoal e profissional (Sinnott & Tagliamento, 2020). E, em um estudo realizado com profissionais autônomos, constatou-se a relevância do equilíbrio entre o tempo destinado ao trabalho, ao lazer e à convivência familiar para a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida do trabalhador (Zardo & Carlotto, 2020).

De sua parte, Amanda (29 anos) aclarou que a extensa carga horária de labor do marido não prejudica a interação deles, bem como proporciona vantagens materiais para a família. Próximo disso, executivos esclareceram que a escassez de tempo para se dedicar à

família não compromete as relações familiares, devido aos benefícios financeiros que o cargo ocupado por eles viabiliza ao grupo familiar (Sinnott & Tagliamento, 2020). Por fim, salienta-se que Bella (44 anos) idealizou outros projetos profissionais para o esposo, após a aposentadoria dele. Em harmonia com isso, idosos argentinos aposentados mencionaram que pretendem permanecer trabalhando e se aperfeiçoando, assim como contribuir para a formação de outros profissionais, transmitindo sabedoria e experiência (Krzemien et al. (2018).

As participantes dos três grupos pronunciaram Deus e a religião, que tratou de assuntos como a educação dos filhos, a inserção na igreja e em encontros para casais, e aspectos benéficos para a conjugalidade como o diálogo, o amor e o perdão. Destaca-se que os sentimentos e a religião foram aludidos nos anseios vindouros para o cônjuge. Brígida (49 anos) narrou que os cônjuges participaram de encontros para casais, oferecidos pela igreja católica, nos quais ela compreendeu que amar e perdoar são decisões pessoais. Ela disse que costuma expor ao marido que ele precisa perdoá-la, senão vai carregar peso desnecessário e não será feliz completamente. Cláudia (70 anos) discorreu que, quando surgem conflitos entre as pessoas da comunidade que ela e o esposo frequentam, o homem sempre busca conversar e fazer o possível para que não haja divisão no grupo religioso.

Sobre a educação da prole e novamente acerca da atuação na igreja, Célia (61 anos) imaginou o casal inserido na igreja, participando de grupos e fazendo amizades. De sua parte, Ariel (22 anos) esclareceu que, conforme a palavra de Deus, os pais devem ensinar aos filhos que Jesus é o caminho, a verdade e a vida e, se o filho se desviar, a questão será entre ele e Deus, pois os pais terão desempenhado o seu papel. Observem-se os seguintes exemplos:

Eu acho assim: É a palavra de Deus fala, ela nos ensina, não é? ... como é que fala isso? Ensina ao teu filho o caminho que ele deve andar, para que quando crescer, não se desvie dele, ou, se ele chegar a se desviar, é a sua parte você já vai ter feito, não é? Você vai ter ensinado para ele que Jesus é o caminho, a verdade e a vida e, se ele não quiser mais, aí é vai ser o seu filho com Deus, não é? (Ariel, 22 anos)

Fizemos encontro de casais eu e ele ... na época dos encontros ... eu tive que chegar a um ponto de entender que amar é decisão minha, se eu quero amar ou não, perdoar também é decisão minha, eu quero perdoar, então, esses fatores aí que realmente na minha vida emocional é o que está sobressaindo, entendeu? E, às vezes, eu até falo para ele “oh! Se eu fiz coisa errada, se você não me perdoar, eu acho que você vai estar carregando peso à toa aí, não é? Está carregando peso à toa, porque você não vai ser feliz completamente”. (Brígida, 49 anos).

Em conformidade com o relato de Ariel (22 anos), Walsh (2016d) expôs a influência da família na construção da crença religiosa/espiritual, sendo que a coerência entre o discurso e a conduta dos pais e o envolvimento familiar em instituições religiosas/espirituais cooperam para que os filhos internalizem tais concepções e as considerem como recursos significativos para o enfrentamento das adversidades da vida. Ademais, Brígida (49 anos) relatou a contribuição dos encontros para casais oferecidos pela igreja para o seu casamento. Similarmente, cônjuges longevos disseram que a participação em grupos religiosos e em encontros para casais promovidos pelas igrejas pode constituir uma rede de apoio nas situações difíceis (Alves-Silva et al., 2017). E pessoas casadas proferiram que os referidos encontros favorecem a restauração da união conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019b).

O lazer foi aludido por mulheres dos grupos B e C e incluiu o respeito, o desfrutar da vida e do sítio, o fato de o homem não gostar de sair nem de pernoitar fora de lar, e de o casal possuir a vida social separada. Destarte, Creuza (72 anos) alegou que o consorte tem uma vida social dissociada da dela, e que aprendeu a viver sozinha. Então, ela sai, se diverte, retorna a casa e é feliz. De outro modo, Célia (61 anos) idealizou os parceiros morando sozinhos, aproveitando o momento, e o marido pescando. E Brenda (51 anos) descreveu o cônjuge curtindo no sítio, pescando, pisando na terra e sentindo a energia boa do lugar, visto que ele sempre trabalhou fechado em uma agência bancária.

O respeito e a situação de o esposo não apreciar sair nem dormir fora do lar também foram enunciados por entrevistadas dos grupos B e C. Clara (63 anos) relatou que os

consortes poderiam ir passar uma temporada no sítio do filho deles, mas não vão porque o homem não gosta de ficar fora de casa e ela não se apraz em sair sozinha. Então, eles terminam permanecendo em casa. Já Berenice (40 anos) historiou que o marido não aprecia sair de casa nem de pernoitar no domicílio dos outros, sendo que todas as vezes que ela o convida para ir a algum lugar ele alega que está cansado. Nesse caso, Berenice expôs que aprendeu a respeitar essa maneira do cônjuge. Notem-se as pospositivas ilustrações:

Pescando ... é isso que eu quero, porque ele trabalhou a vida toda fechado ... naquele banco, e, então, que agora, ele viva, não é? Que lá, ele curta bastante, que ele pise na terra, que ele sinta ... aquela energia gostosa que tem lá, é isso que eu quero para ele. (Brenda, 51 anos)

Ir lá para o sítio do meu filho, ficar lá, passar uma temporada lá na roça ... mas, a gente quase não vai, não é? Porque ele não gosta de sair, de ficar fora, não é? E eu, para eu sair sozinha, eu não gosto, então, acaba ficando todo mundo dentro de casa e vai levando aí. (Clara, 63 anos)

O desfrutar da vida junto (Célia, 61 anos), a pescaria (Brenda, 51 anos; Célia) e o permanecer em casa (Berenice, 40 anos; Clara, 63 anos) foram pronunciados. Aproximando-se disso, no estudo de Roberto et al. (2020), os entrevistados citaram como conceito de lazer pescar e ficar com o cônjuge; e como atividade de lazer em família eles sublinharam a pescaria. Por sua vez, mulheres argentinas mencionaram estar em casa e não fazer nada como uma atividade de lazer prazerosa (Musarella & Discacciat, 2020).

Além disso, destaca-se que Clara (63 anos) cede ao gosto do esposo e termina por permanecer em casa. Tal comportamento pode ser, em parte, efeito da influência do modelo tradicional de casamento, segundo o qual a mulher é a responsável pela conservação da união e pela satisfação do marido (Del Priore, 2014). Por seu lado, Berenice (40 anos) alegou que aprendeu a respeitar o fato de o consorte não apreciar sair de casa. Nesse sentido, Walsh (2016a) frisou que a aceitação das diferenças favorece a convivência conjugal e familiar.

Por fim, Analú (29 anos) descreveu os recursos tecnológicos, que também foram mencionados nas pretensões futuras atinentes aos esposos. Destarte, a jovem expôs que, às

vezes, o marido está jogando online, e ela precisa pôr o filho em cima dele, para ele entender que deve cuidar do menino. Em suas palavras: “*Às vezes, ele fica jogando online, não sei o quê? Aí ele não sai, bem difícil, às vezes, eu pego o menino e jogo lá ‘toma o seu filho!’ É difícil ... entender que ele tem que cuidar do menino*”. Ante isso, reitera-se que, em um estudo realizado com famílias, os participantes explicaram que quanto maior o uso das tecnologias menor o tempo para se dedicar a família, o que contribui para o afastamento físico e afetivo, a limitação da partilha e do diálogo, e a eclosão de conflitos familiares (Neumann & Missel, 2019).

Narrativas Sobre as Expectativas Futuras Para o Cônjuge: Síntese. Pautando-se na quantidade de subtemas, constataram-se mais diferenças que semelhanças entre as narrativas das mulheres sobre as expectativas futuras para o marido. Perante isso, as entrevistadas dos três grupos mencionaram os filhos, a família de origem, o trabalho, e Deus e a religião. As participantes dos grupos B e C enunciaram a saúde do casal e o lazer. E as entrevistadas dos grupos A e C expuseram a ajuda ao próximo. Houve subtemas que foram pronunciados apenas por um grupo de mulheres. Assim, citaram-se o aniversário da colega, os recursos tecnológicos (grupo A) e a díade (grupo B). Em seguida, inquiriu-se às mulheres a respeito do que seria necessário para que as aludidas pretensões fossem alcançadas. Elas mencionaram diversas ações e aspectos, que serão apresentados no pospositivo subtema.

AÇÕES E ASPECTOS NECESSÁRIOS PARA QUE AS EXPECTATIVAS FUTURAS PARA O CÔNJUGE SEJAM ALCANÇADAS

Vale destacar que algumas das atitudes declaradas pelas participantes, com vistas à concretização das expectativas vindouras acerca do cônjuge, já estão sendo praticadas por elas, pelos maridos ou pelo casal. As respostas das mulheres foram classificadas em cinco

subtemas: (a) relações interpessoais conjugais; (b) relações interpessoais familiares; (c) relações interpessoais com pessoas próximas e amigos; (d) não direcionados a uma relação interpessoal específica; e (e) a sociedade e o ambiente externo. A seguir, serão exibidas as ações e aspectos que envolveram as relações interpessoais conjugais.

Relações Interpessoais Conjugais. As relações interpessoais conjugais abordaram os atos e aspectos necessários para a realização das pretensões futuras sobre o esposo estendidas ao casal, sendo que, em diversos casos, as mulheres colocaram-se em uma posição de protagonismo. O referido subtema incluiu o diálogo (grupos A, B e C), o respeito, a atenção, a abdicção, os sentimentos, o carinho (grupos A e B), o companheirismo, o incentivo (grupos A e C), a saúde do casal (grupo B) e a ajuda mútua (grupo C).

O diálogo inseriu o acordo e a conversa de forma sutil, sem brigas nem cobranças. Das mulheres dos três grupos, Betina (36 anos) declarou a relevância de conversar com o esposo, sutilmente, sem colocá-lo como culpado. Alice (28 anos) expôs a necessidade de conversar com o parceiro, diversas vezes, sem brigas nem exigências. Aline (26 anos) disse que é indispensável manter o diálogo com o marido. E Clara (63 anos) citou o valor de o cônjuge prosseguir concordando, dialogando com ela. Vejam-se os seguintes exemplos:

É ... conversar sem briga, sem cobrança, sem nenhum tipo de acusação, sabe: “Ah! Você está fazendo isso”.
... mas, conversar de uma forma, assim, positiva e calma, nos momentos que a gente está calmo e explicar “olha, meu bem, você essa semana fez isso, eu achei que não foi bom, eu acho que você precisa se concentrar nisso aqui também” e repetindo a conversa, porque a conversa nunca é uma vez só. (Alice, 28 anos)

Eu acho que com a conversa a gente vai levando, só que ele tem um tipo de personalidade, assim ... se falar diretamente que ele está fazendo algo que não é necessário, que é errado, aí ele fica de cara fechada, então, tem que falar nas entrelinhas, não é? Ou falar de um jeito que chegue nele, é sem causar esse incômodo ... sem colocá-lo como culpado. (Betina, 36 anos)

“É ... ele continuar é concordando ... dialogando” (Clara, 63 anos).

Em conformidade com essas declarações, pessoas casadas explicaram que o diálogo sincero e não tecer acusações ao outro são essenciais para a reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019b). Ademais, o diálogo foi considerado um fator positivo para um bom convívio conjugal por uma jovem casada (Silva & Silva, 2020), e para a conservação dos casamentos por casais longevos (Alves-Silva et al., 2017). Por sua vez, universitários citaram a boa capacidade para ouvir como uma das características desejáveis em um parceiro amoroso (Altafim et al., 2009).

Outras ações e condições fundamentais para o alcance das pretensões futuras acerca do esposo também foram enunciadas por mulheres dos três grupos. Esse subtema agregou a paciência, a desculpa, a ausência de cobranças e a força. Adriana (23 anos) alegou que não se deve ficar importunando o marido. Bianca (50 anos) ressaltou que é essencial possuir forças para manter a escolha cotidiana de estar junto. E Cecília (66 anos) citou a importância de relevar e ter paciência com certas atitudes do cônjuge. Segundo as declarações das entrevistadas: *“Conseguir ter força para manter essa decisão ... que é o casamento, que é realmente uma decisão que você toma e que você tem que tomar ela todos os dias, eu vou permanecer”* (Bianca). *“Eu relevo, eu fecho os olhos e falo assim: ‘Ah, Jesus! Dê-me paciência’ eu falo isso”* (Cecília).

Indo ao encontro do relato de Cecília (66 anos), casais longevos citaram a tolerância como uma das razões para a conservação da união conjugal (Alves-Silva et al., 2017). E cônjuges enunciaram que relevam certas situações na relação como uma das estratégias para enfrentar o estresse (Mussumeci & Ponciano, 2018). Sobre a força e a decisão contínua de permanecer casada (Bianca, 50 anos), casais explicaram que o investimento permanente no relacionamento favorece o caráter vitalício da conjugalidade (Porreca, 2019). De sua parte, pessoas em casamentos de longa duração expuseram que a decisão de investir e trabalhar para

a continuidade do casamento está no cerne da vida conjugal (Albertoni & Lages, 2018) e que o esforço colabora para uma vida a dois mais estável e feliz (Costa & Mosmann, 2015).

As participantes dos grupos A e B expuseram o respeito, que envolveu o respeito recíproco e o respeito por parte da mulher. Assim, Bruna (43 anos) afirmou que é preciso que o casal permaneça se respeitando. Ariel (22 anos) destacou o respeito, especialmente de sua parte. Similarmente, Aline (26 anos) mencionou a significância de ela respeitar o esposo. Conforme elas aludiram: *“Ah! Da minha parte também, não é? ... de respeitar ele”* (Aline). *“Que nós continuemos nos respeitando”* (Bruna). Desse modo, cabe reiterar que o respeito mútuo foi citado como um recurso para a evitação e a solução dos conflitos entre o casal (Besoain et al., 2017), e como um fator que favorece a conservação dos casamentos longevos (Alves-Silva et al., 2017) e da afetividade entre os cônjuges (Carvalho et al., 2018).

No subtema atenção, as entrevistadas dos grupos A e B citaram a atenção mútua e a dedicação da esposa ao marido. Bruna (43 anos) frisou a importância de o casal manter a atenção recíproca. E Aline (26 anos) proferiu o valor da dedicação ao esposo. De acordo com as palavras delas: *“É tendo muita atenção um com outro”* (Bruna). *“Ser dedicada ... eu acho que o relacionamento é feito dos dois, não é? Não adianta somente ele se dedicar e eu não me dedicar, então, precisa que eu me dedique também a estar junto dele”* (Aline). No que toca a dedicação proferida por Aline, casais longevos enunciaram a dedicação como uma das razões para a manutenção da união conjugal e como um recurso para a solução dos conflitos (Alves-Silva et al., 2017). E pessoas em casamentos de longa duração esclareceram que a dedicação torna a conjugalidade mais sólida e feliz (Costa & Mosmann, 2015).

Ademais, as mulheres dos grupos A e B ressaltaram a abdicação por parte delas, que inseriu a anulação, a renúncia das vontades pessoais e do orgulho. Logo, Bianca (50 anos) explicou que, às vezes, é preciso abdicar dos anseios pessoais, negar-se. Bárbara (49 anos) alegou a necessidade de se anular para poder conviver. De sua parte, Analú (29 anos) expôs

que tem que deixar de ser orgulhosa e solicitar mais as coisas ao marido. Observem-se as respostas das entrevistadas: *É muito você, às vezes, negar-se mesmo, não é? Às vezes: 'Ah! Eu estou com vontade de fazer uma compra', mas você precisa parar e pensar: 'Não sou somente eu, não é? Somos dois' (Bianca). "Infelizmente, a gente acaba se anulando, você esposa, para você ter um convívio ... para não ter atritos ... você acaba se anulando, é ruim ... é péssimo" (Bárbara).*

Os relatos de Bianca (50 anos) e de Bárbara (49 anos) aproximam-se do modelo tradicional de casamento, segundo o qual a mulher não deve medir esforços para manter a união conjugal (Del Priore, 2014). Além disso, pessoas em casamentos longevos aclararam que a renúncia, o sacrifício e a doação estão no cerne de seus relacionamentos (Albertoni & Lages, 2018). E casais citaram que a renúncia coopera para a longevidade do casamento (Porreca, 2019). Por fim, a disposição para abdicar das vontades pessoais em prol da relação (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a) e ceder diante certas situações (Driver et al., 2016; Fonseca & Duarte, 2014) foram proferidos como estratégias para a solução dos conflitos conjugais.

Os sentimentos versaram sobre o amor e o querer. Das participantes dos grupos A e B, Bianca (50 anos) destacou que o querer é fundamental para manter a decisão diária de estar junto. Já Ariel (22 anos) sublinhou a pertinência do amor, especialmente de sua parte. Nas palavras de Ariel: *"O amor também que não pode faltar ... eu acho que da minha parte, assim, dele também, não é? Mas, por maior parte, assim, minha, não é?"*. Ante isso, vale reafirmar que o amor é a base dos casamentos (Del Priore, 2015; Ferry, 2013) e favorece a conservação da união conjugal (Alves-Silva et al., 2016; Emídio & Souza, 2019; Goulart et al., 2019; Manente, 2019).

Por fim, as mulheres dos grupos A e B ressaltaram o carinho, que representou o carinho da esposa com o marido, e a amorosidade do homem com a consorte. Destarte, Aline

(26 anos) disse que é essencial ser carinhosa com o esposo. E Bárbara (49 anos) frisou o valor de o cônjuge ser mais amável com ela. Notem-se as declarações das entrevistadas: *“Ser carinhosa com ele”* (Aline). *“Mais amável ... eu peço a Deus que ele melhore nisso aí ... bastante, para que tenha um convívio melhor também”* (Bárbara). Nesse sentido, casais de idosos explicaram que as demonstrações de afeto e de carinho concorrem para a conservação do casamento e para a autonomia deles (Silva et al., 2019).

As participantes dos grupos A e C enunciaram o companheirismo, que se estendeu à cumplicidade. Ariel (22 anos) enfatizou a relevância do companheirismo e da cumplicidade na relação, notadamente de sua parte. Ademais, Conceição (66 anos) afirmou ser basilar que o casal prossiga caminhando junto. Segundo elas aclararam: *“O companheirismo ... a cumplicidade ... no relacionamento ... maior parte ... minha, não é?”* (Ariel). *“Eu acho que tem que ser o caminhar junto, não é?”* (Conceição). Semelhante a isso, pessoas casadas alegaram que o companheirismo e a cumplicidade fazem parte do compromisso firmado na relação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a).

O incentivo incluiu a fixação de bilhetes e a valorização das características positivas do marido. Das mulheres dos grupos A e C, Alice (28 anos) destacou a pertinência de ela permanecer valorizando o bom humor e a alegria do esposo. Já Carolina (71 anos) relatou possuir a tática de fixar bilhetinhos pela casa para incentivar bons comportamentos e pensamentos por parte do cônjuge. Vejam-se as seguintes ilustrações: *“Eu acho que para ele continuar bem-humorado e alegre, eu acho que a gente tem que continuar valorizando essa característica dele ... o que a gente gosta, a gente tem que valorizar, não é?”* (Alice).

Eu tenho uma tática ... de botar tipo uns bilhetinhos ... a geladeira é cheia ... às vezes, eu acho um pensamento bonito, eu ponho que aí, eu sei que ... ele observa “é, já botou indireta para mim”, às vezes, ele fala assim. “Não, é eu achei bonito e coloquei aí”, tipo assim joga a sementinha para frutificar, não é?
(Carolina, 71 anos)

Dessa maneira, salienta-se que reconhecer as boas ações do outro é fundamental para a conservação dos casamentos longevos (Costa & Mosmann, 2015) e para a solução dos conflitos conjugais (Driver et al., 2016). Além disso, pessoas jovens casadas ou que estavam em uma relação amorosa estável disseram que as atitudes positivas em relação ao parceiro são essenciais para o bom convívio do casal (Ribeiro et al., 2015). E Walsh (2016a) ressaltou a relevância de recompensar os bons comportamentos dos membros da família, por meio da atenção e do reconhecimento, para uma convivência conjugal e familiar satisfatória.

Houve subtemas que foram pronunciados apenas por um grupo de participantes. No grupo B, Beatriz (54 anos) expôs a saúde do casal. Ela frisou a relevância de os cônjuges possuírem uma alimentação saudável e uma rotina de atividade física. De acordo com a declaração dela: *“A alimentação saudável e conseguir desenvolver uma rotina de atividade física ... É isso que a gente está implementando ... a parte da alimentação a gente ainda tem os escorregões ... a busca é exatamente essa, é uma alimentação saudável”*. Assemelhando-se a isso, mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho citaram a boa alimentação e a prática esportiva como formas de cuidar da saúde (Musarella & Discacciat, 2020). Além do mais, em um estudo realizado com idosas, constatou-se que a atividade física coopera para a qualidade de vida, a socialização, a autoestima e saúde física e mental das participantes (Santos et al., 2019).

No grupo das idosas, as mulheres proferiram a ajuda mútua, que inseriu o auxiliar o marido nos cuidados com a saúde dele. Assim, Clara (63 anos) e Conceição (66 anos) sublinharam o valor da ajuda recíproca. E Cíntia (68 anos) ressaltou a importância de ela ajudar o consorte a cuidar da saúde dele. Como ilustração, apresenta-se o relato de Cíntia: *“Acho que é o apoio da gente ... eu consegui colocá-lo junto comigo no meu plano, que é um plano simples ... mas, lá eu consigo cuidar do geral dele”*. Ante isso, cabe lembrar que casais

citaram ajudar o parceiro a ressignificar os ocorridos e apoiá-lo nas dificuldades, como recursos para lidar com o estresse (Mussumeci & Ponciano, 2018).

Dessa maneira, encerram-se as considerações sobre as ações e aspectos basilares para a concretização das pretensões futuras sobre o esposo pertinentes às relações conjugais. O ulterior subtema tratará das atitudes e condições referentes às relações interpessoais familiares.

Relações Interpessoais Familiares. As relações interpessoais familiares reuniram a família nuclear (grupo A), os filhos (grupos A, B, C) e a família de origem (paciência e carinho, grupo B). Destarte, a família nuclear correspondeu a outras ações e aspectos, como o amor e o suporte, e foi citada por Amanda (29 anos). Ela enfatizou a importância de o marido prosseguir olhando para ela e o filho com um olhar de amor e suporte. Notem-se as palavras dela: *“Que ele nunca deixe de olhar para mim e para Felipe é com olhar de amor e com o olhar também de suporte”*.

Em conformidade com isso, homens em casamentos longevos expuseram que as suas respectivas esposas são o alicerce da família (Oliveira et al., 2020). Jovens proferiram que o apoio familiar é essencial para a qualidade de vida (Pereira et al., 2019). Por sua vez, universitários portugueses alegaram que uma das funções familiares é ser fonte de apoio, assim como associaram o amor à família (Fernandes et al., 2018).

O subtema filhos representou outras atitudes e condições, como a proximidade e o carinho paterno, e a autonomia da prole. Das mulheres dos três grupos, Bárbara (49 anos) disse que o esposo necessita se aproximar e ser mais carinhoso com a filha. Célia (61 anos) expôs que as filhas precisam tornar-se independentes. E Alana (30 anos) alegou ser imprescindível que as crianças cresçam. Como exemplo, destaca-se o relato de Célia: *“As meninas, elas tendo a independência delas, não vai precisar de mais nada. É o suficiente”*.

De tal modo, casais aposentados explicaram que a independência financeira dos filhos cooperou para decisão pela aposentadoria (Antunes et al., 2018).

No que tange à família de origem, as participantes do grupo B enunciaram a paciência. Logo, Bárbara (49 anos) frisou que o cônjuge precisa ser mais paciente com a mãe dele. De sua parte, Beibiane (36 anos) mencionou a influência dos familiares do esposo, que possuem escassa paciência. No grupo B ainda, Bárbara declarou o valor do carinho, que se estendeu à amorosidade. Ela alegou ser fundamental que o marido seja mais carinhoso e amável com a irmã e a mãe dele. Note-se o depoimento de Bárbara:

Ele precisa ter mais paciência ... com a mãe dele ... não tem um pingão de carinho com a irmã dele ... eu falo muito com ele: “Você pode amanhã ou depois perder a sua mãe, aí você vai sentir muita falta” ... “vê com a sua mãe ... esse tempo que você tem de vida, que elas têm com você ... seja mais carinhoso, mais amável”.

Por fim, as mulheres dos grupos B e C expuseram outras ações e condições necessárias envolvendo os parentes, como a proximidade e a educação. Bárbara (49 anos) mencionou o valor de o esposo ser mais próximo da mãe e da irmã dele. E Cláudia (70 anos) expôs a interferência favorável da educação que o cônjuge recebeu da família dele. Segundo as palavras de Cláudia:

Eu acho que isso foi um pouco ... ensinamento, não é? De família. ... a criação ... recebeu muito da família, isso ele sempre fala: “O que a gente é, a gente deve ... àqueles que nos ensinaram” ... eu acho que ... já veio da família ... dele.

Exposto isso, o seguinte subtema tratará dos atos e aspectos essenciais para o alcance das expectativas futuras acerca do parceiro concernentes às relações interpessoais com pessoas próximas e amigos.

Relações Interpessoais com Pessoas Próximas e Amigos. O referido subtema representou os amigos (grupo C), e as outras ações e aspectos fundamentais para a concretização dos anseios vindouros sobre o cônjuge (grupos A, B e C). Desse modo, as

idosas proferiam os amigos, que abordou o estabelecimento de novas amizades e o diálogo. Carol (66 anos) destacou ser valoroso que o esposo faça amizades no trabalho voluntário. Já Creuza (72 anos) expôs que seria basilar que houvesse amigos do marido, que pensassem conforme ela, que conversassem com ele. Note-se o depoimento de Creuza: *“O necessário seria que tivessem pessoas que pensassem igual a mim ... que conversassem com ele, talvez, se aparecessem os próprios amigos dele do bar, que tivessem uma visão bem parecida com a minha, isso ia”*. Nesse sentido, jovens portugueses alegaram que as amizades influenciam as suas expectativas acerca da vida conjugal (Ferreira, 2017).

Ademais, as participantes dos três grupos pronunciaram outras atitudes e condições relacionadas a outrem. Tais fatores versaram sobre o ouvir, a iniciativa, os elogios e a satisfação pessoal. Antônia (26 anos) alegou que o marido precisa compreender que não pode ficar esperando somente pelos outros. Creuza (72 anos) mencionou que o esposo precisa escutar as pessoas. Por fim, Beibiane (36 anos) frisou o valor do incentivo recebido pelo cônjuge quando ele é elogiado por terceiros e/ou se sente bem ao realizar ações para os outros. De acordo com a declaração de Beibiane:

Eu acho que o que contribui é de alguma forma o ganho que se tem com isso, não é? O reforço, mesmo que seja um reforço indireto, mas assim, ele se sente bem quando ele é simpático com as pessoas, ele se sente bem quando faz uma ação para o outro.

A seguir, serão apresentadas as ações e os aspectos não direcionados a uma relação interpessoal específica.

Não Direcionados a uma Relação Interpessoal Específica. Esse subtema tratou dos atos e das condições mais circunscritos ao esposo. Dessa maneira, as mulheres dos três grupos citaram a saúde do cônjuge, que versou sobre os cuidados com a saúde física e mental. Tais cuidados incluíram a alimentação saudável, a prática de exercícios físicos, o acompanhamento médico e psicológico. No que tange à saúde mental, Brígida (49 anos) expressou a

necessidade de o marido aceitar fazer terapia. E Antônia (26 anos) destacou o valor de o parceiro retornar ao acompanhamento psicológico.

O zelo com a saúde física também foi citado. Destarte, Brenda (51 anos), Bethânia (41 anos), Bella (44 anos), Carol (66 anos) e Camila (78 anos) salientaram a relevância de o consorte realizar atividades físicas. Brenda e Camila frisaram a importância de o cônjuge seguir as orientações médicas, sendo que Brenda ainda sublinhou que o homem precisa cuidar da alimentação. Por fim, Beatriz (54 anos) alegou que o marido precisa ter saúde. Os seguintes relatos ilustram esse subtema: *“É ele voltar a fazer o acompanhamento psicológico que ele fez durante um período, mas acabou parando”* (Antônia, 26 anos). *“Que ele se cuide, que ele é faça dieta, que ele tem que fazer, que ele tome os medicamentos, que ele tenha que tomar, que faça caminhada, que ele tem que fazer, então, depende muito dele também, não é?”* (Brenda). *“Se cuidar, fazer atividade física”* (Carol).

Indo ao encontro desse subtema, mulheres argentinas com uma dupla jornada de trabalho citaram a realização de exames de rotina e a psicoterapia como maneiras de cuidar da saúde (Musarella & Discacciat, 2020). Docentes mencionaram a psicoterapia, as atividades e os exercícios físicos como recursos contra o sofrimento no trabalho (Vivian et al., 2019). Ademais, mulheres explicaram que as boas condições físicas e de saúde são essenciais para a interação entre elas e os seus netos (Zanatta & Arpini, 2017).

Outras ações e aspectos essenciais para a concretização das expectativas futuras foram aludidos por mulheres dos grupos B e C e referiram-se à paciência, ao envelhecimento e à disposição. Assim, Catarina (66 anos) disse que o marido carece ter paciência para entender que está envelhecendo. E Beatriz (54 anos) proferiu o valor de o esposo possuir disposição/ânimo para realizar as coisas. Exposto isso, o próximo subtema tratará das atitudes e condições atinentes à sociedade e ao ambiente externo.

A Sociedade e o Ambiente Externo. Além do mais, as mulheres enunciaram ações e aspectos necessários para a concretização das expectativas futuras acerca do marido atinentes à sociedade e ao ambiente externo. Tais condições envolveram Deus e a religião (grupos A, B e C), o trabalho (grupos A e B), o lazer (grupos B e C) e os recursos tecnológicos (grupo A). O subtema Deus e a religião inseriu a presença e ação divina na vida do casal ou do cônjuge, a valorização do âmbito religioso, a fé, o silêncio, a oração e o investimento espiritual.

Das mulheres dos três grupos, Amanda (29 anos) explicou que é preciso ter fé e colocar Deus em primeiro lugar na vida conjugal. Brígida (49 anos) aclarou que está orando e ficando em silêncio para que Deus opere em seu casamento. Brenda (51 anos) mencionou ser necessário que Deus esteja presente na vida do consorte, fornecendo força e coragem a ele. De sua parte, Bella (44 anos) esclareceu que o marido está investindo na espiritualidade. E Creuza (72 anos) sublinhou a relevância de o esposo compreender que o ambiente bom é o social/religioso. Os pospositivos relatos ilustram esse subtema:

“Fé. ... a gente precisa sempre estar se apegando muito a Deus, é sempre colocando Deus em primeiro lugar na nossa vida” (Amanda, 29 anos). *“Ele está investindo muito nessa questão espiritual ... ele ouve muitas pregações que falam muito de cuidados pessoais, de espiritualidade, ele é uma pessoa que tem uma conexão muito grande com Deus, isso ajuda bastante”* (Bella, 44 anos). *“Eu estou mais no calar ... e na oração ... eu aprendi no encontro ... de espiritualidade ... na comunidade água viva ... que a gente, muitas vezes, ... tem que calar para Deus dá a resposta ... para que Deus aja sem a gente agir”* (Brígida, 49 anos).

Diante desses relatos, salienta-se que a oração (Fonseca & Duarte, 2014) e a religiosidade foram citadas como recursos para a solução dos conflitos conjugais (Alves-Silva et al., 2017). Pessoas casadas explicaram que a oração, a leitura da palavra, a participação em pastorais, seminários para casais e encontros com lideranças religiosas favoreceram o processo de reconciliação conjugal (Limeira & Féres-Carneiro, 2019a). Walsh (2016c)

aclarou que a fé, a oração e o engajamento em instituições religiosas são essenciais para a resiliência familiar. O autor ainda expôs que considerar a religião como o aspecto mais relevante da vida contribui para o sentimento de proximidade com a família, a satisfação com o trabalho e as expectativas sobre o futuro (Walsh, 2016d).

Além disso, docentes alegaram que empregam a religiosidade e/ou a espiritualidade como estratégias contra o sofrimento no trabalho (Vivian et al., 2019). E Gato et al. (2018) constataram que a inserção em grupos de igreja, como liturgia, coral, orações e carismática concorre para a saúde mental e a qualidade de vida de idosos.

O trabalho foi proferido por entrevistadas dos grupos A e B e abrangeu diversas ações e aspectos, como os compromissos de labor, o trabalho autônomo e o doméstico, a reforma da casa, o recurso financeiro, o desenvolvimento de novas habilidades profissionais, a aceitação do projeto, o estabelecimento de parcerias, o estresse e o estilo de vida agitado, o sustento do lar, a escolha profissional, a oportunidade de emprego, a não sobrecarga de labor e os estudos.

Destarte, Berenice (40 anos) afirmou ser preciso reformar a parte exterior da residência, e o esposo cessar de trabalhar como empregado. Antônia (26 anos) ressaltou que é essencial que o cônjuge compreenda que ele é capaz de empreender, de investir na roça dele. Bernadete (54 anos) aclarou que o marido carece da aprovação do projeto, da parceria com a prefeitura e órgãos afins, e de recurso financeiro. Bella (44 anos) explicou que o consorte está envolvido na área de finanças e estudando economia sustentável. Por sua vez, Alessandra (21 anos) mencionou a necessidade de o parceiro concluir o curso técnico, e da empresa fornecer a possibilidade de trabalho a ele. E Andressa (30 anos) alegou ser crucial que o esposo faça uma escolha profissional que seja do desejo dele.

A não sobrecarga de trabalho, os compromissos de labuta, o sustento do lar, o trabalho doméstico, o estresse e o estilo de vida tumultuado também foram elencados. Bethânia (41 anos) ressaltou a importância de o cônjuge reduzir a quantidade de trabalho. Bella (44 anos)

expôs que o consorte não deve assumir cargo de chefia, pois sobrecarrega bastante. Bruna (43 anos) disse que o casal não pode permitir que os compromissos diários de trabalho afetem o relacionamento. Beibiane (36 anos) destacou a provável influência do estresse, especialmente ocasionado pelo trabalho, e do modo de vida muito agitado do casal na conjugalidade. De sua parte, Ana (20 anos) frisou a necessidade de o esposo dar o melhor de si em prol do sustento do lar. Por fim, Adriana (23 anos) aclarou a importância de valorizar as ações positivas do marido, como a realização de serviços domésticos. Notem-se os seguintes exemplos:

“Que procure algo melhor para sustentar a casa, que sempre tenha essa preocupação, de tipo assim: ‘Eu tenho que dar o melhor ... eu tenho que trabalhar, que eu tenho uma família para sustentar’” (Ana, 20 anos). *“Eu acho que o estresse ... principalmente do trabalho, então, eu acho que isso contribui, é o próprio estilo de vida, não é? O nosso ainda muito agitado”* (Beibiane, 35 anos).

Entre as respostas das entrevistadas, destaca-se o estresse laboral (Beibiane, 35 anos), a importância de um menor ritmo de serviço (Bella, 44 anos; Bethânia, 41 anos) e da não interferência do trabalho na conjugalidade (Bruna, 43 anos). Aproximando-se disso, trabalhadoras industriais expuseram que o estresse pode prejudicar a saúde do trabalhador e cooperar para o conflito trabalho/família (Vilela & Lourenço, 2018). Ademais, constatou-se que a rotina cansativa, a sobrecarga de labor (Feijão & Moraes, 2018) e a vida profissional (Fonseca & Duarte, 2014) podem motivar os desentendimentos conjugais.

Sobre a função de o marido prover financeiramente o lar (Ana, 20 anos), uma jovem esposa conferiu ao consorte o papel de sustentar economicamente a família (Silva & Silva, 2020). Mulheres citaram a relevância de ter um esposo provedor do lar como a razão para a conservação do casamento (Volz et al., 2020). E idosas argentinas atribuíram maior ênfase à assistência financeira que os homens, como uma das funções do relacionamento amoroso na velhice (Arias & Polizzi, 2013). De sua parte, Adriana (23 anos) disse que o cônjuge realiza

serviços domésticos. Assim, reitera-se que a maior participação do homem nas tarefas da casa provavelmente beneficia a qualidade da relação conjugal e da coparentalidade (Fidelis et al., 2017). Além disso, o apoio do esposo nos cuidados da residência pode tornar a rotina da mulher mais branda e, dessa forma, reduzir a possibilidade da ocorrência de conflitos trabalho/família (Vilela & Lourenço, 2018).

Para mais, o lazer foi citado por mulheres dos grupos B e C e contemplou as férias, a redução do estresse e o instrumento musical. Assim, Carol (66 anos) expôs a necessidade de o esposo buscar um lazer. Bethânia (41 anos) mencionou que o casal precisa manter os momentos de férias e lazer, bem como o cônjuge entender que esses instantes são fundamentais para ele e a relação, visto que reduzem o estresse. Já Bella (44 anos) esclareceu que o parceiro planeja aprender a tocar violino. Conforme as entrevistadas enunciaram:

É isso, ele de férias, outra pessoa. ... quando a gente tirou férias, ele ficou super bem ... quando a gente vai viajar, ele fica super-relex, quando a gente vai para a praia, passa um dia na praia, ele fica muito bem, então, a gente manter essas coisas, não é? E ele entender o quanto que isso é importante para ele e para a nossa relação também. (Bethânia, 41 anos)

“Procurar um lazer porque ... depois que você aposenta, você não pode ficar dentro de quatro paredes sem fazer nada” (Carol, 66 anos).

Indo ao encontro desse subtema, casais citaram ir à praia como uma das estratégias para enfrentar o estresse (Mussumeci & Ponciano, 2018). Roberto et al. (2020) constataram que o lazer em família promove diversos aspectos e situações favoráveis para um bom convívio familiar. Docentes proferiram as atividades de lazer, como os passeios e as viagens, como recursos contra o sofrimento laboral (Vivian et al., 2019). Mulheres argentinas com uma dupla jornada de serviço disseram que o lazer e o descanso são formas de cuidar da saúde (Musarella & Discacciat, 2020). Profissionais autônomos deram por entender que o lazer e as demais atividades sociais dissociadas do trabalho podem gerar a satisfação com a vida e,

assim, cooperar para a saúde do trabalhador e a diminuição dos comportamentos adictos ao trabalho (Zardo & Carlotto, 2020). Por sua vez, Santos et al. (2019) observaram que o lazer beneficia a qualidade de vida, a socialização, a autoestima e a saúde física e mental de idosas.

Encerrando, destaca-se que os recursos tecnológicos foram enunciados por Analú (29 anos). Ela enfatizou a pertinência de intervir quando o uso excessivo de tecnologia está prejudicando as necessidades básicas do marido, e de ele compreender isso.

Ações e Aspectos Necessários Para que as Expectativas Futuras Para o Cônjuge Sejam Alcançadas: Síntese. No que tange às ações e aspectos essenciais para que as pretensões futuras sobre o esposo sejam alcançadas, com base na diversidade de subtemas, constataram-se mais diferenças que semelhanças entre as respostas das mulheres. Desse modo, as participantes dos três grupos aludiram à saúde do cônjuge, ao diálogo, aos filhos e Deus e à religião. As entrevistadas dos grupos A e B proferiram o respeito, a atenção, a dedicação, os sentimentos, o carinho e o trabalho.

Por sua vez, o lazer foi citado por mulheres dos grupos B e C, e o companheirismo e o incentivo pronunciados por participantes dos grupos A e C. Sobre os subtemas que foram referidos apenas por um grupo de entrevistadas, as mulheres do grupo A expuseram a família nuclear e os recursos tecnológicos. No grupo B, mencionou-se a saúde do casal, o carinho com os familiares, e a paciência relacionada à família de origem. Por fim, as idosas destacaram a ajuda mútua e os amigos. Exposto isso, a seguir, será apresentada a síntese dos três capítulos que compuseram a descrição e a discussão dos resultados desta tese.

5. 5 ACONTECIMENTOS E ASPECTOS MARCANTES, EXPECTATIVAS ATUAIS E FUTURAS PARA A CONJUGALIDADE E O ESPOSO: SÍNTESE

Os capítulos que integraram que a descrição e a discussão dos resultados desta tese inseriram vários temas e subtemas, conforme exposto na Tabela 2.

Tabela 2

Acontecimentos e Aspectos Marcantes, Expectativas Atuais e Futuras Para a Conjugalidade e o Esposo

Temas	Subtemas
Acontecimentos Marcantes da Conjugalidade	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Companheirismo (A, B, C)
	Sentimentos (A, B, C)
	Diálogo (B, C)
	Maturidade (B, C)
	Paciência (B, C)
	Outros aspectos (B, C)
	União (A)
	Apoio mútuo (B)
	Convívio conjugal (C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Família de origem
	Outros aspectos (A, B, C)
	Filhos
	Nascimento do(s) filho(s) (A, B, C)
Outros aspectos (A, B, C)	
<i>A sociedade e o ambiente externo</i>	
Conquistas materiais e acadêmicas (A, B)	
Dificuldades vividas no relacionamento (A, C)	
Datas comemorativas (A, C)	
Deus e religião (C)	
Características Mais Salientes do Cônjuge	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Companheirismo (A, B, C)
	Admiração (A, B, C)
	Outras características (A, B)
	Preocupação (C)
	Fidelidade (C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Família nuclear
	Preocupação (A, B, C)
	Valorização da família (A, B)
	Família de origem
	Outras características (A, B, C)
	Filhos e netos
	Cuidado (A, B, C)

Bondade (A, C)
 Carinho (B, C)
 Impaciência (B, C)
 Preocupação (C)

Relações interpessoais com pessoas próximas e amigos

Sociabilidade (A, B, C)
 Bondade (A, C)
 Outras características (B, C)
 Intolerância (B)

Não direcionadas a uma relação interpessoal específica

Honestidade (A, B, C)
 Paciência (A, B, C)
 Bondade (A, B, C)
 Extroversão (A, B, C)
 Austeridade (A, B, C)
 Outras características (A, B, C)
 Carinho (A, B)
 Educação (A, B)
 Atenção (A, C)
 Ausência de vícios (B, C)
 Teimosia (B, C)
 Coragem (B)

A sociedade e o ambiente externo

Trabalho (A, B, C)
 Gosto pela vida social (B, C)
 Otimismo em relação ao mundo (A)
 Recursos tecnológicos (A)
 Religião (C)

Relações interpessoais conjugais

Companheirismo (A, B, C)
 Conviver e envelhecer junto (A, B, C)
 Respeito mútuo (A, B, C)
 Diálogo (A, B, C)
 Outras expectativas (A, B, C)
 Honestidade (A, B)
 União (A, C)
 Felicidade e diversão (B, C)
 Compreensão mútua (B, C)
 Apoio mútuo (B, C)
 Paciência (B, C)
 Saúde do casal (B, C)
 Cuidado mútuo (C)

Relações interpessoais com os filhos

Cuidado (A, B)
 Gerar mais filhos (A)
 Outras expectativas (A, B)

A sociedade e o Ambiente Externo

Trabalho (A, B)

**Expectativas
 atuais para a
 conjugalidade**

	Deus (A, C)
	Outras expectativas (A)
Narrativas sobre as expectativas atuais para a conjugalidade	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Díade (A, B, C)
	Saúde do casal (C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Filhos e netos (A, B, C)
	Família de origem (A, B, C)
	<i>Relações interpessoais com os amigos</i>
	Amigos (B, C)
	<i>A sociedade e o ambiente externo</i>
	Trabalho (A, B, C)
	Lazer (A, B, C)
	Deus e religião (A, B, C)
	Violência urbana (A, C)
	Recursos tecnológicos (B, C)
	Cerimônia de casamento (A)
	Mudança de cidade (B)
	Expectativas Atuais Para o Cônjuge
Companheirismo (A, B, C)	
Permanecer e envelhecer junto (A, B, C)	
Manutenção dos momentos a dois (A, B)	
Carinho (A, B)	
Outras expectativas (A, B)	
Compreensão mútua (B, C)	
Ajuda mútua (B, C)	
Saúde do casal (B)	
Confiança (B)	
Paciência (C)	
<i>Relações interpessoais familiares</i>	
Família nuclear	
Preocupação (A, C)	
Outras expectativas (A, C)	
Filhos	
Paciência (A, B)	
Cuidado (B, C)	
Outras expectativas (C)	
Família de origem	
Distanciamento dos familiares (B, C)	
<i>Não direcionadas a uma relação interpessoal específica</i>	
Carinho (A, B)	
Simpatia (A, B)	
Outras expectativas (A, B)	
Paciência (A, C)	
Honestidade (B)	
Saúde do cônjuge (B)	
<i>A sociedade e o ambiente externo</i>	
Lazer (A, B, C)	
Trabalho (A, B)	

	Religião (B, C)
Narrativas Sobre as Expectativas Atuais Para o Cônjuge	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Díade (A, B, C)
	Saúde do casal (B, C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Filhos e netos (A, B, C)
	Família de origem (A, C)
	<i>Relações interpessoais com pessoas próximas</i>
	Ajudar ao próximo (C)
	<i>A sociedade e o ambiente externo</i>
	Trabalho (A, B, C)
	Recursos tecnológicos (A, C)
	Deus e a Religião (B, C)
	Lazer (B, C)
Mudança de cidade (B)	
Expectativas futuras para a conjugabilidade	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Conviver e envelhecer junto (A, B, C)
	Sentimentos (A, B, C)
	Tranquilidade (A, B, C)
	Compreensão mútua (A, B)
	Outras expectativas (A, B)
	Saúde do casal (B, C)
	Companheirismo (B, C)
	Respeito mútuo (B, C)
	União (B)
	Sexualidade (B)
	Cuidado mútuo (C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Filhos
	Educação (A, B, C)
	Gerar mais filhos (A, B)
	Crescimento (A, B)
	Preocupação (B, C)
	Outras expectativas (A, B, C)
	Família em geral
Outras expectativas (A, B)	
<i>A sociedade e o ambiente externo</i>	
Trabalho (A, B, C)	
Lazer (A, B, C)	
Morar em outro país/cidade (A, B, C)	
Deus e religião (B, C)	
Casamento no civil (A)	
Narrativas sobre	<i>Relações interpessoais conjugais</i>
	Díade (B, C)
	Saúde do casal (C)
	<i>Relações interpessoais familiares</i>
	Filhos e netos (A, B, C)
	Família de origem (A, B)
	<i>Relações interpessoais com os amigos e de pessoas próximas</i>

<p>as expectativas futuras para a conjugalidade</p>	<p>Amigos (A, B, C) Relacionamento de outros casais (A) Saúde de pessoas próximas (C) <i>A sociedade e o ambiente externo</i> Trabalho (A, B, C) Lazer (A, B, C) Morar em outro país/cidade (A, B, C) Deus e religião (A, B, C) Recursos tecnológicos (A, B, C) Datas comemorativas (B, C) Supermercado (B)</p>
<p>Ações e aspectos necessários para que as expectativas futuras para a conjugalidade sejam alcançadas</p>	<p><i>Relações interpessoais conjugais</i> Respeito (A, B, C) Compreensão (A, B, C) Diálogo (A, B, C) Paciência (A, B, C) Carinho (A, B, C) Outras ações e aspectos (A, B, C) Companheirismo (A, B) Saúde do casal (B, C) Cuidado mútuo (B, C) Sentimentos (B, C) Ajuda mútua (B) <i>Relações interpessoais familiares</i> Família em geral Outras ações e aspectos (B, C) Filhos Outras ações e aspectos (B, C) Família de origem Distanciamento dos familiares (B) <i>Relações interpessoais com pessoas próximas e amigos</i> Outras ações e aspectos (B) <i>A sociedade e o ambiente externo</i> Deus e religião (A, B, C) Trabalho (A, B) Tempo cronológico (A, B) Lazer (B, C) Recursos tecnológicos (A)</p>
	<p><i>Relações interpessoais conjugais</i> Permanecer e envelhecer junto (A, B, C) Determinação (A, B) Admiração (A, C) Outras expectativas (A, C) Saúde do casal (B, C) Ajuda mútua (B, C) Sentimentos (C) <i>Relações interpessoais familiares</i> Família nuclear Dedicção (A)</p>

<p>Expectativas futuras para o cônjuge</p>	<p>Filhos Outras expectativas (A, C) Família de origem Distanciamento dos familiares (C) <i>Relações interpessoais com pessoas próximas e amigos</i> Empatia (B, C) Outras expectativas (A, C) <i>Não direcionadas a uma relação interpessoal específica</i> Paciência (A, B, C) Carinho (A, B) Honestidade (A, B) Simpatia (A, B) Outras expectativas (A, B) Atenção (A, C) Saúde do cônjuge (B, C) Maturidade (A) <i>A sociedade e o ambiente externo</i> Trabalho (A, B, C) Os recursos tecnológicos (A, B) Religião (A, C) Firmeza (A)</p>
<p>Narrativas sobre as expectativas futuras para o cônjuge</p>	<p><i>Relações interpessoais conjugais</i> Díade (C) Saúde do casal (B, C) <i>Relações interpessoais familiares</i> Filhos (A, B, C) Família de origem (A, B, C) <i>Relações interpessoais com pessoas próximas</i> Ajuda ao próximo (A, C) Aniversário da colega (A) <i>A sociedade e o ambiente externo</i> Trabalho (A, B, C) Deus e a religião (A, B, C) Lazer (B, C) Recursos tecnológicos (A)</p>
<p>Ações e aspectos necessários para que as expectativas futuras para o cônjuge sejam alcançadas</p>	<p><i>Relações interpessoais conjugais</i> Diálogo (A, B, C) Outras expectativas (A, B, C) Respeito (A, B) Atenção (A, B) Abdicação (A, B) Sentimentos (A, B) Carinho (A, B) Companheirismo (A, C) Incentivo (A, C) Saúde do casal (B) Ajuda mútua (C) <i>Relações interpessoais familiares</i></p>

Família nuclear

Outras ações e aspectos (A)

Filhos

Outras ações e aspectos (A, B, C)

Família de origem

Paciência (B)

Carinho (B)

Outras ações e aspectos (B, C)

14.3 Relações interpessoais com pessoas próximas e amigos

Outras ações e aspectos (A, B, C)

Amigos (C)

14.4 Não direcionados a uma relação interpessoal específica

Saúde do cônjuge (A, B, C)

Outras ações e aspectos (B, C)

14.5 A sociedade e o ambiente externo

Deus e a religião (A, B, C)

Trabalho (B, A)

Lazer (B, C)

Recursos tecnológicos (A)

Com a exceção dos subtemas que trataram das narrativas atinentes às expectativas atuais e futuras para a vida conjugal, identificaram-se mais diferenças que semelhanças entre as declarações das mulheres dos três grupos. Destaca-se que boa parte dos acontecimentos marcantes da conjugalidade e das características mais salientes do parceiro amoroso foi citada nas pretensões atuais e futuras para o casal e o esposo.

Acerca dos fatos memoráveis da vida a dois, o companheirismo, o diálogo, a união, o respeito, Deus, e Deus e a religião foram declarados nos anseios presentes e pósteros para o casal. A paciência, o apoio mútuo e a felicidade foram mencionados nas pretensões atuais. E os sentimentos e a maturidade foram aludidos nas ambições vindouras concernentes à conjugalidade. Sobre os aspectos mais evidentes do marido, o companheirismo, o carinho, a paciência, a simpatia, a honestidade, o trabalho e a religião foram proferidos nas aspirações atuais e futuras. Nas perspectivas presentes, as mulheres enunciaram a preocupação com o bem-estar da família nuclear, a impaciência com a progênie e a não divisão dos cuidados dos filhos. Por fim, nos anseios vindouros, elas expuseram a admiração, o amor, o predado de

ser um bom pai, os recursos tecnológicos e a dificuldade em aceitar os outros da maneira que eles são.

Desse modo, nota-se o desejo pela conservação na conjugalidade de qualidades do esposo e de aspectos positivos para a relação. Além disso, anela-se pela mudança de condições desfavoráveis ao casal, como a falta de paciência do homem com os descendentes, o não compartilhamento com a mulher dos cuidados das crianças, o vício em tecnologia e a dificuldade em aceitar o próximo.

Várias características e condições enunciadas nas pretensões atuais e futuras para a conjugalidade e o marido foram identificadas nos episódios relatados pelas participantes, o que permitiu observar a influência desses aspectos na dinâmica conjugal. Acerca da vida a dois, o diálogo, o cuidado, a compreensão, a harmonia, o apoio mútuo, o respeito, a ausência/diminuição de brigas, a participação ou não do esposo nos cuidados dos filhos, o trabalho, a tranquilidade e a sinceridade foram notados nas narrações concernentes às aspirações presentes. Nas histórias sobre as ambições vindouras, constataram-se, no discurso das mulheres, o diálogo, a compreensão, o companheirismo, o cuidado mútuo, os sentimentos/amor, a maturidade, a confiança, o trabalho, o lazer, Deus e a religião, o desejo por ter mais filhos, a falta de paciência com os netos, a educação da progênie e a preocupação com os filhos.

No que se trata do marido, nos episódios referentes às expectativas atuais, as entrevistadas mencionaram a confiança, o diálogo, a saúde do casal, o respeito, a escassa paciência com os filhos, o cuidado dos filhos, a ajuda e a compreensão mútua, a religião, a paciência/tranquilidade, o trabalho e o lazer. E, nas descrições sobre as aspirações pósteras, elas proferiram a saúde dos consortes e do cônjuge, o exemplo familiar para os filhos, a ajuda recíproca, o companheirismo, o trabalho/estabilidade financeira, a empatia, a religião, os sentimentos e os recursos tecnológicos.

Sublinha-se que o diálogo foi o aspecto mais aludido nas narrativas acerca das pretensões atuais e futuras para a conjugalidade e nos episódios referentes às ambições presentes para o cônjuge. Tal fato pode indicar um avanço nas relações amorosas, pois, em meados do século XX, as mulheres não possuíam a liberdade para dialogar com os seus esposos (Del Priore, 2014). Além do mais, a contribuição do diálogo para a vida do casal foi identificada em diversos estudos (Alves-Silva et al., 2016, 2017; Campos et al., 2017; Costa et al., 2017; Emídio & Souza, 2019; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Luz & Mosmann, 2018; Mussumeci & Ponciano, 2018; Oliveira & Sei, 2018; Ozório et al., 2017; Silva et al., 2019).

Frisa-se também que, ao longo dos temas, observaram-se na conjugalidade das entrevistadas características do modelo tradicional de casamento e certa tendência à igualdade dos papéis entre homens e mulheres na relação. Nesse sentido, identificou-se a divisão tradicional dos afazeres domésticos (Ana, 20 anos; Berenice, 40 anos; Camila, 78 anos; Carolina, 71 anos) e o compartilhamento desses serviços entre os consortes (Alice, 28 anos; Antônia, 26 anos; Ariel, 22 anos; Bethânia, 41 anos; Conceição, 66 anos; Creuza, 72 anos). Sobre os cuidados dos filhos, constatou-se que os cônjuges dividem essa função (Adriana, 23 anos; Alice, 28 anos; Antônia, 26 anos; Bella, 44 anos). Por outro lado, notou-se a maior responsabilidade da mulher pelos cuidados da prole (Analú, 29 anos; Bernadete, 54 anos; Betina, 36 anos; Carol, 66 anos). Ademais, Carol expôs que o marido não possui paciência com os netos, porque nunca cuidou dos filhos.

De sua parte, Betina (36 anos) salientou que o esposo acompanha os estudos do filho indiretamente. Cecília (66 anos), Celeste (60 anos) e Conceição (66 anos) aclararam que a função de educar os filhos sempre foi especialmente delas. Celeste ainda disse que vive em favor da família. Bárbara (49 anos) explicou que conservou o seu casamento em prol dos filhos. Além disso, Bárbara e Bianca (50 anos) alegaram que abdicam de certas coisas,

visando ao bom convívio conjugal. Andressa (30 anos) mencionou que foi educada para ser dona de casa. E Ana (20 anos) descreveu que sonha em ser do lar e espera que o marido provenha financeiramente à família.

Para mais, viu-se que Clara (63 anos) se adequa e Catarina (66 anos) busca se adaptar ao gosto dos cônjuges por viagens. Por fim, pontua-se que a maioria das participantes desempenha ou já desempenhou o trabalho formal e que boa parte delas valoriza a qualidade de o cônjuge ser trabalhador. Esses resultados sugerem que, desde os anos de 1970, o modelo tradicional de papéis entre homens e mulheres coexiste com um modo de relação amorosa que tende para a igualdade de funções os sexos. Nesse contexto, conforme se notou na literatura, cada par amoroso provavelmente desenvolve uma maneira particular de se relacionar como casal, que pode ser influenciada por valores tradicionais e concepções mais igualitárias de relacionamento (Amorim & Stengel, 2014). Vale frisar que tal construção pode gerar conflitos entre os cônjuges e demandar deles a elaboração de estratégias, com vistas à organização do cotidiano e da dinâmica conjugal.

Além disso, houve subtemas que foram recorrentes nos grupos de temas. Desse modo, no que toca à progênie, nos acontecimentos marcantes da conjugalidade, as mulheres mencionaram a natividade dos filhos (grupos A, B e C). Nos aspectos mais salientes do consorte, elas citaram a impaciência (grupo B e C) e a preocupação com os filhos e os netos (grupo C), a não divisão dos cuidados da prole (grupos A, B e C), a bondade (grupos A e C) e o carinho (grupos B e C) com os filhos. A participação do esposo nos cuidados dos filhos (grupos A e B) e o desejo por ter mais filhos (grupo A) foram proferidos nas expectativas atuais para a vida conjugal. A paciência com a progênie (grupos A e B) e a colaboração do homem nos cuidados dos filhos (grupos B e C) foram aludidas nos anseios presentes para o marido. Ademais, as entrevistadas incluíram os filhos e os netos em suas narrativas acerca das aspirações atuais para a conjugalidade e o parceiro amoroso (grupos A, B e C).

Sobre as ambições futuras para o casal, as participantes declararam a vontade de gerar mais filhos (grupo A e B), a educação dos descendentes (grupos A, B e C), a preocupação com o bem-estar dos filhos (grupos B e C) e o anseio por acompanhar o crescimento deles (grupos A e B). Além disso, elas proferiram os filhos em suas expectativas vindouras para o esposo (grupos A e C). Os filhos e os netos foram inseridos nas narrativas referentes às perspectivas futuras para o casal, e os filhos nos relatos acerca das aspirações pósteras pertinentes ao cônjuge (grupos A, B e C). Por fim, as mulheres citaram os filhos nas ações e aspectos necessários para que os anseios futuros para a conjugalidade (grupos B e C) e o consorte (grupos A, B e C) sejam alcançados.

Em suma, nota-se que assuntos relacionados aos filhos perpassaram toda a entrevista. Tal fato pode indicar uma forte influência da prole nas lembranças e nas pretensões atuais e vindouras das mulheres concernentes ao casal e ao marido, na dinâmica conjugal e nas condições para que os anseios pósteros sejam concretizados.

Cabe frisar que foram especialmente as entrevistadas dos grupos A e B que proferiram a não divisão entre o casal dos cuidados dos filhos. Salienta-se que essas mulheres mencionaram o anseio pela participação paterna nos cuidados da prole, por gerar mais filhos e vê-los crescer em suas expectativas para a conjugalidade, assim como citaram a paciência com os filhos nas pretensões para o esposo. Esse resultado certamente ocorreu em virtude da fase da vida conjugal/familiar que tais entrevistadas se encontram, isto é, mulheres com filhos pequenos, sendo que a maioria exerce o trabalho remunerado, e jovens esposas com o desejo de aumentar a família, no que tange ao número de filhos.

Indo ao encontro disso, adolescentes afirmaram que almejam a construção familiar com filhos, em seus planos futuros (Riter, 2015; Stengel & Tozo, 2010). Ademais, vale reiterar que a não divisão dos cuidados dos filhos pode gerar maiores níveis de estresse na esposa e cooperar para a eclosão de conflitos trabalho/família (Deus et al., 2021).

Destaca-se que as mulheres não inseriam a família de origem em suas aspirações atuais nem futuras para a vida conjugal. Além disso, elas citaram o distanciamento dos familiares em seus anseios presentes (grupos B e C) e pósteros para o cônjuge (grupos C), e nas condições cruciais para a concretização das pretensões vindouras para o casal (grupo B). Tais situações podem indicar que, no que se referem às relações interpessoais familiares, as expectativas das participantes estão mais centralizadas na família nuclear e na prole. Mas, mesmo assim, as entrevistadas proferiram a família de origem nos eventos marcantes da conjugalidade, nos aspectos mais salientes do esposo (grupos A, B e C), nas narrativas para as ambições atuais para a vida a dois (grupos A, B e C) e o parceiro amoroso (grupos A e C), e nos relatos sobre as pretensões futuras para o casal (grupos A e B) e o esposo (grupos A, B e C).

As participantes enunciaram o carinho nas características marcantes do esposo, e nas aspirações atuais e futuras pertinentes a ele (grupos A e B). Elas também citaram o carinho entre o casal (grupos A e B) e o carinho com a família de origem (grupo B) nas ações e aspectos relevantes para o alcance das expectativas futuras para o cônjuge; e o carinho (grupos A, B e C) como fator basilar para a concretização das pretensões pósteras acerca da conjugalidade. Diante disso, nota-se que as participantes dos grupos A e B conferiram maior valor que as idosas a qualidade de o esposo ser carinhoso. Assim, reitera-se que se identificou na literatura a valorização do referido atributo em um parceiro amoroso (Alves-Silva et al., 2017; Marimón & Vilarrasa, 2014; Moraes et al., 2020).

As participantes enunciaram a saúde do casal em suas aspirações atuais para a conjugalidade (grupos B e C) e o esposo (grupo B), e a saúde do marido nas expectativas presentes atinentes a ele (grupo B). Elas ainda declararam a saúde do casal nos episódios acerca dos anseios atuais para a vida a dois (grupo C) e o consorte (grupos B e C). No que toca às pretensões vindouras, as mulheres citaram a saúde do casal em suas ambições sobre a

vida conjugal, e a saúde do cônjuge e dos consortes em suas perspectivas para parceiro (grupos B e C). Ademais, a saúde do casal e de pessoas próximas foi incluída nos episódios referentes às expectativas pósteras para a vida marital (grupo C), e a saúde do casal foi citada nas narrativas acerca das ambições vindouras para o marido (grupos B e C).

Por fim, as entrevistadas proferiram a saúde do casal como uma das condições fundamentais para a concretização dos anseios futuros acerca da conjugalidade (grupos B e C), e a saúde do esposo (grupos A, B e C) e a saúde do casal (grupo B) nas ações e aspectos relevantes para a efetivação dos desejos vindouros relacionados ao marido. Vale ressaltar que apenas um dos subtemas que trataram da saúde inseriu respostas de participantes do grupo A. Tal fato pode indicar uma maior preocupação com a saúde por parte das mulheres mais velhas. Em conformidade com isso, Ferrari et al. (2017) observaram que o avançar da idade possivelmente aumenta as inquietações com a saúde, devido ao surgimento ou ao agravamento de doenças, o que coopera para a busca de um estilo de vida mais saudável.

Acerca das questões financeiras e profissionais, as mulheres expuseram as conquistas materiais e acadêmicas como fatos memoráveis da conjugalidade (grupos A e B), e o trabalho nos aspectos mais evidentes do parceiro (grupos A, B e C). Elas citaram o trabalho nas expectativas atuais para a vida a dois e o cônjuge (grupos A e B), assim como nas narrativas sobre as aludidas perspectivas (grupos A, B e C). No que se trata das pretensões futuras, as entrevistadas declararam o trabalho nos anseios para a conjugalidade e o marido, e nos episódios atinentes a tais aspirações (grupos A, B e C). Ademais, o trabalho foi proferido como uma das condições importantes para a concretização das aspirações vindouras para a vida conjugal e o esposo (grupos A e B).

De tal modo, percebe-se a relevância atribuída pelas entrevistadas dos três grupos ao trabalho e à qualidade de o homem ser trabalhador. Em harmonia com isso, constatou-se na literatura que a condição de ser trabalhador é um aspecto estimado no parceiro amoroso, de

meados do século passado (Del Priore, 2014; Scorsolini-Comin et al., 2018) a atualidade (Alves-Silva et al., 2017; Macedo, 2017; Moraes et al., 2020; Oliveira et al., 2020). Salienta-se também que as idosas não apresentaram respostas nos subtemas atinentes às ações e aspectos significativos para a efetivação das expectativas pósteras. Tal fato pode ter ocorrido em virtude de que boa parte dessas mulheres e de seus respectivos maridos encontra-se aposentada e, assim, com a vida financeira mais estabilizada. Logo, no entender das idosas, o trabalho pode não ser um elemento basilar para o alcance dos anseios vindouros.

As mulheres declararam o lazer nas aspirações atuais para o esposo (grupos A, B e C), e nos episódios que versaram sobre os anseios presentes para o consorte (grupos B e C) e o casal (grupos A, B e C). Acerca das ambições vindouras, as entrevistadas citaram o lazer nas expectativas para a conjugalidade e nas histórias pertinentes às pretensões para o casal (grupos A, B e C) e o cônjuge (grupos B e C). Além disso, o lazer foi proferido nos requisitos fundamentais para o alcance dos desejos futuros para a vida a dois e o marido (grupos B e C). Desse modo, verifica-se que as mulheres mais jovens não apresentaram respostas atinentes ao lazer como condição importante para a concretização das perspectivas pósteras. Esse resultado pode indicar que as mulheres dos grupos B e C atribuem maior relevância que as entrevistadas do grupo A ao lazer para a realização do que almejam para do futuro do casal e do esposo.

Diante disso, presume-se que as diferenças identificadas entre os relatos das participantes idosas e os das mais jovens no que concernem às atividades direcionadas ao trabalho e às ações aliadas ao lazer, como fatores significativos para a concretização das expectativas futuras, provavelmente são em razão de essas mulheres estarem vivenciando distintas etapas da conjugalidade. Assim, os casais mais jovens tendem a buscar recursos mais voltados ao labor e os cônjuges idosos meios mais próximos ao lazer para alcançarem as suas pretensões vindouras acerca da relação nupcial e do cônjuge.

Para mais, as entrevistadas mencionaram Deus e a religião nas características ressaltantes da conjugalidade, e a religião nos aspectos mais evidentes do cônjuge (grupo C). Elas enunciaram Deus nas expectativas atuais para o casal (grupos A e C), e a religião nos anseios presentes para o esposo (grupos B e C). Deus e a religião também foram pronunciados nos episódios referentes às ambições atuais para os consortes (grupos A, B e C) e o parceiro (grupos B e C). As mulheres ainda expuseram Deus e a religião em suas pretensões futuras para o casal (grupos B e C), e a religião em suas perspectivas vindouras sobre o marido (grupos A e C), sendo que Deus e a religião foram incluídos nas narrativas acerca dos aludidos anseios (grupos A, B e C). Por último, elas declararam Deus e a religião nas condições importantes para o alcance das aspirações futuras para a vida a dois e o marido (grupos A, B e C).

Diante disso, nota-se que a relevância atribuída pelas entrevistadas a Deus e à religiosidade perpassou todo o conjunto de temas. Assim, vale ressaltar que em diversos estudos identificaram-se contribuições da religião e da crença em Deus para a vida conjugal (Albertoni & Lages, 2018; Alves-Silva et al., 2016, 2017; Delatorre & Wagner, 2018; Emídio & Souza, 2019; Galvão et al., 2017a; Hoffmann & Costa, 2019; Mussumeci & Ponciano, 2018; Silva et al., 2019), e que a religiosidade (Moraes et al., 2020) e possuir a mesma religião (Garcia & Maciel, 2008; Hattori et al., 2013; Macedo, 2017) são qualidades apreciadas em um parceiro amoroso.

As participantes proferiram o companheirismo nos aspectos marcantes da conjugalidade, nas características mais notáveis do parceiro, e nas pretensões atuais para o casal e o cônjuge (grupos A, B e C). Elas também citaram o companheirismo nas expectativas futuras para a vida a dois (grupos B e C) e nas atitudes basilares para a efetivação dos anseios pósteros referentes ao casal (grupos A e B) e ao marido (grupos A e C).

De tal modo, cabe lembrar que o companheirismo foi estimado como a principal expectativa para o casamento (Zordan et al., 2009) e como fator favorável à união conjugal (Aboim, 2009; Alves-Silva et al., 2017; Amorim & Stengel, 2014; Arias & Polizzi, 2013; Feijão & Moraes, 2018; Galvão et al., 2016, 2017a; Manente, 2019; Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019; Silva, 2019). Constatou-se ainda na literatura a valorização do companheirismo em um parceiro amoroso (Amorim & Stengel, 2014; Hattori et al., 2013; Stengel & Tozo, 2010).

Além do exposto, o convívio conjugal foi citado nas características marcantes da vida a dois (grupo C). As mulheres proferiram conviver e envelhecer junto nas expectativas atuais e futuras para a conjugalidade, bem como expressam o desejo de permanecer e envelhecer junto nos anseios presentes e vindouros para o consorte (grupos A, B e C). No que toca ao conviver/permanecer e envelhecer junto, esse resultado está de acordo com Walsh (2016b) ao expor que, nos Estados Unidos, a maior parte das primeiras uniões conjugais se conserva para sempre. Ademais, vai de encontro à fragilidade dos vínculos constatada por Galvão et al. (2016, 2017b, 2019).

As entrevistadas enunciaram os sentimentos nos aspectos memoráveis da vida conjugal (grupos A, B e C). Elas também expuseram os sentimentos nas expectativas futuras para o casal (grupos A, B e C) e o esposo (grupo C), e nas condições favoráveis para que as pretensões vindouras para a conjugalidade (grupos B e C) e o marido (grupos A e B) sejam alcançadas. Ante isso, reitera-se que o amor consiste na base dos relacionamentos conjugais (Del Priore, 2014; Ferry, 2013). Além do mais, Galvão et al. (2019) constataram a valorização dos sentimentos no casamento, nas últimas décadas. E jovens casadas citaram os sentimentos como razão para iniciar um relacionamento amoroso (Moraes et al., 2020) e para a decisão pela coabitação (Moraes et al., 2019).

O respeito mútuo foi citado nas aspirações atuais (grupos A, B e C) e futuras para a vida nupcial (grupos B e C), e nas atitudes necessárias para o alcance das perspectivas pósteras para os cônjuges (grupos A, B e C). Além disso, as participantes enunciaram o respeito como aspecto crucial para a concretização dos anseios acerca do esposo (grupos A e B). Por sua vez, o diálogo foi declarado nas características mais salientes da conjugalidade (grupos B e C), nas pretensões atuais para a vida a dois, e nas condições basilares para a efetivação das ambições futuras acerca do casal e do esposo (grupos A, B e C).

As mulheres proferiram a paciência nos aspectos marcantes da vida conjugal (grupos B e C) e do marido (grupos A, B e C) e nas expectativas presentes para a conjugalidade (grupos B e C). Ademais, a paciência (grupos A e C) e a paciência entre os cônjuges (grupo C) foram mencionadas nas aspirações atuais para o esposo, e a paciência nos anseios vindouros atinentes a ele (grupos A, B e C). As entrevistadas também citaram a paciência como condição importante para a concretização das pretensões futuras atinentes ao casal (grupos A, B e C), e a paciência, que se relacionou com a família de origem (grupo B), nas atitudes cruciais para a realização das perspectivas pósteras acerca do esposo.

Destarte, convém destacar que a contribuição da paciência para a vida conjugal foi percebida em alguns estudos (Emídio & Souza, 2019; Feijão & Morais, 2018; Galvão et al., 2016; Goulart et al., 2019; Porreca, 2019). Constatou-se ainda que a paciência é um aspecto apreciado em um parceiro amoroso (Hattori et al., 2013; Galvão et al., 2016; Moraes et al., 2020).

Para mais, as entrevistadas declararam a honestidade nos aspectos mais evidentes do marido (grupos A, B e C), nas pretensões atuais para o esposo (grupo B) e o casal (grupos A e B), e nos anseios futuros atinentes ao cônjuge (grupos A e B). Conforme exposto, presume-se que as mulheres dos grupos A e B atribuem mais importância que as idosas a honestidade do marido e entre o casal. Nesse sentido, lembra-se que a honestidade é um elemento favorável

para as relações amorosas (Chaves, 2010; Silva et al., 2019), e uma qualidade estimada no parceiro amoroso (Brasil et al., 2007; Hattori et al., 2013; Oliveira et al., 2020).

De sua parte, o apoio mútuo foi aludido como característica marcante (grupo B) e anseio atual para a conjugalidade (grupos B e C). As mulheres proferiram a ajuda recíproca nas expectativas presentes e pósteras acerca do esposo (grupos B e C), assim como nas ações necessárias para o alcance das aspirações futuras para a vida conjugal (grupo B) e o marido (grupo C). Ressalta-se que as entrevistadas do grupo A não citaram o apoio/ajuda mútuo. Porém, no subtema trabalho, referente às narrativas sobre as pretensões atuais para o casal, elas declararam o apoio nos estudos/trabalho do cônjuge. Dessa maneira, no que toca às entrevistadas dos três grupos, infere-se que o apoio/ajuda pode desempenhar diferentes funções de acordo com a fase da união conjugal.

Além disso, as entrevistadas expuseram a compreensão mútua como expectativa atual para a conjugalidade e o esposo (grupos B e C). Elas também citaram a compreensão recíproca nos anseios pósteros para a vida conjugal (grupos A e B), e nas condições fundamentais para a concretização dos desejos futuros pertinentes ao casal (grupos A, B e C). Logo, cabe retomar a relevância da compreensão para a vida a dois (Alves-Silva et al., 2017; Carvalho et al., 2018; Costa & Mosmann, 2015; Galvão et al., 2016; Goulart et al., 2019; Silva et al., 2017; Ribeiro et al., 2015). Reitera-se ainda que a compreensão é uma qualidade estimada em um parceiro amoroso (Altafim et al., 2009; Hattori et al., 2013; Marimón & Vilarrasa, 2014; Riter, 2015).

Os recursos tecnológicos foram enunciados nas características mais salientes do parceiro (grupo A), nas expectativas futuras atinentes a ele (grupos A e B), nas narrativas sobre os anseios atuais para a conjugalidade (grupos B e C) e o consorte (grupos A e C), nos episódios acerca das aspirações vindouras para a vida conjugal (grupos A, B e C) e o marido

(grupos A). Os recursos tecnológicos ainda foram declarados nas ações e aspectos necessários para que as expectativas futuras para a vida a dois e o consorte sejam alcançadas (grupo A).

As participantes citaram morar em outro país e/ou cidade nas pretensões futuras para a vida a dois e nos episódios pertinentes às referidas expectativas (grupos A, B e C). Elas destacaram a mudança de cidade nas histórias sobre as aspirações presentes para o esposo e o casal (grupo B). Ademais, as entrevistadas expuseram a díade nas narrações atinentes aos desejos atuais para os consortes e o esposo (grupos A, B e C) e nas narrativas sobre as ambições pósteras acerca do casal (grupos B e C) e do cônjuge (grupo C).

Houve subtemas que foram menos recorrentes nos temas desta tese e/ou que se referiram somente à vida conjugal ou ao esposo. De tal modo, as datas comemorativas foram enunciadas nos aspectos marcantes (grupos A e C) e nas narrativas sobre as perspectivas vindouras para a vida do casal (grupos B e C). E o aniversário da colega (grupo A) foi declarado nos episódios atinentes aos anseios pósteros para o esposo. Os amigos foram mencionados nas histórias acerca das perspectivas atuais (grupos B e C) e futuras (grupos A, B e C) para a conjugalidade, e nos recursos necessários para que as expectativas vindouras para o marido sejam alcançadas (grupo C). As entrevistadas ainda proferiram a maturidade nas características marcantes da vida a dois (grupos B e C) e nas expectativas futuras concernentes ao marido (grupo A).

No que toca aos subtemas que se referiram apenas à conjugalidade, a união foi citada como aspecto saliente (grupo A), anseio atual (grupos A e C) e futuro para a vida conjugal (grupos B). As entrevistadas mencionaram a família em geral nas aspirações futuras para o casal (grupos A e B) e nas atitudes e aspectos basilares para a concretização das alegadas perspectivas (grupos C e B). Por sua vez, as idosas proferiram o cuidado mútuo nas expectativas atuais e futuras para a vida a dois. E as participantes dos grupos B e C citaram o cuidado mútuo como atitude relevante para a efetivação das aspirações futuras atinentes à

conjugalidade. Nesse sentido, pode-se deduzir que as entrevistadas mais velhas, especialmente as idosas, atribuem maior valor ao cuidado mútuo nas relações conjugais. Indo ao encontro disso, Walsh (2016b) proferiu que na velhice o cuidado mútuo passa a ser um dos fatores mais importantes do relacionamento afetivo.

Sobre os subtemas aludidos somente uma vez, as dificuldades vividas pelo casal (grupos A e C) foram pronunciadas nos aspectos marcantes da conjugalidade. As mulheres declararam a felicidade e a diversão (grupos B e C) nas expectativas atuais; e a violência urbana (grupos A e C) e a cerimônia de casamento (grupo A) nas narrativas concernentes às referidas pretensões. As entrevistadas expuseram a tranquilidade (grupos A, B e C), a sexualidade (grupo B) e o casamento no civil (grupo A) nas aspirações futuras para a vida a dois, assim como incluíram o relacionamento de outros casais (grupo A) e o supermercado (grupo B) nos episódios acerca desses anseios. Por fim, elas declararam o tempo cronológico (grupos A e B) nas condições necessárias para o alcance das perspectivas futuras para a vida conjugal.

No que se trata dos subtemas que versaram sobre o cônjuge, as entrevistadas enunciaram a preocupação com a esposa (grupo C) e com a família nuclear (grupos A, B e C) nas qualidades mais salientes do marido. Além disso, elas exibiram a preocupação com a família nuclear (grupos A e C) nas pretensões atuais para o parceiro. Assim, vale relembrar que a preocupação com o outro favorece a união conjugal (Albertoni & Lages, 2018; Chaves, 2010; Costa & Mosmann, 2015; Silva et al., 2019).

De sua parte, a bondade (grupos A, B e C) e a bondade com pessoas próximas (grupos A e C) foram sublinhadas nas características mais observáveis do esposo. As mulheres citaram a atenção nos aspectos marcantes, nas expectativas futuras (grupos A e C) e nas condições basilares para a realização das pretensões pósteras atinentes ao marido (grupos A e B). A admiração foi pronunciada nos predicados mais notáveis do cônjuge (grupos A, B e C)

e nos anseios vindouros atinentes a ele (grupos A e C). Ademais, as entrevistadas dos grupos A e B destacaram a simpatia nas ambições atuais e futuras para o cônjuge, o que pode indicar um maior reconhecimento desse atributo por tais mulheres que pelas participantes idosas. Ante isso, reitera-se que adolescentes mencionaram a simpatia como um aspecto estimado em um parceiro amoroso (Hattori et al., 2013).

Alguns subtemas foram proferidos somente uma vez. Destarte, a ausência de vícios (grupos B e C), a extroversão, a austeridade, a sociabilidade com pessoas próximas e amigos (grupos A, B e C), a educação, a valorização da família nuclear (grupos A e B), a teimosia, o gosto pela vida social (grupos B e C), o otimismo em relação ao mundo (grupo A), a coragem, a intolerância com o próximo (grupo B) e a fidelidade (grupo C) foram citados nas características mais evidentes do cônjuge. Nas expectativas atuais para o marido, as mulheres enunciaram a manutenção dos momentos a dois (grupos A e B) e a confiança entre o casal (grupo B).

Sobre as pretensões futuras, elas expuseram a dedicação à família nuclear, a firmeza diante do mundo (grupo A), a determinação (grupos A e B) e a empatia com o próximo (grupos B e C). Por fim, as participantes declararam a abdicação por parte da consorte (grupos A e B), o incentivo da mulher ao marido (grupos A e C) e a família nuclear (grupo A) nas ações e aspectos necessários para que as expectativas pósteras acerca do marido sejam alcançadas. Destarte, encerra-se a síntese dos temas e subtemas incluídos na descrição e discussão dos resultados desta tese. A seguir, serão tecidas as considerações finais deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta tese de doutorado consistiu em pesquisar as expectativas atuais e vindouras acerca da vida conjugal e do parceiro amoroso, as narrativas de episódios alusivos a

tais aspirações de mulheres casadas, em três faixas etárias, com filhos, na classe média, e identificar as diferenças e as semelhanças entre as respostas e as narrações dos grupos de participantes, na óptica do relacionamento interpessoal (Hinde, 1987, 1997).

Os resultados deste trabalho foram organizados em três capítulos, sendo que cada um deles correspondeu a um objetivo específico. De modo geral, com restrição dos subtemas que versaram sobre as narrativas referentes às expectativas atuais e futuras para a conjugalidade, com base na quantidade de subtemas estabelecidos, constataram-se mais diferenças que semelhanças entre os depoimentos das entrevistadas dos três grupos.

Sendo assim, o capítulo 1 tratou dos acontecimentos memoráveis da vida a dois e das características mais salientes do parceiro amoroso. No que tange aos fatos marcantes da vida nupcial, as mulheres dos três grupos mencionaram os sentimentos, o companheirismo, a natividade dos filhos e a família de origem. As mulheres dos grupos A e B citaram as conquistas materiais e acadêmicas. As entrevistadas dos grupos A e C expuseram as adversidades vivenciadas no relacionamento e as datas comemorativas. Ademais, o diálogo, a maturidade e a paciência foram ressaltados pelas participantes dos grupos B e C. Houve subtemas que foram aludidos somente por um grupo de mulheres. Nesse caso, as respondentes mais jovens mencionaram a união, por exemplo, a união dos cônjuges em favor do filho. As mulheres do grupo B enunciaram o apoio recíproco. De sua parte, as idosas citaram Deus e a religião, e o convívio conjugal.

Os aspectos mais evidentes do cônjuge também foram estudados. Notou-se que a maioria das respostas correspondeu a características positivas dos esposos. Desse modo, as mulheres dos três grupos exprimiram o trabalho, a honestidade, a admiração, a paciência, a bondade, o companheirismo, a extroversão, a preocupação com a esposa e os filhos, o cuidado da prole, a família de origem, a sociabilidade com pessoas próximas e amigos, e a austeridade.

Por sua vez, as entrevistadas dos grupos A e B mencionaram a valorização da família, o carinho e a educação. Nos grupos A e C, as mulheres relataram a bondade com os filhos e pessoas próximas, e a atenção. As participantes dos grupos B e C expuseram a teimosia, a ausência de vícios, a falta de paciência com os filhos e netos, o carinho com os filhos, e o apreço pela vida social. Sobre os subtemas declarados apenas por um grupo de entrevistadas, as mais jovens salientaram os recursos tecnológicos e o otimismo em relação ao mundo. No grupo B, as mulheres frisaram a intolerância com outrem e a coragem. E as idosas ressaltaram a preocupação com elas, os filhos e os netos, a fidelidade e a religião.

Após responderem acerca dos acontecimentos marcantes da vida a dois e dos atributos mais notáveis do consorte, perguntou-se às mulheres se os referidos fatos e características estavam ou não de acordo com as expectativas delas atinentes à conjugalidade e ao marido. A maior parte das entrevistadas alegou que sim, o que se aproxima do estudo de Fonseca e Duarte (2014), no qual casais portugueses afirmaram que as suas expectativas para a vida marital foram atendidas ou suplantadas.

À vista disso, no capítulo 2, as participantes foram inquiridas a respeito das suas aspirações atuais para a conjugalidade e o esposo. Elas apresentaram diversas respostas, que referiam à boa parte dos eventos memoráveis da vida do casal e dos aspectos mais salientes do marido, mencionados no capítulo 1. No que concernem às expectativas presentes para a vida conjugal, as mulheres dos três grupos citaram o respeito, o companheirismo, o diálogo entre os cônjuges e o desejo de conviver e envelhecer junto. Nos grupos A e B, as entrevistadas expuseram o trabalho, a honestidade e o cuidado dos filhos. As mulheres dos grupos A e C relataram a união e Deus. As participantes dos grupos B e C aludiram à saúde do casal, à paciência, à compreensão, ao apoio mútuo, à felicidade e à diversão. Ademais, as mulheres mais jovens destacaram o anseio por ter mais filhos, pelo casamento no civil e pela concretização de outra viagem. Por último, as idosas enunciaram o cuidado recíproco.

Em seguida, solicitou-se às entrevistadas que relatassem episódios que exemplificassem as citadas aspirações, para que a pesquisadora pudesse compreendê-las melhor. As mulheres dos três grupos narraram situações que versaram sobre o trabalho, o lazer, Deus e a religião, a família de origem, os filhos e os netos, e histórias mais circunscritas aos cônjuges. As participantes dos grupos B e C enunciaram os amigos e os recursos tecnológicos, especialmente a televisão. E, nos grupos A e C, as mulheres sublinharam a violência urbana. Houve ainda três subtemas que foram mencionados exclusivamente por um grupo de mulheres. Logo, as entrevistadas do grupo A descreveram eventos pertinentes à cerimônia de casamento, as do grupo B aludiram à mudança de cidade e as idosas expuseram a saúde dos consortes, que envolveu o alcoolismo por parte do esposo.

Posterior a isso, indagou-se às participantes acerca de suas pretensões atuais para os maridos. Nos três grupos, as mulheres se referiram ao companheirismo, ao lazer e ao desejo de permanecer e envelhecer junto. Nos grupos A e B, as entrevistadas citaram o trabalho, a manutenção dos momentos a dois, a paciência com os filhos, a simpatia e o carinho. As mulheres dos grupos A e C enunciaram a paciência e a preocupação com o bem-estar familiar. Já as mulheres dos grupos B e C mencionaram o distanciamento dos familiares, a compreensão recíproca, a ajuda mútua, o cuidado da prole e a religião. No que toca aos subtemas declarados apenas por um grupo de participantes, as entrevistadas do grupo B mencionaram a honestidade, a confiança entre os consortes, a saúde do esposo e do casal. De sua parte, as idosas alegaram apeterer pela paciência na vida marital.

Assim que as mulheres terminaram de expor as suas pretensões para o consorte, pediu-se a elas que relatassem episódios pertinentes a tais anseios. De tal modo, as entrevistadas dos três grupos descreveram situações envolvendo o trabalho, a díade, e os filhos e os netos. Nos grupos A e C, as mulheres expuseram os recursos tecnológicos e a família de origem. Por seu lado, as mulheres dos grupos B e C mencionaram Deus e a religião, o lazer e a saúde do casal.

No que tange aos subtemas aludidos unicamente por um grupo de participantes, as respondentes do grupo C relataram a ajuda ao próximo, e as mulheres do grupo B enunciaram a mudança de cidade. Com isso, finaliza-se a exposição da síntese dos resultados pertinentes ao capítulo 2. A seguir, mencionam-se os subtemas apresentados no capítulo 3.

O referido capítulo tratou das expectativas futuras para a vida do casal e o cônjuge. Similarmente ao capítulo 2, as repostas das participantes disseram a respeito de alguns dos acontecimentos memoráveis da conjugalidade e de parte das características mais salientes do esposo, enunciados no capítulo 1. Tal fato pode indicar o anseio pela conservação de qualidades do marido e de particularidades da vida a dois favoráveis para o relacionamento conjugal. Provavelmente também sugere o desejo pela mudança de aspectos do cônjuge, que não colaboram para o bom convívio entre os consortes, bem como para as relações entre o homem e as pessoas próximas.

Sendo assim, no que toca às aspirações vindouras para a conjugalidade, as mulheres dos três grupos expuseram a tranquilidade, os sentimentos, o anseio por conviver e envelhecer junto, a educação dos filhos, o lazer, o trabalho e a mudança de cidade/país. Nos grupos A e B, as entrevistadas citaram a compreensão recíproca, a família em geral, o desejo por ter mais filhos e de vê-los crescer. De sua parte, as participantes dos grupos B e C mencionaram o respeito mútuo, o companheirismo, a saúde do casal, a preocupação com o bem-estar da prole, e Deus e a religião. Houve subtemas que foram citados apenas por um grupo. Destarte, as mulheres mais jovens enunciaram o casamento no civil, as do grupo B a sexualidade e a união, e as idosas o cuidado recíproco.

Em seguida, as entrevistadas das três faixas etárias narraram eventos, com o objetivo de ilustrar as aludidas pretensões. De tal modo, nos três grupos, as participantes relataram episódios atinentes aos filhos e netos, aos amigos, a Deus e à religião, ao trabalho, ao lazer, aos recursos tecnológicos e à mudança de cidade ou país. As mulheres dos grupos A e B

expuseram a família de origem. Já as entrevistadas dos grupos B e C se reportaram à díade e às datas comemorativas. Ademais, uma mulher do grupo B citou o supermercado, e as idosas declararam a saúde do casal e de pessoas próximas.

Dito isso, indagou-se às mulheres a respeito das ações e dos aspectos necessários para que as mencionadas expectativas fossem alcançadas. As respondentes das três faixas etárias destacaram o carinho, a compreensão, o respeito, a paciência, o diálogo, e Deus e a religião. As entrevistadas dos grupos A e B salientaram o companheirismo, o tempo cronológico e o trabalho. E, nos grupos C e B, as participantes enunciaram os sentimentos, o cuidado recíproco, a saúde do casal, os filhos, a família em geral e o lazer. Ademais, três subtemas foram citados somente por um grupo de mulheres. Logo, as participantes do grupo B ressaltaram o distanciamento dos familiares e a ajuda mútua, e uma entrevistada do grupo A sublinhou os recursos tecnológicos, que tratou do uso excessivo de dispositivos eletrônicos.

Assim que as mulheres terminaram de declarar as condições imprescindíveis para a concretização das aspirações futuras acerca da conjugalidade, inquiriu-se a elas sobre quais seriam as suas expectativas pósteras concernentes ao marido. Ante isso, as entrevistas dos três grupos expuseram a paciência, a aspiração por permanecer e envelhecer junto, e o trabalho. Nos grupos A e B, as participantes citaram a simpatia, o carinho, a determinação, a honestidade e os recursos tecnológicos. As entrevistadas dos grupos A e C enunciaram a admiração, a atenção e a religião. De sua parte, as mulheres dos grupos B e C mencionaram a ajuda recíproca, a saúde do esposo e do casal, e a empatia com o próximo.

Em se tratando dos subtemas que foram citados unicamente por um grupo de mulheres, as entrevistadas do grupo A mencionaram a firmeza, a maturidade e a dedicação à família nuclear. Já as idosas mencionaram os sentimentos e o distanciamento da família de origem, referindo-se a não reprodução da carência de ânimo familiar.

Finalizado isso, as participantes descreveram situações alusivas às referidas pretensões. Nesse sentido, as entrevistadas das três faixas etárias contaram episódios envolvendo Deus e a religião, o trabalho, os filhos e a família de origem. Nos grupos B e C, as mulheres explanaram o lazer e a saúde do casal. E, nos grupos A e C, elas pronunciaram a ajuda ao próximo. Além do que, três subtemas foram declarados somente por um grupo de participantes. Dessa forma, as entrevistadas relataram os recursos tecnológicos, o aniversário da colega (grupo A) e a díade (grupo B).

Para mais, no que concernem às ações e aos aspectos indispensáveis para o alcance das expectativas futuras atinentes ao cônjuge, as respondentes das três faixas etárias mencionaram o diálogo, a saúde do marido, os filhos, e Deus e a religião. As participantes dos grupos A e B enunciaram a atenção, o carinho, o respeito, os sentimentos, a dedicação e o trabalho. De sua parte, as entrevistadas dos grupos B e C citaram o lazer. E as mulheres dos grupos A e C expuseram o incentivo e o companheirismo. No caso dos subtemas citados unicamente por um grupo de participantes, as mais jovens mencionaram os recursos tecnológicos e a família nuclear. As mulheres do grupo B ressaltaram a saúde do casal, o carinho com os familiares, e a paciência pertinente à família de origem. Por último, as idosas declararam os amigos e a ajuda recíproca.

Além do mais, diferenças e semelhanças entre os relatos das entrevistadas foram identificadas na análise sobre os aspectos e subtemas observados ao longo da entrevista. Dessa maneira, ressalta-se que diversos fatores citados nas expectativas atuais e vindouras para o casal e o cônjuge foram identificados nos episódios narrados pelas mulheres, o que permitiu constatar a interferência desses elementos da dinâmica conjugal. Ante isso, vale salientar que o diálogo foi mencionado por participantes das três faixas etárias.

Esse fato pode indicar uma mudança positiva nas relações amorosas, visto que, por volta dos anos de 1950, o diálogo entre o casal praticamente inexistia (Del Priore, 2014).

Cabe destacar ainda que a importância do diálogo para a conjugalidade foi constatada em várias pesquisas (Alves-Silva et al., 2016, 2017; Campos et al., 2017; Costa et al., 2017; Emídio & Souza, 2019; Limeira & Féres-Carneiro, 2019a; Luz & Mosmann, 2018; Mussumeci & Ponciano, 2018; Oliveira & Sei, 2018; Ozório et al., 2017; Silva et al., 2019).

Ademais, ao longo da descrição e discussão dos resultados, identificaram-se nas declarações das participantes dos três grupos comportamentos próximos do padrão tradicional de união conjugal e condutas mais igualitárias entre homens e mulheres na relação. Nesse sentido, notou-se a não divisão dos afazeres domésticos entre os cônjuges, a maior responsabilização da esposa pelos cuidados (grupos A, B e C) e pela educação dos filhos (grupo C), e a valorização da qualidade de o marido ser trabalhador (grupos A, B e C).

Observou-se também a condição de a mulher viver em função da família; buscar se adequar ao gosto do consorte (grupo C); abdicar das vontades pessoais, visando à boa convivência entre o casal; conservar o casamento por causa dos filhos (grupo B); e de ter sido educada para ser dona de casa (grupo A). Por outro lado, percebeu-se que a maioria das participantes atua ou já atuou no mercado de trabalho formal (grupos A, B e C). E identificou-se o compartilhamento das tarefas do lar (grupos A, B e C) e dos cuidados dos filhos entre o casal (grupos A e B).

Esses dados podem indicar que, desde a década de 1970, a conjugalidade vem sendo influenciada pelo padrão tradicional de casamento e por um modelo de união conjugal, inclinado para a igualdade entre homens e mulheres no relacionamento. Indo ao encontro disso, sublinha-se que, nessa conjuntura caracterizada pela coexistência do modo tradicional com formas mais igualitárias de relação amorosa, cada casal constrói uma maneira própria de se relacionar afetivamente (Amorim & Stengel, 2014). Todavia, a referida construção pode ocasionar tensões entre os parceiros e, assim, requerer que eles busquem recursos para organizar a dinâmica conjugal.

Questões pertinentes aos filhos apresentaram diversos subtemas, o que pode indicar uma enorme influência da prole na vida do casal. Em se tratando das diferenças entre os grupos, enfatiza-se que foram principalmente as mulheres dos grupos A e B que citaram a não cooperação entre os cônjuges nos cuidados da prole. As entrevistadas dos grupos A e B também expuseram o desejo pela participação dos maridos nos cuidados dos filhos, por ter mais filhos e de acompanhar o crescimento deles, em suas pretensões para a vida conjugal. E, como expectativa atual para o consorte, elas enunciaram a paciência com os filhos.

Essas constatações podem ter sido em virtude da etapa da vida conjugal e familiar que tais participantes estão, ou seja, jovens mães, que anseiam por gerar mais filhos e que, em sua maioria, desempenham trabalho remunerado. Nesse sentido, cabe lembrar que adolescentes alegaram desejar a formação familiar com filhos, em seus planos vindouros (Riter, 2015; Stengel & Tozo, 2010). Destaca-se ainda que o não compartilhamento dos cuidados dos filhos entre o casal favorece o aumento dos níveis de estresse na mulher (Deus et al., 2021), elevando a possibilidade de ocorrer os conflitos trabalho/família (Deus et al., 2021; Vilela & Lourenço, 2018).

Ao contrário da relevância atribuída aos filhos, sublinha-se que as entrevistadas não mencionaram a família de origem em suas expectativas atuais e pósteras para a conjugalidade. Elas também mencionaram o distanciamento dos familiares em suas aspirações presentes (grupos B e C) e futuras (grupo C) acerca do marido, e nas condições fundamentais para a realização dos anseios vindouros atinentes à vida a dois (grupo B). Com base nisso, pode-se supor que, no que se referem aos relacionamentos interpessoais familiares, as pretensões das entrevistadas estão mais voltadas à família nuclear e aos filhos.

Entre os subtemas que abordaram a saúde, podem ser citados a saúde do casal e a saúde do cônjuge. No entanto, as mulheres do grupo A somente citaram a saúde do marido nas condições essenciais para a concretização das expectativas futuras referentes a ele. Dessa

maneira, presume-se que as entrevistadas dos grupos B e C se atentam mais com questões relacionadas à saúde que as participantes mais jovens. Nesse sentido, cabe expor que Ferrari et al. (2017) destacaram que o processo de envelhecimento eleva as preocupações com a saúde, motivadas pelo surgimento ou pela piora de enfermidades, o que pode favorecer a procura por um modo de vida mais saudável.

As mulheres enunciaram subtemas relacionados a Deus e à religião ao longo de toda a entrevista. Tal fato pode indicar que a crença em Deus e a prática religiosa são relevantes para a vida conjugal e familiar das entrevistadas dos três grupos. Indo ao encontro disso, constatou-se em alguns estudos que crer em Deus e seguir uma religião favorecem o bom convívio entre o casal (Albertoni & Lages, 2018; Alves-Silva et al., 2016, 2017; Delatorre & Wagner, 2018; Emídio & Souza, 2019; Galvão et al., 2017a; Hoffmann & Costa, 2019; Mussumeci & Ponciano, 2018; Silva et al., 2019). Observou-se ainda que a religiosidade (Moraes et al., 2020) e professar a mesma religião (Garcia & Maciel, 2008; Hattori et al., 2013; Macedo, 2017) são características estimadas em um parceiro amoroso.

As mulheres das três faixas etárias se referiram ao trabalho e à particularidade de o marido ser trabalhador. Dessa maneira, sublinha-se que se identificou na literatura que ser trabalhador é uma propriedade valorizada em um parceiro amoroso, de meados do século XX (Del Priore, 2014; Scorsolini-Comin et al., 2018) aos dias de hoje (Alves-Silva et al., 2017; Macedo, 2017; Moraes et al., 2020; Oliveira et al., 2020). Importa também frisar que as idosas não citaram o trabalho como uma condição necessária para a concretização das expectativas atuais e futuras atinentes à conjugalidade e ao consorte. Esse dado pode ter ocorrido porque boa parte das idosas e de seus correspondentes esposos está aposentada e, talvez, com a vida econômica mais estável. Então, para essas entrevistadas, o trabalho pode não representar um fator fundamental para a realização das aspirações pósteras.

As mulheres expuseram as atividades relacionadas ao lazer. Contudo, reitera-se que as mulheres do grupo A não citaram esse subtema como fator essencial para a efetivação de suas pretensões vindouras sobre a vida conjugal e o marido. Perante esse resultado e o do parágrafo anterior, infere-se que a diferença constatada entre as declarações das entrevistadas do grupo C e do grupo A no que tange ao trabalho e ao lazer, como condições imprescindíveis para o alcance das expectativas pósteras, pode ter sido em virtude de essas participantes se encontrarem em distintos momentos da conjugalidade. Por exemplo, jovens casais buscando a estabilidade financeira por meio do trabalho e dos estudos. E, por outro lado, cônjuges idosos, na maioria aposentados, mais seguros economicamente. Dessa maneira, sugere-se a realização de novas pesquisas, com vista a investigar em maior profundidade esse ponto.

Um grupo de subtemas relacionados à paciência também foi observado. De tal modo, importa ressaltar que, em algumas pesquisas, a paciência foi notada como um fator positivo para a vida a dois (Emídio & Souza, 2019; Feijão & Morais, 2018; Galvão et al., 2016; Goulart et al., 2019; Porreca, 2019), e como um atributo estimado em um parceiro amoroso (Hattori et al., 2013; Galvão et al., 2016; Moraes et al., 2020).

Outro subtema presente foi o companheirismo. Nesse caso, ressalta-se que o companheirismo é uma característica valorizada em resultados de pesquisas. Logo, a aludida qualidade foi considerada como a principal aspiração para o casamento (Zordan et al., 2009), aspecto positivo para conjugalidade (Aboim, 2009; Alves-Silva et al., 2017; Amorim & Stengel, 2014; Arias & Polizzi, 2013; Feijão & Morais, 2018; Galvão et al., 2016, 2017a; Manente, 2019; Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019; Silva et al., 2019), e particularidade apreciada em um par amoroso (Amorim & Stengel, 2014; Hattori et al., 2013; Stengel & Tozo, 2010).

Por sua vez, os subtemas que versaram sobre o carinho também foram observados, sendo que as mulheres dos grupos A e B atribuíram maior importância que as idosas à

condição de o cônjuge ser carinhoso. Indo ao encontro disso, observou-se que o reconhecimento do valor da citada propriedade em um par amoroso foi declarado por casais longevos (Alves-Silva et al., 2017), jovens espanhóis solteiros (Marimón & Vilarrasa, 2014) e jovens casadas (Moraes et al., 2020).

O apoio/ajuda mútua também foi citado. Em vista disso, explica-se que as participantes do grupo A não enunciaram o apoio/ajuda entre o casal. Todavia, elas expuseram o apoio/ajuda entre os parceiros no que se refere a questões relacionadas ao trabalho/estudos, mencionadas no subtema trabalho pertinente aos episódios narrados acerca das expectativas atuais para a conjugalidade. Esse dado indica que as funções do apoio/ajuda podem variar conforme o momento da vida conjugal, que os consortes se encontram.

As participantes exprimiram os sentimentos presentes no relacionamento. Sendo assim, salienta-se que o amor representa o alicerce da vida a dois (Del Priore, 2014; Ferry, 2013), bem como os sentimentos estão entre as razões para o estabelecimento de uma relação amorosa (Moraes et al., 2020) e para a decisão pela conjugalidade (Moraes et al., 2019). Ademais, identificou-se a valorização dos sentimentos no casamento, nas últimas décadas (Galvão et al., 2019).

A adição em tecnologia foi citada por uma entrevistada do grupo A. De tal modo, cabe expor que a utilização excessiva da internet pode desfavorecer as relações amorosas (Puerta-Cortés & Carbonell, 2013) e familiares (Neumann & Missel, 2019). A díade, o diálogo, o respeito/respeito mútuo e a honestidade foram mencionados. No que toca a honestidade, constatou-se que as participantes dos grupos A e B parecem conferir maior relevância que as idosas a honestidade do consorte e entre os cônjuges. Ante isso, reitera-se que a honestidade favorece as relações amorosas (Chaves, 2010; Silva et al., 2019) e é apreciada em um parceiro amoroso (Brasil et al., 2007; Hattori et al., 2013; Oliveira et al., 2020).

As mulheres também citaram a compreensão mútua. Acerca do referido aspecto, sublinha-se que a compreensão beneficia a vida do casal (Alves-Silva et al., 2017; Carvalho et al., 2018; Costa & Mosmann, 2015; Galvão et al., 2016; Goulart et al., 2019; Silva et al., 2017; Ribeiro et al., 2015) e consiste em um atributo desejável em um par amoroso (Altafim et al., 2009; Hattori et al., 2013; Marimón & Vilarrasa, 2014; Riter, 2015).

Por fim, as entrevistadas enunciaram a aspiração por conviver/permanecer e envelhecer junto. Tal fato está em conformidade com Walsh (2016b) que declarou que, nos Estados Unidos, a maioria dos primeiros casamentos se mantém por toda a vida. Contudo, diverge da fragilidade dos vínculos constatada na literatura (Borges & Magalhães, 2013; Borges et al., 2014; Emídio & Souza, 2019; Galvão et al., 2016, 2017b, 2019).

Sendo assim, termina-se a exposição sobre os aspectos e os subtemas mais recorrentes na descrição e discussão dos resultados. Agora, passa-se a resposta ao problema de pesquisa, proposto nesta tese, que incluiu três perguntas: (a) como os níveis de complexidade social e as mudanças na vida a dois ao longo dos anos podem interferir na dinâmica conjugal e nas pretensões para conjugalidade e o marido de mulheres, de três grupos? (b) de que forma o casal e/ou um dos parceiros age diante das possíveis influências na vida nupcial? E se a tendência à fragilidade dos relacionamentos amorosos (Galvão et al., 2016, 2017a, 2019) vai ser constatada nas declarações das participantes?

Em se tratando da primeira indagação, de modo geral, os conteúdos dos subtemas estabelecidos com base no tipo de relacionamento interpessoal, nos fatores sociais e no ambiente externo, bem como as diferenças identificadas entre os relatos das participantes dos três grupos respondem a essa pergunta. Pois, esses dados revelaram que as aspirações das mulheres e as demandas na dinâmica do casal podem variar conforme a etapa da vida conjugal, que as pessoas se encontram. Mostraram também de que modo a vivência nupcial e as expectativas podem ser afetadas pela interferência de familiares, questões de saúde,

religião, trabalho, lazer, tecnologia, filhos, netos, amigos, e da singularidade dos parceiros. Perante isso, vale citar alguns exemplos.

Dessa maneira, constataram-se os prejuízos ocasionados pelo alcoolismo na conjugalidade de Clara (63 anos), Celeste (66 anos) e de Camila (78 anos). No caso de Clara e no de Celeste, com o tempo, os esposos cessaram o uso de bebidas alcoólicas, o que favoreceu a reconciliação dos casais. De sua parte, Catarina (66 anos) mencionou que o processo de envelhecimento impacta na sexualidade do casal. Já Bethânia (41 anos) mencionou que com o nascimento da filha a sexualidade dos cônjuges ficou mais recolhida. Mulheres com filhos pequenos almejavam pela maior participação do marido nos cuidados da prole (Analú, 29 anos; Betina, 36 anos) ou pela conservação da divisão dessa responsabilidade entre os parceiros (Bella, 44 anos), dado que o não compartilhamento do aludido cuidado pode dificultar o trabalho formal da mulher, gerar cansaço e sobrecarga de serviço.

Ademais, notou-se a interferência negativa da família de origem na vida conjugal de Analú (29 anos), Amanda (29 anos), Berenice (40 anos) e de Brígida (49 anos). Ante essa situação, Analú disse ao marido que não quer receber em sua residência os familiares dele e queixou-se de que o homem vai à casa dos parentes e não cuida do filho para ela trabalhar. Brígida mencionou o distanciamento dos familiares do esposo em seus anseios atuais para ele. E Berenice relatou que sua família abdicou de uma casa que possuía, com vistas a evitar problemas com os familiares do marido. De outro modo, viu-se que o exemplo familiar colaborou para o convívio marital de Andressa (30 anos), Bianca (50 anos), Cecília (66 anos) e Cláudia (70 anos).

No que toca a influência do trabalho, Alana (30 anos) descreveu que o dia a dia intenso de labor do casal beneficia a qualidade do relacionamento. Celeste (60 anos) expôs que a circunstância de o marido trabalhar como caminhoneiro, estando a maior parte tempo

fora do lar, pode ser o motivo da tranquilidade vivida pelos cônjuges. Já Alessandra (21 anos) aclarou que o consorte labuta no ramo metalúrgico e desforra nela o estresse gerado por esse ambiente. Por sua vez, Amanda (29 anos) e Bianca (50 anos) narraram os efeitos negativos da condição de desemprego vivenciada pelos esposos. Em vista disso, Bianca citou o desejo de que o homem consiga um trabalho formal, em suas pretensões futuras atinentes a ele.

Creuza (72 anos) descreveu que o fato de o cônjuge não seguir a mesma religião que ela é contraproducente para a vida do casal. Então, como expectativa atual para o marido, ela alegou que gostaria que ele buscasse uma religião. De sua parte, Brígida (49 anos) enunciou as contribuições dos encontros para casais, ofertados pela igreja católica, para a seu convívio conjugal. Por fim, Analú (29 anos) narrou os prejuízos ocasionados pela utilização excessiva de recursos tecnológicos por parte do esposo em sua conjugalidade, assim como na relação entre pai e filho. Dessa maneira, a jovem aspira que, no futuro, o esposo compreenda isso.

Citadas essas ilustrações, passa-se a resposta da segunda pergunta, que versou sobre a maneira como o casal e/ou um dos cônjuges administra as prováveis influências dos níveis de complexidade social e das transformações na conjugalidade ao longo do tempo na vida a dois. A resposta a essa indagação foi constatada nos episódios narrados pelas entrevistadas, nos quais elas expuseram diversos recursos e aspectos utilizados no manejo das aludidas interferências. Sendo assim, as mulheres enunciaram, entre os consortes e/ou por parte de um dos parceiros, o cuidado, a compreensão, a ajuda/apoio, o apoio emocional, a fidelidade, o respeito, a confiança, o diálogo, a renúncia, o perdão, a espiritualidade, a religião, o compromisso, o companheirismo, a aceitação do que não se pode modificar, a procura por consenso e o esforço em agradar o outro.

As participantes ainda mencionaram a busca pelo aumento da renda pessoal e familiar, a abdicação de uma casa própria, a divisão dos cuidados domésticos, a organização da rotina, a priorização dos momentos de lazer entre o casal e/ou a família, viver o presente, sair

sozinha, a habituação às características do marido, não permitir que o esposo idoso vá ao CRE pegar os medicamentos dele, deixar o consorte quieto, telefonar para a esposa, o distanciamento dos familiares do cônjuge e a redução do uso da internet. Em situações envolvendo os filhos, proferiu-se a necessidade de esperar o filho dormir para poder trabalhar, ter que colocar a criança nos braços no pai para ele entender que precisa cuidar do filho, a atenção e as brincadeiras com a prole, e o acompanhamento indireto do esposo nos estudos filhos. Por fim, relatou-se o cuidado com a saúde e a alimentação, o consumo de Herbalife e realização de atividades físicas.

Além do exposto, a última questão do problema de pesquisa proposto nesta tese disse a respeito da possibilidade da tendência à fragilidade dos relacionamentos amorosos (Galvão et al., 2016, 2017a, 2019) ser identificada nas declarações das participantes. Tal fato não foi constatado nos relatos das mulheres, pois, todas elas mencionaram expectativas atuais e futuras para a vida do casal e o esposo, nas quais não houve nenhuma menção que sugerisse o anseio pelo divórcio. Frisa-se também que entre tais pretensões as entrevistadas dos três grupos citaram o desejo de permanecer/conviver e envelhecer junto.

Nesse sentido, embora Galvão et al. (2016, 2017a, 2019) possam ter constatado a tendência à fragilidade das relações amorosas, os resultados apresentados nesta tese indicam que existem pessoas que desejam se fixar na conjugalidade. Essa aspiração pode estar sendo influenciada pela concepção tradicional de casamento, por preceitos religiosos e por motivações pessoais, como o anseio pelo companheiro e apoio mútuo, que vai desde o companheirismo no cuidado dos filhos pequenos à ajuda mútua na velhice. Dessa maneira, essa tese sustenta o argumento de que os relacionamentos amorosos não estejam tão frágeis.

Posto isso, expõem-se as limitações e as contribuições deste estudo. Como limitações, cita-se a condição de este trabalho ter sido desenvolvido com mulheres heterossexuais, em primeira união conjugal, com filhos, na classe média, residentes em centros urbanos da

Grande Vitória. Sendo assim, com o intuito de expandir o conhecimento sobre o tema em questão e fornecer subsídios teóricos para propostas de intervenção, destaca-se a importância da realização de pesquisas com a díade, pessoas homossexuais casadas, indivíduos na segunda ou mais união conjugal, e com homens casados. Sublinha-se também a relevância de entrevistar pessoas em diferentes classes sociais e localidades brasileiras, assim como seria valorosa efetivação da réplica deste trabalho em outros países.

No que tange às contribuições, destaca-se que esta pesquisa oportunizou as entrevistadas a refletirem acerca do passado, presente e futuro de sua conjugalidade. Ademais, coopera para os estudos no âmbito dos relacionamentos interpessoais (Hinde, 1987, 1997), para profissionais que realizam intervenções pertinentes aos relacionamentos amorosos e familiares, e para o público leigo, devido à relevância das relações interpessoais para a vida dos indivíduos, os grupos e a sociedade. Pois, conforme Hinde (1987, 1997), as pessoas, os grupos, as instituições e o ambiente externo interagem e se afetam, em permanente relação dialética.

Cabe enfatizar que a utilização da perspectiva de Hinde (1987,1997) permitiu observar que as expectativas acerca dos relacionamentos conjugais apresentam aspectos internos ao relacionamento propriamente dito e sofrem influência, assim como influenciam, de outros relacionamentos, grupos, estruturas socioculturais, ambiente físico e das características individuais dos parceiros. A interferência de outros relacionamentos na conjugalidade pôde ser identificada nas relações com filhos e netos, com demais familiares, amigos e pessoas próximas.

Houve várias referências à dinâmica interna do casal, como o companheirismo, a ajuda mútua, o carinho e o cuidado; diversas alusões a grupos, como a família e a comunidade religiosa; a estruturas socioculturais, por exemplo, ligadas ao âmbito do trabalho, que envolve relações dentro de uma rede mais ampla; e à questão da religiosidade, que também é um fator

abrangente, sociocultural, que interfere nas expectativas dos casais. Mesmo o ambiente físico, que é afetado por estruturas socioculturais, como a tecnologia, foi visto como um agente que influencia as aspirações das entrevistadas para seus relacionamentos. Neste sentido, a perspectiva de Hinde (1987,1997) possibilitou uma visão mais extensiva do relacionamento interpessoal, não apenas como um fenômeno diádico, mas como relacionamentos em relação dialética com outros relacionamentos, grupos, estruturais socioculturais e o ambiente físico.

REFERÊNCIAS

- Aboim, S. (2009). Da pluralidade dos afetos: Trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 24(70), 107-122. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000200007>
- Aguiar, J., Matias, M., Barham, E. J., & Fontaine, A. M. (2018). Efeitos do desemprego sobre o casal: Uma revisão sistemática. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 173-189. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110201>
- Aguiar, J., Matias, M., & Fontaine, A. M. (2017). Desemprego, satisfação com a vida e satisfação conjugal em portugueses e brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 17(4), 210-217. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2017.4.13751>
- Albertoni, L. B., & Lages, S. R. C. (2018). Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade: Uma análise fenomenológica de vivências. *Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica*, 24(3), 275-286. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2018v24n3.2>
- Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: Um estudo sob a ótica feminina* [Dissertação de mestrado não publicada]. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- Almeida, T. (2010, 19 de agosto). *Fatores que influenciam o desenvolvimento do namoro*. Grupo Papeando com a Psicologia. <https://grupopapeando.wordpress.com/2010/08/19/fatores-que-influenciam-o-desenvolvimento-do-namoro/>
- Altafim, E. R. P., Lauandos, J. M., & Cararraschi, S. (2009). Seleção de parceiros: Diferenças entre gêneros em diferentes contextos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 117-129, <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-45102>
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32-50. <https://doi.org/10.4013/ctc.2016.91.03>
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: Motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia*, 25(2), 487-501. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-05>
- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(3), 157-238. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000300003>
- Amorim, P. B., & Silva, D. R. (2019). A família contemporânea neopentecostal e o lugar do amor e da religiosidade na relação conjugal. *Pensar Acadêmico*, 17(2), 234-256. <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/715/1017>
- Ando, H., Cousins, R., & Young, C. (2014). Achieving saturation in thematic analysis: Development and refinement of a codebook. *Comprehensive Psychology*, 3(4), 1-7. <https://doi.org/10.2466/03.CP.3.4>
- Antunes, M. A., Soares, D. H. P., & Moré, C. L. O. O. (2018). O processo de desligamento laboral: Vivências narradas por casais aposentados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 793-811. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.40449>

- Araújo, A. F. A., & Carvalho-Barreto, A. (2019). O luto materno no desenvolvimento familiar: Mães que perderam seus filhos em acidentes rodoviários. *Pensando Famílias*, 23(2), 119-133. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Arias, C. J., & Polizzi, L. (2013). The couple relationship - support functions and sexuality in Old Age. *Journal Kairós Gerontologia*, 16(1), 27-48. <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17535/13048>
- Arias, D. Q., García, L. M. C., Restrepo, M. B., & Moreno, P. A. H. (2020). Pareja y familia. Construcciones en contexto. *Poiésis*, (38), 43-62. <https://doi.org/10.21501/16920945.3554>
- Azambuja, R. M. da M., & Rabinovich, E. P. (2017). O avô e a avó na visão dos netos. *Revista Kairós Gerontologia*, 20(2), 311-332. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i2p311-332>
- Batistoni, S. S. T., & Neri, A. L. (2007). Percepção de classe social entre idosos e suas relações com aspectos emocionais do envelhecimento. *Psicologia em Pesquisa*, 1(02), 03-10. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472007000200002
- Benevides, R. F. C., & Boris, G. D. J. B. (2020). A experiência vivida de mulheres na conjugalidade contemporânea: Uma perspectiva fenomenológico-existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 13-25. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.2>
- Beleli, I. (2017). Reconfigurações da intimidade. *Estudos Feministas*, 25(1), 337-346. <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p337>
- Beltrán-Bueno, M., A., & Parra-Meroño, M. C. (2017). Perfiles turísticos en función de las motivaciones para viajar. *Cuadernos de Turismo*, (39), 41-65. <http://dx.doi.org/10.6018/turismo.39.290391>

- Benatti, A. P., & Pereira, C. R. R. (2020). Significados da paternidade em contextos de vulnerabilidade social. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(2), 105-120. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72i1p.105-120>
- Berlato, H., Fernandes, T., & Mantovani, D. M. N. (2019). Casais *dual career* e suas inclinações frente à relação trabalho e família: Uma visão sobre o cenário brasileiro. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(3), 495-508. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395173826>
- Besoain A., C., Sharim K., D., Carmona S., M., Bravo V., D., & Barrientos D., J. (2017). Sin conflicto y sin deseo: Las tensiones de la individualización en la experiencia de pareja de jóvenes chilenos. *Revista CES Psicología*, 10(1), 109-128. https://www.researchgate.net/publication/317226861_Sin_conflicto_y_sin_deseo_Las_tensiones_de_la_individualizacion_en_la_experiencia_de_pareja_de_jovenes_chilenos
- Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja en la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (1), 505-517. <https://doi.org/10.11600/1692715x.14134271014>
- Borges, C. C., & Magalhães, A. S. (2013). Individualism, life trajectories and plans of constituting a family. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(2), 177-185. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2013000200004>
- Boyd-Franklin, N., & Karger, M. (2016). Intersecções de raça, classe e pobreza: Desafios e resiliência em famílias afro-americanas (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 273-296). Artmed.
- Brasil, F. R., Tavano, L. D., Caramaschi, S., & Rodrigues, O. M. P. R. (2007). Escolha de parceiros afetivos: Influência das sequelas de fissura labiopalatal. *Paidéia*, 17(38), 375-387. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000300008>

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper (Orgs.). *APA handbook of research methods in psychology*, (Vol. 2, pp. 57-71). APA.
- Braun, V., & Clarke, V. (2014) Thematic analysis. In T. Teo (Org.), *Encyclopedia of critical psychology* (pp. 1947-1952). Springer.
- Bustamante, V. (2019). Participação paterna no cuidado durante o primeiro ano de vida. *Pensando Famílias*, 23(1), 89-104. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a08.pdf>
- Campana, N. T. C., Santos, C. V. M., & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 33-53. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>
- Campos, S. O., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. *Psicologia Clínica*, 29(1), 69 - 89. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100006
- Campuzano, L. L. A., Rebolledo, M. J. C., & Cardona, D. H. (2020). La comunicación: Un imperativo relacional en el sistema familiar. *Poiésis*, (38), 84-106. <https://doi.org/10.21501/16920945.3556>
- Capitão, C. G., & A. E. Villemor-Amaral. (2014). A pesquisa com estudo de caso. In M. N. Batista, & D. C. Campos (Orgs.), *Metodologias de pesquisa em ciências: Análises qualitativa e quantitativa* (pp. 238-253). LTC.
- Carpane, T. G., Lourenço, L. M., & Bona, F. M. C. (2019). Violência entre parceiros íntimos e uso de álcool: Estudo qualitativo com mulheres da cidade de Juiz de Fora-MG. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 14(2), 1-18. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n2/12.pdf>

- Carvalho, R. (2017). Escolher, cuidar e proteger: Masculinidade e dinâmicas familiares em Marrocos. *Etnográfica [Online]*, 21(3), 613-625. <https://doi.org/10.4000/etnografica.5078>
- Carvalho, F. C. G., & Paiva, M. L. S. C. (2009). O olhar de três gerações de mulheres a respeito do casamento. *Boletim de Psicologia*, 59(131), 223-235. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000200008
- Carvalho, M. L., Silva Júnior, F. J. G., Parente, A. C. M., & Sales, J. C. S. (2018). Influências do climatério em relacionamentos conjugais: Perspectiva de gênero. *Revista Rene*, 19, 1-9. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20181932617>
- Cenci, C. M. B., & Habigzang, L. F. (2018). Dinheiro e conjugalidade: Posicionamentos e estratégias conjugais para resolução de dilemas financeiros. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 12(1), 159-174. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019120112>
- Cerqueira, I. C., & Da Rocha, F. N. (2018). Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. *Revista Mosaico*, 09(2), 10-17. <https://doi.org/10.21727/rm.v9i2.1449>
- Chaves, J. C. (2010). A percepção de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004
- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: Entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>
- Ciscon-Evangelista, M. R., & Menandro, P. R. M. (2011). “Casados para sempre”: Casamento e família na concepção de casais evangélicos neopentecostais. *Psicologia Argumento*, 29(66), 343-352. <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20343/19613>

- Coelho, M. F., Meira, K. C. O., & Gosling, M. S. (2018). Experiências memoráveis de viagens de casais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 12(1), 157-179. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v12i1.1368>
- Cornejo, A. M., Riveros, E. R., & Melinao, Y. C. (2020). Vivencia de la política de extensión del permiso parental postnatal para madres en Chile. *Avances en Enfermería*, 38(3), 335-346. <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v38n3.85873>
- Costa, C. B., Delotorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, P.C. (2017). Terapia de casal e estratégias de resolução de conflito: Uma revisão sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208-223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- Costa, C. B., & Mosmann, C. P. (2015). Relacionamentos conjugais na atualidade: Percepções de indivíduos em casamentos de longa duração. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 16-31. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000200003
- Costa, J. R., Prado, E., Beal, R., Wakiuchi, J., Sales, C. A., & Marcon, S. S. (2019). Morte de filhos por câncer: Experiências de mães enlutadas sob a ótica heideggeriana. *Revista Baiana de Enfermagem*, 33, 1-9. <https://doi.org/10.18471/rbe.v33.28169>
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. *Psicologia Clínica*, 22 (2), 83-106. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2016). Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos (S. M. M. Rosa, Trad.). In. F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 428-451). Artmed.

- Dal Bello L., & Marra, M. M. (2020). O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: Casal com filhos pequenos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(2), 118-130. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20168>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2018). Marital conflict management of married men and women. *Psico-USF*, 23(2), 229-240. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230204>
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher: Amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história*. Planeta.
- Deus, M. D., Schmitz, M. E. S., & Vieira, M. L. (2021). Família, gênero e jornada de trabalho: Uma revisão sistemática de literatura. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 14(1), 1-28. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202114e15805>
- Driver, J., Tabares, A., Shapiro, A. F., & Gottman, J. M. (2016). Interação do casal em casamentos com altos e baixos níveis de satisfação: Estudos do laboratório Gottman (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 57-77). Artmed.
- Duarte, T. C. F., Lopes, H. S., & Campos, H. L. M. (2020). Atividade física, propósito de vida de idosos ativos da comunidade: Um estudo transversal. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, 10(4), 591-598. <http://dx.doi.org/10.17267/2238-2704rpf.v10i4.3052>
- Emídio, T.S., & Souza, J.B.F. (2019). “Até que algo os separe”: Um estudo sobre o estabelecimento e a manutenção do casamento na contemporaneidade. *Vínculo - Revista do NESME*, 16(1), 98-112. <http://dx.doi.org/10.32467/issn.1982-1492v16n1p98-113>
- Feijão, G. M. M., & Moraes, N. A. (2018). Interação família e trabalho: A percepção de docentes do ensino superior acerca da satisfação conjugal. *Contextos Clínicos*, 11(1), 83-96. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.111.07>
- Feijó, M. R., Júnior, E. G., Nascimento, J. M., & Nascimento, N. B. (2017). Conflito trabalho-família: Um estudo sobre a temática no âmbito brasileiro. *Pensando Famílias*,

- 21(1), 105-119. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100009
- Fernandes, C. S., Ferreira, F., & Marques, G. (2018). Conceito de família em estudantes de graduação em enfermagem através do Photovoice. *Avances en Enfermería*, 36(1), 59-68. <http://dx.doi.org/10.15446/av.enferm.v36n1.63988>
- Fernandes, I., & Duque, E. (2017). Qualidade de vida do idoso e a existência de netos: Estudo comparativo no distrito de Lisboa. *Revista Kairós-Gerontologia*, 20(1), 171-185. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i1p171-185>
- Ferrari, T. K., Cesar, C. L. G., Alves, M. C. G. P., Barros, M. B. A., Goldbaum, M., & Fisberg, R. M. (2017). Estilo de vida saudável em São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(1), 1-12. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00188015>
- Ferreira, M. M. A. (2017). *Mudam-se os tempos. Mudam-se as vontades? Transição para a idade adulta e expectativas sobre a conjugalidade e a parentalidade* [Dissertação de mestrado, Universidade Católica Portuguesa]. Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/24073>
- Ferry, L. (2013). *Do amor: Uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitz, Trad.). Difel.
- Fidelis, D. Q., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2017). Conjugalidade and late coparenting. *Ciencias Psicológicas*, 11(2), 189-199. <http://dx.doi.org/10.22235/cp.v11i2.1490>
- Fishbane, M. D. (2016). Neurobiologia e processos familiares (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 553-574). Artmed.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (J. E. Costa, Trad.; 3. ed.). Artmed.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Penso.

- Fonseca, S. R. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: Significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>
- Fraenkel, P., & Capstick, C. (2016). Famílias contemporâneas biparentais: Enfrentando os desafios profissionais e familiares (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 78-101). Artmed.
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Rossetti, C. B. (2016). Moralidade e amor: Estudo de caso com mulheres casadas. *Revista de Ciências Humanas – UNITAU*, 9(2), 142-155. <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/337>
- Galvão, J. A. (2017). *Depoimentos de amor e moralidade: Estudo sob a ótica de mulheres de diferentes gerações* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo].
Repositório Institucional da Ufes. http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/9065/1/tese_9793_disserta%20a7%20a3o%20Jussara%20Abilio%20Galvao.pdf
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Alves, A. D. (2017a). O ponto de vista de jovens mulheres de duas gerações sobre a possibilidade de manter o amor na conjugalidade. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 38(2), 159-174. <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2017v38n2p159>
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Alves, A. D. (2017b). Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. *Pensando Famílias*, 21(2), 89-104. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n2/v21n2a08.pdf>
- Galvão, J. A., Alencar, H. M., & Alves, A. D. (2019). Mudanças nos relacionamentos amorosos nas últimas décadas na concepção de mulheres de duas gerações: Moralidade e fragilidade dos vínculos. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 11(especial), 51-85.

http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/view/8902?fbclid=IwAR39mmveoDpHGkLc5baT15DRMMQim5aq0oY7dq5CwEVmePxIKM_dJPYc5fU

- Galvão, J. A., & Alencar, H. M. (2020). Do namoro à conjugalidade: Aspectos morais e mudanças nas expressões do amor em mulheres de duas gerações. In C. B. Rossetti, C. P. P. Canal, & D. D. A. Missawa (Orgs.), *Desenvolvimento humano trajetórias de pesquisas* (pp. 133-152). CRV.
- Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: Um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 95-112. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Gato, J. M., Zenevicz, L. T., Madureira, V. S. F., Silva, T. G., Celich, K. L. S., Souza, S. S., & Léo, M. M. F. (2018). Saúde mental e qualidade de vida de pessoas idosas. *Avances en Enfermería*, 36(3), 302-310. <https://doi.org/10.15446/av.enferm.v36n3.68498>
- Gildersleeve, S., Singer, J. A., Skerrett, K., & Wein, S. (2017). Coding “We-ness” in couple’s relationship stories: A method for assessing mutuality in couple therapy. *Psychotherapy Research*, 27(3), 313–325. <http://dx.doi.org/10.1080/10503307.2016.1262566>
- Goldenberg, M. (2014). Casamentos invertidos: Acusações e preconceitos em arranjos conjugais desviantes. *Sociologia & Antropologia*, 4(2), 495-518. <https://doi.org/10.1590/2238-38752014V428>
- Gonçalves, A. L., Caramaschi, S., & Feijó, M. R. (2018). Conjugalidade e gestão do orçamento doméstico: Um estudo qualitativo. *Pensando Famílias*, 22(1), 29-43. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100004
- Goulart, S. A., Oliveira, A. C. G. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: Panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2), 1-13. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2019.2.30370>

- Greene, S. M., Anderson, E. R., Forgatch, M. S., DeGarmo, D. D., & Hetherington, E. M. (2016). Risco e resiliência após o divórcio (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 102-127). Artmed.
- Hatakeyama, N. H., Almeida, T. de, & Falcão, D. V. da S. (2017). Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, 20(2), 271-292. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i2p271-292>
- Hattori, W. T., Castro, F. N., & Lopes, F. A. (2013). Mate choice in adolescence: Idealizing romantic partners. *Psico*, 44(2), 226-234. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11466/9641>
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161-182. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000100009
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, relationships and culture: Links between ethology and social sciences*. Cambridge University Press.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Psychology Press.
- Hoffmann, E. F., & Costa, C. B. (2019). Associações entre religiosidade-espiritualidade e as relações conjugais: Estudo de revisão sistemática. *Contextos Clínicos*, 12(2), 533-559. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.122.07>
- Hoffmeister, A., Carvalho, L. M., & Marin, A. (2019). Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 19(3), 1-14. <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e9529/pdf>
- Imber-Black, E. (2016). O valor dos rituais na vida familiar (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 483-498). Artmed.

- Jablonski, B. (2010). A divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v30n2/v30n2a04.pdf>
- Kinas, R., & Vendruscolo, G. B. B. (2010). O despertar do amor nos bailes da terceira idade. *Psico*, 41(1), 14-20.
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/4048>
- Knudson-Martin, C. (2016). Mudanças nas normas de gênero nas famílias e na sociedade: Rumo à igualdade em meio às complexidades (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 325-346). Artmed.
- Krzemien, D., Richard's, M. M., & Biscarra, M. A. (2018). Conocimiento experto y autorregulación en adultos mayores jubilados profesionales y no profesionales. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 26(2), 331-344.
<http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4793>
- Limeira, M. I. C. A., & Féres-Carneiro, T. (2019b). O papel do perdão na reconciliação: Uma análise qualitativa das repercussões no recasamento com o ex-cônjuge. *Contextos Clínicos*, 12(3), 822-842. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.123.06>
- Limeira, M. I. C. A., & Féres-carneiro, T. (2019a). Personal values: The foundation of the relationship in the remarriage with the ex-spouse. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, 1-13. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e180106>
- Lins, R. N. (2017). *Novas formas de amar* (3. ed.). Planeta do Brasil.
- Luz, S. K., & Mosmann, C. M. (2018). Funcionalidade e comunicação conjugal em diferentes etapas do ciclo de vida. *Revista da SPAGESP*, 19(1), 21-34.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702018000100003&lng=pt&nrm=iso

- Macedo, A. A. (2017). Escolhendo escolher: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Temas em Educação e Saúde*, 13(2), 209-223. <https://doi.org/10.26673/rtes.v13.n2.jul-dez.2017.10159>
- Machado, A. C., Silva, C. C., Melo, S. L. M., & Silva, A. M. B. (2020). Transformações da identidade feminina ao tornar-se mãe. *Psicologia Argumento*, 38(99), 66-87. <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.38.99.AO04>
- Manente, M. V. (2019). Casamento de longa duração à luz da terapia sistêmica familiar: Um levantamento da produção contemporânea. *Pensando Famílias*, 23(1), 47-57. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100005
- Marimón, M. M., & Vilarrasa, G. S. (2014). *Como construimos universos: Amor, cooperação e conflito* (S. M. Felix, Trad.). Editora Unesp.
- Martínez, L., & Rodas, S. (2011). Relación entre estilos de amor y satisfacción sexual en hombres de 22 y 47 años. *Eureka: Assunción (Paraguay)*, 8(2), 267-277. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2220-90262011000200011
- Martínez, L. M. (2017). Vivencia del género en pareja: Significados paradójicos identificados en terapia. *Nómadas*, (46), 183-197. <http://www.scielo.org.co/pdf/noma/n46/0121-7550-noma-46-00183.pdf>
- Mazzo, C. M. F., & Almeida, J. M. T. (2020). O significado de ser pai na atualidade: Um estudo fenomenológico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(1), 26-37. <http://dx.doi.org/10.18065/RAG.2020v26n1.3>
- McGoldrick, M., & Ashton, D. (2016). Cultura: Um desafio aos conceitos de normalidade (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 249-272). Artmed.

- Melo, C. F., & Cavalcante, I. S. (2019). A Codependência em familiares de adictos. *Revista Online de Pesquisa - Cuidado é fundamental*, 11(esp.), 304-310. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.304-310>
- Menezes, M. S. L., Scorsolini-Comin, F., & Santeiro, T. V. (2019). Envolvimento paterno na relação mãe-bebê: revisão integrativa da literatura. *Psicologia em Revista*, 25(1), 19-39. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v25n1/v25n1a03.pdf>
- Moraes, T. M., Ortega, A. C., Alencar, H. M., & Galvão, J. A. (2019). Aspectos morais na decisão para o casamento segundo mulheres de duas gerações. *Revista de Psicologia*, 10(2), 130-139. <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/32948>
- Moraes, T. M., Ortega, A. C., Alencar, H. M., & Galvão, J. A. (2020). O início do relacionamento amoroso sob a perspectiva da moralidade: Estudo comparativo entre mulheres de duas gerações. *Interação em Psicologia* 24(1), 54-65. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v24i1.58962>
- Musarella, N., & Discacciati, V. (2020). Doble jornada laboral y percepción de la salud en mujeres: Investigación cualitativa. *Evidencia, Actualizacion En La práctica Ambulatoria*, 23(3), 1-9. <http://www.evidencia.org/index.php/Evidencia/article/view/6868/4433>
- Mussumeci, A. A., & Ponciano, E. L. T. (2018). *Coping e coping* diádico: Uma análise qualitativa das estratégias de *coping* de casais. *Psicologia Clínica*, 30(1), 165-190. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A09>
- Nascimento, A. O., Marcelino, P. H. R., Vieira, & R. S. Lemos, A. (2019). A importância do acompanhamento paterno no pós-parto e o exercício da paternidade. *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 11(esp.), 475-480. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.475-480>

- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Significados atribuídos ao relacionamento amoroso estável em jovens homossexuais do sexo masculino. *Contextos Clínicos*, 12(1), 48-74. <https://doi.org/10.4013/ctc.2019.121.03>
- Neris, R. R., Zago, M. M. F., Ribeiro, M. A., Porto, J. P., & Anjos, A. C. Y. (2018). Experiência do cônjuge diante da mulher com câncer de mama e em quimioterapia: Estudo de caso qualitativo. *Escola Anna Nery*, 22(4), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2018-0025>
- Neumann, D. M. C., & Missel, R. J. (2019). Família digital: A influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes. *Pensando Famílias*, 23(2), 75-91. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200007
- Oliveira, A. C. G. A., Leonidas, C., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Gender roles in long-term marriages: Continuance or rupture? *Psicologia Clínica*, 32(2), 251-272. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A03>
- Oliveira, G. C., & Sei, M. B. (2018). Vínculo amoroso homoafetivo e psicanálise: Um estudo qualitativo. *Temas em Psicologia*, 26(4), 1787-1801. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2018.4-04pt>
- Ozório, C. D., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2017). Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: Do modelo tradicional ao contemporâneo. *Pensando Famílias*, 21(1), 19-32. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v21n1/v21n1a03.pdf>
- Padilha, C. S., Zapparoli, D., Damo, D. D., & Pereira, L. T. (2018). Representações sociais sobre casamento em uma cidade do oeste catarinense. *Revista Saberes-Psicologia*, 2(1), 1-19. <https://www.famaqui.edu.br/ojs/index.php/saberes/issue/view/3>
- Pardal, A. E. C. P., Bassit, D. P., & Wanderley, K. S. (2008). A dinâmica inconsciente na escolha de parceiros para o casamento. *Boletim de Psicologia*, 58(129), 193-213. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200007

- Pereira, G. C., Zuffo, S., & Moura, E. G. (2019). Juventudes e qualidade de vida. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 1-9. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n2/09.pdf>
- Pires, V., Morais, R., Santos, L., Machado, J., Guedes, C., & Rodrigues, V. (2019). Violência por parceiro íntimo em abuso de álcool perpetrada contra mulheres no climatério. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 9(45), 1-20. <https://doi.org/10.5902/2179769234201>
- Poeschl, G., Silva, B. P., & Cardoso, F. T. (2015). Casamento, casamentos? Representações sociais do casamento heterossexual e do casamento homossexual. *Análise Psicológica*, 1(33), 73-87. <https://doi.org/10.14417/ap.886>
- Porreca, W. (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(especial), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe7>
- Puerta-Cortés, D. X. & Carbonell, X. (2013). Uso problemático de Internet en una muestra de estudiantes universitarios colombianos. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 31(3), 620-631. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242013000300012
- Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (2016). *Diretrizes de pesquisa em ciências humanas e sociais*. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>
- Ribeiro, C. G., Barreto, L. M. S., Maia, A. S., Silva, J. S., Silva, J. V. F., Sousa, J. V. E. L., Oliveira, C. L. S., & Gurgel., T. M. (2015). Representações sociais do casamento: Um estudo intergeracional. *Revista Ágora*, (22), 298-315. [http://www.periodicos.ufes.br/?journal=agora&page=article&op=view&path\[\]=13623](http://www.periodicos.ufes.br/?journal=agora&page=article&op=view&path[]=13623)
- Riter, H. R. (2015). *Projetos de vida de adolescentes quanto aos relacionamentos afetivos*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório digital Lume da Ufrgs. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/138303>

- Roberto, F. M. C., Macedo, A. P. P., & Morais, N. A. (2020). A vivência do lazer em família. *Revista da SPAGESP*, 21(2), 97-110. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200008
- Rocha, F. A., & Fensterseifer, L. (2019). A função do relacionamento sexual para casais em diferentes etapas do ciclo de vida familiar. *Contextos Clínicos*, 12(2), 560-583. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.122.08>
- Rolland, J. S. (2016). Enfrentando os desafios familiares em doenças graves e incapacidade (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 452-482). Artmed.
- Ronchi, J. P., & Avellar, L. Z. (2011). Família e ciclo vital: A fase de aquisição. *Psicologia em Revista*, 17(2), 211-225. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n2/v17n2a04.pdf>
- Santos, N. R., Souza, C. L., Ferreira, S. A., Alves, J. P., Reis, V. N., & Silva, E. S. (2019). Fatores relacionados à qualidade de vida da mulher idosa no município de Guanambi (BA). *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 24(2), 61-79. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.82833>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2019). Elementos Caracterizadores de Representações Sociais sobre Relacionamentos Amorosos. *Pensando Famílias*, 23(2), 105-118. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200009
- Schulz, C., & Colossi, P. M. (2020). A transmissão transgeracional dos modelos conjugais. *Pensando Famílias*, 24(1), 45-66. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100005
- Scorsolini-Comin, F., Alves-Silva, J. D., & Santos, M. A. (2018). Permanências e discontinuidades nas concepções contemporâneas de casamento na perspectiva de casais longevos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34423>

- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independente. *Pensado Famílias*, 19(1), 61-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Senado Federal. (2020a). *Consolidação das leis do trabalho – CLT e normas correlatas* (3º ed.). https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/580894/CLT_3ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Senado Federal. (2021). *Estatuto da criança e do adolescente*. https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf
- Silva, A. D., & Silva, I. M. (2020). A conjugalidade diante do enfrentamento de múltiplos estressores: Um estudo de caso sobre uma terapia de casal involuntária. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 41-55. <http://doi.org/10.38034/nps.v29i67.515>
- Silva, E. P., Nogueira, I. S., Labegalini, C. M. G., Carreira, L., & Baldissera, V. D. A. (2019). Percepções de cuidado entre casais idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(1), 1-8. <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.180136>
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: Motivações para a escolha do conjugue. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27(3), 383-391. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300010>
- Silva, J. D. A. (2018). *Transgeracionalidade e os modos familiares de transmitir significados do casamento entre as gerações* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro]. Repositório Institucional da Uftm. <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/818>

- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: Recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323-335. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220211>
- Silva, S. E. D., Pinheiro, E. P. F., Tavares, J. H., Tavares, R. S., Belo, F. L., & Menezes, C. R. (2019). O Álcool dentro dos agravos em urgências e emergências: Um estudo de representações sociais. *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, 11(especial), 345-350. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i2.345-350>
- Sinnott, E. N., & Tagliamento, G. (2020). Trabalho e relações familiares de executivos: Contribuições do *coaching* executivo. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 40(98), 73-82. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2020000100008
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 15(2), 33-45. <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/4298/4450>
- Stengel, M., & Tozo, S. M. P. S. (2010). Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(1), 72-82. http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf
- Vieira, K. F. L., Da Nóbrega, R. P. M., Arruda, M. V. S., & Veiga, P. M. M. (2016). Representação social das relações sexuais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 329 - 340. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>
- Vilela, N. G. S., & Lourenço, M. L. (2018). Conflito trabalho-família: Um estudo de casos múltiplos com mulheres trabalhadoras. *Pensando Famílias*, 22(2), 52-69. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v22n2/v22n2a05.pdf>
- Vivian, C., Trindade, L. L., Rezer, R., Vendruscolo, C., & Junior, S. A. R. (2019). Estratégias de defesa contra o sofrimento no trabalho de docentes da pós-graduação *stricto sensu*.

Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 22(2), 217-234.

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p217-234>

Volz, P., M., Stofel, N., S., Souza, J. M. M., & Bruck, N. R. V. (2020). Histórias de vida de mulheres frequentadoras das oficinas de geração de trabalho e renda. *Journal of Nursing and Health*, 10(1), 1-14.

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/16247/11148>

Wagner, A., Mosmann, C. P., Scheeren, P., & Levandowski, D. C. (2019). Conflict, conflict resolution and marital quality. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 29, 1-9.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e2919>

Walsh, F. (2016d). A dimensão espiritual da vida familiar (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 347-372). Artmed.

Walsh, F. (2016b). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 3-27). Artmed.

Walsh, F. (2016c). Resiliência familiar: Resistência formada pela adversidade (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 399-427). Artmed.

Walsh, F. (2016a). Visões clínicas de normalidade, saúde e disfunção familiar a partir de uma perspectiva dos déficits até os pontos fortes (S. M. M. Rosa, Trad.). In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4. ed., pp. 28-44). Artmed.

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (C. M. Herrera, Trad.; 5. ed.). Bookman.

- Zanatta, E., & Arpini, D. M. (2017). Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: A perspectiva de avós maternas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(1), 343-363. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451855912019>
- Zardo, E., & Carlotto, M. S. (2020). O papel mediador da satisfação com a vida na relação entre adição ao trabalho e o conflito trabalho-família. *Pesquisa em psicologia*, 14(2), 50-68. <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2020.v14.27410>
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682009000200005

**APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA EPISÓDICA ELABORADO COM
BASE EM FLICK (2009, 2013)**

Caracterização das entrevistadas

- 1) Qual é a sua escolaridade?
- 2) Qual é a sua profissão?
- 3) Qual é a sua idade?
- 4) Qual é a idade dos seus filhos?
- 5) Qual é a idade do seu cônjuge?
- 6) Você se casou no religiosos e/ou no civil?
- 7) Quanto tempo você tem de união conjugal?
- 8) Em que bairro/município você reside?

Acontecimentos marcantes e expectativas atuais sobre a conjugalidade

- 1) Vou pedir que pense em sua convivência conjugal. Quais são os eventos mais marcantes para você em sua união conjugal?
- 2) Nos dias de hoje, esses eventos correspondem ou não o que você espera para a sua conjugalidade?
- 3) Nos dias de hoje, quais são as suas expectativas sobre a sua união conjugal (O que você espera da sua vida conjugal)?
- 4) Você poderia contar situações ocorridas em sua vida conjugal para que eu possa entender melhor as suas expectativas?

Características marcantes e pretensões atuais para o cônjuge

- 5) Agora, vou pedir para você pensar em seu parceiro. Quais as características que você

destaca em seu parceiro?

6) Nos dias de hoje, essas características correspondem ou não o que você espera de seu parceiro?

7) Nos dias de hoje, quais são as suas expectativas acerca do seu parceiro (O que você espera dele)?

8) Você poderia narrar fatos em sua união conjugal para que eu possa compreender melhor as suas expectativas?

Expectativas futuras pertinentes à conjugalidade

9) Neste momento vou pedir que imagine a sua conjugalidade daqui a alguns anos. Quais são as suas expectativas para a sua vida conjugal daqui a alguns anos (O que você espera da sua união conjugal no futuro?)

10) Você poderia imaginar e relatar situações para que eu possa entender melhor a sua expectativa?

11) O que você considera ser necessário para que essas expectativas sejam alcançadas?

Expectativas futuras para o cônjuge

12) Quais são as suas expectativas futuras em relação ao seu parceiro (O que você espera do seu parceiro)?

13) Você poderia imaginar e narrar situações para que eu possa compreender melhor as suas expectativas?

14) O que você considera ser necessário para que essas expectativas sejam alcançadas?

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos você para participar de forma voluntária da pesquisa intitulada “*Expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso de mulheres de diferentes faixas etárias, na perspectiva do relacionamento interpessoal de Robert Hinde.*” Este estudo tem por objetivo investigar as expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso e justifica-se em virtude das mudanças nas relações amorosas nas últimas décadas.

Procedimentos: Será utilizado um roteiro de entrevista episódica, com duração estimada de 30 minutos, que será gravada em áudio para posterior transcrição e análise qualitativa dos dados. O dia, o local e o horário para a realização das entrevistas serão combinados com as participantes. As entrevistas provavelmente acontecerão na casa da pesquisadora, na residência ou no local de trabalho das entrevistadas ou em alguma sala do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES (PPGP/UFES).

Avaliação dos riscos: Esta pesquisa poderá apresentar risco mínimo à participante, devido à possibilidade de constrangimento em compartilhar algumas informações íntimas. Com vistas a evitar esse risco, assegura-se a participante o direito de se abster em responder quaisquer questões. Ademais, o presente estudo foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFES e segue as diretrizes da resolução do Conselho Nacional de Saúde n. 510/16 (2016) sobre as pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais.

Benefícios: Espera-se que esta pesquisa possibilite à participante a reflexão e a oportunidade de discutir sobre o tema proposto com a pesquisadora após a entrevista. A pesquisadora ainda se dispõe a realizar palestras e rodas de conversa acerca da temática dos relacionamentos amorosos de modo geral. Ademais, com os resultados desta pesquisa almeja-se contribuir para o campo teórico e prático sobre os relacionamentos amorosos na ótica do relacionamento interpessoal.

Garantias: Assegura-se a participante a garantia de sua privacidade e do seu anonimato em todas as etapas do estudo; que os dados somente serão utilizados para os fins desta pesquisa, podendo ser divulgados por meio de congressos, artigos científicos ou capítulos de livro; que poderá retirar o seu consentimento em participar da pesquisa a qualquer instante sem nenhum dano; do direito de pedir esclarecimentos sobre a pesquisa sempre que quiser; que se houver alguma despesa com a sua participação nesta pesquisa, haverá ressarcimento; que terá direito a buscar indenização caso o estudo lhe provoque qualquer dano; e que este TCLE será redigido em duas vias que vão ser assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pela participante, sendo que uma das vias ficará com a participante.

Esclarecimento de dúvidas: Para demais informações, a participante poderá entrar em contato com a pesquisadora Jussara Abilio Galvão - doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia, e-mail: jussaraabgalvao@hotmail.com, telefone de contato (27) 988741546. Em casos de denúncias ou intercorrências com a pesquisa, a participante poderá buscar o Comitê de Ética em Pesquisa da UFES, localizado na Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910, e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, telefone: (27) 3145-9820.

Consentimento pós-informação: Concordo em participar de forma voluntária da presente pesquisa e declaro que li e estou ciente do conteúdo deste termo de consentimento.

Participante

Jussara Abilio Galvão
Pesquisadora responsável

Data: ____/____/____

ANEXO A: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso de mulheres de diferentes faixas etárias, na perspectiva do relacionamento interpessoal

Pesquisador: JUSSARA ABILIO GALVAO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22933119.3.0000.5542

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.703.729

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa de doutorado da pesquisadora proponente. Considera que nas últimas décadas os relacionamentos amorosos vêm passando por diversas mudanças, o que pode influenciar as expectativas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, interferindo na dinâmica conjugal. Partindo-se dessa premissa, o projeto de pesquisa tem por objetivo descrever as expectativas atuais e futuras sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, as narrativas de situações referentes a tais expectativas de mulheres, em três faixas etárias, que vivem em união conjugal com homens, e identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrativas dos grupos de participantes, na perspectiva do relacionamento interpessoal de Robert Hinde. Propõe um estudo de casos múltiplos, qualitativo, exploratório e descritivo. Serão entrevistadas mulheres de 18 a 30 anos, 35 a 55 anos e de 60 a 80 anos, que estejam na primeira união conjugal, com um período de pelo menos um ano, residentes na região da Grande Vitória, ES. Conforme o critério de saturação dos dados entrevistar-se-á, em cada faixa etária, entre 10 a 12 mulheres. A seleção das participantes ocorrerá por meio de indicação e de convites em redes sociais. Será apresentado às mulheres um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), contendo as explicações referentes à pesquisa. Na coleta dos dados será empregado um roteiro de entrevista episódica. As entrevistas vão ser gravadas em áudio e transcritas literalmente. Será utilizada a análise temática dos dados, o que permitirá identificar padrões de respostas acerca do tema investigado.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITORIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



UFES - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO ESPÍRITO
SANTO - CAMPUS GOIABEIRA



Continuação do Parecer: 3.703.729

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: descrever as expectativas atuais e futuras sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso, as narrativas de situações referentes a tais expectativas de mulheres em três faixas etárias, que vivem em união conjugal com homens, e identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrativas dos grupos de participantes, na perspectiva do relacionamento interpessoal de Robert Hinde (1987; 1997). Como Objetivos específicos têm-se: 1) 1) Pesquisar as expectativas atuais das entrevistadas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso e as narrativas de situações relacionadas a tais expectativas; 2) Investigar as perspectivas futuras das entrevistadas sobre a conjugalidade e o parceiro amoroso e as narrativas de situações referentes às expectativas mencionadas; 3) Averiguar o significado da conjugalidade na ótica das participantes e as narrativas de situações pertinentes à concepção alegada; 4) Identificar as diferenças e as similaridades entre as respostas e as narrativas proferidas pelas mulheres, nas diferentes faixas etárias, sobre o conceito de conjugalidade e as expectativas atuais e futuras para a vida conjugal e o parceiro amoroso.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresenta riscos mínimos, como a participantes sentir-se constrangida ou desconfortável em responder à alguma questão ou lembrar-se de algum fato vivido. Para isso, informa a participantes, já no TCLE, que ela poderá não responder à alguma questão, se assim o desejar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com delineamento adequado aos objetivos propostos. Apresenta cuidados éticos capazes de minimizar ao máximo qualquer risco aos participantes. O instrumento, elaborado pela própria autora, mostra-se adequado, com perguntas genéricas/abertas, diminuindo possibilidade de constrangimento das participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos os termos obrigatórios em formato e conteúdo adequados.

Recomendações:

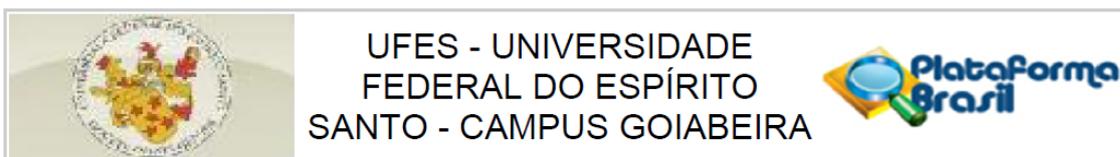
Guardar os TCLE por período de 5 anos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Adequada à normas éticas de pesquisas com seres humanos. Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, Prédio Administrativo do CCHN
Bairro: Goiabeiras **CEP:** 29.075-910
UF: ES **Município:** VITÓRIA
Telefone: (27)3145-9820 **E-mail:** cep.goiabeiras@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.703.729

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1428715.pdf	27/09/2019 16:25:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Jussara.pdf	27/09/2019 16:24:36	JUSSARA ABILIO GALVAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Jussara.pdf	27/09/2019 16:22:30	JUSSARA ABILIO GALVAO	Aceito
Outros	Instrumento.pdf	07/09/2019 16:04:25	JUSSARA ABILIO GALVAO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_Jussara.pdf	07/09/2019 16:02:42	JUSSARA ABILIO GALVAO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 13 de Novembro de 2019

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))